

**CÍCERO COSTA VILLELA**

**Mídia, Territorialidades e Subjetivações:**  
Uma cartografia discursiva sobre as favelas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF, área de concentração: Comunicação e Sociedade, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

**Juiz de Fora**  
**Março de 2015**

Cícero Costa Villela

“Mídia, territorialidades e subjetivações: uma cartografia dos discursos sobre as favelas”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, linha de pesquisa Comunicação e Identidades, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Comunicação e Sociedade  
Linha de pesquisa: Comunicação e Identidades  
Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Comunicação Social

Aprovada pela banca e composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (UFJF - Orientador)

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF - Convidado)

---

Kleber Santos de Mendonça (UFF – Convidado)

Conceito Obtido: \_\_\_\_\_

Juiz de Fora,  
30 de Março de 2015

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento de conclusão de mais essa etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço a CAPES, cujo investimento foi de fundamental importância para que a pesquisa se desenvolvesse com mais tranquilidade e qualidade.

Ao meu orientador Weden, por todos esses anos de convivência e aprendizado, é uma honra e um prazer tê-lo como professor e como amigo. Ao Paulo Roberto por ser sempre um pai para mim. Mais que um amigo, você é um exemplo.

Ao Jucelio, ao Raphael, a Carolina, ao Álvaro, ao Emerson, ao Marcelo e ao Jodenir. Obrigado pela compreensão e pelo aprendizado que tenho todos os dias ao lado de vocês. A todos os meus amigos, em especial: Vinicius Werneck, Matheus, o Ulisses, Alyssa, Camila, Nathalia, Thierre, Bela, Marco Túlio, Patológico, Tatiana, Arísio e Pedro Paulo. O convívio, as conversas, as mesas de bares e os cafés foram fundamentais. Agradeço sempre por ter amigos como vocês.

Agradeço a minha mãe e ao meu irmão pelo carinho, compreensão e por me mostrarem sempre os melhores caminhos da vida.

## RESUMO

O presente trabalho pretende fazer uma cartografia dos discursos sobre as favelas. Nesse sentido, a partir da perspectiva da Análise de Discurso Franco-Brasileira, pretende-se mostrar o processo de transformação dos discursos sobre as favelas em um período de 30 anos. O estudo pretende mostrar o papel do jornalismo na construção imaginária e simbólica do espaço urbano e problematizar os discursos feitos sobre as favelas. Dessa forma, ela relaciona mídia, território e produção de subjetividades. Estes elementos articulados em torno das questões discursivas de que sentidos e sujeitos se têm em um processo concomitante. Dessa forma, ao narrar o espaço urbano, a mídia também situa e contribui para a construção dos sujeitos passíveis de serem encontrados em determinados ambientes.

**Palavras Chave:** Comunicação; Análise do Discurso; Favelas Cariocas; Jornalismo

## **ABSTRACT**

The research aims to make a map of the speeches on the slums. In this sense, from the perspective of Discourse Analysis Franco-Brazilian, is intended to show the process of transformation of speeches about the slums in a period of 30 years. The study aims to show the role of journalism in the imaginary and symbolic construction of urban space and discuss the speeches made on the slums. Thus, it relates media, territory and production of subjectivities. These articulated elements around ended questions that senses and subject to so in a concurrent process. Thus, in narrating the urban space, the media also located and contributes to the construction of subjects that can be found in certain environment

**Keywords:** Communication; Discourse Analysis; Slums; Journal

## Sumário

1 - Introdução	9
2 - Cidade, Discurso e Mídia: A produção dos espaços e dos sujeitos	12
2.1– Espaço e Espaço Urbano	12
2.1.2– O Espaço Urbano	17
2.2– A Cidade dos Sentidos	23
2.3 – Mídia e a produção do imaginário urbano	30
3 – A Produção da Favela	36
3.1– As origens da Favela	37
3.1.1 – As três origens de Campos	38
3.2 – A Palavra é Favela	43
3.2.1 – Dos Parques Proletários ao Censo de 1950	46
3.2.2 – A Favela e a questão política	50
3.2.3 – De Brizola ao Favela-Bairro	54
3.3 – UPP, e agora?	57
4 – Por uma cartografia das favelas	60
4.1 – Analisando os sentidos de favela:	64
4.1.1- 1986 – Entre a Deterioração Urbana e o Tráfico	65
4.1.2 - 1991 – “Onde os contratos fazem parte do dia-a-dia”	79
4.1.3 - 1995 – “Reage Rio”	89
4.1.4 - 2002 – “Favela Partida” e “Cidade Proibida”	102
4.1.5 - 2010 – “Tudo pronto, só falta a ordem”	115
5 – Considerações Finais	129
6 - Anexos	132
Tabela 1:	132
Gráfico 2:	132
Matérias referentes ao mês de Agosto de 1986:	134
Matéria 1 – 01/08/86	134
Matéria 2: 02/08/86	135
Matéria 3: 05/08/1986	136
Matéria 4: 07/08/1986	137
Matéria 5: 08/08/1986	138

Matéria 6: 13/08/1986 _____	139
Matéria 7: 05/08/1986 _____	139
Matérias de Julho de 1991: _____	140
Matéria 1: 02/07/1991 _____	141
Matéria 2: 04/07/1991 _____	141
Matéria 3: 10/07/1991 _____	146
Matéria 4: 10/07/1991 _____	146
Matéria 5: 11/07/1991 _____	148
Matéria 6: 21/07/1991 _____	150
Matéria 7: 30/07/1991 _____	152
Matérias Novembro de 1995: _____	154
Matéria 1: 02/11/1995 _____	154
Matéria 2: 06/11/1995 _____	155
Matéria 3: 07/11/1995 _____	156
Matéria 4: 09/11/1995 _____	157
Matéria 5: 12/11/1995 _____	158
Matéria 6: 17/11/1995 _____	159
Matéria 7: 24/11/1995 _____	160
Matérias Setembro de 2002: _____	161
Matéria 1: 01/09/2002 _____	161
Matéria 2: 08/09/2002 _____	162
Matéria 3: 08/09/2002 _____	163
Matéria 4: 11/09/2002 _____	164
Matéria 5: 12/09/2002 _____	165
Matéria 6: 15/09/2002 _____	166
Matéria 7: 22/09/2002 _____	167
Matérias de Dezembro de 2010: _____	168
Matéria 1: 04/12/2010 _____	168
Matéria 2: 04/12/2010 _____	169
Matéria 3: 04/12/2010 _____	170
Matéria 4: 12/12/2010 _____	171
Matéria 5: 11/12/2010 _____	172
Matéria 6: 12/12/2010 _____	173

Matéria 7: 14/12/2010	174
7- Bibliografia	174

## 1 - INTRODUÇÃO

Essa pesquisa nasceu de um incômodo. Em 2012, eu estava me formando e ao mesmo tempo preparando meu projeto de pesquisa para o processo seletivo do mestrado em Comunicação da UFJF. Naquele momento, eu me dedicava às pesquisas de Comunicação Política, cobertura do Congresso Nacional e campanhas eleitorais, tendo sempre como perspectiva a Análise do Discurso (doravante AD).

Aquele momento midiático, contudo, me trouxe uma inquietação que se relacionava com meus estudos em AD, mas que me afastava do campo da política *strictu sensu*. Vivíamos o momento de maior divulgação das Unidades de Polícia Pacificadora e sua aclamação como um retumbante sucesso. O contraste das matérias que via sobre as favelas naquele contexto em relação ao que eu estava acostumado a ver, me chamou atenção. Afinal, o que mudou de fato no discurso do Globo em relação às favelas? Era o que me perguntava.

A partir dessa inquietação, associada ao que vinha estudando das teorias discursivas, comecei a tentar entender o processo de produção desses discursos. O primeiro passo foi me desfazer das minhas evidências sobre as favelas. O distanciamento dessa realidade, apesar de normalmente ser recomendado pela pesquisa científica, me colocava um desafio a mais, o de tentar fugir ao que eu já tinha pronto em mim de imaginário sobre as favelas.

O primeiro passo, portanto, foi iniciar a desconstrução das minhas próprias evidências e iniciar a montagem de uma escuta discursiva que buscasse ao máximo a heterogeneidade dos sentidos. Atravessar a materialidade do Globo e ir de encontro aos discursos que o atravessam, buscar entender o processo de produção do sentido, considerando não apenas a heterogeneidade, mas a luta pelo sentido e o fato de eles serem também regidos, administrados.

O nosso principal objetivo ao pensar na questão das favelas, dos discursos e da mídia é evitar cair na facilidade e na evidência de alguns discursos, como o que associa diretamente cidade e violência. A meta é olhar a cidade naquilo que a constitui, ou seja, na sua heterogeneidade. Estar com olhos e ouvidos atentos para ouvir aquilo que surge, que irrompe o ordenamento discursivo que vem se estabelecendo e perceber que esses pontos de deriva atestam a incompletude dos sentidos que é também a incompletude do urbano. (ORLANDI, 2004)

Dessa forma nos alinhamos diretamente aos pressupostos analíticos e teóricos apregoados pela Análise do Discurso (ORLANDI, 2005). Nossa abordagem, portanto está alinhada com os pressupostos dessa disciplina. Como Orlandi (2004), afirma:

Também faz parte dos meus objetivos não cair na facilidade do discurso da violência. Para falar em cidade, fala-se em violência, em primeira instância. Eu me coloco em outra perspectiva: se a gente compreender o que está silenciado e não ficar só convergindo para a discursividade da violência vai encontrar outros sentidos para a cidade, para o social, para a história, para nós. O discurso da violência é homogeneizante e nem o social, nem a cidade, em seu real, tem homogeneidade. (p.29)

Atravessar essa homogeneidade posta demanda que levemos em conta a história da produção desses espaços, além da consideração de que mídia, cidade e discurso se imbricam na produção do espaço. Há de ser levados em conta também, a especificidade espacial da cidade do Rio de Janeiro e os locais onde as favelas se localizam. As favelas (as que ganham mais espaço na mídia) não estão na periferia da cidade (como é o caso de São Paulo, por exemplo), elas entrecortam os bairros chamados nobres, formando o que Birman (2009) chama de “cenário Barroco do Rio de Janeiro”. É preciso pensar, portanto, a cidade dentro de especificidade e complexidade.

A particularidade do Rio de Janeiro como cidade, em oposição às demais existentes no Brasil, é a presença ostensiva das classes populares no interior do território nobre da cidade, onde convivem lado a lado pobreza e riqueza de maneira eloquente, sem que as classes populares sejam expulsas para a periferia. É preciso evocar que tal permanência das classes populares no interior das áreas ricas se relaciona diretamente com a história de *resistência* delas ao deslocamento, apesar das múltiplas e frustradas tentativas do governo do Estado do Rio de Janeiro de leva-las para a periferia, desde a década de 60. (BIRMAN, 2009. p.266)

As singularidades presentes no caso das “favelas” cariocas faz com que a apreensão do objeto se dê de forma ampla e dentro de uma perspectiva de complexidade que não as reduzam a questões sociológicas, históricas ou comunicacionais. É preciso pensar nos entremeios (BHABHA, 2010), associando perspectivas e desdobrando novas questões.

O acontecimento das pacificações, associado a essa proposta de abordagem voltada para a complexidade do assunto demanda que olhemos em uma perspectiva diacrônica para que possamos entender como as narrativas sobre as “favelas” foram construídas em uma perspectiva histórico-discursiva. Olhar o processo discursivo de “pacificação” exige que reflitamos sobre os mecanismos sociais de atribuição de sentidos para a cidade e seus lugares habitáveis. De acordo com Mendonça (2010):

Com isso, podemos entender de que forma as cidades, como os discursos, estão longe de possuírem algo como uma *essência concreta* ou um *sentido único*. Como produtos de um processo complexo de apropriações simbólicas, tanto os espaços, como os discursos são, por natureza, polissêmicos e terão suas interpretações hegemônicas modificadas,

gradualmente, em função das historicidades envolvidas no jogo de relações de poder que compõem a sociedade. (p.2)

As relações de poder são modificadas em diferentes momentos históricos - fato que pode ser evidenciado no discurso materializado em textos e narrativas. Nesse sentido, podemos dizer que as palavras, assim como os textos, são uma arena de disputa pelo sentido hegemônico de algum fenômeno (BAKHTIN, 2006). A mídia adquire centralidade no processo de produção e circulação desses sentidos (PÊCHEUX, 1997), constituindo-se em arena de disputa ideológica e *locus* privilegiado para a manifestação, interação e representação de diferentes atores sociais.

Dentro dessa concepção estaremos trabalhando as noções de poder que se afinam com as ideias do filósofo francês Michel Foucault, para quem o poder não é algo que se têm, mas uma estratégia que se exerce (1997). Essa perspectiva associada à visada da Análise de Discurso (PECHEUX, 1997) são fundamentais na construção do nosso objeto e na associação entre os diferentes campos de saber.

Dessa forma pretendemos responder a algumas questões: Como a mídia produz e circula os sentidos de “favela”? A partir de quais posições? Quais formações sustentam esses sentidos? Como ele se transforma na História? Sempre houve o discurso da “favela” como *locus* da criminalidade? Se sim, como ele é produzido? Se não, quais são os sentidos outros que emergem?

A partir daí estruturamos o trabalho da seguinte forma: No primeiro capítulo discutimos a produção do espaço e do espaço urbano. Nossa intenção é perceber o funcionamento do simbólico na produção da cidade. Consideramos que a mídia – aqui entendida como sinônimo de jornalismo – possui um papel importante nesse processo, pois é através dela que diferentes discursos circulam e decantam na percepção social dos eventos.

No segundo capítulo apresentamos um pouco a história da relação entre as favelas e o Estado, apresentando o histórico das políticas públicas como sintomas dos discursos que circulavam nesses contextos específicos e em determinadas condições de produção.

Por fim, no terceiro capítulo analisamos as matérias recolhidas em trinta anos de cobertura de O Globo (1982-2012). Foram analisados um total de 204 enunciados que de forma alguma esgotam os discursos sobre as favelas, mas apresentam um mapeamento da formação de grandes blocos discursivos que se entrecrocaram, se deslocam e produzem alterações no imaginário urbano sobre esses bairros.

Ao mapearmos essas diferentes formações, acreditamos que estamos contribuindo para que a discussão da relação entre mídia, discurso e cidade seja aprofundada e que

contribua de alguma forma em discussões futuras.

## **2 – CIDADE, DISCURSO E MÍDIA: A PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS SUJEITOS.**

Discutir sobre as cidades e a produção da segregação demanda que façamos questionamentos teóricos, com a finalidade de perceber como se dá a produção do espaço urbano. Afinal de contas, quando falamos de cidade, de que cidade falamos? Ou seja, é preciso discutir como se produz o espaço para, dessa forma, buscarmos a compreensão das relações que se estabelecem nele.

Queremos perceber a cidade não apenas como o conglomerado de relações político-econômico-sociais. Olharemos para o fenômeno urbano a partir da análise do discurso, onde o político e o simbólico se apresentam concomitantemente na materialidade da cidade, seja ela, textual, imagética ou arquitetônica.

Nosso objetivo é, a partir da consideração de que o espaço urbano é também simbolicamente construído, perceber qual o papel da mídia, e em especial do jornalismo, na construção de um imaginário urbano que produz sentidos para o território urbano, bem como os sujeitos que habitam esses espaços.

Dessa forma, passaremos a discutir os conceitos de espaço urbano e a produção da cidade, passando pela sua construção simbólica para, por fim, falarmos do papel da mídia nesse processo.

### **2.1– Espaço e Espaço Urbano**

Conceituar o que é espaço e em especial seus desdobramentos em espaço urbano demanda que tomemos algumas precauções. Ao falarmos de espaço desejamos nos afastar de concepções abstratas e idealistas e daremos enfoque na produção material do espaço e em espacial o espaço urbano. Pensamos, a partir da leitura de autores como Rolnik (2012), Lefebvre (2013), Santos (2002) e Massey (2005) que o espaço é produto de interações humanas, ao mesmo tempo em que é produtor desses sujeitos. Há uma dialética no espaço que o faz ser ao mesmo tempo produto do trabalho humano, mas ao mesmo tempo produtor dos sentidos e dos sujeitos urbanos.

Antes de entrarmos na especificidade do espaço urbano e seus sentidos na modernidade precisamos pensar em um conceito para o espaço. Pensamos o espaço não apenas como palco ou pano de fundo por onde os atores sociais passam e promovem suas ações, mas como um sistema que afeta diretamente a forma dessas interações e que é também produto delas. Segundo Doreen Massey (2005):

Importa o modo como pensamos o espaço; o espaço é uma dimensão

implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos o sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea dos outros. (MASSEY, 2005. P.15)

Como se pode observar a partir de Massey (2005), o espaço é o lugar em que o social se torna o principal elemento, abrigando assim, como lugar de interação, encontro e desencontro, além das relações de poder que se materializam na sociedade. Podemos dizer que o espaço é o resultado dessas relações de poder, que o espaço é uma das materialidades do poder e dos discursos em nossa sociedade.

Ao falarmos no espaço como o lugar do social e da interação entre os atores da sociedade, estamos falando necessariamente em relações de poder que se estabelecem e que afetam diretamente a forma como ele se constrói. O espaço, enquanto local do social, não está imune ao poder que circula pela sociedade. Não estamos falando do poder em nível do Estado – ainda que este seja central na questão da cidade, que será abordado ainda nesse trabalho – mas das micro relações que estabelecem os papéis sociais, que afetam os corpos, as relações sexuais, familiares e contribuem na determinação dos sujeitos e seus territórios. Definimos o poder de acordo com Michel Foucault (2008).

O poder não se funda em si mesmo e não se dá a partir de si mesmo. Se preferirem, simplificando, não haveria relações de produção *mais* – ao lado, acima, vindo *a posteriori* modifica-las, perturbá-las, torna-las mais consistentes, mais coerentes, mais estáveis – mecanismos de poder. Não haveria, por exemplo, relações de tipo familiar que tivessem, a mais, ao lado, acima, mecanismos de poder. Os mecanismos de poder são parte intrínseca de todas essas relações, são circularmente o efeito e a causa delas, mesmo que, é claro, entre os diferentes mecanismos de poder que podemos encontrar nas relações de produção, nas relações familiares, nas relações sexuais, seja possível encontrar coordenações laterais, subordinações hierárquicas, isomorfismos, identidades ou analogias técnicas, efeitos encadeados que permitem percorrer de uma maneira ao mesmo tempo lógica, coerente e válida o conjunto dos mecanismos de poder a apreendê-los no que podem ter de específico num momento dado, durante um período dado, num campo dado (FOUCAULT, 2008. P. 4-5).

A concepção de poder a qual estamos falando aqui, como algo que está nas próprias relações e não acima ou além delas, é fundamental para percebermos que o espaço é um dos efeitos dessas relações. Ele não está imune às relações de desigualdade que se estabelecem, há Geometrias de Poder (HAESBAERT, 2004) que situam os sujeitos em relação à disponibilidade de recursos para a ocupação e sua manutenção em determinado espaço. Para dar conta desse esquema, passaremos ao conceito de espaço em Milton Santos (2002) que vai dar conta da questão dos recursos e das relações.

Em seu livro “A Natureza do Espaço” (2002), Milton Santos tem por objetivo a construção epistemológica da Geografia, sobretudo no contexto de globalização. Dessa forma, ele passa a buscar uma concepção epistemológica do espaço para que sirva de objeto da Geografia. Ele pretende, com isso, unificar a Geografia Física com a Política, mostrando que há interdependência entre as duas.

Ao apresentar seu conceito de espaço, Santos (2002), faz uma revisão de sua produção e identifica três diferentes concepções que vão se complexificando a partir de um núcleo comum que vai trabalhar sempre com um elemento estável e outro dinâmico. Dessa forma ele vai definir o espaço em um primeiro momento como um conjunto de fixos e fluxos.

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. (SANTOS, 2002. P. 61-62)

Podemos ver que nessa concepção de Santos, os fixos são os elementos estáticos, os objetos, a disponibilidade natural do lugar em ser apropriado por sujeitos e ter seus usos modificados. A interação desses dois elementos seria a base da produção do espaço em suas diferentes faces, em nosso caso enfocamos a do espaço urbano. Nesse caso, o espaço urbano seria determinado pela disponibilidade natural, ou naturalizada, de um determinado local (fixo). Por exemplo, a proximidade com o trabalho ou a disponibilidade de um determinado material para construção de uma moradia. A apropriação desse espaço pelos sujeitos instalam fluxos, que podem ser de capitais, ou de relações sociais que modificam esses fixos e estabelecem novos fixos.

Essa concepção ainda é pouco apurada e bastante abstrata para dar conta do espaço como a materialidade do social. O aumento dos fluxos da globalização fez com que essa concepção se implodisse, segundo o próprio Santos.

Em um segundo momento, o autor vai trazer uma nova concepção que trabalha com dois novos pares de categorias. Ele vai falar que se pode trabalhar com a configuração territorial e de outro lado às relações sociais.

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. (SANTOS, 2002. P.62)

Dessa forma, ele vai nos dizer que o espaço é necessariamente produto humano, ou melhor dizendo, à medida que a História se desenrola, mais a configuração territorial vai perder seu caráter natural, vai se tornando obras como ferrovias, casas etc. A tendência é que ela perca seu caráter natural a ganhe mais caráter humanizado.

Essa proposta torna mais clara os elementos que criam o espaço e o papel das relações sociais nisso. Contudo, Santos vai perceber que a concepção se tornou pouco generalista e pouco explicativa para a Geografia. Com isso, a partir dela, ele vai propor que se pense no espaço como produto da interação entre um sistema de ações e um sistema de objetos.

Esses sistemas não podem ser tomados em separado já que ambos no percurso histórico vão se tornando cada vez mais artificializados. “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas num quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS, 2002.p.63)

Os sistemas de objetos iniciais eram todos dados pela natureza selvagem, que aos poucos vai sendo transformada em materiais de produção de novos equipamentos, estradas, computadores etc. chegando a tal ponto de artificialidade que tende a um funcionamento maquínico e independente. O mesmo se dá com o sistema de ações já que as interações tendem a perder seu caráter puramente local com o desenvolvimento dos computadores e das redes sociais.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2002.p.63)

Para entendermos esse conceito de espaço a partir da interação de dois sistemas vamos conceituar com mais precisão o que é cada um deles, para assim, passarmos a parte que nos levará à produção do espaço urbano e a importância da interação na construção simbólica do espaço. Estamos aqui, ainda no âmbito da produção material estrita do espaço, sem mencionar os processos simbólicos que afetam não apenas a construção desse espaço e sem tocar na especificidade do espaço urbano.

Já passamos por uma definição prévia do que são os sistemas de objeto descritos por Santos (2002). Contudo, é preciso que conceituemos mais precisamente para saber a amplitude desse sistema na produção do espaço e em especial o espaço urbano. Para Santos há duas naturezas de objetos, os que se dão na natureza e os que são produzidos de

acordo com determinadas condições sociais e técnicas presentes em algum momento histórico. De fato, o autor destaca que cada vez mais só há objetos artificiais que aparecem, sobretudo, após a cidade ter se tornado característica central da modernidade.

Um objeto vai estar diretamente relacionado ao seu uso, ao repertório de funções que ele é capaz de combinar em seu uso. Os objetos também são capazes de acoplamentos que os complexificam e ampliam seu leque de uso.

A complexidade estrutural do objeto se relaciona com a variedade do repertório de seus elementos, podendo demonstrar que não há diferença entre complexidade estrutural e informação. A complexidade estrutural de um objeto é sua informação porque é a forma como pode comunicar-se com outro objeto, ou servir a uma pessoa ou empresa ou instituição tanto aquela que trabalha diretamente sobre ele, quanto, igualmente, a que, mesmo de longe, tem comando sobre operações econômicas e sociais locais. (SANTOS, 2002.p.69)

Os sistemas de objetos compõem todas as relações necessárias para o desenvolvimento da cidade. São objetos toda a rede de distribuição de energia elétrica, por exemplo. Indo desde as lâmpadas de casa, até as centrais hidrelétricas que produzem energia. Ou seja, ele abarca desde a produção até a sua realização em consumo, dessa forma ele é fundamental para a instalação de populações em determinado território e, de acordo com sua natureza, política, social ou econômica servirá para descrever o espaço urbano, em especial na modernidade quando a noção de industrialização se torna central para o desenvolvimento citadino.

Os sistemas de objetos, porém, não estão isolados na produção de determinado espaço, eles precisam de um uso. Esse uso é determinado pelo sistema de ações, que realizam os objetos no momento em que produzem sentido sobre os mesmos. É esse sistema de ações que orienta o uso e leva à transformação funcional e os acoplamentos de técnicas para novos objetos.

Em Santos (2002) a ação é necessariamente um ato racional que produz sentido e leva à execução de um de um ato projetado. O sistema de ação está diretamente atrelado à noção de trabalho que cria novos produtos e se liga a novas necessidades.

A novidade para o autor está no desatrelamento da ação como simplesmente local. Se em determinado momento a produção de algo era determinada pela situação local do sistema de objetos disponíveis, isso vem se diferenciando cada vez, de acordo com o crescimento da globalização e o aumento da rede de dependência entre as cidades. Muitas ações que se realizam em determinado lugar específico são na verdade produto de necessidades alheias provindas de outros pontos.

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais,

afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar em objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas. Parafraseando Whitehead (1938, p. 139-140), podemos dizer que “fora do espaço não há realização”, o espaço sendo produzido “por uma *conjunção particular* de processos materiais e de processos de significação” (Lagopoulos, 1993, p.275) (SANTOS, 2002. P. 82-83)

Podemos dizer que para Milton Santos, o Espaço é uma produção material que vai se tornando mais complexo com o avanço da sociedade. Além disso, o espaço é sempre espaço construído por sujeitos, ou seja, o espaço é o lugar do social, das relações de poder que vão determinar como se dá a ação em relação aos objetos disponíveis e a produção de novos sistemas de objetos.

A partir dessa concepção material de espaço que implica diretamente os sujeitos e suas ações passaremos a considerar a especificidade do espaço urbano. Espaço construído, mas que ao mesmo tempo determina subjetividades. Ainda não vamos desdobrar a questão simbólica do espaço, neste momento nos limitaremos na questão da cidade como produção material, para, por fim, trazermos a questão das interações entre sujeitos na produção e na concepção do espaço.

### **2.1.2– O Espaço Urbano**

Conforme estamos afirmando, a concepção de Espaço apresentada acima nos servirá de auxílio na descrição do espaço urbano como o resultado de apropriações do espaço enquanto sistema de objetos, por sujeitos que o transformam, por meio de seus sistemas de ações.

A questão que se coloca quando fazemos uma afirmação desse nível reside no fato de que se não há uma hegemonia na construção das cidades. Ou seja, a cidade sempre foi a mesma, ou há especificidades de acordo com as mudanças das condições de produção? Há uma cidade política? Uma cultural? Uma econômica? Como se dá a interação entre os diferentes setores da produção da sociedade? Essas respostas teóricas serão dadas de acordo com Rolnik (2012) e Lefebvre (2013).

Pretendemos nesse momento construir uma definição de espaço urbano, a partir dos pressupostos que apresentamos. Passaremos pelo conceito de cidade, dando enfoque na cidade na modernidade e sua construção. Por fim, após pensarmos a cidade e sua produção material, falaremos da sua produção simbólica. Um alerta merece ser feito: nesta divisão pode ficar parecendo que há uma diferenciação entre material e simbólico na construção do espaço urbano. Esta é uma divisão artificial. Na verdade a produção de sentido para o

espaço é também parte de sua construção material e ajuda na determinação dos ambientes sociais. Contudo, trataremos desse pormenor no próximo tópico, ao falarmos na heterogeneidade do espaço urbano e o papel da mídia na produção desse imaginário urbano.

A cidade nasce a partir da produção de uma segunda natureza do humano, ou seja, quando começa o processo de sedentarização estabelece-se uma nova relação entre homem e natureza. Ela é fruto da imaginação e trabalho articulado, isto é, ela é produto coletivo que coloca em xeque a natureza. Ao se estabelecer em um território para plantar e sobreviver, o ser humano começa a gerir esse local, a organizar a vida social, a gerir a produção, isso faz com que a existência material da cidade seja também sua existência política.

A metrópole contemporânea acelera algumas características. Se em determinado momento da história os muros caracterizaram o ambiente urbano, atualmente não é isso que se vê.

Certo, não há mais muralhas; ao contrário da cidade antiga, a metrópole contemporânea se estende ao infinito, não circunscreve nada senão sua potência devoradora de expansão e circulação. Ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade de circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios. (ROLNIK, 2012. P. 9)

Esse pequeno percurso sobre a cidade não nos dá uma definição do que é a cidade. Vivemos em um contexto em que há a predominância da cidade sobre o campo, nunca se está diante da cidade, mas estamos quase sempre dentro dela. Moldando e sendo moldados por seu espaço. Pode-se dizer que o espaço urbano hoje em dia deixou de se restringir a um conjunto de edificações para significar a predominância da cidade sobre o campo. São as periferias, os subúrbios, as estradas e as indústrias que absorvem zonas agrícolas em um movimento incessante de urbanização.

Rolnik (2012) vai nos dizer que a cidade possui quatro características básicas, ou melhor dizendo, modos de funcionamento. A cidade funciona como um imã; como escrita; como lugar da política e como mercado. Esses modos relacionam-se na definição e na forma como se apresenta o espaço urbano, contudo sempre há uma característica que se sobrepõe às outras, sem, contudo, fazer com que elas desapareçam.

Enquanto imã, a cidade funciona como atrativo de populações. Isso se deve as primeiras civilizações que se estabelecem em determinado lugar. A construção de templos e o estabelecimento de locais rituais faz com que os seres humanos se ocupem do espaço. É a garantia do domínio sobre o espaço vital de forma mais permanente, apropria-se do

espaço materialmente falando, mas também ritualmente, ao mesmo tempo em que se fazem construções, transforma-se o lugar em produto humano.

O empreendimento de novas construções implicava a existência de um trabalho organizado, o que por sua vez estabelecia a necessidade de alguma forma de normalização e regulação internas. Assim, os construtores de templos ao mesmo tempo em que fabricavam um hábitat sobre a natureza primeira, se organizavam enquanto organização política, lançando-se conjuntamente em um projeto de dominação da natureza. (ROLNIK, 2012.p.15)

Outro aspecto da cidade apontado pela autora é o fato de ela ser também uma escrita. Quer dizer que a cidade é uma forma de materialização da história, ela é a memória dos grupos que a habitaram e que a (re)constróem constantemente. Mas não apenas a arquitetura é uma materialidade, os textos que circulam, os registros de produção e consumo de riquezas, as leis e a gestão do espaço são também formas da escrita da cidade.

Esta dimensão é a que permite que a cidade conte sua história por meio de seus registros e de sua organização espacial. Cada espaço da cidade é a materialidade da história de grupos e de classes que passaram por ali e construíram aquele ambiente por meio das interações com os sistemas de objetos e de ações e, dessa forma, podemos dizer que a cidade não é uma memória estática, mas um espaço dinâmico que está em constante transformação.

A gestão da cidade coloca em questão não apenas o seu aspecto de registro e escrita, ela traz consigo a dimensão política do espaço urbano. Pois viver na cidade é necessariamente levar uma vida coletiva de encontros e desencontros, em um local em que múltiplas trajetórias se esbarram constantemente e o contato com o outro é contínuo. “Da necessidade de organização da vida pública na cidade, emerge um poder urbano, autoridade político-administrativa encarregada de sua gestão”. (ROLNIK, 2012. P.21)

As formas de poder que se materializam na cidade se modificam de acordo com o modo com que a sociedade e as relações sociais se transformam. Por exemplo, a cidadela pré-capitalista era uma cidade murada que tinha o poder bastante centralizado na mão do déspota. A partir da cidade capitalista caem-se os muros – ao menos os físicos – e a gestão, apesar de ser sempre em face do Estado, se descentraliza. Contudo, ao trabalharmos com as noções de poder descentralizados, podemos dizer que a gestão se dá em níveis micro, não apenas em grandes populações, mas no cotidiano das relações familiares e entre bairros, por exemplo.

A relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação

política. Assim, ser habitante de cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas submissão a regras e regulamentos. (ROLNIK, 2012. P.23)

A grande novidade da modernidade foi a transformação do poder urbano. Há um processo de tornar-se menos visível, se em determinado momento ele se materializava em grandes construções, como os parlamentos ou as igrejas, hoje em dia ele se torna mais fluído, ele se descentraliza. Pode-se dizer que ser habitante da cidade é, ao mesmo tempo, estar protegido e reprimido por suas muralhas simbólicas. O aumento da produção e do consumo faz com que haja uma mudança drástica no perfil das cidades.

Até agora, nossas descrições foram generalistas e não deram conta de um aspecto específico da cidade moderna, isto é, a cidade como mercado. Apesar de não ser uma característica específica da cidade capitalista, a questão do mercado se intensifica nesse período, sobretudo, com a industrialização e a produção do excedente.

Ao concentrar e aglomerar pessoas – atrair, gerir e produzir memória – a cidade intensifica as interações, as possibilidades de troca e de colaboração entre os homens, potencializando sua capacidade produtiva. Ao juntar as pessoas em determinado espaço abrangendo uma população numerosa, cria-se o mercado. Isso gera a divisão do trabalho, não apenas entre campo e cidade, mas uma divisão interna e entre cidades.

Consequentemente, há com o aumento do mercado, o desenvolvimento das técnicas de produção que aumenta a produção, gerando excedente e tornando a cidade também local do consumo. A cidade será o palco em que a divisão de classes vai se materializar com mais força. Criando espaços heterogêneos profundamente marcados por essa divisão de capacidade de consumo e produção.

Ainda que em outros contextos o mercado tenha tido sua importância – em Roma, por exemplo, ele era subordinado às questões políticas - bem como a divisão do trabalho entre cidades e entre cidade e campo. É somente com o advento do capitalismo que esse aspecto se torna central, somente o capitalismo vai tornar a cidade um lugar realmente mercantil e vai ser a característica principal dos aglomerados urbanos.

A industrialização caracteriza a sociedade moderna (...) Ainda que a urbanização e a problemática do urbano figurem entre os efeitos induzidos e não entre as causas ou razões indutoras, as preocupações que essas palavras indicam se acentuam de tal modo que se pode definir como *sociedade urbana* a realidade social que nasce à nossa volta (...) A industrialização fornece o ponto de partida da reflexão sobre nossa época. Ora, a cidade preexiste à industrialização. Esta é uma observação em si mesma banal, mas cujas implicações não foram inteiramente formuladas. (LEFEBVRE, 2013. P. 11)

É na cidade que o capitalismo toma sua forma contemporânea. A imbricação entre produção e consumo se dá nela. É ali que se realizam as mercadorias e é ela mesma uma dessas mercadorias. O crescimento do capitalismo é concomitante aos das cidades. Segundo Rolnik (2012), a materialização do poder dos mercadores se dava por meio das cidades.

Os mercadores se estabelecem em cidades, onde produzem, comerciam e transportam suas mercadorias para outros centros. Inicia-se assim uma próspera economia mercantil que servirá de base para a futura industrialização que se realizará. A prosperidade dessas relações começa a atrair os servos dos campos para as cidades. Ao chegarem em seu destino o servo estava ao mesmo tempo livre e despossuído – livre de sua relação servil com os senhores de terra e despossuído de terras por nada ter naquele lugar.

Essa força de despossuídos será a base do desenvolvimento industrial. Ela absorvia esse exército de pessoas que foi a força motriz do crescimento da produção e por consequência do consumo. A cidade prospera à medida com que esse sistema cresce e absorve mais pessoas e sua força produtiva. A acumulação de capital vai permitir com que os mercadores expandam suas fronteiras, alterando, dessa forma, a sua feição. Se antes cercada de muros, agora a cidade se abre para múltiplos contatos, nó em uma rede de outros núcleos urbanos.

A transformação da vila medieval em cidade-capital de um Estado moderno vai operar uma reorganização radical na forma de organização das cidades. O primeiro elemento que entra em jogo é a questão da mercantilização do espaço, ou seja, a terra urbana, que era comunalmente ocupada, passa a ser uma mercadoria – que se compra e vende como um lote de bois, um sapato, uma carroça ou um punhado de ouro.

Em segundo lugar, a organização da cidade passa a ser marcada pela divisão da sociedade em classes: de um lado os proprietários dos meios de produção, os ricos detentores de dinheiro e bens; de outro, os vendedores de sua força de trabalho, os livres e despossuídos. Entre os dois estão os artesãos independentes, donos de seu próprio negócio que oscilam entre identificar-se com os demais – proprietários ou aliar-se com os que estão com eles, alijados do poder. (ROLNIK, 2012. P. 43-44)

A partir desse movimento a forma cidade torna-se o principal meio de se organizar a sociedade, trazendo consigo questões de território, segurança e população (FOUCAULT, 2008). Ou seja, a gestão da desigualdade é a principal questão que se coloca no espaço urbano. Pode-se dizer que a cidade não produz apenas um espaço, único, monolítico, mas produz espaços, diversos e múltiplos. Bem como produz uma multiplicidade de sujeitos e identificações com esses territórios urbanos.

O registro da segregação urbana é uma das principais características do espaço urbano atual. Trata-se da desigualdade de acesso a sistemas de objetos, de acesso aos

equipamentos disponíveis na cidade que levam à segregação espacial. O registro dessa diferença entre classes não se restringe apenas à questão financeira, mas pode ser étnica ou de faixa etária. Normalmente, essas questões estão imbricadas umas nas outras.

Portanto o que vai caracterizar essa cidade dividida é, por um lado, a privatização da vida burguesa e, por outro, o contraste existente entre este território de poder e do dinheiro e o território popular. A questão da segregação ganha sob este ponto de vista um conteúdo político, de conflito: a luta pelo espaço urbano. Para os membros da classe dominante, a proximidade do território popular representa o risco permanente de contaminação e desordem. Por isso deve ser, no mínimo, evitado. Por outro lado, o próprio processo de segregação acaba por criar a possibilidade de organização de um território popular, base da luta por trabalhadores pela apropriação do espaço da cidade. (ROLNIK, 2012.p.56-57)

A segregação se manifesta nas divisões que são estipuladas no espaço tais como, local de moradia e local de trabalho, subúrbios, condomínios fechados, além das favelas. Os espaços mais estigmatizados, como as favelas, por exemplo, são partes constitutivas da cidade, contudo tendem a ser excluídas simbolicamente do meio urbano. “É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e sente estrangeiro nos demais” (ROLNIK, 2012.p.45).

A instalação da segregação evidencia as relações de poder que se dão no espaço urbano. Não apenas na produção do espaço em seus aspectos econômicos, mas também simbólicos. A exclusão, assim como o espaço urbano também são efeitos de sentidos, produtos de ideologias que se materializam.

Dessa forma, estamos dizendo que a cidade é ao mesmo tempo produção material e simbólica. Ambos, resultados das interações que acontecem no ambiente urbano, ambos dando forma à cidade. Uma construindo o espaço de maneira material e outra produzindo sentido e ao mesmo tempo os sujeitos que habitam esse lugar. Como afirma Lefebvre (2013),

Se comparo a cidade a um livro, a uma escrita (a um sistema semiológico), não tenho o direito de esquecer seu caráter de mediação. Não posso separá-la daquilo que ela contém, nem daquilo que a contém, isolando-a como se fosse um sistema completo. No máximo, na melhor das hipóteses, a cidade constitui um subsistema, um subconjunto. Sobre esse livro, com essa escrita, vêm-se projetar formas e estruturas mentais e sociais. (...) A cidade *escrita e prescrita*, isso quer dizer que ela significa: ela ordena, ela estipula. (p.53-54)

A partir dessa descrição, Lefebvre estipula a diferença entre a realidade práctico-sensível da cidade e sua realidade mental, cognitiva, ou como preferimos, discursiva. As duas realidades da cidade são produtos das relações de poder que se estabelecem na

sociedade. A ocupação de espaços, a legitimação de lutas, enfim, todas as relações de poder se materializam, tanto no simbólico, quanto no prático sensível. Na verdade, a produção da cidade não distingue entre simbólico e material. A materialidade da cidade é o produto das relações de poder que se apresentam de uma maneira única. A cidade produz os sujeitos, ao mesmo tempo em que é produzida por eles.

Até o momento não nos aprofundamos no aspecto simbólico da cidade, ele é fundamental para compreendermos a produção da segregação no espaço urbano. Esta é efeito das relações que se estabelecem no espaço urbano e são construídas como efeitos de sentidos. Ou seja, a segregação no espaço estabelece o lugar que cada um deve ocupar na cidade não apenas de forma material visível, como muros, mas de forma invisível. “É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores” (ROLNIK, 2012.p.45). Com isso, discutiremos a cidade dos sentidos, esta será fundamental para entendermos como se produz o imaginário urbano e o papel da mídia nesse processo.

## **2.2– A Cidade dos Sentidos**

Pensar a cidade discursivamente, como propomos agora, demanda que nos situemos na perspectiva da Análise do Discurso (ORLANDI, 2004). Isso significa que: “Aliamos assim em nossa reflexão o sujeito, a história e a língua em uma relação particular que é a relação de significação”. (ORLANDI, 2004.p.11)

Contudo para darmos continuidade à nossa reflexão sobre a produção da cidade e da segregação, dentro dessa perspectiva, será preciso que avancemos em alguns conceitos, para que, dessa forma, possamos melhor entender esses processos de produção simbólica do espaço.

Ao pensar sobre a o “Direito à Cidade”, Lefebvre, vai situar o espaço urbano em um duplo funcionamento, que está relacionado diretamente à forma como finalizamos o último tópico do capítulo. Há a cidade sensível, visível e a cidade cognitiva, do pensamento, ou, como preferimos, discursiva. Ele vai conceituar a cidade como a “projeção da sociedade sobre um local” (p.62), dessa forma, vai ser demonstrado que o espaço urbano é o lugar de materialidade das relações sociais e de poder que se estabelecem. Ele vai dizer:

Portanto, propomos aqui uma primeira definição da cidade como sendo *projeção da sociedade sobre um local*, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento que determina a cidade e o urbano. (...) Aquilo que se

inscreve e se projeta não é apenas uma ordem distante, uma globalidade social, um modo de produção, um código geral, é também um tempo, ou vários tempos, ritmos. Escuta-se a cidade como se fosse uma música tanto quanto se a lê como se fosse escrita discursiva. (LEFEBVRE, 2013.p.62)

A cidade, para o autor, comporta essa duplicidade, mas ressalta o fato de que ela é produto social. Nesse sentido ele concorda com a definição de espaço dada por Santos (2002), apesar desse autor não focar a questão simbólica do espaço. Mas, a partir de Lefebvre (2013) podemos dizer que a cidade é o lugar do social e que isso comporta as relações de poder que aparecem em toda a sociedade e que elas se materializam na forma urbana.

A grande questão da definição desse autor é de que não há espaço para as resistências. Parece-nos, que a cidade entendida enquanto compósito entre o sensível e o pensamento não abre espaço para novas produções dos sujeitos. É sempre a classe dominante que será capaz de alterar o estado das coisas. Isso é reflexo de uma concepção de poder a partir da estrutura produtiva da sociedade.

Podemos dizer que o espaço urbano, materialidade das relações de poder, apesar de se pretender uno e homogêneo, não se constrói dessa maneira. O espaço urbano é composto por inúmeros espaços heterogêneos que marcam a desigualdade da sociedade por meio da segregação espacial. Por isso, faz-se mister que busquemos um conceito de espaço que nos sirva como elemento descritivo e como ponte para que pensemos as questões discursivas com maior proximidade.

Michel de Certeau (1994) em sua “Invenção do Cotidiano” nos dá boas dicas de como podemos aprofundar na questão simbólica da cidade. A partir da dicotomia entre “estratégias” e “táticas”, ele vai produzir um conceito de espaço e de cidade que servirá para descrever as micro resistências que os sujeitos produzem em seu cotidiano.

A descrição do que é a cidade para De Certeau (1994) demanda que entendamos o que ele chama de “estratégias” e “táticas”. Ele vai dizer:

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. (...)

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. (De CERTEAU, 1994.p.45)

Para De Certeau as práticas cotidianas, e dentre elas as práticas de espaço, são absorvidas por essas duas estruturas explicativas. Em relação à cidade elas vão se

comportar de duas formas distintas. Por um lado, as estratégias vão representar o discurso urbanista hegemônico que propõe determinada forma de fruição do espaço urbano. Que determina o lugar de cada sujeito e para que serve cada um dos locais construídos no perímetro urbano. Ou seja, a estratégia é a organização, a governança que tenta disciplinar e controlar a população da cidade.

As táticas são as formas de se consumir o que é dado como pronto pelas estratégias. Ou seja, é por meio das táticas que os sujeitos se apropriam das estruturas que são dadas e as ressignificam, dando a elas novos usos ou novos trajetos. A partir desses dois operadores básicos De Certeau vai definir o que é a cidade, o espaço e os lugares.

Segundo o autor a cidade, definida pelas estratégias do urbanismo, possui três características básicas: 1 – Ela produz um espaço próprio; 2 – estabelece um sistema sincrônico para substituir as resistências das tradições e 3 – Cria um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade (De CERTEAU, 1994,p.160). Definida dessa forma, percebemos que há uma vontade de tornar o espaço urbano homogêneo, para que exista um apagamento das relações de poder no espaço, contudo, pelo próprio movimento tático dos sujeitos urbanos, esse desejo se torna impossível. A cidade é heterogênea, polissêmica e contraditória.

A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir. (De CERTEAU, 1994.p.161)

A partir dessa descrição e baseado em seu dualismo, o historiador francês aplica os conceitos ao espaço. As estratégias urbanas serão chamadas por ele de lugares e as táticas de espaço. O lugar é o desejo de situar cada elemento da cidade em seu devido lugar, sem mistura, sem resistência. “Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (De CERTEAU, 1994.p.184)

O espaço vai ser o lugar das táticas, que são os aspectos de micro resistências. Contudo ainda limitado pelos lugares que determinam e limitam como se dão as práticas. A diferença é que o espaço não se limita à estabilidade de um próprio. “O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada” (De CERTEAU, 1994. P.184). Resumidamente, o espaço é um lugar praticado e por isso passível de mudança.

O autor vai perceber que há uma ligação entre os dois termos que vai se dar por meio dos relatos de cidade. Eles serão os responsáveis pela reversibilidade entre lugar e espaço. Ou seja, pensando discursivamente, enquanto o lugar deseja fechar sentidos e estabilizar os sujeitos em suas posições, o espaço desestabiliza, ainda que timidamente, por colocar o lugar fora de sua limitação de próprio. O responsável por esse movimento é o relato. Esse ponto será fundamental para entendermos a questão da mídia, já que ela será o *locus* do relato autorizado e com forte tendência a uma estabilidade de estratégia, esse tema será abordado em breve.

Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços e espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantém com os outros. São inúmeros esses jogos, num leque que se estende desde a implantação de uma ordem imóvel e quase mineralógica (aí nada se mexe, salvo o próprio discurso que, numa espécie de *travelling*, percorre o panorama) até a sucessividade acelerada das ações multiplicadoras de espaços (como no romance policial ou em certos contos populares, mas esse frenesi espacializante nem por isso deixa de ser menos circunscrito pelo lugar textual). (De CERTEAU, 1994.p.185-186)

A noção de “relato” em De Certeau é extremamente útil em nossa leitura discursiva, sobretudo, no que tange ao papel da mídia na produção do imaginário urbano. Ou seja, na estabilização de sentidos que a mídia pretende, fazendo com que os espaços sejam transformados em lugares e se tornem fechados em si mesmos.

Apesar de trazer o relato como elemento de produção do espaço e que interfere diretamente em sua construção, o pensamento de De Certeau ainda não se mostra completamente aberto às heterogeneidades. Em alguns momentos temos a sensação que as dicotomias aprisionam o autor, fazendo com que os momentos de resistência do sujeito se aproximem da concepção burguesa de indivíduo. Por isso é preciso ampliar o conceito de relato, sobretudo o seu papel na produção da cidade, ou do espaço urbano. Com isso, vamos até a geógrafa inglesa Doreen Massey, cujo conceito de espaço contribui para ampliar as noções do historiador francês e fazer a ponte que necessitamos para darmos o salto discursivo no tema.

A concepção de espaço e espaço urbano com a qual estamos trabalhando nos liga diretamente ao materialismo. O Espaço e a Cidade são produtos das interações humanas, ou seja, são a materialização do social. Estas relações são relações de troca e de sentido, é por isso que podemos dizer que o simbólico é parte da base que produz o espaço. O simbólico interfere diretamente na maneira como vivemos os encontros na cidade, como significamos o outro em nossos processos de interação e na produção de sentido do que é viver em determinados ambientes da cidade.

Para Massey (2005), o espaço é produzido a partir de três elementos que servirão de base para discutir desde as relações internas de uma cidade, tanto quanto o segmento mais amplo da globalização.

É mais fácil começar reduzindo-a a algumas proposições. Elas são as seguintes. *Primeiro*, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo construído através de interações, desde a imensidão global até o intimamente pequeno. (...) *Segundo*, compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. *Terceiro*, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora. (MASSEY, 2005.p.29)

O conceito de Massey tira do espaço a noção de objeto estático. Para ela o espaço, e no nosso caso o espaço urbano, é altamente dinâmico, exatamente por ser a materialidade das inter-relações que se dão nele e por ele. Construí-lo é também produzir os sujeitos, olhá-lo é perceber a possibilidade infinita de encontros e de trajetórias. Entendê-lo dessa forma constrói uma visão não essencialista e aberta para a mudança, questões que combinam com os pressupostos da Análise do Discurso.

Quando falamos do espaço como produto de inter-relações falamos que ele não existe antes dos sujeitos que se instalam ali e o produzem. Ele é parte integrante da formação das identidades dos grupos. Espaço e sujeito se forma concomitantemente. Ou seja, espaço-sentido-sujeito se produzem de maneira integrada.

Além disso, pensar o espaço urbano como lugar da multiplicidade é mostrar o quanto a cidade, bem como os discursos, não possuem uma essência única e concreta. Ele está aberto às mudanças de acordo com a historicidade e, assim como os discursos, os espaços se metaforizam. Ambos são produtos de relações de poder, de disputas pela apropriação simbólica dos atores sociais em conflito na sociedade.

Dessa forma, vamos ao terceiro aspecto. Exatamente por ser espaço do múltiplo e do diferente, o espaço da cidade, nunca se torna um sistema fechado, ele está sempre aberto ao futuro, à modificação. Ou seja, os lugares não têm o seu destino traçado a partir de uma narrativa evolutiva única. Eles possuem suas próprias histórias e suas alternativas de desenvolvimento e luta.

Passamos até agora por definições vastas de espaço e espaço urbano, sempre

tentando articular a produção material e simbólica. Falta, porém, aprofundarmos a questão discursiva da cidade, para, enfim, passarmos para o papel que a mídia desempenha na produção desse imaginário urbano.

Com isso, vamos conceituar “Discurso”, entender seu funcionamento e como ele se relaciona com as descrições de Massey (2005) e De Certeau (1994), sem dúvida dois autores preocupados com a produção simbólica da cidade. Pretendemos relacionar a noção de discurso com o papel dos relatos da cidade (De CERTEAU, 1994). Dessa forma, daremos conta desse processo de produção espacial a partir de interações indeterminadas e abertas para modificação como proposto por Massey (2005).

A noção de “Discurso” é fundamental para entendermos como se dá a produção simbólica do espaço da cidade. Para Orlandi (2005), o discurso é “efeito de sentido entre locutores” (p.21). Ou seja, a produção dos sentidos sempre se dá na inter-relação entre os sujeitos que ao mesmo tempo em que produzem sentido para o mundo social que os cerca, se produzem enquanto sujeitos.

Ao produzir sentido, o sujeito é interpelado pela ideologia que o produz e o situa perante as relações de poder que se dão na sociedade. A cidade, bem como seus sujeitos, são efeitos de relações de poder que se materializam na sociedade e produzem uma determinada “ordem”, um fechamento, uma orquestração do sentido de determinados fenômenos. As relações de sentido que determinam os lugares de determinados sujeitos na cidade são, antes de tudo, relações de forças, disputas hegemônicas pelo sentido social dos fenômenos que se dão em determinada conjuntura. (ORLANDI, 2005)

O que percebemos é que a construção simbólica da cidade é objeto de disputas constantes e que determinadas instituições como Estado e Mídia possuem a vontade de tornar esse espaço legível, de produzir uma narrativa única que dê conta da multiplicidade com a qual se apresenta a cidade. Pensar dessa forma é aliar às relações de poder e dominação à questão do sujeito e da história. A produção dos sentidos para o espaço urbano se modifica de acordo com diferentes condições de produção, o deslizamento dos sentidos, produzem deslizamentos no espaço que metaforizam os sujeitos.

Com isso, apesar de apresentar como um lugar heterogêneo há certa subordinação a uma ordem geral que tenta conter a polissemia. “Heterogeneidade, mas padronização, subordinação às exigências da comunidade maior na medida em que faz parte de movimentos coletivos, mas, ao mesmo tempo, dispersão, e, ainda, individualidade”. (ORLANDI, 2004,p.12).

Estamos tentando dizer que a circulação cotidiana de diferentes discursos produzem espaços e sujeitos na cidade. São esses relatos – aliados obviamente a desigualdade ao

acesso de recursos – que estão na base da produção da segregação espacial. A manutenção dos espaços segregados, e seus sujeitos se dá em micro poderes cotidianos que circulam pela fala desorganizada das ruas, bem como na articulação dos relatos midiáticos. Isso significa que as relações sociais são relações de sentido e estão preenchidas pela sobredeterminação do urbano. “No entanto, não é porque o processo de significação é aberto que ele não é regido, administrado. Ao contrário, é justamente lá onde a língua, passível de jogo (ou afetada pelo equívoco), se inscreve na história para que haja sentido, é que fazemos face à questão da determinação”. (ORLANDI, 2004.p.19)

Eni Orlandi (2004) vai complementar o que estamos trazendo sobre a cidade até aqui e, tendemos a concordar com sua perspectiva. Massey (2005) vai dizer que há geometrias do poder, que gera exatamente uma verticalização das relações sociais da cidade, fazendo com que a interação igualitária se perca e exista sobredeterminação de alguns grupos sobre outros. A esse fenômeno, Orlandi (2004) vai chamar de “sobredeterminação do urbano à cidade” e que o espaço será produzido discursivamente dentro dessa relação.

Temos proposto, em nossa reflexão, uma relação entre *ordem*, que é do domínio do simbólico na relação com o real da história (a sistematicidade sujeita a equívoco) articulação necessária e contraditória entre estrutura e acontecimento, enquanto a *organização* refere ao empírico e ao imaginário (o arranjo das unidades). Nossa finalidade é assim ultrapassar a *organização* do discurso urbano para atingir a compreensão da *ordem* do discurso urbano, isto é, procurar entender como o simbólico confrontando-se com o político configura sentidos para/na cidade e não fica apenas na organização do discurso urbano que nos relega ao imaginário, às ilusões (eficazes) da urbanidade.

A sobredeterminação que referimos mais acima, vista nessa perspectiva de ordem do discurso, produz, além disso, como um seu efeito a *verticalização* das relações horizontais da cidade, que, de espaço material contíguo, se transforma em espaço social hierarquizado (vertical). Nesse processo de verticalização, o “socius” (o aliado) e “hostis” (o inimigo) se indistinguem e a cidade passa a ser “urbanizada” num movimento em que as diferenças, verticalizadas, se significam pela remissão categórica a níveis de dominação e impede a convivência, o trânsito horizontal, as relações de contiguidade. A organização social vai refletir essa verticalidade da formação social urbana no espaço horizontal, separando regiões, determinando fronteiras que nem sempre são da ordem do visível concreto, mas funcional no imaginário sensível. Segregação. (ORLANDI, 2004.p.35)

Dessa forma, Eni Orlandi percebe a hierarquização das relações sociais na cidade e pretende ultrapassar o imaginário que segrega (urbano) para atingir o funcionamento do real do discurso na fala cotidiana (cidade). Nossa intenção ao colocarmos a mídia como um dos atores na produção do urbano vai ao sentido contrário. Queremos perceber como a mídia reproduz o discurso do urbano na produção do imaginário urbano. Com isso vamos

aos relatos midiáticos para verificarmos esse processo. Contudo, não podemos perder de vista que todo imaginário possui furos e se desloca, se transforma. O Real da História entra e metaforiza sentidos, mesmo lá onde se pretende fechar sentidos o novo entra e torna-se outro.

Dados esses conceitos e a produção simbólica da cidade e da segregação a partir do registro da urbanidade, passemos então à discussão do papel da mídia na produção do imaginário urbano e como ela materializa essas relações de poder que produzem territórios e sujeitos na cidade.

### **2.3 – Mídia e a produção do imaginário urbano**

Quando falamos em imaginário na perspectiva discursiva estamos falando diretamente de relações de antecipação que contribuem para o fechamento dos sentidos e contribuem para a sua estabilização. O imaginário, longe de ser o ilusório, é o efeito de antecipação e, no caso da cidade, da sobredeterminação do urbano em relação à cidade. É ele que é o responsável pela produção dos consensos no Discurso Social. O imaginário é a amálgama que amarra e estabiliza a polissemia dos sentidos, é ele que produz a ilusão de completude dos sujeitos e dos sentidos.

Como dissemos, não há relação direta entre mundo e linguagem, entre palavra e coisa. A relação não é direta, mas funciona como se fosse, por causa do imaginário. Ou como diz Sercovich (1977), a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. Por outro lado, a transformação do signo em imagem resulta justamente da perda de seu significado, ou seja, do seu apagamento enquanto unidade cultural ou histórica, o que produz sua “transparência”. Dito de outra forma: se se tira a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de construir práticas. No entanto, em seu funcionamento ideológico, as palavras se apresentam em sua transparência (...) (ORLANDI, 2007.p.32)

Esses imaginários interferem de forma direta na maneira como nos posicionamos e como posicionamos, no nosso caso de análise, os moradores das favelas. E a construção desse imaginário da cidade e seus sujeitos passam pelos discursos que ganham projeção na mídia.

Podemos dizer que a mídia funciona como um mapa de leitura da cidade. Dessa forma, ela se dá estatuto simbólico na definição dos ambientes. Apesar de não analisar a mídia de forma direta, a proposta do semanticista Eduardo Guimarães (a de leitura dos mapas de cidade) é de utilidade para entendermos o funcionamento da mídia como um guia

socialmente relevante: “o sentido do mapa não se dá como descrição de uma cidade, nem como narração de sua história, ele se dá, diríamos, no sempre depois de seu presente, como instrução semântica” (2002 p.60).

Assim como o mapa, a mídia é uma instrução semântica da cidade, ao produzir relatos sobre o espaço urbano – em especial sobre as favelas. As narrativas midiáticas inserem os locais em relações simbólicas que produzem sentidos, tornando o espaço urbano pleno de sentidos (PÊCHEUX, 1997). O relato tem papel fundamental na transformação da realidade existente: para o historiador Michel de Certeau, os relatos “transformam lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (1994 p. 203).

O jornalismo, portanto, adquire centralidade no processo de produção e circulação de relatos, já que é o principal meio de sua circulação. Além disso, ela se arroga a posição de relato verdadeiro da realidade, que tenta produzir uma narrativa única sobre as favelas, silenciando as relações de poder que se tornam presentes no processo de produção dos enunciados. Por isso a narrativa da mídia sobre as favelas tende a buscar uma transparência, a fechar os sentidos, a silenciar discursos outros que tentam representar de forma alternativa o espaço urbano. Isso evidencia que o discurso é objeto de luta.

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade. Isto vale para qualquer sociedade, mas creio na nossa as relações entre poder, direito e verdade se organizam de uma maneira especial (FOUCAULT, 2008.p. 179-180).

Dentro dessa economia dos discursos, os meios de comunicação – e com destaque o jornalismo – se tornam cada vez mais presentes na vida cotidiana. Dado seu alcance, pode-se dizer que a mídia funciona como arena pública, ao mesmo tempo em que oculta o discurso de que ela própria é um dos atores que interagem nesse espaço. Desta forma, a capacidade de dispor os discursos, e em consequência o poder, passa de alguma forma pelos meios de comunicação. É preciso, contudo, relativizar esse poder e considerá-lo à luz de perspectivas não maniqueístas. Segundo a linguista Alice Krieg-Planque (2010),

As mídias são ativas em dois sentidos: em parte, no sentido de que, de forma geral, operam uma seleção e uma filtragem (filtragem que operam sobre um material já bastante filtrado antes); e, em parte, no sentido de que a circulação a que submetem a fórmula – como diz Louis Quéré (1982:121), que recusa um ponto de vista sistêmico e a ideologia do

desempenho que o sustenta – ‘não pode ser reduzida a uma tecnologia de empacotamento e da transmissão de mensagens’. Ao contrário, deve ser vista como uma operação de transformação (p.121).

No caso do jornalismo o efeito de transformação é limitado pelo discurso de autolegitimação que, conforme dito coloca suas narrativas como relato verdadeiro dos acontecimentos. Dessa forma, o jornalismo acaba se convertendo em “lugar autorizado da produção e circulação da “verdade” – o que contribui para a sedimentação de algumas representações “oficiais” da cidade.” (MENDONÇA, 2010 p.5).

A forma como o jornalismo será abordado nesse trabalho como um espaço de estabilização dos sentidos, ou seja, o jornalismo é atravessado por diferentes discursos, mas possui marcas que tentam estabilizar a heterogeneidade desses enunciados. Essa tentativa de estabilização é o gesto interpretativo fundamental do jornalismo. Segundo Orlandi (2005), “não há sentido sem interpretação” (p.45). E toda interpretação é a de determinados dizeres em uma memória que os estabilizam. “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2005.p. 46).

Podemos dizer que o jornalismo na modernidade se configurou como um lugar autorizado de interpretação dos acontecimentos cotidianos. Ele absorve a ideologia das luzes que se dizia capaz de transparência de linguagem e de fatos e de objetividade na narração desses acontecimentos. Dessa forma, o jornalismo legitima sua posição perante a sociedade como um relato fidedigno, como o espelho do real. Como afirma Muniz Sodré (2009):

Embora o relato jornalístico seja realmente uma “construção”, feita por uma subjetividade a partir de outros relatos (provindos de fontes), existe uma presunção de imparcialidade, garantida pelo estatuto profissional do jornalista. Produz-se a notícia com a presunção de que o acontecimento adquira o estatuto pleno de fato, dando sentido ao que ocorreu e possibilidades de previsão quanto ao que ainda vai ocorrer. O poder do jornalismo, por mais frágil que possa parecer frente ao Estado e por menos que esconda a subjetividade do jornalista no embate hegemônico, consiste em sua exposição do fato social, ou seja, de uma unidade onde se entrecruzam outras táticas de poder típicas da sociedade civil em sua luta pela hegemonia das representações (p.41).

Pensado discursivamente o jornalismo é o lugar, legitimado socialmente, de construção e seleção, de dito e de silenciado. Ele se naturalizou como um discurso sobre o real. Ele configurou-se como um espaço de legitimação e interpretação partilhada dos acontecimentos públicos cotidianos.

Faz necessário, portanto entendermos aqui o que é a interpretação para a Análise do Discurso, esse entendimento é fundamental para entendermos a construção da narrativa

urbana, por meio do jornalismo, já que para a AD, a interpretação é sempre ideológica. Conforme falamos acima, todo sujeito é instado a interpretar, esse é o gesto fundamental na produção do sentido, contudo os jornais são instituições de interpretação.

Para Eni Orlandi (2007) o Gesto de Interpretação – ou seja, um ato no nível dom simbólico – é o lugar próprio da materialização da ideologia pela história. A interpretação é sempre política, está sempre permeada de relações de poder, porque sempre tem uma direção. Pode-se dizer que a interpretação é a textualização do político. A direção é determinada de acordo com a historicidade, pelo mecanismo ideológico da constituição dos sentidos e dos sujeitos. “Ao significar o sujeito se significa, o gesto de interpretação é o que – perceptível ou não para o sujeito e/ou para seus interlocutores – decide a direção dos sentidos, decidindo, assim sobre sua (do sujeito) direção” (ORLANDI, 2007.p.22).

Interpretação e Ideologia são conceitos correlatos para a AD. Elas se dão em conjunto, é ao interpretar o mundo em determinada direção que a pessoa se constitui enquanto sujeito, sendo produzida por meio dos mecanismos ideológicos. A ideologia naturaliza o que é produzido pela história.

Redefinindo, assim, a ideologia discursivamente, podemos dizer que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. A ideologia, por sua vez, é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismo imaginários. A ideologia não é, pois, ocultação mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem, no sentido da refração, do efeito (imaginário) necessário de um sobre o outro. (ORLANDI, 2007.p.31)

Podemos dizer, portanto, que todo discurso jornalístico é ideológico, pois há a tentativa de fechamento de sentidos, ao mesmo tempo em que constrói a transparência entre palavra e coisa. O jornalismo ao apontar para o mundo apaga a historicidade de sua construção e, ao mesmo, tempo produz os sujeitos que são referentes em sua narrativa. A mídia coloca em circulação as interpretações de uma forma específica, normalmente regidas pela sua própria lógica produtiva.

A mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Enquanto tal, ela é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação, sempre na distinção do que se deve apreender como sentido unívoco (literal) e o que admite plurivocidade interpretativa. (ORLANDI, 2007.p.96)

Esse processo de produção e interpretação é descrito por Balocco (2006). Ela vai descrever como se dá esse processo entre um acontecimento – e por ser contingente ainda sem sentido determinado – e a estabilização dos efeitos de sentido. Ela analisa o processo de escrita jornalística tendo por base a Escrita da História de Michel de Certeau, ela vai dizer,

É preciso separar a ‘operação jornalística’ (o processo de levantamento, seleção, omissão, e delimitação dos fatos ou acontecimentos do cotidiano) do processo de ‘escrita jornalística’ (o processo de narrativização dos elementos selecionados), para melhor compreensão do caráter de ‘construção discursiva’ do discurso jornalístico. A *operação jornalística* é uma prática regida por princípios característicos de determinada época e de determinado lugar: tem instrumentos e padrões específicos de procedimento e conduta na obtenção e no tratamento das informações. A *escrita jornalística*, por sua vez, também obedece a determinados parâmetros: nos termos de De Certeau, ‘*a construção de uma escrita* (no sentido amplo de uma organização de significantes) é uma passagem (...) [que] conduz da prática ao texto”, sendo que estas duas dimensões, prática e texto, são reguladas por princípios diferentes. (BALOCCO, 2006.p.92-93)

Com isso, podemos dizer, retomando alguns pontos, que o jornalismo a escrever sobre os acontecimentos os inscreve em uma memória discursiva que está na base desses dizeres e é afetado uma série de outras formações discursivas em conflito que atravessam os textos e que produzem diferentes efeitos de sentidos e sujeitos.

A produção discursiva jornalística, assim, representa uma forma de textualização da memória social e tem importante papel nos processos de ‘regularização’ e ‘des-regularização’ que aí operam. Ao transformar determinados acontecimentos históricos em fatos do discurso (ou acontecimentos discursivos), a mídia jornalística intervém na memória social, reforçando sentidos aí constituídos ou deslocando-os (BALOCCO, 2006.p.96).

Ao fazer circular discursos e consequentemente poder, o jornalismo interpela sujeitos, disponibilizando diferentes discursos que afetam diretamente a construção identitária destes, ou seja, produzem subjetivações. Para Loic Wacquant, no atual contexto, os pobres perderam o controle sobre suas identidades por conta de mecanismos de exclusão e segregação urbanos, ele afirma que:

ser pobre numa sociedade rica implica em ter o status de uma anomalia social e ser privado de controle sobre sua representação e identidade coletiva; a análise da mancha urbana do gueto norte-americano e da periferia urbana francesa [mostra] a *privação simbólica* que torna seus habitantes verdadeiros párias (WACQUANT, *apud* BAUMAN, 2003,p.108)

Pode-se dizer, portanto, que há um embate entre os moradores das favelas e a mídia no que concerne aos discursos que fazem de si mesmo e do espaço urbano em que habitam.

A perspectiva discursiva é capaz de dar conta desses diferentes aspectos da luta simbólica, ao considerar que as identificações, logo o processo de construção de identidades e de subjetivações, estão atreladas a uma rede de memória construída por uma série de embates sócio históricos.

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço; não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma ‘infelicidade’ no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um ‘erro de pessoa’, isto é, sobre o *outro*, objeto de identificação. (PÊCHEUX, 1997, p.56)

A dimensão de historicidade é fundamental quando estamos trabalhando a questão das subjetivações. Ou melhor, quando estamos falando do processo de subjetivação operado pelo jornalismo ao (re)produzir discursos sobre a favela e seus moradores. Contudo, há um risco de polarizar essas questões e cairmos em um “efeito de evidência” que cria dicotomias, como “morro” e “asfalto”.

É nesse ponto que é preciso dar um passo além e ir à busca dos textos de autores pós-colonialistas como, Homi Bhabha (2009). A questão trazida por esse autor de subjetividades produzidas nos interstícios pode ser aplicada na questão da favela. Há certa similaridade na descrição que ele faz das entradas do discurso do colonizador com aquele que é feito em relação ao morador da favela.

É preciso evitar as dicotomias, sobretudo pela característica que as favelas têm, de estarem entremeadas nos bairros nobres da cidade, conforme já dissemos. De não serem bolsões isolados e invisíveis. Isso nos obriga a tratar os discursos sobre a favela de uma forma diferente, não trazer apenas os aspectos de violência e segregação presentes neles, mas buscar toda sua complexidade constitutiva. Ou seja, ir às bases de como esses dizeres produzem sentido, buscar as interpelações e os processos de subjetivação em toda sua complexidade, abrir perspectivas não dicotômicas, para que assim o objeto possa se abrir como um todo em sua complexidade. Conforme afirma Homi Bhabha: “É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios de diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação [nationness]*, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (BHABHA, 2009.p.20).

Pensamos aqui nos conceitos de espaço, cidade e mídia. Tentando dar conta de como esses setores se imbricam na produção tanto do imaginário urbano quanto dos sujeitos e seus territórios. Contudo, não são apenas os discursos midiáticos – apesar de serem o objeto central dessa pesquisa – que produzem o imaginário sobre as favelas. Por isso, no segundo capítulo faremos um pequeno desvio para contarmos a história do imaginário das favelas por meio das políticas públicas e a produção das ciências sociais sobre esses espaços. Acreditamos que teremos indícios da memória discursiva que permeia

os sentidos de favela desde o seu surgimento no final do século XIX. Dessa forma, iremos desde os discursos higienistas até as UPPs.

### **3 – A PRODUÇÃO DA FAVELA**

Ao falarmos de espaço, a produção dos sujeitos e a segregação urbana falamos em termos abstratos, dando conta do processo sem levar em conta realidade sócio-históricas específicas. Dessa forma, o itinerário que traçamos até o momento servira para dar conta tanto da produção dos Guetos norte-americanos, das Banlieus francesas, quanto das

Favelas cariocas.

Contudo, proceder somente a uma discussão abstrata seria incorrer em um erro epistemológico e transformando a “Favela” em um conceito fetiche com pouca capacidade explicativa da realidade brasileira e em especial a carioca. Por isso, negar a historicidade do conceito, é negar sua materialidade. Pensar sobre as “Favelas” demanda que recuperemos as faces de sua história enquanto um efeito do processo de segregação que descrevemos anteriormente. Efeito disperso, mas que tende à monossemia, à orquestração dos sentidos pelas instituições, seja o Estado ou a mídia.

Queremos nesse capítulo, portanto, contar um pouco da história das favelas, a partir das relações que foram estabelecidas entre o Estado, as Ciências Sociais, as Políticas Públicas e as Favelas. A partir da leitura de Campos (2004), Valladares (2005), Davis (2006), Wacquant (2001 e 2008), Mello, da Silva, Freire e Simões (2012) e Zaluar e Alvito (2003), vamos passar pelas origens, as políticas públicas durante o século XX, até chegarmos às Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs).

Pensamos que dessa forma vamos poder perceber, e aqui o estudo de Valladares (2005) é fundamental, a construção do “Mito da Favela” e seu funcionamento discursivo. Acreditamos que seja interessante mostrar como a Favela é construída discursivamente e como uma memória está impregnada no uso do termo e que ela aparece de forma dispersa em diferentes gêneros textuais. Por isso, esse capítulo serve de introdução às análises que faremos, já que vai apresentar a historicidade da favela e como ela estabiliza certos sentidos.

### **3.1– As origens da Favela**

Ao contarmos a história da origem e desenvolvimento desses aglomerados urbanos precisamos levar em conta que as histórias de origens são diversas e dispersas e que diferentes autores vão mobilizar diferentes memórias para, dessa forma, situar a favela de determinada forma.

Este é o caso de Andreilino Campos (2004) que fugindo da já tradicional relação entre cortiços e favelas vai mais além e rememora a questão quilombola. Buscando nesta relação o ponto de estabilização de sentidos para o que ele chama de “espaço criminalizado”. Para o autor há uma relação direta entre a questão racial do quilombo, como espaço de resistência dos negros escravizados e ao mesmo tempo deslegitimado pela elite dominante como o espaço do crime.

A perspectiva de Campos (2004) mostra uma relação bastante produtiva da questão

da política de terras no país, do projeto de nação que vinha sendo construído e o lugar para o qual foi relegado o negro pobre na cidade, em especial no período pós-abolição. Como ele mesmo vai dizer:

Historicamente, sobretudo na Cidade do Rio de Janeiro, as favelas, assim como os cortiços, surgiram no cenário urbano carioca para suprir o hiato formado pelo déficit habitacional, abrigando, inicialmente, em sua grande maioria, uma massa de pobres que procuravam habitar próximo aos locais onde era oferecido trabalho, principalmente para aqueles que não detinham qualificação profissional. Por não se constituírem em indivíduos fenotipicamente enquadrados nos ideais de monarquistas e, posteriormente, de republicanos, nos termos colocados por Chalhoub (1996a; 1996b), Sodré (1988) e Cunha (1985), entre outros tantos autores, eles observam que os negros escravos ou alforriados foram excluídos da prática política e marginalizados economicamente, apontados pela sociedade da época – e permanecendo até os dias atuais, agora de maneira mais subjetiva – como “vadios”, “vagabundos”, “desocupados” (Basbaum, 1976:179-83) e outros termos depreciativos sociais, que, na base, tinham como pano de fundo o preconceito racial, fruto do estigma legado pela Coroa Portuguesa ainda no século XVII. (CAMPOS, 2004. P. 21-22)

O autor amarra seu argumento na questão de que a questão habitacional do Rio de Janeiro e a modernização da cidade devem ser acrescidas da perspectiva racial da questão. Grande parte da massa pobre da cidade que vai se abrigar nos cortiços e nas encostas dos morros são de negros recém-libertos (pós-abolição) ou fugidos de áreas rurais que podiam na cidade se passarem como libertos (pré-abolição), desempregados ou subempregados, pessoas que perderam suas moradias ou que retornaram de alguma batalha – como é caso de Canudos – todos ligados pela necessidade de estar em regiões centrais próximos aos locais de maior disponibilidade de trabalho. Estamos falando aqui do último terço do século XIX.

A partir desses argumentos, Campos (2004) vai tentar demonstrar como a origem da favela está na transmutação do espaço quilombola, ou seja, há uma transferência da tradição de deslegitimação de um espaço para outro. Se em determinado momento o quilombo era o abrigo das chamadas “classes perigosas” – espaços sem higiene, pobres, lugar da desordem, de vagabundos e criminosos – em outro, esses sentidos são transferidos para as favelas que absorvem essa população no perímetro urbano.

É com esse raciocínio que o autor poderá trabalhar o que ele chama as três origens da favela, tendo, sobretudo, a perspectiva do papel ativo que a população quilombola teve na construção dos espaços peri-urbanos e, conseqüentemente, das favelas.

### 3.1.1 – As três origens de Campos

Antes de irmos às histórias específicas precisamos adensar um pouco mais a proposta de Campos (2004), sobretudo, no que tange à questão quilombola. Entender como se davam os discursos das “elites” sobre essa população é, de certa forma, entender os valores que são transpostos nos discursos sobre as favelas.

O quilombo, como espaço de resistência à ordem imperial, tem alguns pontos em comum com as atuais favelas brasileiras, sobretudo aquelas localizadas nas grandes cidades. Ambas as estruturas espaciais foram e são estigmatizadas ao longo da história sócio-espacial da cidade. Se, no passado, a resistência era constituída em torno do não-aprisionamento dos negros (primeiro ocorrendo apenas como escravos e, posteriormente, com os negros que se tornaram livres, ao longo do século XX a resistência aconteceu em torno da permanência nos locais “escolhidos” para moradia. (CAMPOS, 2004.p.31)

O quilombo vai ser visto como o território da resistência à escravidão, lugar do negro que resiste à dominação. Dessa forma, internamente, ele serve para a construção de uma identidade ligada ao espaço, que o torna não apenas lugar de moradia, mas espaço político de luta.

No caso do Rio de Janeiro, os escravos ao fugirem dos arredores rurais da cidade iam se instalar no perímetro urbano, devido a possibilidade de se passarem como libertos em meio às pessoas, contudo, seu lugar de moradia permanecia sendo o quilombo nas regiões peri-urbanas que, após descobertos, eram incorporados à cidade. (CAMPOS, 2004.p.40)

Estamos falando aqui ainda de um período antes da abolição. Após a abolição o fenômeno de migração para o perímetro urbano se intensifica, contudo, agravado pela impossibilidade de acesso às terras. Com isso, ao se encaminharem para a cidade, os negros libertos se agregavam em terrenos baldios e cortiços, vivendo em condições de pobreza. Essa migração serviu para que essa população negra servisse como exército de reserva, porém eles enfrentavam a política de branqueamento financiada pelo Estado.

A consecução desse projeto não foi levada adiante, no que diz respeito à *deportação das pragas*, que tanto incomodavam os liberais. Porém parte dela foi executada com muito sucesso, pois excluiu a possibilidade de ascensão social via trabalho livre dos ex-cativos. Esses indivíduos tiveram de se sujeitar ao trabalho mal remunerado da agricultura em regime de semi-escravidão ou migrar para a cidade para viver nos quilombos periurbanos ou naqueles que se localizavam nas freguesias rurais. Sobre a concorrência efetuada pelos trabalhadores brancos europeus Sodré (op.cit. p.41) opina que a facilitação da entrada de imigrantes no país – de 1.125.000 entre 1891 e 1900 – foi uma decisão contra o negro: a concorrência estrangeira viria prejudicar em muito o acesso de ex-escravos às vagas oferecidas pela indústria e pelo comércio. Tratava-se de uma decisão político-cultural com uma lógica orientada pelo reforço da aparência branca da população urbana. (CAMPOS,

2004.p.48)

Ou seja, podemos dizer que para Campos a favela vai congrega a exclusão de classe, isto é, será o lugar do pobre urbano, com a exclusão racial, o ex-escravo que vai para a cidade e vive uma disputa desigual com o imigrante. Contudo, para o autor esses atores não são passivos e vão construir a favela como seu espaço político de resistência e de pertencimento. O quilombo é, com isso, o elemento que permite o entendimento da formação sócio espacial em suas perspectivas culturais, políticas, de segregação, discriminação, mas, acima de tudo, de criminalização dos mais pobres. Podemos, portanto, passar para a história das três versões das origens das favelas.

Durante todos os séculos XVIII e XIX, o Rio de Janeiro viu o crescimento de sua população de maneira contundente. Segundo dados a cidade passou de 60.000 habitantes, em 1808, para 250.000 em 1870. (ABREU, *apud* CAMPOS, 2004.p.52) Grande parte dessa população, devido aos altos preços das moradias e de terrenos que impediam a ocupação por classes populares, viviam nos chamados Cortiços (Habitação que era caracterizada por ser um número grande de quatinhos em volta de uma área aberta). Muniz Sodré (1988) afirma que cerca de 50% população do Rio vivia nesse tipo de moradia.

Esse tipo de habitação passa a se tornar um problema a partir de 1866, quando a ideologia higienista ganha força e é apresentado um projeto de postura municipal que proibia a construção de novos cortiços, iniciando-se assim uma verdadeira guerra contra essas casas.

No Rio de Janeiro, assim como na Europa, os primeiros interessados em detalhar minuciosamente a cena urbana e seus personagens populares voltaram seus olhos para os cortiços. Considerado o *locus* da pobreza, no século XIX era local de moradia tanto para trabalhadores quanto para vagabundos e malandros, todos pertencentes à chamada “classe perigosa”. Definido como um verdadeiro “inferno social”, o cortiço carioca era visto como antro da vagabundagem e do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral. Percebido como espaço propagador da doença e do vício era denunciado e condenado através do discurso médico e higienista, levando à adoção de medidas administrativas pelos governos das cidades. (VALLADARES, 2005.p.24)

A primeira versão para o surgimento das favelas, segundo Campos (2004) ainda não dá conta de que elas são efeitos de políticas de Estado que visam à segregação e solidificar uma política de branqueamento da população. Essa primeira tese, dirá que a realidade da favela preexistia a Canudos (tese normalmente mais aceita) que ela estava diretamente relaciona à Guerra do Paraguai (1865-1870).

O fim da Guerra desterritorializou uma massa de pessoas que ao voltarem se viram sem ter lugar pra onde retornar. Com isso, foi liberado acampamentos nas proximidades do Ministério da Guerra como solução provisória, bem como a ocupação dos cortiços e das encostas nas áreas centrais da cidade.

Nessa perspectiva os autores de *Brasil: Nosso Século*, comparando favela e cortiço como lugares de moradia dos mais pobres, escrevem que as casas de tijolos e alvenaria são escassas, insuficientes para abrigar boa parte da população, obrigada a habitar as favelas ou os cortiços. Dos dois, a pior é a favela: um conjunto de barracos toscos, construídos pelos moradores nos morros ou em terrenos abandonados e íngremes. Seus habitantes masculinos são *malandros* (boêmios, ladrões, valentes) ou aqueles cuja idade avançada ou as doenças (como a tuberculose) incapacitaram para o trabalho. As mulheres lavam e costuram “para fora”, e as crianças vendem pela cidade doces, balas e jornais. Predominaram os negros, que já se reuniam em favelas antes mesmo da Abolição, pois o governo imperial havia alforriado multidões de escravos para enviá-los à Guerra do Paraguai (1865-1870). (CAMPOS, 2004.p.56)

A segunda tese do surgimento da Favela é a mais aceita por entre os pesquisadores. Segundo essa versão, a primeira favela surge em 1897, quando soldados que participaram da campanha de Canudos retornam e se alojam no centro da cidade no local onde hoje é conhecido como Morro da Providência.

Segundo Campos (2004), ao citar Abreu (1988), o adensamento da região foi efeito da inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II que faz com que grande parte da população pobre da cidade comece a ocupar as encostas dos morros próximos da região central da cidade. Essas ocupações são os embriões do que vai se tornar o Morro da Providência com a chegada dos soldados, associada à campanha de derrubada dos cortiços na região central.

Já presente embrionariamente na cidade desde 1897, quando foi dada a autorização para que os praças retornados da campanha de Canudos ocupassem provisoriamente os morros da Providência e de Santo Antônio, esta forma de ocupação dos morros logo se revelou a solução ideal para o problema da habitação popular no Rio de Janeiro. De local de moradia provisório, esses morros da área central logo foram transformados em opção de residência permanente. (ABREU *apud* CAMPOS, 2004.p.58).

A crítica a essa versão reside em essência nas mesmas causas da primeira versão. Seria como se a favela fosse o efeito de causas exógenas e não construída por atores sociais na luta política de ocupação do espaço urbano. Dentro dessa versão, a abolição funcionaria como um fato endógeno, já que ela seria responsável por despejar uma gama escravos recém-libertos na cidade. A ocupação dos morros na área central seria explicada também pela proximidade dos locais de trabalho.

A terceira versão diz que as favelas se originaram a partir de 1894, quando a

ideologia higienista começa a atuar com mais força no centro da cidade e tem início a derrubada dos grandes cortiços da região central da cidade, como o Cabeça de Porco. A ação do Estado visava uma limpeza da região central, tendo como base os discursos de que os cortiços eram o *locus* da doença e da pobreza.

O fato é que as ações no centro da cidade despejam um sem número de pessoas - só no Cabeça de Porco estima-se 4.000 pessoas – na cidade, o que agrava ainda mais a crise habitacional no Rio de Janeiro. Com isso, associado com a necessidade da população mais pobre morar próximo à região central, faz com que essa população se desloque para as encostas dos morros da região.

O prefeito Barata Ribeiro libera então que os desabrigados se utilizem das madeiras que sobravam das demolições como matéria prima de novas construções, com isso, eles foram se encaminhando para os morros portando madeiras que deram origem às suas moradias.

A crítica de Campos (2004) a essas descrições de origem reside sempre no fato de não levar em conta os agentes que produziram o espaço da favela. Ele percebe que o estigma de morar na favela é anterior à própria favela, já que há uma transmutação do quilombo para a favela.

Acreditamos que as versões das três origens não são excludentes e manifestam apenas a dispersão da mesma ideologia dos espaços segregados. Pensamos que mais importante que o encontro das origens está o processo de produção desses espaços e, com isso, percebemos que, nesse sentido a palavra e o espaço “Favela” vai ser o efeito de todos esses fatores e o acúmulo da memória tanto dos quilombos, quanto de Canudos e dos cortiços. A origem da favela desloca esses discursos, abrigando-os, mas produzindo algo novo, mas ainda preso a uma formação de estigmatização dos sujeitos.

Esse fato pode ser observado em Campos (2004) ao falar especificamente do quilombo:

O quilombo transmutou-se em favela, mas não perdeu a sua ilegalidade perante a sociedade em geral. No espaço transmutado, a existência de redes de solidariedade deu o tom político às práticas sócio-espaciais. Por um lado, o quilombo, por mais de três séculos bateu-se contra a prepotência do Estado, permeado que foi pelo sistema escravista, que procurava a qualquer preço a extinção dessa resistência; por outro lado, as favelas, como espaço transmutado, resistem às burocracias imperial e republicana. O desmonte dos morros, para que o material fosse usado para aterros em várias partes da Baía de Guanabara, serviu para a “limpeza” de algumas áreas e sua disponibilização para o capital e as classes dominantes. Nesse sentido, os espaços dos pobres podem representar uma maneira de resistência ou, melhor, uma pequena resistência. (CAMPOS, 2004.p.77)

Dados esses pontos, vamos fazer uma breve incursão nas descrições das favelas feitas entre os anos de 1897 e 1930. Esse recorte é baseado em Valladares (2005) e Burgos (2003) que mostram que as principais políticas públicas começam na década de 30 com Vargas. Antes o que temos são intervenções de jornalistas, alguns casos de intervenções urbanas, além do discurso higienista.

### 3.2 – A Palavra é Favela

O espaço urbano carioca designado como favela herda parte dos seus sentidos da memória discursiva que se estabelece para outros dois setores da sociedade, isto é, os cortiços como lugar de habitação do pobre urbano e todo o julgamento moral que se faz dele e os quilombos, lugar de resistência dos escravos e que também têm seu espaço deslegitimado. A junção dessas duas memórias deságua nas ocupações que foram chamadas de favelas. São esses discursos, por exemplo, associados com o higienismo marcante do governo Pereira Passos (1902-1906) que vão contribuir para esse processo.

Estudos sobre os cortiços do Rio de Janeiro demonstram que esse tipo de hábitat pode ser considerado o “germe” da favela. Segundo pesquisa realizada por Vaz (1994:591), o célebre cortiço Cabeça de Porco, destruído pelo Prefeito Barata Ribeiro em 1893, possuía barracos e habitações precárias do mesmo tipo identificado em seguida no Morro da Providência. (VALLADARES, 2005.p.24)

A questão dos cortiços e das habitações nas encostas de morros, que são em parte a origem das favelas antecedem o próprio termo “Favela” enquanto categoria explicativa de certa realidade. Ou seja, antes da segunda década do século XX, momento no qual o designativo passa a ganhar generalidade, quando se fala o termo se refere diretamente ao “Morro da Favella”, conhecido também como “Morro da Providência”.

O mandato de Pereira Passos e o desencadeamento da “limpeza” urbana promovida no centro da cidade, tem como um dos alvos esse morro. Ele passa a ser durante um longo período objeto de narrativas jornalísticas, como os artigos presentes no livro *A Alma Encantadora das Ruas* do cronista João do Rio, de discursos em assembleias e debates intelectuais. Esses discursos servirão para tornar o termo “favela” uma realidade genérica. De acordo com Valladares (2005):

De início, tal interesse voltou-se para uma determinada favela que catalisa todas as atenções. É o Morro da Favella, já existente com o nome Morro da Providência, que entra para a história através de sua ligação com a guerra de Canudos, cujos antigos combatentes ali se instalaram com a finalidade de pressionar o Ministério da Guerra a pagar seus soldos

atrasados. O Morro da Favella, pouco a pouco, passou a estender sua denominação a qualquer conjunto de barracos aglomerados sem traçado de ruas nem acesso aos serviços públicos, sobre terrenos públicos ou privados invadidos. Conjuntos que então começaram a se multiplicar no Centro e nas Zonas Sul e Norte da cidade do Rio de Janeiro. (p.26)

O discurso higienista foi de fundamental importância para tornar a “Favela” uma questão urbana. O fato do Morro da Providência ter sido objeto de um grande número de dizeres, fez com que os discursos circulassem de tal maneira que o termo ganha existência autônoma e passa a ser designativo de um fenômeno urbano específico do Rio de Janeiro.

Dessa forma, ela passa a ser um debate sobre o futuro da capital brasileira e próprio país. Ao ser condenada pelo higienismo, ela vai passar a ser descrita como um verdadeiro problema. São as moradias insalubres e o ambiente que condiciona o comportamento das pessoas que ali se encontram, além da percepção de que os pobres que ali vivem são os responsáveis pelos males da cidade e a remoção será a solução da questão. Esse pensamento faz emergir um pensamento específico sobre a favela no Rio.

Ele conserva não apenas aquilo que já nos referimos de memória dos cortiços e dos quilombos, mas também as marcas da origem de seus moradores vindos de Canudos.

De fato, a leitura de textos escritos no início do século leva a associar o Morro da Providência, no Rio de Janeiro, ao povoado de Canudos, no sertão baiano. Na verdade as duas histórias se sobrepõem, pois foram antigos combatentes da guerra de Canudos que se estabeleceram no Morro da Providência, a partir daí denominado Morro da Favella. A maior parte dos comentaristas apresenta duas razões para essa mudança de nome: 1ª) a planta favela, que dera seu nome ao Morro da Favella – situado no município de Monte Santo no Estado da Bahia – ser também encontrada na vegetação que recobria o Morro da Providência; e 2ª) a feroz resistência dos combatentes entrincheirados nesse morro baiano da Favella, durante a Guerra de Canudos, ter retardado a vitória final do exército da República, e a tomada dessa posição representando uma virada decisiva da batalha. (VALLADARES, 2005.p.29)

As duas explicações para a origem do nome possuem uma carga simbólica bastante interessante. Enquanto a primeira diz respeito a uma similitude física dos locais, a segunda mostra uma igualdade simbólica de resistência, de luta dos oprimidos contra um adversário mais poderoso. Por isso, podemos dizer que “favela” é desde sempre um campo de disputa de sentidos. Faz parte da resistência naquele contexto, e hoje ainda, a percepção de que aquele espaço é parte de uma luta desigual e de uma deslegitimação constante.

Outro ponto que as descrições das favelas feitas na época que podemos destacar é a dualidade. Grande parte dos cronistas da época, como Olavo Bilac e Lima Barreto apontavam para o fato de a favela ser uma cidade dentro da cidade. (ZALUAR e ALVITO,

2003). Outros cronistas vão descrever a geografia dos morros, destacando particularidades do espaço e a forma de vida dentro desse ambiente. Todos esses discursos apontam para uma dualidade constitutiva da memória brasileira e das próprias descrições de viajantes no Brasil. Como diz Eunice Durham:

Afirmava-se a existência de uma dualidade fundamental, através da qual costumava opor, de um lado, a tecnologia rudimentar e a organização patrimonial do sistema tradicional, retrógrado e pobre, baseado nas relações pessoais de dominação, lealdade e obrigações mútuas; de outro, um sistema capitalista industrial em expansão, progressista e rico, fundado na concepção do lucro, na racionalização do processo produtivo, na burocratização das instituições, na impessoalidade das relações pessoais. (DURHAM *apud.* ZALUAR e ALVITO, 2003.p.12)

Esse pensamento vai ser produtivo também, nessa época, para se pensar as favelas. Esses dois brasis são refletidos na sua capital, ou seja, ao mesmo tempo em que o Brasil se equilibra entre opostos de modernidade e atraso, cidade e campo, o Rio de Janeiro vive essa dicotomia por meio das favelas. Com isso, as favelas vão ser o lugar do atraso, uma cidade “bárbara” dentro da cidade moderna que era a capital federal. Essas dicotomias se transformaram, mas ainda funcionam até hoje, basta buscarmos a metáfora da cidade partida e a dicotomia “morro X asfalto” para percebermos o quanto isso ainda produz sentido.

Dessa forma, a favela passa a ser um designativo genérico de um espaço e ao mesmo tempo de um problema. Ela passa a ser vista como um problema social e urbano e vai ser objeto de intervenções públicas e planos de remoção. Como o plano Agache em 1930 e os discursos de Mattos Pimenta sobre a “lepra da esthetica”, na década de 20.

O avanço da ideologia higienista durante todos os anos 20 foi fundamental para solidificar a favela como um problema de ordem urbana, de uma forma geral, mas que se relaciona com a violência, a saúde e a estética da cidade. Foi a partir dos debates sobre as moradias populares que se tornou central graças à crise de habitação, que assolava a cidade que o tema vai ganhar maior destaque.

Como herança discursiva dos cortiços, o morro recebe a alcunha de lugar anti-higiênico, de moradia insalubre e precária. A dicotomia apontada de que havia duas cidades, uma civilizada e outra incivilizada, sobretudo, quando o tema é a questão da organização do espaço e a natureza desses sujeitos que estão fora da ordem. Engenheiros e médicos estavam debruçados sobre o estudo das favelas, considerando o meio ambiente como a fonte das mazelas físicas e morais das pessoas, Valladares (2005) vai nos dizer que:

Estavam na verdade, insistindo quanto à necessidade de organizar de maneira racional e controlada o conjunto de elementos urbanos: a “cidade como manifestação visível do todo social, era recorrentemente concebida como uma máquina, um mecanismo cujas engrenagens deveriam ser

dispostas e manipuladas devidamente sob a mesma direção”. (Kropf, 1996:108) Dentro dessa lógica particular, as favelas seriam elementos que tanto se opunham à racionalidade técnica quanto à regulação do conjunto da cidade. Acabar com elas seria, então, uma consequência natural. (p.41)

A partir desse diagnóstico da favela como um problema, coloca-se, portanto, a solução desse problema, isto é, sua remoção. O fim desses ambientes traria de volta à cidade sua saúde, sua ordem e ela seria vista como uma missão civilizadora de integração desse mundo à racionalidade moderna. Em sua defesa às belezas do Rio de Janeiro Mattos Pimenta vai dizer que as favelas são, além do espaço insalubre, propício ao desenvolvimento da vagabundagem e do crime, bem como de doenças, que seria preciso uma reforma estética.

Esses discursos ganham formulação mais estabelecida no início da década de 30, quando o arquiteto e sociólogo francês Alfred Agache é contratado pelo prefeito Antônio Prado Júnior para ser responsável pelo plano de extensão, renovação e embelezamento da capital do país.

Pode-se dizer que o Plano Agache foi um dos primeiros instrumentos de ação do Estado organizada para as favelas. Mesmo não tendo sido colocado em prática / o plano já mostra como os discursos sobre as favelas já ganharam certa estabilidade como um lugar de risco. Sua descrição de como é uma favela, será importante para entendermos esse processo.

Não impede que, construídas contra todos os preceitos de hygiene, sem canalizações d'água, sem exgottos, sem serviço de limpeza pública, sem ordem, com material heteróclito, as favellas constituem um perigo permanente d'incendio e infecções epidêmicas para todos os bairros atravez dos quaes se infiltram. A sua *lepra* suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza, despe os morros do seu enfeite verdejante e corroe até as margens da matta na enconsta das serras. (AGACHE *apud* VALLADARES, 2005.p.47)

Os primeiros planos de intervenção nas favelas e que terão por base esses discursos começam a aparecer na década de 30, sobretudo, com o Governo Vargas. É, a partir, desse momento que do diagnóstico da favela como problema, passamos dela como um lugar a ser administrado e controlado.

### **3.2.1 – Dos Parques Proletários ao Censo de 1950**

Como quase todos sabem o Governo Vargas em toda sua extensão (1930-47) teve um forte caráter nacionalista e de valorização da cultura da identidade brasileira. A

república sob as mãos de Vargas aumentou muito a capacidade de intervenção estatal, o que teve por consequência a conquista de direitos e a perseguição de determinados setores da sociedade, como os comunistas. Era o que ficou reconhecido como “Populismo”. Porém, uma imagem projetada desse estado nos interessa de forma mais direta: o desenvolvimento das leis de proteção social fez com que Getúlio passasse a ser reconhecido como o “pai dos pobres”, o que coloca em movimento de tornar um Brasil um lar imenso e o Estado será um Estado-Providência.

Enquanto presidente, Vargas nomeia como prefeito do Rio o médico Pedro Ernesto. Alinhados ideologicamente, ambos retomam os discursos higienistas como chave de abordagem da questão das favelas. Contudo, há uma especificidade em relação ao período anterior, o novo prefeito possui diálogo mais próximo com os moradores, o que serve de base para uma política clientelista, fazendo o Estado o papel de mediador dos conflitos.

A perspectiva higienista que havia acompanhado os discursos anteriores permanece, mas com uma nova inflexão: o reconhecimento de fato, da existência das favelas e da necessidade de melhorar as condições de vida dos favelados, contrariando a solução única de sua destruição anteriormente proposta. (VALLADARES, 2005.p.52)

Esse reconhecimento se materializa no Código de Obras da cidade, de 1937, que vai citar a situação marginal das favelas, sendo consideradas como uma “aberração” e que não poderiam sequer constar no mapa da cidade. Com isso, o código vai propor a sua eliminação, além de proibir a construção de novas moradias, bem como a melhora das já existentes. A solução será a construção dos “Parques Proletários” para serem vendidos para pessoas reconhecidamente pobres.

Valladares traz em seu livro “A Invenção da Favela” o capítulo do código referente às favelas. Esse trecho está no capítulo XV: “Extinção das Habitações Anti-Higiênicas”.

Art.349 – A formação de favelas, isto é, de conglomerados de dois ou mais casebres regularmente dispostos ou em desordem, construídos com materiais improvisados e em desacordo com as disposições deste decreto, não será absolutamente permitida.

- 1º Nas favelas existentes é absolutamente proibido levantar ou construir novos casebres, executar qualquer obra nos que existem ou fazer qualquer construção.

- 2º A Prefeitura providenciará por intermédio das Delegacias Fiscais, da Diretoria de Engenharia e por todos os meios ao seu alcance para impedir a formação de novas favelas ou para a ampliação e execução de qualquer obra nas existentes, mandando proceder sumariamente à demolição dos novos casebres, daqueles em que for realizada qualquer obra e de qualquer construção que seja feita nas favelas.

- 7º Quando a Prefeitura verificar que existe exploração de favela pela cobrança de aluguel de casebres ou pelo arrendamento ou aluguel do solo, as multas serão aplicadas em dobro. (...)

- 9º A Prefeitura providenciará como estabelece o Título IV do capítulo XIV deste decreto para a extinção das favelas e a formação, para substituí-las, de núcleos de habitação de tipo mínimo. (VALLADARES, 2005.p.52-53)

Como podemos reparar há aqui uma definição de “Favela” como a aglomeração de dois casebres. O decreto mostra que já há algum conhecimento da dinâmica das favelas, como o artigo que se refere aos alugueis, além de levar em conta o que podemos chamar de processo de “favelização”, além de considerar que elas têm capacidade de crescimento.

O resultado do Código de Obras será a construção dos parques proletários (na Gávea, Leblon e no Caju) que deslocam cerca de 4.000 pessoas para essas novas habitações. Todavia, eles são moradias provisórias, esses sujeitos depois retornariam aos seus bairros após a recuperação do local, Ou seja, os parques mesclavam expulsão com “higienização”, para que eles pudessem voltar em um novo bairro. Segundo Burgos,

Afinal, em um contexto dominado pela cidadania regulada, o problema favela não podia ser lido pelo ângulo dos direitos sociais. Pré-cidadãos, os habitantes das favelas não são vistos como possuidores de direitos, mas como almas necessitadas de uma pedagogia civilizatória – eis a representação que emoldura a experiência dos parques proletários. A esse respeito é bastante conhecida a descrição feita por Leeds dos mecanismos de controle utilizados nos parques: além de atestado de bons antecedentes, seus moradores tinham que se submeter a sessões de lições de moral. E como, no início dos anos 40, Vargas buscava estreitar seus vínculos com as camadas populares, os parques também seriam palco de festas e eventos políticos, através dos quais seus moradores deveriam expressar sua gratidão ao presidente da república. (2003.p.28)

A experiência dos parques proletários não tem sucesso, já que essas áreas passam a se valorizar demasiadamente, o que leva a expulsão dos moradores pobres para lugares mais distantes. Porém, essa experiência leva a dois desenvolvimentos na luta pelos sentidos e destinos das favelas.

Por um lado, a ideologia de Vargas, associada ao higienismo, considerava a favela como lugar de atuação por dois motivos. 1- Pela necessidade de aumento de mão de obra, combater a favela torna-se um dever. Pois, se esses lugares insalubres são os motores da preguiça e da indolência do trabalhador, ao reformar-se faz com que existam motivos para que ele retorne ao mercado; 2 – Pela necessidade apoio popular. Melhorar a sorte dos moradores das favelas é, também, conquistar apoio político para a manutenção do poder.

Em essência, as propostas varguistas não são muito diferentes do Plano Agache ou de Mattos Pimenta, todas têm a imagem da favela bem desenhada e sua atuação visa “limpar” e civilizar a cidade. A diferença está no fato de que para o plano de 1937, incendiar ou expulsar simplesmente, como foi feito com os cortiços, não seria a medida mais adequada, já que haveria a perda do apoio popular.

Por outro lado, há o início de organização dentro das próprias favelas. Despertados pela possibilidade de perderem suas casas e serem deslocados para os parques, os moradores começam a se mobilizar para negociar benefícios, ainda que restritamente, já que havia a limitação de voto de analfabetos. Começa-se assim a se desenhar a favela como um agente político.

O efeito disso nas décadas de 40 e 50 está na consideração da favela como um problema moral. Havia um medo generalizado do comunismo e os espaços pobres das favelas seriam um lugar propício ao desenvolvimento desta ideologia. Como era comum no slogan da época: “é necessário subir o morro antes que os comunistas desçam”. É dessa forma que duas entidades da Igreja Católica começam a trabalhar junto às comunidades.

Em 1946 surge a Fundação Leão XIII, que oferecia uma alternativa pedagógica de persuasão das massas, por meio de sua cristianização e incentiva a vida associativa nas favelas. A outra foi criada em 1955, a Cruzada São Sebastião, que buscava por meio do oferecimento de condições dignas de vida a elevação moral e social das populações. (BURGOS, 2003)

Pode-se perceber que já nesse momento a imagem da favela já está bastante solidificada e sua realidade é percebida por meio de pesquisas que mostram que agora ela não está mais restrita ao centro da cidade e já se espalha por diferentes áreas da cidade. “Em dados estatísticos, enquanto a urbanização ocorria a 5% e 7% a favelização atingia 10% e 14% ao ano. No Rio, as 43 favelas em 1950 abrigavam 170 mil habitantes”. (RIOS, 2012.p.42)

O aumento do número de favelas gera algumas necessidades para os desenvolvedores de políticas públicas, tais como, uma definição mais precisa do que sejam as favelas, para a partir daí conseguir-se desenvolver formas de controle de crescimento ou de gestão desses espaços urbanos. É com esse espírito que em 1950 é publicado o Censo que traz em seus tópicos as especificidades das favelas. Essa definição é utilizada ainda hoje e é bastante próxima da definição global desses aglomerados urbanos.

Desse modo, foram incluídos na conceituação de favelas os aglomerados humanos que possuíssem, total ou parcialmente, as seguintes características:

1. *Proporções mínimas* – Agrupamentos prediais ou residenciais formados com unidades de número geralmente superior a 50;
2. *Tipo de Habitação* – Predominância no agrupamento, de casebres ou barracões de aspecto rústico típico, construídos principalmente de folhas de Flandres, chapas zincadas, tábuas ou materiais semelhantes;
3. *Condição Jurídica da Ocupação* – Construções sem licenciamento e sem fiscalização, em terrenos de terceiros ou de propriedade desconhecida;

4. *Melhoramentos públicos* – Ausência no todo ou em parte, de rede sanitária, luz telefone e água encanada.
5. *Urbanização* – Área não urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou emplacamento. (GUIMARÃES *apud*. VALLADARES, 2005.p.68-69).

Essa definição foi resumida na definição de “aglomerado subnormal”, utilizado até hoje nas definições de favela. A vantagem dessa definição de Guimarães reside de ela excluir o julgamento moral dos sujeitos que habitam as favelas. A única questão é que ela parte de que há uma normalidade da cidade e do qual a favela não seria inclusa, mantendo, dessa forma, a divisão da cidade e desconsiderando a favela como parte dela.

Isso se repete, por exemplo, em definições atuais como o relatório da ONU, de 2002, *The Chalange of Slums*, que vai dizer: “a definição clássica de favela, caracterizada por excesso de população, habitações pobres ou informais, acesso inadequado à água potável e condições sanitárias e insegurança da posse da moradia”. (DAVIS, 2006.p.36)

Conforme estamos afirmando, esse recenciamento é fundamental. A generalidade do conceito faz com que a palavra explique não apenas a realidade do Rio de Janeiro, mas que possa ser aplicado em diferentes cidades. Dessa forma, a favela torna-se a descrição nacional da moradia dos pobres urbanos no país.

O aparecimento dessa definição, contudo, não retira completamente das páginas dos jornais e das políticas públicas o julgamento moral da favela. Em forte crescimento o discurso da favela como um risco para a cidade ainda é bastante forte, além da constante ameaça de remoção e deslegitimação dos pobres como produtores de seu espaço.

### **3.2.2 – A Favela e a questão política**

A intensa produção de conhecimento sobre as favelas, a estabilização de seu sentido para os governos como uma questão urbana de moradia, o fortalecimento político de grupos internos às comunidades e sua capacidade de resistência às remoções, coincidem com o crescimento dos aglomerados e a transformação da dinâmica política do país com a redemocratização.

A atuação da Igreja Católica e o aparecimento de pesquisas qualitativas sobre as favelas, como o relatório SAGMACS, começam a apresentar uma nova perspectiva de atuação em relação à moradia urbana dos pobres. Nesse contexto, que vai até o período militar, a favela passa a ser valorizada enquanto experiência comunitária e as atuações do Estado vão à direção da reurbanização e integração à cidade. Fazemos somente um alerta nesse momento, apesar de consideramos um avanço nos discursos sobre as favelas, discuti-

la em termos de integração e reurbanização ainda é uma forma, discreta talvez, de considerá-la como separada do sistema urbano comum.

Licia do Prado Valladares, vai considerar esse avanço relacionados à abertura política e econômica do país no pós-segunda guerra, ela dirá:

Esta mudança aparece ligada a vários fatores políticos e econômicos convergentes. Após a Segunda Guerra Mundial, tanto no Brasil quanto no conjunto da América Latina, a retomada do crescimento econômico acelera o crescimento urbano, e o afluxo dos imigrantes rurais para as cidades também intensifica o crescimento das favelas tornando mais aguda a questão da moradia para as classes populares. Essa retomada ocorre dentro do quadro político do desenvolvimentismo, concepção marcada pelo papel central de um Estado planejador: seja no plano econômico, seja no plano territorial, traduzida pela decisão de construir Brasília, inaugurada em 1960. Ao contrário da política de Vargas, o desenvolvimentismo marca a abertura internacional dentro de um contexto em que as questões de ajuda ao desenvolvimento e o desenvolvimento da cooperação internacional estão submetidos – em virtude da Guerra Fria – às injunções maiores das relações internacionais. (2005.p.74)

A ação da Igreja Católica, apesar de associada à tentativa de frear o crescimento das ideologias de esquerda dentro da favela (BURGOS, 2003), contribuem sobremaneira para o desenvolvimento de senso coletivo das comunidades. Ambas são responsáveis por melhorias nos serviços básicos em vários morros, além de contribuir na formação política das lideranças comunitárias, funcionaram em determinado momento como agentes autorizados de mediação entre favela e Estado.

O efeito desse processo foi o fortalecimento comunitário que gerou autonomia organizativa entre as lideranças comunitárias. Em 1957, por exemplo, é criada a Coligação dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal, com o objetivo de lutar por melhores condições de vida para os moradores das favelas. Percebe-se com isso, a entrada de fato da favela no jogo político, montando suas próprias formas de mediação com o Estado.

Por um lado, a Fundação Leão XIII desenvolveu, em especial, a assistência material e moral às populações através de ações favoráveis à educação e à saúde (creches e ambulatórios), e da criação de muitos centros de ação social em diferentes favelas. Por outro lado, a Cruzada São Sebastião desenvolveu uma atividade de grande amplitude voltada para a produção de moradias novas e equipamentos de infraestrutura, o que hoje se chama urbanização das favelas. (VALLADARES, 2005.p.77)

Dentro desse contexto de conquista de legitimidade, em 1960, é lançado o chamado Relatório SAGMACS. Encomendado e publicado pelo jornal “O Estado de São Paulo” e coordenado pelo Padre Joseph Lebret, um dos principais representantes do movimento Economia e Humanismo.

Fugindo da lógica de demonização, o relatório é uma longa pesquisa qualitativa que visa construir um retrato das favelas cariocas. Ele é composto uma equipe multidisciplinar e suas saídas para os problemas não passa pelo discurso da remoção, mas pela reurbanização, autonomia e integração. Ações que já vinham sendo promovidas, sobretudo por Dom Hélder Câmara na Cruzada São Sebastião.

Mas, se a SAGMACS abriu caminho para os temas abordados e os métodos utilizados, inovou também quanto a certos resultados, porém, de posteridade mais incerta. Seu relatório descreveu e analisou as favelas como realidades heterogêneas e uma população igualmente heterogênea. O relatório insiste quanto à origem diferente de cada uma das favelas estudadas, assim como à importância das diferenciações internas, um verdadeiro “zoneamento” que, uma vez identificado, permitiria pensar as diferenças sociais e espaciais no interior das favelas. Os autores que publicaram em seguida, tais como Leeds(1969), Medina (1969) e Perise (1969a, 1969c), desenvolvem essa temática da diversidade, conforme iremos ver adiante. No entanto, muitos outros, inclusive autores atuais, “esqueceram” essas análises, privilegiando uma visão unificadora quanto a especificidade da favela. (VALLADARES, 2005.p.102)

O Relatório SAGMACS vai coroar uma percepção da favela, não mais baseada nas dicotomias ou no higienismo, ele abre a possibilidade de novas discursividades, ele integra de vez o espaço da favela ao espaço da cidade, legitimando assim a prática da urbanização e indo contra as políticas de remoção, como era o caso dos Parques Proletários.

A favela apresentada nessa pesquisa não constitui um mundo à parte, seus habitantes são pobres como outros pobres, eles mesmos vítimas do clientelismo político. O morador da favela se encontra em uma situação política semelhante à de outras áreas urbanas do país, e não deve ser considerado como tendo um tipo de comportamento político particular. (SAGMACS, 1960 v.2, p.35)

Um dos coordenadores do SAGMACS, Arthur Rios, em artigo comemorativo aos 50 anos da pesquisa, reforçou essa percepção sobre as favelas presente no relatório e que, naquele momento, contribuiu para produção de deslocamentos discursivos e que ainda se faz pertinente, dado alguns regressos que vamos ver num próximo tópico.

Fugindo à ideia errônea de quisto ou corpo estranho, a favela representa um tipo próprio de integração na cidade. Muitas as dependências que as vinculam ao corpo urbano. Desempenham função social importante, reunindo trabalhadores, profissionais, elementos do setor terciário, que prestam serviços essenciais aos moradores dos bairros de classe média e alta. É o que explica o aparecimento das favelas na Barra da Tijuca ligadas funcionalmente aos conjuntos residenciais, alguns de alto luxo, mas desastrosamente planejados sem sequer a previsão de moradias para empregados. (RIOS, 2012.p.45)

Não podemos falar que a questão das favelas nessa época estava se tornando um mar de rosas, pelo contrário existem movimentos de remoção ainda e discursos que ainda

sustentam a antiga ideologia higienista. É o caso do jornalista e ex-governador do Estado Carlos Lacerda e a construção da Cidade de Deus, além da série de reportagens na Tribuna da Imprensa chamada de “Batalha do Rio” que fazia reforçava a memória da favela como lugar da pobreza e do crime.

Além disso, a política clientelista ainda continuava funcionando. Ao criar Serfha, o governo começa a substituir as ações da igreja pelas ações do Estado. A entidade trabalha com uma lógica de não remoção, contudo o governo trabalhava de maneira dúbia, entre a urbanização e a remoção. A urbanização era a moeda de troca para o controle das associações de moradores pelo estado. A substituição da igreja pelo estado é fundamental nessa relação. Pois, os programas de formação católicos vinham fazendo um trabalho de formação orgânica de lideranças, as ações do estado ofereciam resultados mais imediatos.

A princípio, sem se definir entre a remoção e a urbanização, o governo estadual trabalhou simultaneamente com duas perspectivas. De um lado, construiu, entre 1962 e 1965, com financiamento norte-americano (do Usaid), a Cidade de Deus e as vilas Kennedy, Aliança e Esperança; de outro lado, “urbaniza algumas poucas favelas” (Leeds e Leeds, 1978:220). A construção de conjuntos habitacionais tinha por objetivo, contudo, a remoção de algumas favelas da cidade, fator que iria produzir grande tensão, em face da resistência de seus moradores. O deslocamento para áreas distantes dos locais de trabalho, a deficiente oferta de transportes, a ruptura dos laços de sociabilidade desenvolvidas na favela de origem e a péssima qualidade das casas oferecidas seriam segundo Perlmam (1977), as principais razões da reação dos moradores das favelas às remoções. (BURGOS, 2003.p.33-34)

Dessa forma, se dá, com o golpe de 64 e seus desdobramentos, o retorno do recalco da ideologia das remoções. A política em relação às favelas dos governantes militares será baseada na extinção e na cooptação das lideranças. Cooptação feita muitas vezes por meio de morte aos opositores.

A contradição do momento diz respeito ao abismo que existe entre as pesquisas sociais e as ações do Estado. Se até o momento eles parecem caminhar em conjunto, com as políticas de remoção autoritária (BURGOS, 2003) vai se abrir um fosso entre elas. As décadas de 60 e 70 são os momentos mais profícuos de pesquisa social nas favelas e na derrubada dos mitos sobre esses espaços. Contudo, no discurso público do governo e das mídias, há o retorno da dualidade entre ordem e desordem, morro e asfalto. E, obviamente, esse segundo discurso vai ser o mais difundido.

Antes do endurecimento da ditadura em 1968, porém, o governador da Guanabara Negrão de Lima (1965-1970) implementa a Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (Codesco). A ênfase dessa companhia era a posse legal da terra e manutenção das comunidades faveladas próximas aos seus locais de trabalho. Ele faz

trabalhos pilotos em três favelas: Brás de Pina, Morro União e Mata Machado. Tendo sucesso nas duas primeiras, no qual a parceria entre arquitetos, sociólogos e comunidade deram resultados positivos.

No entanto, em 1968, o Governo Militar institui a Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio (Chinsam). Seu objetivo era ditar uma política única para as favelas. E, com isso, reaparece o discurso de demonização. Segundo Burgos,

Ao contrário da Codesco, que apostava na capacidade organizativa e participativa dos moradores das favelas, a Chinsam definia as favelas como um “espaço urbano deformado”, habitado por uma “população alienada da sociedade por causa da habitação; que não tem benefícios de serviços porque não paga impostos”. Razão pela qual entendia que “a família favelada necessitaria de uma reabilitação social, moral, econômica e sanitária; sendo necessária a integração dos moradores à comunidade, não somente no modo de habitar, mas também no modo de habitar e viver” (Valladares, 1984:17). Diante de tal diagnóstico, a solução do problema favela deveria conhecer uma resposta parecida com a que se tentou dar nos anos 40: a sua erradicação. (BURGOS, 2003.p.36)

Dessa forma, tem início a deslegitimação da favela como um agente político relevante. Porém, a ação de remoção - os dados de Burgos (2003) falam que entre 1968 e 1975 mais de 100 mil pessoas foram removidas, com a remoção de cerca de 60 favelas – saiu pela culatra. Grande parte dos moradores removidos para conjuntos habitacionais começam a vender suas casas e a retornar para as favelas, isso associado com a forte migração para o Rio de Janeiro. Valladares e Ribeiro (1995) falam que a população favelada ficou quase estável. Em 1970 eram 13,2% da população e na década seguinte era 12,3%.

Com a falha no programa de remoções e a distensão do regime, cria-se o Promorar, que era baseado na urbanização das favelas. Com o retorno do associativismo em 1979, as associações de moradores voltam a ter relevância e em 1982 é eleito Leonel Brizola como governador. Com isso, uma nova guinada é dada.

### **3.2.3 – De Brizola ao Favela-Bairro**

O processo de transição de ordens governamentais encabeçado por Brizola não foi dos mais fáceis. O governador precisava se manter fiel a sua agenda social, mas ao mesmo tempo ele vê a entrada de um novo agente político-econômico que ganha destaque na produção dos discursos sobre as favelas, este novo ator é o tráfico de drogas de varejo – em especial a cocaína - que começa a se estabelecer nas favelas cariocas.

Nos anos 60, existiam bebidas e algum uso de drogas, em sua maioria maconha, ainda não tão disseminado nem tão rentável. A cocaína mudou tudo. Desde os anos 1970, a cocaína começou a aparecer em massa nas favelas, onde era dividida e empacotada para venda local. Primeiro, os ricos da cidade; depois, a classe média; e, eventualmente, as classes populares entraram no mercado e a quantidade de dinheiro envolvido nessas operações cresceu drasticamente. Essa grande quantidade de dinheiro permitiu aos traficantes serem muito mais organizados. Nos anos 60 algumas pessoas tinham armas; agora elas estão bem armadas com fuzis vindos de Israel, AK47 vindas da Rússia e M16 vindos dos Estados Unidos. (PERLMAN, 2012.p.225)

A entrada do tráfico nas favelas deve ser remetida ao governo militar e sua tentativa de resolução do que chamado de problema de “segurança nacional”. De dentro da prisão Cândido Mendes surgiu a Falange ou Comando Vermelho, uma facção organizada que estipulou uma rede de tráfico entre as favelas. Junto com elas vieram grupos antagônicos que passaram a disputar o controle dos territórios.

A entrada desse grupo nas favelas não se dá fortuitamente. A geografia dos morros e a proximidade de grandes mercados consumidores fez com que elas se tornassem um ponto privilegiado para armazenamento e distribuição.

Como no final dos anos 70 e início dos anos 80 os líderes da Falange ou Comando Vermelho estavam instalados em favelas por todo o Rio, o crescimento do tráfico de drogas nessas comunidades foi uma consequência natural. Os chefes da Falange viam as favelas como um reduto relativamente seguro, onde contavam com algum apoio comunitário. Nelas o tráfico de drogas, sobretudo maconha, já existia há décadas sendo a “boca-de-fumo”, uma constante da vida na favela. Mas o poder propiciado pelos ganhos financeiros obtidos com a cocaína conferiu ao narcotráfico uma importância sem precedente na vida econômica e política da comunidade. (LEEDS, 2003.p.239)

Paralelamente a isso, Brizola desenvolvia duas atividades relevantes para o retorno da favela ao patamar que estava antes do Regime Militar. O objetivo era fazer com que as comunidades de reurbanizassem, fora dos estigmas da remoção ou das “classes perigosas”. Ele desenvolve entre 1983 e 1985 o Programa de Favelas da Cedae (Proface) que levaria sistemas de água e esgoto a cerca de 60 favelas e incorporando-os aos bairros. Integrado a isso, fizeram-se programas de iluminação pública e coleta de lixo.

Outro ponto diz respeito ao programa de Direitos Humanos que tentou mudar o modo de conduta nas abordagens policiais que passaram a ser baseadas no respeito aos direitos civis. A concomitância desses dois fenômenos faz com que o governo seja acusado de complacência com o tráfico e com os “criminosos” da favela. Brizola será alvo de duras críticas por parte de O Globo que vai acabar decantando na percepção de que o aumento da violência no Rio se deu devido à linha de abordagem adotada por Brizola.

É por meio desse processo que o mito das “classes perigosas”, que havia sido

expulso dos discursos sobre as favelas pela porta da frente, retorna pela janela. Agora acrescido com a questão do tráfico e construindo a favela como o lugar do medo para quem vive lá e na cidade. Com isso, retorna-se com força novamente a percepção da cidade partida, mas agora acrescido com a questão da chamada “violência urbana”. Além do tráfico, ainda existiam os controladores do Jogo do Bicho.

São notórios e profundos os vínculos existentes entre o fenômeno da violência no Rio de Janeiro e o aborto do processo de integração política dos excluídos praticado durante a Ditadura Militar. Sua distância relativamente à política e ao poder público, a mesma que se fez notar na eleição de Brizola, impede uma adesão à institucionalidade democrática na hora da transição, e o resultado é a formação de redes clientelistas “com independência de sua procedência, legal ou ilegal” (Carvalho, 1994:130). (BURGOS, 2003.p.43)

O efeito desse processo na percepção pública da favela é problemático. O crescimento do tráfico, e a violência associada a ele, faz emergir velhos discursos de criminalidade e da relação entre o ambiente e a determinação dos sujeitos que habitam nele, logo as favelas vão ser os produtores de criminosos. Enfim, a integração que vinha acontecendo passa a ser questionada muito na chave de leitura do medo.

A integração democrática que vinha em processo perde espaço e retorna de forma feroz a ideologia de desconsideração dos direitos civis e de isolamento deliberado das favelas da vida da cidade. Há com isso, a demonização das favelas, que se materializa nas práticas policiais e na face do Estado que vai ser vista nos morros, ou seja, a face do monopólio da violência.

Outro fator faz aumentar o medo em relação às favelas e aos traficantes que passam a ser associados diretamente a elas. A prática do sequestro no início dos anos 90 vai espalhar o pavor na população. Segundo Leeds (2003), o dinheiro do resgate passou a ser uma importante fonte de renda para a manutenção dos grupos.

Na década de 90, a administração pública passa a ter lidar com a favela na apenas na linha da questão urbana, mas também na chave da percepção da violência. Em 1992, faz-se o Plano Diretor do Rio de Janeiro, ele vai definir a favela como um problema municipal. Contudo, a falta de uma demanda organizada por parte das comunidades, a chave de leitura da favela passa da questão urbana, para a de segurança pública. Em meio a isso, sem muito furor surge o Favela-Bairro.

Segundo a definição proposta pelo Geap, o Favela-Bairro teria por objetivo: “construir ou complementar a estrutura urbana principal (saneamento e democratização dos acessos) e oferecer as condições ambientais de leitura da favela como bairro da cidade”. Seus pressupostos deveriam ser o “aproveitamento do esforço coletivo já desprendido” (prevendo, portanto um reassentamento mínimo); a “adesão dos moradores”; e a introdução de valores urbanísticos da cidade formal

como signo de sua identificação como bairro” (Geap, 1993). Portanto nota-se que, ao contrário de outros programas de urbanização de favelas realizadas na cidade, como pro exemplo, a experiência inovadora implementada pela Codesco, o Favela-Bairro tem por princípio intervir o mínimo possível nos domicílios, definindo-se como um programa eminentemente voltado para a recuperação de áreas e equipamentos públicos. (BURGOS, 2003.p.49)

O Favela-Bairro reabre a questão urbana para os moradores das favelas. A partir dele a organização de demandas coletivas pode ser reforçada e há um retorno do protagonismo das Associações nas exigências, contudo, quando se fala de favela ainda é preciso trazer a questão da segurança pública que tende a complexificar ainda mais essa situação. Mas é a partir dele e do agravamento da percepção da favela como o lugar da criminalidade que em 2008 entra em vigor as chamadas Unidades de Polícias Pacificadoras (UPPs).

### **3.3 – UPP, e agora?**

Neste último tópico de nosso capítulo não pretendemos nos ater muito no funcionamento das Unidades, mas queremos apenas mostrar o quanto a chegada desse programa que procura, de alguma forma, alinhar os discursos da segurança e do urbanismo carrega consigo já uma memória da favela, mas também abre possibilidades de novos sentidos.

Para se chegar às UPPs foi preciso que se criasse uma percepção pública das favelas como um lugar violento e aprisionador e onde se conserva a ausência do Estado em sua face de Provedor, estando lá somente em seu aspecto punitivo. Além disso, ela é consequência direta do aumento do poderio dos traficantes e a entrada das milícias no cotidiano das comunidades.

A década de 1990 foi marcada pela ampliação do poder dos grupos organizados do tráfico de drogas e pela ampliação das atividades de um grupo que assumiu grande importância na dinâmica criminosa da região metropolitana do Rio de Janeiro: as milícias. Interpretadas no início do século XXI, como “mal menor”, as milícias são grupos dirigidos por integrantes das forças de segurança – policiais militares, civis, bombeiros militares e agentes penitenciários. Seus integrantes passaram a ser visibilizados especialmente a partir de 2007, quando começaram a ser reprimidos pelo, então, novo governo estadual. (...) Todavia os traficantes de drogas, e mais recentemente os milicianos, passaram a dominar o imaginário da cidade devido ao peso do uso das armas para controlar o território e sua presença mais ostensiva no cotidiano dos espaços populares e da imprensa. (SILVA, 2012.p.420-421)

A solidificação desse imaginário vai permitir a atuação das UPPs na convergência

da assistência social com a repressão policial. Além disso, ela visa resgatar a imagem da polícia, já que as abordagens sempre foram consideradas como violações de direitos civis e humanos.

A concepção das “unidades pacificadoras” tem como referência a experiência do policiamento comunitário dos EUA, tendo Boston como a principal referência. O primeiro para sua instalação é a ocupação das favelas pelas forças armadas ou pelo Bope. Com a ocupação garantida estabelece-se uma unidade especial, com um número variado de policiais. O comando então é entregue a um capitão da Polícia Militar e os soldados são recém-incorporados para evitar a criação das redes de corrupção normalmente existentes.

A partir de 2010 entrou em cena a Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos. Sua função é trabalhar no processo de implantação da UPP oferecendo equipamentos e serviços básicos, estabelecer a mediação de conflitos, incentivar a participação coletiva e diminuir as barreiras simbólicas entre a cidade e as comunidades. (SILVA, 2012)

O projeto vem obtendo sucesso ante os atores sociais, e em especial os jornais. As UPPs tornaram-se possibilidades de resolução da questão da segurança pública, mas ainda é cedo para afirmar peremptoriamente alguma coisa. Há várias críticas como o enfrentamento bélico ao tráfico em outras localidades e problemas da relação entre moradores e policiais no cotidiano das favelas.

Em termos discursivos a UPP abre novas discursividades ao atacar uma percepção que havia se solidificado com o ganho de terreno dos grupos de traficantes nas favelas. Esse ganho de terreno gerou a percepção de que o Estado estava ausente da favela, tornando-a um lugar privado que vivia sob uma lei específica diferente da sociedade ordinária. A UPP quebra esse discurso ao levar o Estado (em sua forma mais ampla e não apenas a repressiva) para as comunidades. Dessa forma, a integração com a cidade se torna possível, já que, - e aqui falamos novamente da dicotomia morro e asfalto – tanto a cidade, quanto a favela ficam pretensamente sob a égide da mesma lei.

Fizemos até aqui um percurso para vermos como se desenha uma rede de memória sobre as favelas. De forma alguma esse capítulo vai determinar com antecedência o que será a nossa análise. Ele serviu para perceber os grandes blocos que constroem o imaginário sobre as favelas. A análise vai mostrar os processos de mudanças e heterogeneidades, que, de alguma forma, estarão referenciados aqui, já que a materialidade do jornal é constitutiva também dessa memória.

Acreditamos, assim como Machado da Silva (2012) que “a favela não é simplesmente um objeto do mundo que tem sua própria dinâmica, observável do exterior;

ela é um dispositivo da linguagem cotidiana, constituído pelo uso em inúmeras situações. A favela é, deste modo, uma representação instável e polissêmica”. (p.58-59).

#### 4 – POR UMA CARTOGRAFIA DAS FAVELAS

Nosso objetivo de análise é tentar perceber como se dá o funcionamento dos discursos do jornal O Globo na produção do imaginário sobre as favelas cariocas. Conforme dissemos no capítulo 1, a mídia tem papel importante da produção e circulação de diferentes discursos que contribuem para a produção do imaginário social sobre a cidade.

Teremos como objeto de análise matérias do jornal “O Globo”, um dos principais jornais cariocas, em um período de 30 anos (1982-2012). Este período é marcado pela redemocratização do Brasil – em 1982, Leonel Brizola é eleito governador do Rio. Além disso, as três décadas são marcadas por diferentes discursos sobre as favelas, passando desde a questão urbana e da pobreza, da criminalização dos moradores, até o discurso de “pacificação” (2010-2012).

Para conseguirmos dar conta de um recorte temporal tão longo, precisamos usar algumas estratégias para que o *corpus* não se torne tão grande que impossibilite uma análise mais detalhada, mas também que não seja pequeno que não permita a percepção dos deslocamentos e a emergência de sentidos outros.

A análise se dará em duas etapas complementares. Em um primeiro momento traçaremos um quadro quantitativo (Ver Tabela 1). Esse quadro nos serve de linha guia para chegarmos a eventos nos quais o significante “Favela” aparece com mais frequência.

Para a montagem da tabela nós fomos ao acervo do jornal “O Globo”<sup>1</sup> e fizemos a busca pela palavra “Favela” e “favela”. Percebemos que não há diferença na busca entre maiúsculo e minúsculo, já que não houve alteração nos números de ocorrências.

A partir dessa busca fizemos a coleta de dados entre os anos de 1982 e 2012, contando sempre o número de aparecimentos a cada mês. Com esses dados em mãos construímos a tabela e os gráficos da série histórica analisada.

A Tabela é capaz de nos mostrar a média de páginas no qual a palavra aparece e os

---

<sup>1</sup> acervo.oglobo.globo.com (consultado entre os dias 16 de setembro de 2014 e 23 de janeiro de 2015)

picos de aparecimento que servirão de indicativo de acontecimentos passíveis de uma análise discursiva. Interessa-nos, enquanto analistas de discurso, não tanto as regularidades de sentido, mas os momentos de seus deslocamentos. Daí a escolha de análise de eventos onde a ocorrência da palavra seja maior, pois há nesses períodos uma possibilidade maior de deslocamentos de sentidos.

Montamos com esses dados uma tabela que mostra o aparecimento do significante “favela” nas páginas do jornal “O Globo”. Nesse gráfico estamos apresentando o número total de páginas no qual aparece a palavra. Veja bem, não se trata de uma lexicometria da palavra, mas uma contagem do número de páginas em que elas aparecem. (Gráfico 1)

O gráfico abaixo nos mostra a soma total por ano do número de páginas nas quais a palavra “favela” apareceu. Juntamente com esses dados apresentados traçamos uma linha de tendência polinomial de grau 3. Ela serve para traçar a tendência de aparecimento da palavra e criar um quadro ideal e aproximar dados que possuem uma flutuação alta.

As linhas de tendência dos gráficos podem ser divididas em seis formatos: a Linear, quando as curvas do gráfico não possuem variações de altos e baixos adota-se seu uso, por ser mais adequado na visualização das tendências; a curva logarítmica, quando os dados crescem ou decrescem com intensidade; a linha de força, que é mais bem usada na comparação de dados que crescem com uma intensidade específica; a exponencial, que é mais eficiente em casos de queda ou crescimento em índices altos e a linha móvel que constrói médias em dados flutuantes de acordo com determinadas séries. Nenhuma delas serve como traçado para a nossa contagem.

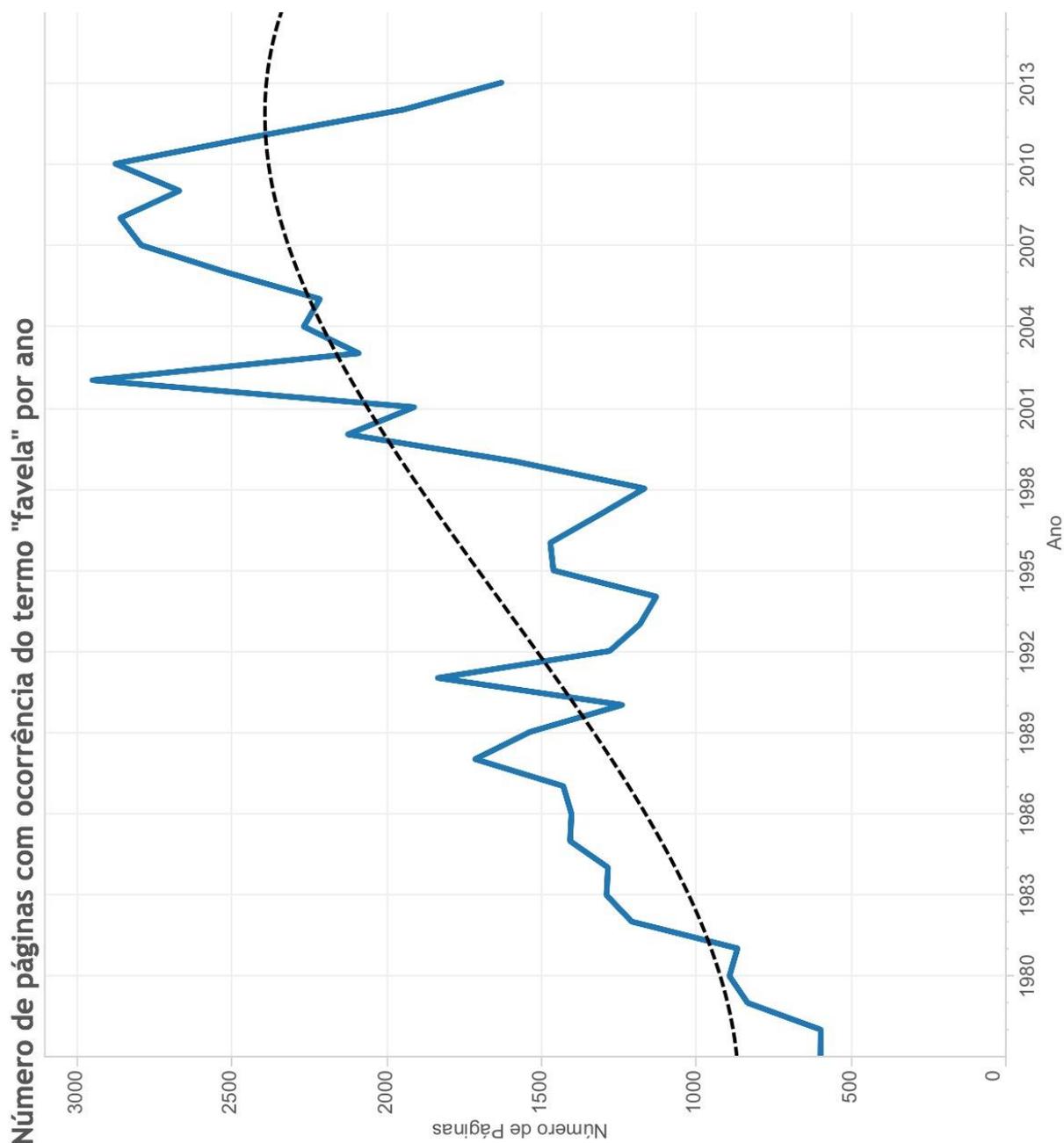
As linhas de tendência polinomial servem exatamente para o tipo de dados que estamos apresentando, ou seja, quando eles possuem uma flutuação alta, isto é, dados que podem variar tanto para cima quanto para baixo de uma data para outra. O grau 3 é satisfatório, pois equilibra os dados mostrando um ponto com tendência de baixa (vale) e um com tendência ponto de alta (pico).

Podemos perceber em nosso gráfico uma tendência de alta desde o fim da década de 70. A ocorrência da palavra nas páginas aumenta ano após ano, passando por períodos de queda na década de 90, mas se sustentando como tendência de aumento.

A década de 2000 a 2010 é a que mostrou a maior ocorrência da palavra nas páginas. Há um salto quantitativo de 2001 para 2002, mostrando-se aí um período profícuo para uma análise discursiva mais detalhada. De 2011 até os dados mostram-se em queda, contudo ainda não foi o suficiente para dizermos que a tendência é de queda. Se ela for de queda, cabe-nos averiguar as razões dessa queda (podemos nos perguntar, por exemplo, as favelas deixaram de ser pauta para o jornal, ou passou-se a usar palavras como

“comunidade” quando a referência são as favelas?).

**Gráfico 1 (Fonte: Acervo O Globo)**



O gráfico acima nos mostra tendências de cobertura e de aparecimento da palavra “favela”. Sabemos, contudo, que a busca somente pelo termo favela não é o ideal. As palavras “morro” e “comunidade” são outras duas anáforas que poderiam facilmente ser buscadas. Porém há uma polissemia bastante acentuada, o que poderia prejudicar o detalhamento das matérias e criaria certa anomalia no gráfico. Por isso, preferimos a busca somente por “favela”.

Dessa forma, poderemos ter uma percepção ampla dentro do recorte temporal, com

possibilidades comparativas longitudinais, mas também comparações feitas dentro da própria cobertura em específico. Isso só é possível pela unidade que consideramos de discurso sobre as “favelas”, ela permite que jornais de diferentes épocas sejam comparados, pois eles se referem ao mesmo objeto e constituem um mesmo discurso.

Ainda dentro da análise quantitativa, não podemos nos limitar a apenas a ocorrência do significante por mês. Saber em quais editoriais elas aparecem serve de indicativo de possíveis mudanças e deslocamentos. Esse fator é apresentado na análise do *corpus*.

A abordagem desse objeto é feita sob a ótica da Análise de Discurso, tendo como principais autores Eni Orlandi (2005) e Michel Pêcheux (1997). Essa proposta não remete a análise ao descobrimento de sentidos ocultos no texto, mas o interroga a partir de seu processo de significação. Ou seja, não pretendemos saber o significado de favela no jornal, mas como os diferentes sentidos sobre a favela foram construídos, a partir de quais posições, afetados por quais formações discursivas, como ele produz uma memória sobre o espaço urbano e como ele interpela os sujeitos. (ORLANDI, 2005)

Na análise e construção do *corpus* a ser estudado é feita em duas etapas. Na primeira etapa fazemos o que se chama de dessuperficialização linguística. Elencaremos as categorias linguísticas a serem analisadas, para assim darmos conta das estratégias retóricas e textuais do jornal. A partir da análise linguística podemos dar o salto discursivo e remeter essas estratégias ao campo de externalidade, o contexto histórico e a memória discursiva/interdiscurso. (ORLANDI, 2005)

Nesse momento da análise é importante trazermos para o diálogo as propostas de análise de jornais de Maurice Mouillaud (2012). O autor propõe que os jornais sejam analisados como dispositivos. “Dispositivos são os lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os textos” (MOUILLAUD, 2012). Esse fator é pressuposto no processo de análise.

Apesar de considerarmos o jornal como uma entidade que abriga múltiplas materialidades, nosso foco se deu na análise textual. Não quer dizer que outras materialidades como fotografia ou diagramação não sejam importantes. Nosso foco foi apenas para que conseguíssemos uma análise mais detalhada do funcionamento do sentido no nível da materialidade escrita.

Nossa análise será guiada basicamente pelo conceito discursivo de metáfora. Ela é capaz de dar conta tanto do deslocamento dos sentidos presentes na materialidade analisada, quanto o deslocamento das posições dos sujeitos. Metáfora aqui é entendida como o deslocamento, o deslize dos sentidos. Ela marca a condição da própria linguagem que é a incompletude, isto é, nem sujeitos nem sentidos estão completos. Eles se

constituem na falta, no movimento, na casa vazia. Contudo é válido reproduzir o alerta de Orlandi (2005): “Não é porque o processo de significação é aberto que não seria regido, administrado. Ao contrário, é pela sua abertura que ele também está sujeito à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização” (ORLANDI, 2005.p.52).

Recorreremos às famílias parafrásticas que serão úteis para uma análise diacrônica, como a nossa. Paráfrase em AD diz respeito ao funcionamento da linguagem, que está baseado em um princípio de tensão entre a paráfrase e polissemia.

“Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura dos processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2005. p. 36).

Com a separação desses enunciados de uma mesma família de paráfrases será possível percebermos o deslocamento e a estabilização dos sentidos e o processo de produção dos discursos sobre as favelas. Desta maneira será possível percebermos as ideologias manifestas nas matérias jornalísticas. Ideologia entendida não como ocultação da verdade, mas como relação necessária entre linguagem e mundo (ORLANDI, 2005. p. 47). Nessa perspectiva a Ideologia não é o que falta, mas aquilo que sobra no texto, o fechamento dos sentidos, aquele que não abre para outras possibilidades de leitura. Daremos conta, portanto, de analisar discursivamente como a mídia produz sentido para as “favelas”. Tentando perceber as marcas da História e das relações de poder na produção das identidades. Relações que afetam os dizeres atuais marcados pelo interdiscurso e pela memória discursiva.

Pretendemos, com isso, responder a algumas questões: Como a mídia produz e circula pelas diferentes formações discursivas os sentidos de “favela”? A partir de quais posições? Quais formações sustentam esses sentidos? Como ele se transforma na História? Sempre houve o discurso da “favela” como *locus* da criminalidade? Se sim, como ele é produzido? Se não, quais são os sentidos outros que emergem? As estratégias traçadas acima pretendem de alguma forma trazer luz a esses questionamentos.

#### **4.1 – Analisando os sentidos de favela:**

O material de análise a seguir foi coletado a partir dos quadros quantitativos que montamos e a separação de matérias e enunciados significativos que recolhemos. Nosso

procedimento se baseou na coleta das matérias referentes aos momentos de pico do gráfico. Estes momentos são os mais propícios para verificarmos a circulação e o estabelecimento das diferentes formações discursivas.

A constituição do *corpus* deu-se da seguinte forma. A partir da produção do gráfico de contagem do número de páginas em que a palavra “favela” aparecia em O Globo destacamos os anos em blocos de períodos de 6 anos. A partir desse recorte coletamos as matérias dos períodos de pico de cada um desses blocos. Com isso estabelecemos os seguintes meses e anos para análise: agosto de 1986; julho de 1991, novembro de 1995; setembro de 2002 e dezembro de 2010.

Assim se chegou a um *corpus* ampliado, mas o número elevado de matérias impôs a necessidade de um *corpus* restrito. O número elevado de matérias, no entanto, nos levou a um novo recorte dentro dos blocos analíticos. Nosso primeiro passo foi excluir os dados irrelevantes do aparecimento da palavra favela. Com isso, a ocorrência da palavra em obituários, colunas sociais, agenda cultural e cartas dos leitores foram retirados. Além disso, suprimimos a ocorrência em colunas opinativas, pois nosso foco era o noticiário comum de notícias e reportagens.

Ainda mesmo após essa primeira triagem o número de matérias e enunciados continuava bastante elevados. Isso nos levou a buscar as matérias mais significativas, ou seja, a partir da leitura de todo o material recolhemos sete matérias que representassem mais as observações que fizemos na leitura de todo o material. Não descartamos a possibilidade de que possa haver prejuízos, como a redução da heterogeneidade, mas acreditamos que as matérias recolhidas conseguem representar de forma bastante fiel o que observamos na leitura do todo. Dados esses pontos, podemos passar às análises específicas do material coletado.

#### **4.1.1- 1986 – Entre a Deterioração Urbana e o Tráfico**

Os enunciados do período de 1982-1986 possuem uma heterogeneidade bastante significativa, sobretudo no que tange às editoriais dos jornais. Sabemos, como afirma o semanticista Eduardo Guimarães (2002) que a editoria na qual as matérias se situam produzem sentido sobre os acontecimentos que são ali narrados. Ou seja, se o noticiário político, da editoria de política – por exemplo – está permeado por escândalos necessariamente estes acontecimentos têm seus sentidos ligados à editoria e vice-versa. O autor esclarece este ponto de vista ao falar sobre os índices de revistas.

Neste sentido diria que a significação do índice é uma instrução de como saber de que trata a revista, onde isto está, e das consequências dos sentidos aí tratados. O índice não é uma mera indicação que passa pelo sentido que o acontecimento construiu. Deste modo o índice é uma instrução de como interpretar tanto um modo de chegar à matéria, como a própria construção de algo como notícia, que para ser notícia é construído por uma temporalidade específica. (GUIMARÃES, 2002. P.14)

Esse funcionamento dos índices pode ser interpretado em relação às editorias como estamos fazendo. O que percebemos em nossa análise é de que há uma heterogeneidade no jornal que marca a posição enunciativa da empresa. A maioria das matérias que vamos analisar são das editorias Rio e Bairros, contudo há uma diferença na forma como cada uma dessas matérias aparece em cada um desses espaços.

Os espaços das editorias são marcados pelo conteúdo das matérias. O aparecimento das favelas nas editorias de bairro destacam o trabalho das associações de moradores e mostram as favelas como lugares de pobreza e penúria. A questão da favela como um problema urbano ganha mais destaque. Já quando as matérias são da editoria Rio, os conteúdos são ligados diretamente à questão do tráfico de drogas e às lideranças do mesmo nas favelas. A chave explicativa se mantém na favela como lugar de pobreza, mas acrescida do fato de ser um ambiente propício ao varejo de drogas.

Vamos passar à análise para vermos como funciona essa duplicidade da enunciação do Globo, tentando perceber as Formações Discursivas que são a base da construção dessas descrições. Começaremos com os enunciados das editorias de bairros.

**B1** – A favela não tem mais para onde crescer e, por isso, tem surgido focos em vários locais próximos. Outra solução mais perigosa é o crescimento vertical: no Jacarezinho pode se ver a construção de novos andares em grande número de casas, algumas com até quatro andares. O perigo está nos desabamentos e o PPC tem atendido diversos casos de acidentes desse tipo. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

**B2** – Ali moram cerca de 200 mil pessoas com um mínimo de estrutura básica e áreas extremamente carentes ao lado de casas de dois a três andares. Enquanto a maioria dos moradores anda mesmo a pé, em certa parte do morro os carros mais vistos são Monzas e Escorts. Poucas ruas, porém, permitem a passagem de carros sendo que na maior parte o espaço dá apenas para um veículo de cada vez, o que provoca muitos transtornos. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

**B3** – Para combater o problema da favelização e das invasões, ‘que corre o risco de se tornar incontrolável’, a Secretaria de Desenvolvimento, junto a três outras secretarias – Desenvolvimento Urbano, Obras e Planejamento – está fazendo um estudo sobre construção de conjuntos habitacionais populares. **(Não há casas. Invasões aumentam – 07/08/1986 – P.2 – Barra)**

**B4** – O caso mais preocupante segundo Azedo, é a Favela do Rio das Pedras, que cresce de maneira ‘alarmante e desordenada’. A favela

ocupava uma margem na Avenida Engenheiro Souza Filho. Recentemente, a margem do outro lado da pista foi tomada por mais 200 barracos que chegam a bloquear o rio. O problema se agrava com a dificuldade na conclusão do aterro hidráulico que se destina à construção de 296 casas populares, em uma área de 70 mil metros quadrados. Desde setembro do ano passado, a Prefeitura e o Governo Estadual vêm investindo Cz\$ 4 milhões e 415 mil no assentamento do solo. **(Não há casas. Invasões aumentam – 07/08/1986 – P.2 – Barra)**

**B5** – Segundo ele, a situação chegou a “um ponto insustentável”, porque as invasões não se limitam a áreas livres, elas já acontecem em todo tipo de logradouro público, desde calçadas e pistas de rolamento, até vãos de pontes e viadutos, o que vem causando a deterioração da vida urbana. **(Não há casas. Invasões aumentam – 07/08/1986 – P.2 – Barra)**

**B6** – O desemprego, o subemprego, a alta dos alugueis e as dificuldades de acesso ao financiamento da casa própria são a causa do aumento do número de invasões e do crescimento das favelas existentes no Rio. Na Barra e na baixada de Jacarepaguá, há outro agravante: maior quantidade de áreas desocupadas e, principalmente, a construção de grandes conjuntos residenciais modernos. **(Não há casas. Invasões aumentam – 07/08/1986 – P.2 – Barra)**

Os enunciados acima nos apresentam descrições das favelas a qual se referem. Há a constante de elas serem descritas como lugares pobres, como “focos” de pobreza e que, nos parece, há um processo de favelização que diz respeito à ocupação irregular de terrenos por parte de determinados sujeitos. O enunciado B6 tenta explicar os motivos do aumento da “favelização”. Ele atribui causas econômicas, como o aumento dos alugueis, o desemprego e as dificuldades no financiamento da casa própria. Nesse caso, a favela é vista como o resultado dessas invasões, daí poder-se dizer que há um processo de favelização.

O argumento de B6 aparece complementado em B3 e B4. Ambos sustentam a questão da favelização como produto de invasão e descrevem os tipos de moradias que são encontrados nos locais como barracos e apresenta a situação como “alarmante e desordenada” e com risco de se tornar “incontrolável”. Os enunciados criam um tipo, um sujeito favelado, ao mesmo tempo em que cria a favela. Vejamos: a favela é resultado da pobreza, que leva a invasão de terrenos, mas não apenas terrenos, calçadas e viadutos também estão passíveis de favelização e sua habitação tradicional é sempre o barraco. Logo o sujeito favelado é um pobre, invasor e que trás consigo as mazelas da pobreza uma doença social.

É a partir dessa consideração que conseguimos interpretar B5. Ele repete a formação de base da favela como doença social, contudo acresce o resultado dessa doença, “a deterioração da vida urbana”. Temos que nos atentar ao uso de “vida urbana” ao invés de “cidade” ou “bairro”. O uso da forma material “vida urbana” aponta para sentidos diferentes das outras duas formas não atestadas que construímos.

Quando se usa o termo “cidade”, por exemplo, o efeito da deterioração recai

somente sobre a cidade e seus aparelhos, como casas, calçadas, ou seja, o aspecto físico do espaço urbano. O uso de vida mostra que não é apenas o território que é afetado pelas favelas, mas também a vida, os sujeitos, as interações, enfim a favela deteriora não apenas o aspecto físico do bairro, mas as vidas que se inserem nesse contexto.

Os enunciados B1 e B2 mantêm a mesma construção já mencionada. As descrições são de ambientes de penúria, com riscos de desabamento e construções ilegais. O que nos chamou atenção foi o trecho de B1 em que aparece: “A favela não tem mais para onde crescer e, por isso, tem surgido focos em vários locais próximos”. Damos destaque à palavra “focos”, o uso nesse contexto se aproxima do uso de focos em descrições médicas quando há algum tipo de contaminação bacteriana. Normalmente diz-se que há focos de infecção em outros pontos do corpo, por exemplo.

Há um processo de metaforização, de deslocamento dos sentidos, que faz com que os moradores se tornem esse agente indesejado que aumenta seus focos, que se espalha para lugares que não são os seus de origem. Logo os sentidos da favela como “doença urbana” se mantêm. Na verdade é somente por considerar a favela como uma doença é que permite esse tipo de construção.

Apesar do protagonismo das Associações de Moradores enquanto fontes, as descrições constroem a favela como um problema, passíveis de remoção e cuja solução seriam construções de conjuntos populares. Contudo algumas tendências se aprofundam, ainda na editoria de bairros.

**B7** – As associações de moradores das principais favelas de Botafogo estão buscando na prática diversas alternativas para combater a violência, principalmente partindo da mobilização em torno das crianças e buscando o apoio de diversos setores da sociedade. Muitas vezes acusadas de serem ‘focos de violência’ estas comunidades procuram demonstrar na prática, que são apenas locais de moradia de ‘pessoas pobres e trabalhadoras’. **(Associações buscam ocupações para crianças – 08/08/1986 – P. 7 – Botafogo)**

**B8** – “A violência que existe na cidade é fruto de um grave problema social. Uma criança que mora mal, num barraco, passando necessidade, chega em frente da televisão e assiste aos anúncios oferecendo coisas que ela nunca vai poder comprar. Então esta criança, se não tiver outra opção, vai acabar caindo na marginalidade – afirma Antônio Manoel de Sousa, o Tunico, presidente da entidade. Ele propõe a necessidade de um ‘entrosamento’ entre os grupos sociais, onde as pessoas possam fazer doações à comunidade para a construção do pré-escolar e área de lazer ‘para que estas mesmas pessoas amanhã não sejam assaltadas ou roubadas’ por crianças que não ‘tiveram oportunidade de fazer algo melhor’. **(Associações buscam ocupações para crianças – 08/08/1986 – P. 7 – Botafogo)**

**B9** – No Morro Santa Marta, a mobilização ainda não é tão grande em relação à violência. O presidente da associação de moradores, Gilson Cardoso, denuncia o que considera a principal violência na comunidade: - Trata-se da violência policial. Qual é o pai de família, o trabalhador ou

trabalhadora que gosta de diariamente ter que sujeitar a passar por um camburão, ser revistado e humilhado pelos policiais? É preciso tirar este camburão que passa o dia inteiro revistando quem desce do morro. Deste jeito a favela fica sitiada, isolada e nunca vai poder se integrar com o resto da sociedade – reclama ele com veemência. **(Associações buscam ocupações para crianças – 08/08/1986 – P. 7 – Botafogo)**

**B10** – Ele diz que ‘ninguém pode provar’ que os assaltos que ocorrem nas ruas próximas do Morro são feitos por moradores de lá e acha injusto as pessoas ‘verem na favela um foco de violência, pois ela está em todo lugar’. **(Associações buscam ocupações para crianças – 08/08/1986 – P. 7 – Botafogo)**

A novidade dos enunciados acima, em relação aos primeiros, reside no fato de que a questão da violência aparece com certo destaque. A favela é o lugar da penúria, do problema de moradia, da questão urbana, mas tornou-se o lugar da “marginalidade”. Há a associação entre a pobreza e a violência.

Observemos a construção dos enunciados B7 e B8. Ambos trabalham na formulação de um discurso preventivo da violência. Discurso do Globo mostra a Comunidade reagindo a certo discurso, “Muitas vezes acusadas de serem ‘focos de violência’ estas comunidades procuram demonstrar na prática, que são apenas locais de moradia de ‘pessoas pobres e trabalhadoras’”.

Duas coisas chamam a atenção, novamente o uso da palavra “foco”, entendido como um elemento central de onde irradia a violência, associado à formação da favela como doença urbana, e o uso de “na prática”. O uso da palavra “prática” cria a dualidade entre o que se faz e o que se fala. Quando o jornal afirma que agora estão fazendo na prática, ele mostra que já há muitas falas que vão nesse sentido de ratificar que ali é lugar de “pobres e trabalhadores”, mas que talvez nunca tenham se concretizado. É como se no nível da formulação O Globo suspeitasse de que ali é o lugar somente de pobres e trabalhadores. Essa suspeita abre o espaço necessário para se falar da violência.

Os sentidos de violência nesses dois enunciados vão estar relacionados às práticas de assaltos e são ligados diretamente à condição de vida dessas pessoas. B8 vai dizer que há um mundo ideal de consumo que seduz as crianças e que esse fato, associado à pobreza da realidade / leva as crianças à “marginalidade”. Aparece com isso o discurso do “foco da violência”.

Essa formação discursiva (FD) vai permitir relacionar pobreza e violência de forma direta. É somente por se situar nessa região do dizer que a fonte de O Globo pode dizer que a violência é fruto da relação entre um mundo ideal e a pobreza da realidade. Vejamos: a favela como “foco da pobreza” que leva à deterioração da “vida urbana” é o substrato ideal para, a partir do contato com o mundo exterior, a criança se tornar um marginal.

Os sentidos de violência na favela aparecem em outra formulação em B9 e B10. Na

verdade são discursos de contra identificação, reafirmam a FD que descrevemos em seu avesso. Em B10, ao enunciar que não se pode provar que os assaltos da região são feitos por moradores da favela, a fonte reafirma a favela “foco” em sua tentativa de negar os acontecimentos.

Já em B9 há algumas complexidades. O agente da violência: não se fala mais da favela como o lugar de onde a violência irradia, mas a violência que ela sofre, especificamente aquela cometida pelos policiais. Há nessa fala uma relação causal que inverte a memória da produção do isolamento da favela. Aqui é o próprio Estado que produz esse isolamento, por meio da violência policial. O gesto violento da polícia é legitimado pelo discurso do “foco de violência”.

O aparecimento desse discurso é um deslocamento importante de sentidos. Apesar de mobilizar uma memória já solidificada da favela como lugar da pobreza e de crime, o discurso traz o aparecimento de um sintoma de que a favela começa a ganhar o estigma de lugar do tráfico. Essa percepção ganhará mais cores nas matérias da editoria Rio. Mas ainda há comentários a serem feitos sobre os enunciados das editorias de bairro.

**B11** – O serviço de ronda é bastante dificultado pelo eficiente serviço de informação dos marginais que dominam a boca de fumo da área. Quando os soldados saem do posto, os marginais das partes mais perigosas já são informados por rádio ou telefone. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

**B12** – São nessas áreas mais carentes que sentimos maior dificuldade para trabalhar junto à comunidade. Ali, os marginais procuraram desenvolver um trabalho social para obter, em troca, favores dos moradores. Estes recebem alimentos, roupas, remédios e não dão qualquer informação sobre o esconderijo deles. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

**B13** – O contraste entre a parte alta e baixa do morro é gritante. Enquanto a primeira possui supermercados, lojas de eletrodomésticos, sapatarias e material de construção, a outra não conta com quase nenhum comércio. Ali, somente no mês passado, foram encontrados cinco cadáveres desovados próximos ao rio. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

**B14** – Na Favela do Jacarezinho mora a maior parte dos operários das indústrias que circundam o morro. O movimento de pessoas, porém é muito intenso e ali são encontrados moradores da Cidade Alta, Maguinhas, Mangueira e muitos fugitivos de presídios e delegacias que se misturam aos moradores da favela passando despercebidos pela polícia. Depois que o marginal consegue subir o morro, a captura só é feita de duas maneiras: através de informações dos moradores (...) ou na ronda. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

**B15** – Para controlar melhor a entrada de pessoas e saída de pessoas do Morro, os policiais do PPC estão fazendo um levantamento a respeito dos carros que são vistos circulando por ali, principalmente, no caso de carros de luxo como Monzas e Escorts. **(Polícia Comunitária: há 26 anos no jacarezinho – P.6 – 13/08/1986 – Meier)**

Um novo elemento aparece nas descrições das favelas nesses enunciados, esse novo personagem será o fator necessário para fazer a ponte entre os enunciados dos bairros e da editoria Rio. Surge a figura dos “marginais”, associados ao tráfico e as bocas de fumo. Veja bem, não estamos falando que essa é a primeira ocorrência de aparecimento da palavra “marginais” em toda a história do Globo, ou mesmo associados às favelas. Falamos especificamente da construção que estamos fazendo a partir dos enunciados, na tentativa de perceber o funcionamento dessa FD que toma a favela como um foco da violência.

Nesse momento, ao menos na seleção de matérias que fizemos, não aparece ainda o chamado “crime organizado”, aqui aparecem figuras individualizadas, os “donos” das bocas e dos morros e suas relações com a comunidade. Estas são descritas como se existisse uma complacência dos moradores com o tráfico. As descrições parecem tratar a favela dentro da chave do isolamento, mantendo a dualidade da favela como uma cidade dentro da cidade.

Dentro dessa perspectiva é que “O Globo” vai fazer sua descrição do funcionamento do tráfico. Conforme dito, não é nomeada nenhuma organização que controla o morro, mas há indícios de uma organização do tráfico em B11, ao falar de “soldados” e de organização das informações.

Há um encadeamento entre a pobreza e a forma como se dá a submissão dos moradores ao tráfico e onde isso acontece com mais frequência. Em B11 está dito: “os marginais das partes mais perigosas do morro”; B12 vai dizer: “São nessas áreas mais carentes (...) ali os marginais procuram desenvolver um trabalho social para obter, em troca, favores dos moradores”; B13 vai mostrar o contraste entre a parte alta e baixa do morro, onde uma é rica e a outra pobre, onde foram feitas desovas de cadáveres.

Pode-se perceber que há um deslocamento de sentido na forma como o texto anaforiza “partes mais perigosas”. Ele é traduzido no enunciado seguinte como “áreas mais carentes”. Há aqui a memória discursiva de que o ambiente determina o caráter das pessoas que ali estão. Passa-se da questão social para a questão moral: por serem pobres são facilmente cooptáveis pelos “marginais”, a partir do momento em que recebem benefícios pelo seu silêncio.

Dessa forma, produz-se a homogeneidade da favela. Ainda que exista a categoria “marginais” que institui, necessariamente, os “não marginais”, este segundo grupo é complacente e recebe favores em troca de silêncio, logo também podem ser vistos como componentes do tráfico.

A homogeneidade pode ser constatada em B14, onde o grande fluxo na favela faz

com que se confundam moradores e “marginais”. A última frase lamenta a não informação dos moradores ao falar que ela é um dos meios de se conseguir capturar os “criminosos”.

Todos esses enunciados estão inseridos na Formação Discursiva que vamos chamada de “FD do Foco”. É a partir da construção do isolamento da favela enquanto um foco de X (X podendo ser pobreza, violência etc.) que vai se produzir a homogeneidade dos habitantes, criando o efeito, que vai ganhar mais forma em anos posteriores, de que todo habitante da favela de alguma forma é ligado ao tráfico.

Este efeito permite ações como a descrita em B15. É somente por conta dessa FD que a polícia pode passar a exercer o controle de acesso ao morro. Com isso, produz-se o isolamento social e o imaginário do morador da favela como objeto de controle.

Os próximos enunciados são da editoria Rio. Conforme afirmamos no início desse bloco de análise, ele se caracteriza por trazer a questão do tráfico como definidor central da favela. Aqui não há a presença de organizações como o Comando Vermelho, mas a relação entre moradores e tráfico. Essa relação se passa de forma diferente como a que já abordamos, já que a editoria se dirige mais para os efeitos na cidade.

**B16** – Um ex-titular da Delegacia de Entorpecentes lembra que ‘nesses dois últimos anos, o consumo e o tráfico certamente não caíram: então o que diminuiu foi mesmo a repressão. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

**B17** – Na história de José Alberto e Giovana, estão os caminhos que todos os consumidores do Rio percorrem para chegar às drogas. Em dois encontros, eles compraram cocaína perto dos bares da Tijuca. No dia da morte de Giovânia, o casal foi procurar a droga primeiro no Morro do Borel, na Tijuca, e depois no Morro da Matriz, em Irajá. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

**B18** – Essas duas favelas são pontos tradicionais de tráfico de entorpecentes no Rio. A boca – como é conhecido o ponto de venda de tóxicos – do Borel já teve até telefone e hoje a cocaína pode ser comprada facilmente em, pelo menos, quatro pontos do morro. Para comprar uma trouxinha de maconha, não é preciso sequer subir a favela: a transação pode ser feita na própria Rua São Miguel no sopé do morro. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

**B19** – As bocas do Borel são controladas por Isaías da Costa, um traficante com prisão preventiva decretada, mas muito menos conhecido e perigoso que Paulo Martins Xavier, o Paulinho da Matriz, chefe todo poderoso do tráfico de entorpecentes em Irajá. Na Zona Norte há outros pontos importantes de venda de drogas na favela do Jacarezinho, no Méier, controlados por Paulo Roberto Moura Lima, o Meio-Quilo; no morro do Juramento, em Vicente de Carvalho, do famoso José Carlos dos Reis Encima, o Escadinha; e no morro da Cachoeirinha, no Engenho Novo, onde o dono do mercado é o traficante Charles Batista. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

**B20** – As bocas de morro mais famosas do Rio estão entretanto na Zona Sul. Só no morro Santa Marta, em Botafogo, o traficante Pedro Ribeiro e

seu filho Pedrinho movimentam Cr\$ 5 milhões por mês nos três pontos de venda da favela. Na Rocinha de Denir Leandro da Silva, o Dênis, e na Ladeira do Tabajaras, de Eduardo Carroula, estão outros dois pontos importantes na distribuição geográfica do tráfico. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

**B21** – Subir morro já foi complicado. Além da possibilidade de entrar em cana, havia sempre o perigo da Polícia parar a gente só para uma extorsão. Agora, não há nem prisão nem extorsão. Está tudo mais fácil mas, mesmo assim, há muita gente que tem medo de subir o morro – atesta um consumidor da Zona Sul. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

**B22** – O grama de cocaína, que custa Cz\$ 200,00 no alto do morro, fica por Cz\$ 250,00 ou Cz\$ 300,00 quando desce para o asfalto. A diferença fica para os vapores ou aviões, pessoas que compram a cocaína ou a maconha no morro e revendem direto ao consumidor em bares e clubes. Não há viciado que não saiba onde encontrar a droga no asfalto. **(Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio – 01/03/1986 – P.9 – Grande Rio)**

Um fato que não podemos perder de vista são as relações tensas entre O Globo e o governo Brizola. Desde o início de seu mandato o então governador foi alvo de inúmeros ataques por parte da imprensa. Um desses alvos foi o seu Secretário de Segurança Nilo Batista. Responsável pela tentativa de uma nova ideologia de abordagem policial por parte das forças de segurança, Nilo foi acusado de complacência com o tráfico. Basta olharmos o enunciado B16. Nele há a crítica de que o aumento do tráfico se deu exatamente por conta da diminuição da repressão. Dessa forma, as matérias sobre as favelas são também matérias de denúncias e de ataques às políticas de Brizola.

A forma como o jornal vai abordar as favelas já está dado desde o título da matéria. “Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio”. O uso do verbo admitir atesta a posição do jornal em relação ao assunto. Para que o outro admita alguma coisa, é preciso que exista uma afirmação pressuposta, portanto o Globo dirá “nunca foi tão fácil se drogar no Rio”, conquanto a polícia admitirá tal fato.

A matéria vai ligar diretamente a favela ao varejo de drogas. As descrições nos mostram que as “bocas de fumo” localizadas nos morros, são os pontos de venda e distribuição dos entorpecentes. O Globo é didático em suas descrições, fala o número de bocas em determinados morros, nomeia quem são os líderes do tráfico em determinadas favelas, fala em preços e nos valores financeiros que o tráfico faz circular.

Dentro do que verificamos em relação aos enunciados anteriores, estes estão dentro do funcionamento da fórmula “Favela foco de X”. Nesse caso, apesar de não haver o uso da palavra “foco”, a favela vai ser descrita como em B17, “caminhos que todos os consumidores do Rio percorrem para chegar às drogas”. A favela é o caminho para as drogas, ela está inserida nesse circuito das drogas. Fazemos a analogia do foco, pois, a

construção das matérias mostra os locais como o foco de onde irradia a droga para o Rio de Janeiro.

Essa formação discursiva que identificamos tem como memória a separação entre favela e cidade. A primeira lida como um ambiente diferente, estrangeiro à cidade e seu funcionamento normal. Esse processo é formulado na matéria por meio de indícios que mostram quem são os “donos dos morros”.

Há o aparecimento do “medo” em B21. O medo descrito pela matéria funciona em dois sentidos diferentes: primeiramente é um medo da polícia, mas não é o medo de ser preso, mas de ser extorquido; segundo, o medo do morro em si, está dito que muitos tinham medo de subir a favela. O simples fato de mobilizar esse medo da favela, já atesta todo o imaginário do “lugar do perigo” ou como estamos preferindo “foco do perigo”. Para essa FD, a favela é o lugar exclusivo do perigo, onde todos são suspeitos, o que leva ao medo de ser parado pela polícia, é o lugar dominado por uma lei diferente da que controla a vida comum.

Há uma diferença entre esse bloco e o anterior que mostrava o funcionamento interno da favela e a construção da favela como lugar de “marginais”, já que os moradores eram complacentes com o tráfico. Aqui os líderes das bocas são nomeados, cada favela citada possui alguém que domina o comércio de drogas naquela região. O fato de haver a nomeação, B19 e B20 servem como elemento que vai atestar o fato da favela ser um mundo à parte. As construções indicam os nomeados não apenas como vendedores ou comerciantes de drogas, mas como os donos desses morros. O controle se espalha, sai da boca e passa a ser por toda a favela, o tráfico é o governo da favela, os traficantes os seus governadores. Esses fatos aparecem com mais força nos próximos enunciados.

**B23** – Às 11h de ontem os comerciantes da Favela de Ramos foram avistados de que o mais temido bandido do local, João Pinto Torres Neto, o João Ruço, queria que todos prestassem uma última homenagem a seu pai, José Pinto Torres, o Juca Pescador que morreu anteontem. **(Bandido desafia a Polícia e fecha lojas para velório e enterro do pai – 05/08/1986 – P. 9 – Grande Rio)**

**B24** – “Eu prefiro passar um dia sem vender do que não vender mais nada nunca mais – explicou o comerciante – O que posso fazer? A Polícia não pode me dar proteção a vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje. Além disso, seu Juca era boa gente. Ele fundou esta favela. Todo mundo aqui gostava dele.” **(Bandido desafia a Polícia e fecha lojas para velório e enterro do pai – 05/08/1986 – P. 9 – Grande Rio)**

**B25** – “É hora do basta. Nosso sentimento de frustração é muito grande e a população não pode viver com medo de represálias desses bandidos. O João Ruço só pode ser preso em operação especial com homens especialmente treinados. Qualquer operação de grande aparato vai

terminar como todas as outras que já fizemos. Eles têm olheiros que tornam inúteis essas operações.” **(Bandido desafia a Polícia e fecha lojas para velório e enterro do pai – 05/08/1986 – P. 9 – Grande Rio)**

**B26** – João Pinto Torres, o João Ruço, tem 29 anos e está respondendo a inquéritos por homicídio e assalto a mão armada e já foi preso várias vezes por uso e tráfico de drogas. Segundo policiais da 22° DP ele controla a venda de tóxicos e todas as atividades ilegais na Favela de Ramos, e cobra proteção de todos os comerciantes. Os policiais sabem até que seu quartel general na favela fica no Beco do Iate, de onde seus olheiros controlam qualquer movimentação policial. **(Bandido desafia a Polícia e fecha lojas para velório e enterro do pai – 05/08/1986 – P. 9 – Grande Rio)**

**B27** – Traficante de tóxico não pode ser líder de comunidade. Como o João Ruço fez no início da semana, elas vivem desafiando a autoridade. Além disso, enganam as comunidades, porque vendem uma proteção falsa e ficam distribuindo drogas para a juventude. Ninguém pode ser dono do morro. **(Polícia combaterá ‘lideranças’ de traficantes de tóxicos nas favelas – 08/08/1986 – P.12 – Grande Rio)**

**B28** – A Polícia percebeu que, nas favelas, onde ficam as grandes bocas de fumo da cidade, os traficantes desenvolvem na comunidade um trabalho de relações públicas semelhante ao dos banqueiros do bicho. Cobrem pequenas despesas, pagam enterros, dão remédios e garantem uma relativa segurança contra outros bandidos. Em troca, além de um pedágio pago por comerciantes para proteção, tem garantido um esquema de informação montado pelas próprias comunidades que em geral frustra qualquer ação policial para prendê-los. **(Polícia combaterá ‘lideranças’ de traficantes de tóxicos nas favelas – 08/08/1986 – P.12 – Grande Rio)**

**B29** – As comunidades faveladas continuam protegendo os traficantes. **(Polícia combaterá ‘lideranças’ de traficantes de tóxicos nas favelas – 08/08/1986 – P.12 – Grande Rio)**

O controle do tráfico passa a ser o controle da comunidade. Os enunciados acima mostram como se dá essa construção, por meio de João Ruço, chefe do tráfico na favela de Ramos. João Ruço não controla o tráfico e “todas as atividades ilegais da favela”, pelo discurso do Globo, ele controla toda a favela.

A relação entre traficantes e comunidades se dá de forma direta, uma troca de favores que garante a sobrevivência de ambos. Os enunciados B24 e B25 são contrastantes no gesto de interpretação em relação à situação. O primeiro é uma fala de um morador, que mostra certa naturalidade no acontecimento, o fechamento das portas é visto como algo natural, bem como o pagamento para João Ruço, que evita os assaltos nos estabelecimentos. Há aqui a construção de uma relação, cujo valor é ambíguo (“Mal ou bem ele nos dá proteção”), mas que já é encarado como uma realidade.

Já em B25, o gesto do policial mostra uma possibilidade de leitura diferente da do morador. O fechamento das portas é visto como efeito do medo, das ameaças que os traficantes fazem para a comunidade. Acuados e tementes de represálias os comerciantes fecham as portas e se submetem ao poder do traficante.

Os enunciados B27, B28 e B29 mostram que João Ruço é o líder da comunidade,

ainda que o morro “não tenha dono. Seu poder é mantido por meio de uma relação de troca de favores, porém aqui as “comunidades faveladas” não são vistas mais como vítimas dos donos dos morros, mas como o seu lugar. Como está em E29: “As comunidades faveladas continuam protegendo os traficantes” cabe-nos uma pergunta: qual tipo de proteção?

Ao que parece as falas transitam em uma região do dizer que apresenta uma heterogeneidade de difícil apreensão. Aqui temos disputas de interpretação emergindo do texto. Desde a fala dos policiais na tentativa de deslegitimar o poder de João Ruço e as relações de troca entre tráfico e comunidade. A fala do morador que relativiza o medo e a fala do jornal que tenta reger esses sentidos.

A chave de como se dá a orquestração dessas contradições é E29. A descrição da relação entre comunidade e traficante é dada em E28: são relações de troca, ambos de alguma forma recebem algo. O traficante recebe proteção da comunidade enquanto esta recebe favores. É em E29 que O Globo aparece em seu gesto de interpretação. A chave está no uso de “comunidades faveladas”. Fazemos um comparativo, se o jornal tivesse usado “A favela continua protegendo os traficantes” teríamos um enunciado mais polissêmico que o que foi dito. A favela poderia ser tanto o lugar geográfico, ou seja, o morro, as vielas, as casas e, também, as pessoas.

Mas, quando ele usa “comunidade favelada” ele trás um efeito de evidência mais forte. Comunidade leva em conta necessariamente as relações humanas, ou seja, não se aponta mais a favela, mas aos seus moradores. São eles, que estão ligados ao tráfico, sob seu comando, submetidos, mas relacionados com ele. Ou seja, é a favela que se fecha em si mesma. É a favela foco do tráfico.

Todavia, nos enunciados mais significativos que recolhemos, não foi apenas a relação entre tráfico e favela que apareceu em maior número. A questão da chamada “favelização” foi uma parte importante das matérias coletadas. Não nos parece que o discurso da favelização se afaste de discursos que já analisamos, como foi o caso da “deterioração”, na verdade eles se aproximam. Vejamos:

**B30** – Empresários denunciam a favelização da Barra (**Empresários denunciam a favelização da Barra – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio**)

**B31** – O presidente da Associação Comercial e Industrial de Jacarepaguá, João Batista Nunes Ferreira, denunciou ontem uma expansão alarmante das favelas na Barra da Tijuca e Jacarepaguá. Segundo ele o processo intensificou-se nos últimos três anos, a ponto de inviabilizar o crescimento imobiliário ordenado da região, que corresponde a um quarto da área urbanizável do Rio de Janeiro. (**Empresários denunciam a favelização da Barra – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio**)

**B32** – “Caso o Prefeito Saturnino Braga não tome uma providência, afirma João Batista, 31 quilômetros quadrados da Baixada, destinados a construção de vias públicas, praças e escolas, serão ocupados por favelados dentro de pouco tempo. Ele se diz assustado com o que chama

de ‘crescente desvalorização dos dois bairros’ e aponta como culpados pela invasão discriminada de terras, empresas imobiliárias clandestinas, que ocupam áreas e depois faturam altos lucros com a venda de lotes, aluguel de casas de alvenaria e até barracos de madeira. **(Empresários denunciam a favelização da Barra – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio)**

**B33** – “Temos conhecimento de vários casos de compra de casas e terrenos em favelas recém-instaladas, quase sempre em áreas de litígio ou destinadas a projetos de obras públicas. Nós temos dificuldades de encontrar essas áreas; os invasores não” diz ele revoltado. **(Empresários denunciam a favelização da Barra – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio)**

**B34** – Os empresários de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca denunciam também a poluição dos rios e canais da região, com o despejo diário de lixo e esgoto das favelas. Eles citam o exemplo do Rio Pavuna e do Canal do Anil, em cujas margens moram quase cinco mil favelados. **(Empresários denunciam a favelização da Barra – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio)**

**B35** – A diretoria da Associação dos Amigos do Bairro Curicica – um bairro de classe média hoje cercado por favelas – culpa os governos do Estado e do Município. A professora Terezinha Costa, Diretora da entidade, disse que os moradores da área vivem em péssimas condições, à beira do Canal de Marapendi (que desemboca no Rio Pavuna) correndo o risco de contrair doenças e de terem suas casas inundadas num período de chuvas fortes. “No Curicica, os moradores pagam seus impostos e têm seus imóveis desvalorizados” afirma ela. **(Empresários denunciam a favelização da Barra – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio)**

**B36** – No dia- a dia dos favelados, exploração e miséria **(No dia-a-dia dos favelados, exploração e miséria – P. 13 – 02/08/1986 – Grande Rio)**

Ao se referir-se à favelização, o Globo aponta para o fenômeno de crescimento ou de instalação de favelas. Ela designa sentidos de moradia precária e ocupação ilegal da terra. Sentidos próximos àqueles definidos pelo IBGE de “moradia subnormal”. Contudo, quais são os efeitos discursivos da favelização? É disso que esses enunciados tratam.

Podemos dizer que a favelização é um risco e seu efeito é deletério para o bairro. É a partir desse ponto que partem os enunciados. Cabe perguntar risco para quem? O risco que a favelização traz é o risco de pauperização do bairro, de desvalorização e por isso é encarado como um escândalo.

O Escândalo da “favelização” aparece no uso do verbo “denunciar” em E30. A denúncia é um ato de trazer à tona uma verdade que estava oculta, ou uma realidade escondida das pessoas, esse fator leva à denúncia. Temos que levar em conta as condições de produção desse enunciado, não apenas no tempo, mas no espaço. Ele só ganha força de denúncia por se tratar da Barra da Tijuca, bairro que estava em crescimento em 1986, mas dominado por setores mais ricos da cidade. “Favelizar” a Barra é colocar em risco a condição de manutenção do bairro como nobre.

A favelização é um processo desordenado (E31), outro fator que coloca em risco os valores de ordem e civilização. Além disso, E34 traz a questão da sujeira, do lixo

produzido pelos “favelados” que colocam em risco os rios da região. A ordem e a limpeza dão questões fundamentais da civilização (ELIAS, 1993). Ao colocar essas regiões como polos da sujeira e da desordem, O Globo produz a favela como o lugar de ausência da civilização, logo se pode falar de degradação do bairro.

O enunciado que consegue abarcar com mais solidez o que estamos falando é E35. Nele se apresenta todos os elementos da Favela como o lugar de ausência de civilização. Ele vai dizer que há um cerco ao bairro por favelas e que nelas as condições pobres e precárias colocam em risco os moradores. Mas a fala da moradora vai atestar o que realmente representa a presença de favelas ali: “No Curicica, os moradores pagam seus impostos e têm seus imóveis desvalorizados”.

A Favela vai colocar em risco toda a legalidade da ordem. Em seu ambiente não há higiene, ordem, legalidade na ocupação de terra e seus moradores são em sua maioria pobres que ocuparam as terras e são miseráveis e explorados. O processo de favelização coloca em questão o risco que a favela representa. Risco do empobrecimento da região, risco da doença que está próxima, risco da decadência dos valores da civilização, ou seja, a favela é um risco social e um risco moral.

Podemos dizer que a Formação Discursiva que vai permitir os dizeres sobre a favelização é a FD do Risco. É nessa região do dizer que as falas presentes no jornal vão se situar. É pelo risco que o bairro se sente ameaçado pelo crescimento das favelas, a denúncia é o risco da desvalorização financeira e social, enfim a favela vai representar o invasor, que degrada valores estabelecidos alterando a ordem e colocando em xeque os valores da civilização.

Devemos nos fazer uma última pergunta para finalizar esse bloco e análise: Há alguma relação entre as duas FDs que identificamos o funcionamento nestes enunciados? Ou seja, qual a relação que se estabelece entre a “FD do Foco” e a “FD do Risco”?

As duas estão intimamente relacionadas e se tocam na produção dos discursos sobre as favelas. “A FD do Foco”, podemos dizer, é uma descrição que olha a favela de dentro pra fora, ela é o local de onde irradia a pobreza, a violência, o tráfico etc. “A FD do Risco” olha a favela de fora pra dentro, ela é a invasora e coloca em risco aquilo que já está estabelecido nos lugares.

Mas podemos dizer que a favela é um foco de risco e é nesse lugar que elas se encontram. O foco traz a memória da separação, do diferente, da cidade separada da cidade, enfim da dualidade morro e asfalto, mas ela só é foco por ser um risco para quem está de fora. O risco que aponta para vários aspectos, da degradação da ordem, da degradação do meio ambiente e do bairro. O risco é sempre o risco da destruição, de valoração negativa,

de decadência social e moral.

Concluindo, identificamos o funcionamento de duas FDs que se relacionam com a normalidade da cidade e que olham a favela como o foco, o espaço, da anormalidade urbana que coloca em risco tudo aquilo que é dado como o normal, ou pertencente à ordem. As descrições internas apresentam a favela regida por outra ordem, a ordem do tráfico que domina a comunidade e faz com que moradores e traficantes se confundam. Isso, associado às dualidades, será lido como o risco para a decadência da cultura urbana da civilização. E aponta para duas soluções: remoção e urbanização. O contexto do governo tratava como caso de urbanização, apesar dos enunciados do Globo nos levarem para a solução da remoção.

#### **4.1.2 - 1991 – “Onde os contratos fazem parte do dia-a-dia”**

Conforme a pesquisa, nosso intuito é perceber que a favela é uma produção discursiva. Logo o caminhar da história abre possibilidades para novos sentidos e a chegada de novos atores e acontecimentos produzem aberturas, furos, nas FDs, abrindo espaço para o novo, ainda que a palavra seja a mesma. Mas não só de deslocamentos é feito o processo, podem ocorrer sedimentações ou fechamento dos sentidos, gerando um efeito de evidência ainda mais solidificado e fechando ainda mais a polissemia da palavra.

Quando vamos ao ano de 1991 vamos perceber um pouco desses processos. Aqui a partir de outras matérias, aparecem novos discursos sobre as favelas – e não falo novo no sentido de deslocamento daquilo que já estava dado, mas novo na ocorrência do próprio *corpus* de análise. Aparecem também novos sujeitos, abrindo assim possibilidades de deslocamentos.

A dualidade de editorias a que nos referimos em relação a 1986 é mantida em 1991. As editorias de bairros são mais voltadas para a apresentação e reivindicação de demandas das comunidades e a editoria rio possui um viés de cobertura do tráfico e da violência urbana. No geral da editoria Rio, os discursos são mantidos, por isso ela acabou se tornando a parte minoritária da coleta desse bloco.

Aqui, a maioria das matérias é das editorias de bairros, pois elas acabaram sendo a maioria mais significativa por permitirem enxergar outras FDs ou que deslocassem aquelas que já identificamos.

O ano de 1991 é o ano de retorno de Brizola ao governo do estado do Rio de Janeiro. Ele assume após Moreira Franco que havia instituído uma política diferente da sua na lida com as favelas: houve aumento de repressão nas favelas. Com Brizola retorna a

política de não enfrentamento nas comunidades e de mudanças nas abordagens policiais. Além disso, é mantida as relações tensas entre Brizola e o Globo, sendo o jornal um campo de ataques constantes ao governador. A entrada de Brizola no jornal se dá por meio de artigos na página de opinião reservadas aos governadores. Ele desiste desses artigos em 1992.

Dois acontecimentos precisam ser mencionados, pois aparecem nas matérias. Nesse momento começa a ser mais mencionado o Comando Vermelho, organização que começa a arregimentar traficantes e passa a dominar o controle de bocas de fumo por toda a cidade. O Comando não é a única facção, existe também o Terceiro Comando, mas encontramos, nesse momento, somente registros do Comando Vermelho.

Associado a seu aparecimento em nosso *corpus* aparece uma nova prática criminal, que é o sequestro. Leeds (2003) menciona em seu artigo que no final dos anos 80, início dos anos 90, há uma redução nos assaltos a bancos como forma de adquirir dinheiro e um aumento nos sequestros. Os sequestros são uma forma de ganhar dinheiro, apesar de o tráfico se solidificar como a principal forma de manutenção financeira das organizações. Dadas essas considerações, podemos passar para os enunciados.

**C1 - Nai é apontado pela Polícia como uma espécie de braço armado do Comando Vermelho, por alugar armas para quadrilhas de assaltantes de bancos, sequestradores, recebendo comissão sobre o produto do crime e mandando dinheiro para vários presídios do Rio. (Preso ‘Nai’, chefe do tráfico da Mineira – p.10 – 02/07/1991 – Grande Rio)**

**C2 - A Polícia crê que Nai tenha participado de sequestros, dando armas e cobertura a sequestradores. Foi no Morro da Mineira que o professor de Educação Física Nazareno Barbosa Tavares arregimentou a quadrilha que sequestrou Roberto Medina e foi lá que se esconderam sequestradores como Doda, Preá, Nobreza, Nelsinho da Mineira e Maurinho Branco. (Preso ‘Nai’, chefe do tráfico da Mineira – p.10 – 02/07/1991 – Grande Rio)**

**C3 - Depois de atuar em assaltos a bancos, Nai decidiu dedicar-se ao tráfico de drogas, fazendo das bocas de fumo do morro uma das principais fontes de renda do Comando Vermelho. (Preso ‘Nai’, chefe do tráfico da Mineira – p.10 – 02/07/1991 – Grande Rio)**

**C4 - Ele (o governador Leonel Brizola) considera que tais organizações (do “crime organizado”) – envolvidas em sequestros, grande assaltos e assassinatos – pretendem substituir as instituições oficiais distribuindo “justiça” e condenando à morte milhares de pessoas. Brizola qualificou como um ato de desafio ao Governo a chacina ocorrida segunda-feira próximo ao Palácio da Guanabara, cuja responsabilidade foi atribuída a Altair Domingos Ramos, o Nai, acusado de chefiar o tráfico de drogas no Morro da Mineira, no Catumbi. (Brizola apela à Justiça contra violência – p.15 – 10/07/1991 – Grande Rio)**

**C5 - Brizola acusou a administração de seu antecessor, Moreira Franco, de ter incentivado a prática desses delitos, através da violência utilizada em operações policiais do Rio. (Brizola apela à Justiça contra violência – p.15 – 10/07/1991 – Grande Rio)**

**C6 - Para Brizola, existe atualmente no Rio uma “doutrina de violência”, que, segundo exemplifica, contaminou até mesmo o Presidente do Clube**

dos Diretores Lojistas Sylvio Cunha, que meses atrás, disse que os meninos de rua não passavam de “bandidinhos”. **(Brizola apela à Justiça contra violência – p.15 – 10/07/1991 – Grande Rio)**

Os enunciados acima nos mostram a entrada de um novo agente nas descrições sobre as favelas e seus acontecimentos. Conforme dito, o Comando Vermelho aparece em nosso *Corpus*, sua aparição indica uma mudança fundamental com parte dos discursos de 1986.

Se naquele ano os traficantes eram nomeados individualmente em relação ao seu morro, sem considerar nenhuma organização acima deles mesmos, agora eles aparecem como membros de um corpo que age de uma forma geral no controle do território das favelas. A figura do “dono do morro”, apesar de existir, não possui mais o mesmo valor do que antes, ele agora é membro de um corpo que está acima dele e que coordena, de alguma forma, os atores ganham uma espécie de hierarquia e as ações um ordenamento. Podemos dizer que aqui está latente o que vai se tornar o discurso sobre o “crime organizado”, mas que ainda não aparece nessa fórmula.

Podemos perceber essa organização em C1, Nai, chefe do tráfico da mineira, é uma espécie de braço armado do Comando Vermelho. O papel da figura do traficante não se restringe mais à venda de drogas e a troca de favores com a comunidade, ele agora fornece armas e se insere em uma organização que disputa espaço. Contudo, a venda de drogas ainda é uma atividade central, vide C3.

Um deslizamento de sentido importante está na forma como se significa a favela e a comunidade que a habita. Se nos enunciados de 1986 pudemos perceber o discurso de que a comunidade protege o traficante, ela agora passa a fornecer material humano para o crime, além de esconder os agentes do tráfico. C2 apresenta esse ponto, a favela foi lugar de esconderijo e também o lugar onde se arregimentou pessoas para os crimes. A favela passa de protetor para fornecedor do crime.

Esse é um deslocamento de sentido importante. A ideia da proteção passa por uma divisão interna da favela, entre morador e traficante. Essa FD formula que o morador obedece ao tráfico porque é cooptado por favores e pelo medo, não é dito que eles podem se tornar parte do tráfico. Porém agora se abre essa possibilidade, a favela fornece os “soldados” do tráfico, é dela que saem as lideranças das organizações que disputam o controle do tráfico de drogas. Essa FD altera a dinâmica social da própria favela, a relação mais próxima entre traficante e comunidade começa a mudar e ele passa a responder a escalões mais altos e menos ligados a “sua favela”.

O enunciado da fala de Brizola apresenta o lugar onde as FDs se chocam. Em sua

fala aparece a consideração acerca das instituições organizadas do crime, mas diretamente relacionadas com a questão da ordem e da lei. Sua fala se insere na memória discursiva da separação favela e cidade, que já mencionamos anteriormente, trazendo com elas o discurso do risco da desordem.

A questão do risco da desordem, ou de outra ordem que não a do Estado, se manifesta aqui de uma forma um pouco diferente. Se em determinado momento ela estava ligada a forma de ocupação da terra ou por conta da higiene do local em C4 ela aparece na forma de justiça. A ordem da favela, separada da ordem da cidade, Brizola mostra uma nova abertura da FD, o território separado da favela está construindo sua própria justiça. Não é o risco da desordem, mas a abertura para uma nova ordem.

Os enunciados C5 e C6 são mais deslocados desse contexto, mas há uma relação causal entre o aumento da violência e o aumento da repressão. Brizola inverte o argumento do Globo quando se referia a política de seu governo, acusada de ser complacente aos traficantes. Ele vai apontar para a “cultura da violência” em toda a sociedade e o quanto reprimir mais pode significar aumentar o ódio à ordem estabelecida. Com isso, ele fala rebate o jornal dentro de suas próprias páginas.

Para, além disso, eles apresentam a forma como se deu a relação entre polícia e moradores. A prática policial de violência era legitimada exatamente pelos discursos sobre a favela como foco de crime e seus moradores como sempre suspeitos, já que protegiam criminosos. Ou seja, o que Brizola chama de cultura da violência se relaciona diretamente com os discursos sobre os morros.

**C7** - Em um dos mais belos trechos da orla marítima, o Vidigal é reduto de poetas, músicos, atores, jornalistas e comunidades carentes, formando um contraste social: casebres e biroskas convivem harmoniosamente com grandes hotéis e mansões na Avenida Niemeyer. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C8** - Apesar dos muitos problemas, o morro já ficou famoso pela efervescência cultural, revelada em cada esquina e birosca pela presença de atores, poetas e músicos. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C9** - A fama artística do Vidigal reforça ainda mais um sentimento unânime na comunidade: tanto na favela quanto no bairro, não há quem pense em sair de um lugar onde a natureza é tão generosa. Verdadeira fonte de inspiração para os moradores. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C10** - Os 20 mil moradores do Vidigal, distribuídos em 144 mil metros quadrados, desfrutam de um privilégio muito cobiçado: ter à frente o mar de Ipanema a São Conrado. Em cada esquina do morro, a natureza se faz presente. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C11** - No ponto mais alto do morro, batizado por Jacobau, é onde se percebe o contraste entre os barracos da favela e os espigões da orla marítima separados apenas pelo mar. **(Vidigal: onde os contrastes já**

**fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C12** - A trajetória cultural da favela traz lembranças que estão vivas na memória popular, como, por exemplo, os dois jornais comunitários – “O Mensageiro” editado pela AMVV e o “Fundo de varanda”, organizado por um grupo de moradores – e o mural de poesia do Bara Barraco. Foi nesse mural que o ator Tino Costa deixou seu recado ao Vidigal. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C13** - No morro somos mais gente, somos nós mesmos, sem nada querer provar. E pensando assim, entre o mar e a montanha, temos mais tempo para amar – recita Tino Costa, lembrando que essas iniciativas comunitárias deixaram de existir, mas que certamente ajudaram muito no amadurecimento cultural dos moradores. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

A matéria sobre o Vidigal que contém esses enunciados acima é a abertura em nosso *corpus* que apresenta outra face dos discursos sobre as favelas. Esse discurso não é de criminalização, pelo contrário, é a favela como produtora de cultura. Como o lugar do samba, como motor da identidade nacional. Lugar dos poetas, dos boêmios, dos músicos e dos atores, a favela é a imagem do brasileiro e do carioca.

A figura do malandro é resinificada, ao invés de um ocioso, não afeito ao trabalho, ligadas a sentidos negativos, isso será a sua característica positiva. “Temos mais tempo para amar” como diz em E13. A favela da cultura é uma favela pobre, porém bonita, onde os valores da civilização são vistos como negativos, pois “somos mais gente, somos nós mesmos, sem nada querer provar”.

O Vidigal será o exemplo ideal para mostrar essa face da favela. O título da matéria enuncia o que veremos: “onde os contrastes fazem parte do dia-a-dia”. A matéria vai mostrar o quanto a pobreza das construções contrastam com a riqueza do lugar. O Vidigal é pobre, mas está em um lugar privilegiado do Rio, com uma bela vista para o mar.

Os moradores do morro serão descritos como privilegiados (C7, C8, C9 e C10). A natureza exuberante, a efervescência cultural e cordialidade na lida com as diferenças. C11 vai apresentar as diferenças, são os casebres em face das mansões de forma bastante naturalizada. O elemento da cultura, da mobilização, da participação vai ser a amálgama do discurso das diferenças que convivem harmoniosamente. Porém, mesmo pensado de forma positiva, esses dizeres permanecem na FD de que há separação entre Favela e Cidade.

Ela não se apresenta em sua face criminal, mas de maneira mais sutil, como cultura. A favela produz sua cultura, a favela é viva, mas ela não é a cidade. As produções desse o morro com os artistas que vão até lá se inserir na cultura do morro. Podemos falar que a fala é bucólica, afastada, que permite o contato com a naturalidade da vida humana. Afastados da civilização, ainda que convivam com ela e a veja da janela de casa, o Vidigal é um lugar “afastado” da cidade e próximo de um mundo natural.

Mas a matéria não formula apenas esse discurso, apesar de ele construir o ambiente da favela. Há também a apresentação do protagonismo dos moradores do Vidigal e suas conquistas, nesse ponto o sujeito “favelado” é o elemento principal e o agente das conquistas da comunidade.

**C14** - Lutar pela posse de terra é um direito adquirido em quase 30 anos de briga judicial. As primeiras ameaças de remoção da favela aconteceram em 1967. Em 1977, 22 famílias foram transferidas para um conjunto residencial em Santa Cruz, o que parecia ser o início da desocupação total do morro. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C15** - A escolha do Vidigal para a visita do Papa João Paulo II não foi por acaso. Procurava-se uma favela na Zona Sul onde populações pobres convivessem junto a áreas residenciais privilegiadas, para mostrar esforço conjunto da comunidade, da Igreja e do Governo em superar as dificuldades. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C16** - o Vidigal também foi presenteado com rede de água e esgoto, pavimentação em muitas ruas, uma agência dos Correios e um posto médico. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C17** - A população do Vidigal já foi apontada pela imprensa e por autoridades como a que possui o maior nível de maturação política do Rio de Janeiro, título conquistado graças a diversas lutas comunitárias. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C18** - Ao longo dos seus 24 anos de existência a AMVV conquistou serviços básicos, como água, luz e esgoto para os moradores da Vila Vidigal, embora a garantia de permanência da favela no local seja, sem dúvida, a vitória mais esperada e reivindicada pela comunidade. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C19** - “Ainda não ganhamos a posse da terra, mas como as indenizações não foram pagas, continuamos na mesma situação de há 30 anos. A vinda do Papa ao Vidigal foi, ao mesmo tempo, um reforço e um prêmio a uma luta desenvolvida contra a remoção dos moradores”. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

**C20** - Intitulado “Espaço Vidigal”, o trabalho destaca a importância da participação comunitária no processo de urbanização da favela como a única forma de impedir “a demagogia e exploração que possam surgir”. Mas sem dúvida, o principal objetivo da iniciativa é garantir que a urbanização venha solucionar os problemas da população. **(Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia – p.24,25,26,27 – 04/07/1991 – Barra)**

O que vemos nos enunciados acima é o processo de luta dos moradores do Vidigal pela posse da terra, pela reurbanização, enfim pelas melhorias do morro. Aqui eles não são agentes passivos dominados pelo tráfico, os “favelados” são agentes políticos nas lutas pelas melhorias do bairro. A matéria fala da organização das Associações de Moradores e sua capacidade política (C17, C18 e C20).

Além disso, apresenta a luta pela posse da terra que já dura 30 anos, mas que a

Associação continua batalhando para a conquista. Enfim, o Vidigal luta pela sua urbanização. Tanto a favela quanto seus moradores são apresentados de uma forma completamente diferente do que vimos até então.

O pedido de urbanização é o elo que mostra ainda a favela como lugar de privação. Apesar das conquistas, ainda é preciso urbanizar o Vidigal (C20), dessa forma a FD da favela como foco da pobreza retorna, mas deslocada em um aspecto. Ela esbarra não mais na comunidade vitimizada pelo tráfico o que gera o deslocamento da situação social para o julgamento moral do sujeito. A fricção com discursos onde aparecem sujeitos ativos não faz esse deslocamento para o moral. Ele se mantém no social, mas apresentando a luta pela urbanização. O sujeito “favelado” nesses enunciados se equilibra entre a luta política pelo direito a cidade e a produção cultural.

Existem outros dois exemplos de lutas apresentadas pelas editorias de bairro de O Globo: são os morros do Salgueiro e do Jacarezinho. Apesar de não ser tão exaltado como o Vidigal, o jornal apresenta as demandas dos moradores, sem toma-los como sujeitos passivos e controlados por uma ordem alternativa ligada ao tráfico de drogas.

**C21** - Segunda maior favela da cidade, o Jacarezinho espera, desde a década de 60, por obras que melhorem as condições de vida de seus cerca de 200 mil habitantes. **(Jacarezinho espera reurbanização – p.9 – 10/07/1991)**

**C22** - Josué critica a falta de higiene às margens do rio que contribui para o aparecimento de muitas doenças, entre elas a desinteria, a mais comum entre os moradores do Jacarezinho. Além disso, os moradores são vítimas de doenças pulmonares, atribuídas pela associação ao grande número de fábricas no bairro. **(Jacarezinho espera reurbanização – p.9 – 10/07/1991)**

**C23** - Segundo ele, ao contrário do que acontece na Rocinha, no Jacarezinho não há espaço para mais ninguém. A maioria das casas tem um saneamento rudimentar, feito pelos próprios moradores ou pela Prefeitura. Ele atribui a superpopulação da favela à proximidade com o Centro da Cidade. **(Jacarezinho espera reurbanização – p.9 – 10/07/1991)**

Os três enunciados vão se manter na FD que descrevemos como “Foco da Pobreza”. Ela aparece em falas como “melhores condições de vida”, “falta de higiene às margens do rio que contribui para aparecimento de muitas doenças”. Aqui o principal problema se dá em relação ao poder público que não equipa a favela com o necessário para dar condições de vida aos seus moradores.

A pobreza é a condição da favela, porém, como no caso do Vidigal, há o espaço de luta e de conquista dos direitos. Além disso, os moradores são protagonistas, em C23 mostra-se que eles mesmos construíram parte do saneamento. Outro exemplo de protagonismo em meio à pobreza é a matéria acerca do morro do Salgueiro.

**C24** - Nem só de samba vivem os moradores do Morro do Salgueiro.

Pelo contrário: a folia dos quatro dias de Momo contrastam violentamente com o dia-a-dia da comunidade salgueirense. Rodeados de problemas de difícil solução os moradores ainda são obrigados a aguentar políticos interesseiros que só sobem o morro em tempos de eleição. **(Problemas do morro que vive para sambar – P.40,41 – 30/07/1991 – Tijuca)**

**C25** - A contenção de encostas, a pavimentação de ruas, a reforma e construção de creches e abastecimento de água são algumas das reivindicações da comunidade. Alguns moradores sofrem ainda mais, vítimas de “contos do vigário” – aplicados por “espertalhões” que ludibriam os mais incautos, oferecendo-lhes casas inexistentes. **(Problemas do morro que vive para sambar – P.40,41 – 30/07/1991 – Tijuca)**

**C26** - Com muitos problemas pela frente e à espera de soluções que demandam tempo, os moradores do Morro do Salgueiro decidiram se engajar definitivamente no “projeto mutirão”. Iniciado em 1985, o projeto conta com a participação de membros da comunidade e já possibilitou a urbanização e drenagem de vários pontos da favela. **(Problemas do morro que vive para sambar – P.40,41 – 30/07/1991 – Tijuca)**

**C27** - O mutirão do Salgueiro é um exemplo da importância do trabalho coletivo na resolução de problemas em comunidades carentes. Até as mulheres resolveram aderir ao projeto, ajudando no transporte de cimento, tijolos e areia ou preparando comida para os trabalhadores. **(Problemas do morro que vive para sambar – P.40,41 – 30/07/1991 – Tijuca)**

O procedimento se repete, na verdade a descrição do morro do Salgueiro fica entre o que se falou do Vidigal e do Jacarezinho. O Salgueiro é “morro que vive para sambar”, nisso o discurso mobiliza a memória da favela como berço do samba, ligando-o à famosa escola de samba da favela. O título apresenta o contraste, mas o contraste diferente daquele do Vidigal. No Vidigal se é feliz em meio à penúria, parecem que os problemas são menores do que a alegria. No Salgueiro não. O lugar que era para ser de alegria e samba passa por problemas graves com os quais a população tem de lidar e por isso se mobiliza.

O elemento que diferencia os enunciados sobre o Salgueiro é o aparecimento da figura do político. Essa figura pela descrição aparece para fazer falsas promessas e enganar os moradores do morro. Cansados de serem enganados eles se engajaram no programa de mutirão.

Novamente a FD da favela como lugar da pobreza aparece e serve como base para a produção dos enunciados. O elemento diferenciador é novamente o sujeito morador da favela como elemento ativo da construção do espaço e da resolução dos seus problemas. Sujeito esse que contrasta com o sujeito dominado pelo tráfico ou aquele é parte do tráfico. Pode-se perceber, portanto, que há aqui três sujeitos diferentes, ligados pela questão da pobreza, mas cuja produção se dá no diálogo com campos de externalidade diferentes, quais sejam, o tráfico, os políticos e a cultura.

Há novamente o aparecimento da questão da favelização, mas aqui os chamou a atenção alguns sentidos paralelos ao sentido de favela que eram produzidos. Eles são

formas de resistir ao discurso do jornal, a produzir sentidos alternativos para o espaço. Vamos aos enunciados para que possamos ver o que há de diferente.

**C28** - Os viadutos do Rio passaram a ter função dupla. Além de ligar trechos de ruas e avenidas, é o teto de centenas de famílias. São as novas favelas urbanas, que nascem de um dia para o outro e crescem em um ritmo alucinante. Os barracos são frágeis e sem a menor estrutura. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C29** - São 15 famílias vivendo em péssimas condições de higiene, a espera de uma ação do Estado para solucionar seus problemas. Há apenas um banheiro, usado por todos os moradores. O esgoto é jogado no terreno ao lado, favorecendo à proliferação de ratos e mosquitos. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C30** - As famílias do Viaduto de Benfica não são diferentes dos moradores de outras favelas. Rosimery Santos, 31 anos, é casada e tem cinco filhos entre 15 anos e 8 meses. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C31** - As histórias dos outros moradores seguem o mesmo enredo. Wagner Pereira de Oliveira, 21 anos, casado com Suzana Denis, 16 anos e pai de uma menina mora sob o viaduto desde 1988 quando seu barraco, na Favela do Jacaré, foi derrubado pelas chuvas. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C32** - Nesses quatro anos, a favela se desenvolveu de forma assustadora, começou com um simples barraco e, hoje, conta com uma quitanda, uma horta, criação de galinhas, 50 barracos e cerca de 200 moradores. Esse crescimento acompanhou a crise econômica, que aumentou drasticamente o déficit habitacional. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C33** - Apesar de todos os problemas, os moradores da favela preferem continuar sob o viaduto a serem transferidos para albergues. O argumento da maioria é a falta de privacidade. Simone Rocha de Paula, 20 anos, mãe de dois filhos, é uma das mais preocupadas. Ela disse que de modo algum será transferida para aquela instituição e teme ficar separada dos filhos, que, segundo ela, ficariam numa creche. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C34** - “O albergue não adianta. Eles levam a gente pra lá, quebram a nossa casa e depois nos jogam de novo na rua. A solução ideal seria o financiamento de uma casa ou mesmo um terreno. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C35** - Mesmo estando em condições consideradas sub-humanas, sem saneamento básico, Cenira diz esperar pacientemente a possível mudança para uma casa, como possuía até então alugada no Engenho Novo e na Favela do Jacarezinho. Seu marido, biscateiro, sustenta toda a família com seu pequeno e indefinido salário e não possui condições de pagar aluguel, mesmo que numa área humilde. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C36** - João Evangelista da Silva pode se considerar um felizardo. Ele vivia há 20 anos sob o Viaduto de Manguinhos, onde reinou absoluto até o início desse ano. Mesmo com a chegada de alguns invasores, João planta, cria animais e leva uma vida bem diferente do que se costuma encontrar neste tipo de alojamento. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

**C37** - “Vivo muito bem aqui. Ninguém me perturba e, como estou neste lugar há 20 anos, mantenho um bom relacionamento com os comerciantes e moradores da região. Tento evitar problemas e não gosto de bagunça na minha casa” – explica. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 –**

**21/07/1991 – Leopoldina)**

**C38** - “Somos todos trabalhadores que não conseguimos pagar um aluguel com nossos salários”. Não somos vagabundos e por isso queremos uma resolução pacífica que nos beneficie. Nem pensar em albergues ou coisas deste tipo. **(Favelas se proliferam sob viadutos – p.14,15 – 21/07/1991 – Leopoldina)**

O discurso da favelização repete o que já falamos acerca do bloco anterior. Ele mobiliza o discurso do risco da favela para com a cidade. É o risco da degradação urbana, da contestação dos valores civilizacionais de ordem e higiene. Além da constatação de que é um lugar de pobreza e de ausência do Estado.

A principal forma de caracterização do processo de favelização dos viadutos da cidade é por meio da forma como se nomeia a moradia, sempre será “barraco”, o Globo sempre se refere a habitação dessas favelas como “barracos”. A palavra aparece em C28 e C32 como parte da descrição da favela no texto do Globo.

Os locais são descritos como sujos, sem higiene (C29 e C35), onde as pessoas vivem em condições sub-humanas. Seus habitantes “não são muito diferentes dos moradores de outras favelas” (C30 e C31) o que torna próxima a realidade de moradores do viaduto com os moradores de algum morro carioca. Mas essa descrição não diz respeito apenas ao ambiente, mas aos sujeitos. Ao falar isso o jornal parte na descrição da vida de pessoas que moram ali. Ou seja, é uma questão do sujeito. O que as torna iguais? A pobreza e a situação de vida. C30 mostra a história de Rosimery: pobre e com muitos filhos ou como em C31 é jovem, mas com filho. O jornal se alarma com o crescimento da favela sob o viaduto, mas justifica tal fato por meio da crise econômica que aumentou o déficit habitacional.

Porém o principal elemento que vai caracterizar a favela é o seu tipo de habitação, conforme falamos os barracos. A questão que se coloca é a diferença no gesto de interpretação da moradia entre Globo e moradores da favela, pois todas as vezes que se referem a sua habitação ela é dita como “casa”. (C33, C34 e C37).

Isso nos mostra que há uma relação afetiva com o ambiente, além da reclamação por privacidade no contraste com os albergues, conforme dito em C34. Mas a relação do morador com seu lugar de moradia fura o discurso do Globo que tenderia a chamar sempre de barracos e a desconsiderar que ali há uma relação de afeto.

A FD em que o jornal se posiciona só permite enxergar a favela como lugar da pobreza, ambiente insalubre e inabitável, com pessoas que vivem em condições sub-humanas (C35). A partir desse ponto de vista será impossível considerar uma construção de madeira embaixo de um viaduto como uma casa. Contudo, nem a orquestração, a função autor do jornal, consegue domar a fala dos habitantes e a palavra “casa” aparece. E

ela vai apontar para outro lado da questão, para o afeto, a casa como lar, como abrigo e como pertencimento. Essa casa está além do material e do ambiente, ela é efeito de sentido, ela é discursiva, simbólica e produtora desses sujeitos que ali vivem. A casa é uma questão política.

As matérias de 1991 nos apresentaram uma gama de variações e a entrada de novos elementos. Manteve-se o discurso da favela como o lugar da pobreza, mas deslocada para outros pontos. Na questão do tráfico apareceu um novo sujeito, o Comando Vermelho, que altera a forma como traficantes e comunidade se relacionam. Além de sermos apresentados a outro aspecto do sujeito “favelado” que não é mais aquele do medo ou do tráfico, mas aquele da mobilização e da luta pela melhoria de seu lugar.

Por fim, vimos que os sujeitos se produzem na relação com seu local de moradia e que o discurso do Globo falha, é furado pela fala dos moradores e que os barracos se transformam em casas. A tendência é de que os sentidos se estabilizem ainda mais, sobretudo, no que tange a questão da relação com o tráfico, mas é preciso ir até o próximo bloco de materialidades para vermos como elas se comportam.

#### **4.1.3 - 1995 – “Reage Rio”**

O bloco de análise das matérias de 1995 avança no estabelecimento de vários sentidos e se torna quase monotemático. O contexto da coleta contribuiu bastante para esse efeito. O mês de novembro de 1995 é marcado por uma forte onda de sequestros na cidade o que gera uma passeata no fim do mês chamada “Reage Rio”.

Organizada pela ONG “Viva Rio” a passeata reuniu grande número de pessoas, lideranças comunitárias de favelas, ONGs e artistas, todos marchando pela “paz” no Rio. Como o próprio nome fala o “Reage Rio” é uma reação organizada ao que podemos chamar a partir da leitura de O Globo como uma onda de violência. Nesse momento temos o fortalecimento das organizações do crime, como o Comando Vermelho.

As práticas de sequestro que começavam a ganhar corpo em 1991, em 1995 já estão estabelecidas e o período que analisamos é o momento de desfecho de alguns deles, como o sequestro do filho do presidente da Firjan na época, Eduardo Eugênio Gouvêa. Nesse momento, as matérias de editorias de bairros perdem força, fala-se muito pouco ou quase nada das demandas específicas das favelas e o protagonismo das Associações de Moradores perde seu espaço.

A maior parte das matérias analisadas diz respeito à editoria Rio e ligam a questão das favelas com o “crime organizado”. Além disso, podemos dizer, a partir da leitura de

Caldeira (2011), que a passeata e o enunciado “Reage Rio” é organizado a partir do que ela chama de “fala do crime”. “A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais”. (p.10)

O fato de termos trazido esse conceito de Caldeira, não significa que há uma homogeneidade dos enunciados e que queremos provar a presença desse tipo de discurso nos jornais. Ele serve como chave interpretativa do “Reage”, já que ele por si só é uma reação ao crime, aos sequestros, que nas matérias serão diretamente ligados às favelas.

Há pequenos deslocamentos nos dois últimos blocos que analisamos que merecem ser reconsiderados para vermos como eles se comportam nesse contexto. O discurso da favela como “foco de X”, o discurso do risco e a separação entre favela e cidade – esses discursos funcionam ao mesmo tempo e na maior parte do tempo se interpelam – precisam ser olhados novamente para vermos suas mudanças, seus deslocamentos, ou sua estabilização. Perceber esses movimentos é o nosso principal objetivo.

**D1** - Uma equipe formada por 12 policiais da Divisão de Repressão a Entorpecentes (DRE) fez ontem na entrada da Favela do Jacarezinho, próximo ao Buraco do Lacerda, a segunda maior apreensão de drogas neste ano no Rio. Escondidos dentro de caixas d’água de amianto num barraco desabitado, foram encontrados 300 pacotes com 1,2 toneladas de maconha. **(Apreendida 1,2 tonelada de maconha no Jacarezinho – p.10 – 02/11/1995 – Rio)**

**D2** - Os policiais seguiram uma denúncia anônima confirmada posteriormente por um X-9 (informante da polícia) infiltrado entre os traficantes na favela e que deixou o local disfarçado com uma máscara carnavalesca, por segurança. **(Apreendida 1,2 tonelada de maconha no Jacarezinho – p.10 – 02/11/1995 – Rio)**

**D3** - Segundo um dos policiais, a droga pertenceria ao traficante Lambari, que controla a venda de drogas na área. **(Apreendida 1,2 tonelada de maconha no Jacarezinho – p.10 – 02/11/1995 – Rio)**

**D4** - Desta vez, os policiais foram levados, através de denuncia anônima, aos morros da Lagartixa e da Pedreira, em Costa Ramos, na madrugada de segunda-feira. Cerca de 40 homens do 9º Batalhão de Polícia Militar (Rocha Miranda) entraram nas favelas às 20h de domingo e prenderam vinte e cinco pessoas. Foram apreendidos ainda 66 sacoléis de cocaína, duas pistolas 9mm, uma metralhadora Intratec (de fabricação alemã), duas escopetas, um facão, onze fardas do exército e uma farda de camuflagem da aeronáutica. **(Disque-denúncia leva PM a mais uma operação - p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

**D5** - Das 25 pessoas detidas pelos policiais, 15 eram menores (sendo 13 meninas e dois meninos) que, depois de passarem a manhã detidos, esperando num micro-ônibus da PM, foram liberados. Os dez outros detidos foram presos e autuados por tráfico de drogas, formação de quadrilha e corrupção de menores. **(Disque-denúncia leva PM a mais uma operação - p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

**D6** - Entre os presos estavam também os chefes das bocas de fumo das

duas favelas: Paulo César, o PC da Lagartixa e Admílson Balbino, que é conhecido como Chininha da Pedreira. Segundo informações dos policiais que participaram da operação, ambos fazem parte da quadrilha comandada por Jorge Luís que chefia o tráfico no complexo de Acari. **(Disque-denúncia leva PM a mais uma operação - p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

Os enunciados que separamos nesse primeiro momento da análise apresentam o desenvolvimento das descrições dos dois anos que analisamos anteriormente. Falo de em desenvolvimento pelo fato de haver um acréscimo de elementos na descrição dos acontecimentos, o que faz com que novos efeitos de evidência possam ser estruturados no discurso do Globo sobre as favelas.

Até agora vimos que as descrições das favelas passam pela consideração do espaço da favela como uma ordem separada da ordem da cidade, não visto como alternativa, mas como outro, como paralelo à ordem urbana. Os dois blocos anteriores, nesse sentido, nos traziam a favela dentro dessa FD. Nelas a relação favela- tráfico se dava por meio do domínio da comunidade pela liderança da “Boca-de Fumo”, falava-se em troca de favores, em medo, em tráfico, e, por fim na organização que começa a disputar o controle do tráfico nas favelas.

Nesses enunciados acima, parece-nos que a memória da relação entre favela e - darei esse nome sem problematizar o sentido - violência. O que esses enunciados atestam é de que na narrativa do Globo, a questão da violência e do tráfico nas favelas já algo dado, uma formação já naturalizada. Enquanto em 1986 e 1991 parece que os sentidos ainda estão em processo de estabilização se comparados com os de 1995.

Aqui, o foco da relação são os conflitos estabelecidos entre policiais e traficantes. Esses são os dois personagens antagônicos e a favela é o palco em que os conflitos se desenrolam, bem como o território em que o crime está estabelecido. Vejamos alguns pontos específicos dos enunciados.

As duas matérias são de relatos de apreensão de drogas em diferentes morros. D3 e D6 apresentam os nomes dos líderes do tráfico nas respectivas regiões, sem mencionar se são ligados ou não aos grupos organizados. D1 e D4 apresentam o conteúdo da apreensão, grande quantidade de drogas e armas. Há um discurso que vai ganhando forma que é a relação da droga com o tráfico de armas. Os grupos de traficantes são descritos como fortemente armados, que corrompem os menores para se tornarem membros do tráfico (D5).

O que os enunciados evidenciam em sua descrição indireta das favelas é que elas são o lugar do tráfico de drogas, até aí nenhuma novidade em relação ao que já vimos. Contudo a forma como o jornal vai mostrar as apreensões os personagens envolvidos, as

armas, as apreensões e número de detidos, eles entram numa FD que evidencia o conflito. Este se dá sempre na favela, ou nos arredores. A cidade não é o espaço do conflito entre polícia e líderes do tráfico.

A favela nunca é o lugar em que a polícia se estabelece, ela sempre passa, entra em conflito, apreende, prende, mas não permanece. A face que ela se apresenta para os moradores das comunidades não é a do Estado providência, mas a do Estado força. A favela abriga traficantes, drogas e agora armas. Ela é o espaço propício para esses grupos. Isso tudo dentro dessa FD em que o Globo se situa. Podemos dizer que a FD do foco de X e nesse caso “foco de violência”, “foco do tráfico” e “foco do crime” não é grandemente deslocada, a ela é acrescido o termo conflito armado. Conflito entre polícia e traficantes que é um conflito de ordem diferente, segundo a FD que estipula essa divisão. O conflito estabelece de vez os morros como locais de risco, onde o medo impera em todos os seus habitantes, a questão da pobreza urbana quase não é mencionada, agora a favela é o lugar do tráfico.

**D7** - Policiais do 9º batalhão da Polícia Militar descobriram ontem que os traficantes da favela de Acari estavam utilizando um forno desativado na Fábrica da Esperança – um projeto social que atende a comunidade – como esconderijo de drogas. **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D8** - “Não temos como afirmar que há conivência com os traficantes. Mas talvez por medo, nada tenha sido feito para coibir esse tipo de coisa – disse o Coronel Marcos Paes.” **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D9** - Diante dos jornalistas, o coronel Marcos Paes demonstrou como é fácil o acesso da Fábrica para a favela. Utilizando uma escada encontrada nos fundos do terreno, ele ultrapassou facilmente o muro e três metros e pulou para a laje de um barraco da favela. De lá, viu dois traficantes que vendiam cocaína numa rua e fez um disparo. Os traficantes jogaram papelotes de cocaína exatamente na laje onde estava o coronel e fugiram. **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D10** - “A Fábrica tem um terreno de 55 mil metros quadrados e está cercada por 12 favelas. É lógico que não é inviolável. Um bandido em fuga pode se esconder na casa de qualquer um – disse Caio Ferraz.” **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D11** - “Já tivemos denúncias de que os traficantes estariam utilizando a área da antiga tornearia e das caldeiras para esconder a droga. O fato é que estamos sempre fazendo operações na favela e não encontramos a droga”. **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D12** - “Pode ser que eles também sejam reféns do tráfico, que tenham medo de fazer denúncias. Mas com a apreensão de drogas, a certeza de que os traficantes estavam lá e a localização até de um alojamento, a situação da Fábrica é muito complicada”. **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D13** - Pouco antes de a polícia se retirar, muitos moradores da Favela de Acari foram para a frente da fábrica. Segundo eles, os policiais foram violentos durante a operação no interior da favela. **(Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio)**

**D14** - Quando os policiais deixaram o local, a rádio comunitária da

Fábrica Esperança começou a transmitir uma mensagem explicando aos moradores da favela que a ação da polícia se deveria a uma informação passada ao Disque- denúncia. (**Cocaína na Fábrica da Esperança – p.18 – 24/11/1995 – Rio**)

Os enunciados acima vão falar mais detalhadamente da questão das drogas. A matéria relata o fato de a polícia ter encontrado drogas dentro de um programa social, a “Fábrica da Esperança”. Os policiais vão vocalizar o discurso da convivência da comunidade com o tráfico e a narrativa se passa dentro de uma narrativa de que há medo da comunidade em denunciar os lugares em que as drogas ficam escondidas.

Eles evidenciam a favela como lugar do tráfico e das drogas na cidade. A situação de conflito entre policiais e traficantes é mobilizada, mas o principal foco é a droga. O que acaba resvalando é na forma como o Globo vocaliza o discurso da relação entre traficantes e comunidades. D8 e D12 vão nos apresentar esses fatos.

Em D8, refere-se à convivência e ao medo de repressão dos traficantes e vindo daí o fato da comunidade não fazer as denúncias de que a polícia precisa. Em D12 o uso de uma expressão atesta a centralidade do tráfico na definição da favela e de seus habitantes nesse contexto. Ele vai dizer: “Pode ser que eles também sejam reféns do tráfico, que tenham medo de fazer denúncias”, o uso de reféns do tráfico é sintomático de que houve uma mudança na forma como o Globo enxerga essa relação.

Ao usar essa palavra, puxa-se toda a memória dos sequestros, prática comum entre as organizações criminosas, mas aqui não são os moradores da “cidade” que são reféns dos traficantes. Esse é um detalhe importante os sequestros individualizam as ações, normalmente é uma pessoa que é refém de um grupo de traficantes. No caso da favela, ela não é refém de um grupo específico, mas de uma entidade abstrata chamada tráfico. Nesse caso, ser refém do tráfico pode apontar como ser preso, limitado, ter suas ações restritas pelos traficantes, como serem parte dele, como se para os moradores das favelas não houvesse um fora do tráfico e que eles estariam sempre capturados em sua rede.

O esconderijo da droga coloca em questão também a relação da polícia com a comunidade. Em D13 é mostrado que os moradores fizeram uma pequena manifestação para falar da violência da polícia nas operações no interior da favela. A partir do momento em que a favela começa a se estabelecer como lugar do tráfico e do conflito, a polícia começa a ser vista como inimiga dos traficantes, mas não necessariamente dos moradores. Contudo, ao que parece ao estabelecer o discurso da favela como o lugar do tráfico tem-se como efeito a consideração de que todos naquele espaço são suspeitos, logo de alguns inimigos.

Apesar de o Globo não falar diretamente que comunidade e membros do projeto

social acobertam o tráfico, ela usa um breve relato para mostrar a sua posição em relação ao que está dito. A fala de D14 é fundamental para entendermos a posição do Globo que se será a mesma que baseia as abordagens policiais.

O jornal se aproveita da memória construída sobre a figura do X-9, o dedo duro, na favela para insinuar de que ali moradores, traficantes e projeto social estão no mesmo barco. Ou para reforçar o discurso da comunidade como “refém do tráfico”. Ao dizer que assim que a polícia saiu a rádio informou que a ação policial foi efeito de uma denúncia anônima, ela mobiliza esse anúncio como uma forma de mostrar que a comunidade está sendo ameaçada. O tom da fala é de que se esperou o momento certo para se falar que há entre eles um traidor. Logo, de alguma forma o jornal tenta mostrar uma comunidade que está submetida aos comandos dos traficantes, já que todos sabem o que acontece com X-9 na favela.

Já D7, D9 e D10 são enunciados que vão mostrar a periculosidade da localização da Fábrica da Esperança. Eles falam que ela está cercada por favelas, que o tamanho do terreno é um risco, já que o controle fica reduzido. Há demonstrações da facilidade de se adentrar no local, Enfim, eles reforçam a FD de que ali é um lugar de perigo, onde os moradores estão sujeitos ao medo e que a favela é o lugar do tráfico.

**D15** - O policial fora sequestrado por traficantes na tarde de domingo na casa de sua namorada, no Morro da Lagartixa, em Costa Barros. O seu carro, o chevette verde, placa de Queimados FZ 4312 havia sido encontrado segunda-feira a 500 metros do morro, com marcas de barro nas partes laterais. O corpo não foi periciado e foi levado dentro de um pantano da Polícia Militar para o IML, com o consentimento do delegado Aloisio Neto, da 39° DP. O procedimento, que não é normal, só foi autorizado por ser o local onde foi encontrado o corpo é considerado de alto risco pelos policiais **(PM é sequestrado e assassinado – p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

**D16** - O major do 9° BPM Jorge Lage disse que o cabo fora antontem à tarde com sua namorada de nome Flávia, visitar a mãe dela, na Estrada de Botafogo 451, no pé do morro. A estrada fica em volta da favela, próxima ao Rio Acari e da estrada de ferro que passa junto ao Morro da Pedreira. Um bando fortemente armado invadiu a residência e um dos desconhecidos perguntou: - Quem é o policial? Vai ter que ir com a gente. **(PM é sequestrado e assassinado – p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

**D17** - Ontem à tarde, a namorada do cabo tinha ido a 40° DP, acompanhada do irmão do cabo. Foi feita acareação dos dois com todos os presos em flagrante por tráfico de drogas nos morros da Lagartixa e Pedreira, durante incursões realizadas na madrugada. Nenhum deles, porém, foi reconhecido como os que levaram o cabo. **(PM é sequestrado e assassinado – p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

**D18** - Com maior poder de fogo e superioridade numérica os traficantes perderam o medo de enfrentar a polícia. Nos últimos anos, eles mataram dezenas de policiais militares, civis e federais, em alguns casos com requintes de crueldade. **(PM é sequestrado e assassinado – p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

**D19** - Em 19 de abril de 1991, a detetive Regina Coeli da Cunha Augusto,

da Divisão de Repressão a Entorpecentes, foi assassinada, com tiros de escopeta, na parte mais alta do Morro da Providência, no Centro. O corpo da policial, que fazia um levantamento fotográfico das bocas de fumo da favela, foi semi-esquartejado e deixado na mala de um carro (...) **(PM é sequestrado e assassinado – p.19 – 07/11/1995 – Rio)**

Na análise anterior de que o estabeleceu-se a favela como lugar do tráfico e como o ambiente de conflito entre policiais e traficantes cria um certo clima de guerra. Em que o conflito constante naturaliza certas percepções sobre os sujeitos, nesse sentido, traficantes e policiais são os dois grupos que são personagens desse confronto.

A partir disso podemos desenvolver a reflexão acerca desses enunciados acima. Eles são, digamos, relatos de uma guerra, que extrapola a fronteira das favelas, apesar de permanecer nas suas margens e ela ainda ser o lugar central do conflito, já que ela será considerada o ambiente natural do tráfico.

Eles relatam cenas de um crime contra um policial, que não estava em seu momento de serviço. Esse fato dá o tom de que a “guerra” não se resume aos momentos de conflito direto no território da favela, mas que ele é um estado permanente. Além disso, eles mostram que há dentro das próprias os chamados “lugares de maior risco”.

Vamos chamar esta Formação Discursiva de “estado de guerra”, apenas para descrever que o conflito não se resume ao momento do enfrentamento, mas de que ele é um clima, uma sensação constante que perpassa a vida das pessoas. Ela, associada com a FD da favela, como foco atravessam o texto do Globo e criam as zonas de maior perigo, como é relatado em D15. A retirada do corpo obedece a procedimentos diferenciados devido ao local em que ele foi encontrado.

O funcionamento dessa FD leva ao uso de verbos ligados a estratégia militar em momentos de guerra, como é o caso de D17 se dá o uso da palavra “incursão”. Em D18 fica indicado o conflito e a perda do medo dos traficantes em relação à polícia, já que são em maior número. Esse enunciado evidencia a guerra e a separação entre um “nós” e um “eles”, ou seja, ele faz as FD da guerra e a FD da favela como foco de violência se entrecrocarem e faz e produz a favela como o foco da guerra.

O território onde a “guerra contra o tráfico” acontece é a favela. Apagam-se as diferenças internas entre moradores e traficantes, nessa FD que atravessa o Globo, as prisões, as mortes de moradores são números de uma guerra. Ela torna-se o território estrangeiro, inimigo, perigoso, dominado pela lei dos traficantes e cenário de uma guerra.

O posicionamento do jornal em relação ao conflito fica evidenciado em D19 e em toda a matéria. Ao narrar a morte de um policial, contar sua história e descrever o que foi feito com cada um deles, o Globo mostra que sua posição é ao lado dos policiais. Isso faz

com que se silencie sobre a violência policial das incursões, sobre as diferenças internas das favelas e sobre os sujeitos que vivem nesses locais. As mortes de policiais são individualizadas, historicizadas, enfim possuem caráter humano. As mortes de moradores dos morros são números, ganham nome quando são líderes do tráfico, mas têm suas histórias silenciadas.

**D20** - A peça (Bala Achada de Caio Ferraz), uma dramatização de dez minutos, sem diálogos, mostrou uma cena do cotidiano violento dos oito alunos da Casa da Paz de Vigário Geral. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D21** - No palco quatro delas brincam de corda, quando são atingidas por outras quatro, com quepes de policiais. Nesse momento, 1.410 cápsulas de balas de todos os calibres são arremessadas sobre seus corpos tombados. E é aberta uma faixa em que, como num acróstico, as iniciais das palavras Candelária, Hiroshima, Auschwitz, Carandiru, Ianomâmi, Nagasaki e Acari formam a palavra “chacina”. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D22** - Os projéteis foram recolhidos durante seis dias nas ruas do bairro, sempre depois dos tiroteios entre policiais e bandidos, que se tornaram quase diários, desde o dia 28 passado – data em que a Divisão Anti-Sequestro (DAS) fez uma fracassada incursão no local, na tentativa de descobrir o cativo de Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira Filho, sequestrado há 12 dias. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D23** - “O que está acontecendo em Vigário Geral é de co-autoria do Estado”. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D24** - Crianças peritas em balística **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D25** - “Não tia, essa cápsula é de AR-15, essa aí é que é de pistola 9 mm. Aquele é de Fal calibre 7.62, essa outra é de AK47. Essa é de bala calibre 12, de espingarda – ensinava Alexandre Dutra de Souza, de 13 anos, com ares de perito. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural – p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D26** - Qualquer uma das crianças de Vigário Geral é capaz de dar uma aula de balística para expert nenhum botar defeito. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D27** - Caio Ferraz, sociólogo, coordenador da ONG e responsável pela concepção da peça, propôs às crianças do bairro o seguinte desafio: para cada projétil recolhido na favela, elas receberiam em troca cinco balas sabor abacaxi. No fim de seis dias, elas tinham recolhido num balde 1.410 projéteis de vários calibres, resultado dos constantes tiroteios diários entre policiais e bandidos. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

**D28** - “Hoje faz nove dias que meu irmão está no hospital – contou Ronaldo, cujo irmão, Elias de 23 anos, funcionário do Zoo, foi atingido sábado retrasado por uma bala”. **(Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural –p.18 – 06/11/1995 – Rio)**

As falas que trazemos agora são de uma matéria sobre a produção de uma peça teatral que visa narrar o que ela chama de cotidiano violento de Vigário Geral (D20). Há aqui variações no uso entre bairro e favela para se falar do lugar. Contudo, a construção narrativa nos levou a assemelhá-lo às favelas, logo as descrições presentes aqui se fazem

importantes para a percepção de como se está produzindo o imaginário sobre as favelas cariocas.

Essa matéria é a única de todo esse bloco que se dedica a falar da favela por dentro. Ou seja, apesar de narrada por observadores externos, o que se descreve aqui não é um conflito direto, uma morte ou o tráfico de drogas. O que está em questão o funcionamento de todos esses elementos na construção do cotidiano do lugar. Logo, podemos dizer que o discurso que aparece aqui tende a se desvencilhar um pouco das evidências produzidas pela questão da favela como lugar do crime.

O que podemos perceber é que a violência constrói o cotidiano da favela. É ela, ou o medo dela, que permeia todas as falas. É válido lembrar que Vigário Geral foi palco de uma chacina em agosto de 1993, o que reforça a percepção da favela como lugar violento e onde o conflito chega a um nível mais alto de força. A chacina é rememorada na peça, como descrito em D21. Ele evidencia a aproximação do sentido desses conflitos aos sentidos de guerra que percebemos anteriormente, já que a formação da palavra é dada por um acróstico de fatos da Segunda Guerra, como Hiroshima, Nagasaki e Aushwitz. O que temos, portanto, é uma guerra entre policiais e bandidos.

A violência entendida como conflito armado, é o fator que estrutura a FD da guerra, associada à FD da favela como uma ordem diferente cidade que está em funcionamento aqui. O conflito entre “bandidos” e policiais é peça fundamental dessa discursividade. É por haver conflito que há medo, é ele que cria o “cotidiano violento”. Nesse caso, a matéria abre a possibilidade de se olhar para o papel do Estado nessa situação. E é nessa brecha que as falas do sociólogo que dirige a peça entram.

Os enunciados D21 e D23 apresentam a questão. A peça de teatro representa a vida de pessoas em seu cotidiano normal que é invadido por policiais violentos. Em D23 a atestação: “o estado é co-autor” dessa realidade. Até então os enunciados ficavam no efeito de evidência de que só há violência porque há tráfico, bem como o conflito só acontece porque a polícia tem que se deslocar para a favela e fazer as prisões e apreensões. Dessa forma, a construção do conflito recai sobre os traficantes que estão as favelas, foram eles que isolaram a favela do mundo comum da cidade e as tornaram o território dessas práticas.

A fala do sociólogo fura esse sentido e traz a questão para o conflito. Ou seja, ela parte da constatação de que a favela é o lugar da violência, mas esta é construída pelo conflito de duas forças, “bandidos” e policiais. É somente dessa forma, que a violência do estado, por meio das ações policiais, é colocada em questão. A evidência de que a culpa da favela estar isolada e ser dominada por traficantes é de sua população desmorona. Mas qual é essa realidade?

O elemento indicial que vai servir para descrever esse mundo são as balas recolhidas pelas crianças e a relação que esses meninos e meninas possuem com o armamento de fogo. Eles constituem a maior parte do corpus (D21, D22, D24, D25, D26 e D27) que vai descrever como foi feita a coleta das cápsulas de projéteis para a peça.

D22 vai nos mostrar que os tiroteios e confrontos entre policiais e traficantes é constante e, por isso, o convívio diário dessas pessoas com essa realidade. O espaço da favela é um espaço tão violento que, mesmo crianças, tornam-se especialistas em balística, conforme D25 e D26. Eles servem para atestar o quanto a violência está moldando as crianças. Dentro dessa FD o Globo faz quase uma profecia de que o convívio com essa realidade os colocará de alguma forma dentro do conflito.

A produção da favela como lugar da violência se dará em D29, ao apresentar a situação de um morador que está com um irmão internado por conta de um tiro. Podemos dizer que a partir da perspectiva da favela como lugar da violência, como espaço da guerra que o Globo consegue dizer que há em Vigário Geral e a realidade é generalizável um “cotidiano violento”, este que afeta diretamente a vida das pessoas que estão ali envolvidas e que são produtos de regiões em conflito.

**D30** - A campanha pelo desarmamento está de volta às ruas. A 11 dias da passeata Reage Rio contra a violência e pela paz, a Fábrica da Esperança e a Visão Nacional de Evangelização (Vinde) decidiram relançar o movimento criado ano passado. **(Campanha pede que Rio largue as armas – p.15 – 17/11/1995 – Rio)**

**D31** - Até o dia da passeata, os organizadores, pretendem visitar pelo menos 20 comunidades carentes, para fazer orações e trocar armas de brinquedo por bolas, bonecas e jogos. **(Campanha pede que Rio largue as armas – p.15 – 17/11/1995 - Rio)**

**D32** - Ainda de acordo com Caio Fábio, as comunidades do Pavão-Pavãozinho de Santa Teresa e Arará deverão ser as primeiras a receber os coordenadores da campanha. No ano passado, 45 favelas foram visitadas. Cerca de 10 mil brinquedos foram distribuídos. **(Campanha pede que Rio largue as armas – p.15 – 17/11/1995 – Rio)**

**D33** - Ao relançar a campanha ontem de manhã, na Fábrica da Esperança, Caio Fábio afirmou que ela é uma preparação para a caminhada contra a violência: - Eu observo que há uma minoria que quer impor as leis, o medo e o terror. É uma minoria violenta, ruidosa. Agora, tenho certeza de que a grande maioria da população é adepta da paz. Então não se pode deixar que essa minoria imponha regras de morte. Chegou a hora de levantar a cabeça, arregaçar as mangas e dizer que não aceitamos ser dominados por essa minoria tomada pelo ódio. **(Campanha pede que Rio largue as armas – p.15 – 17/11/1995 – 17/11/1995 – Rio)**

Quando abrimos o subcapítulo falando sobre o “Reage Rio” queríamos mostrar que, como o próprio nome diz, havia um movimento de reação a certa percepção aos acontecimentos que vinham se desenvolvendo na cidade. No decorrer da análise vimos alguns acontecimentos que separamos a maioria ligada à violência do tráfico e de seu

conflito com a polícia, ao menos essa é a percepção da FD que estamos descrevendo.

O “Reage Rio” se insere nessa mesma FD de guerra e conflito. Ele é um movimento que reúne várias entidades, inclusive Associações de Moradores de Favela, que desejam mostrar que a cidade é entusiasta de uma “cultura da paz” e não violenta. Reage-se contra o que afinal? Pelo que podemos ver, reage-se contra certa percepção de quem são agentes violentos e seus lugares de atuação, reage-se contra os sequestros feitos tráfico, reage-se, portanto, contra a favela. Já que é ela o lugar que abriga todos esses males, a reação da cidade reafirma a FD ao tentar se livrar de seus domínios.

Essa percepção leva a algumas ações como a campanha pelo desarmamento nas favelas. Trocam-se armas por brinquedos para as crianças. Devemos observar algumas questões. Fazer a troca somente nas favelas reforça a percepção de que lá é onde reside a violência na cidade, de que só há armas nas favelas e de que é preciso afastar, sobretudo, as crianças dessa realidade violenta.

Olhando mais detalhadamente D31 e D33 podemos ver como funciona a FD. Há a ocorrência de “comunidades carentes” uma fórmula muito comum na FD do foco de pobreza, mas que agora perde sua força descritiva para as armas e as drogas, porém considerá-las dessa forma rememora o discurso da precariedade e da pobreza, mas sob novos tons agora ligados aos conflitos.

Já em D33 a Formação é sintetizada no discurso de nós contra eles, de minoria e maioria, de barulho e silêncio. Formações essas que nos remetem a funcionamentos que já vimos e que continuam a atravessar os textos do jornal. Ele reafirma a separação entre favela e cidade ao falar sobre a imposição de uma ordem diferente: “Eu observo que há uma minoria que quer impor as leis, o medo e o terror”. Medo e terror são palavras capazes de definir a FD da guerra. Terror como ação de enfrentamento à polícia (D19), medo que irradia das favelas e toma conta da cidade. Novamente, a Favela é o foco da criminalidade, da “guerra”, de onde irradia o medo que se espalha pela cidade. A reação descrita em D33 reafirma essa realidade ao se inserir nessa memória discursiva, na tentativa de se livrar dela.

**D34 - Os emergentes da favela (Os emergentes da favela – p.27 – 12/11/1995 – Rio)**

**D35 - No ritmo funk, dezenas de jovens pobres do Rio estão conhecendo fama e fortuna à custa dessa música monocórdica – chatérrima, segundo maiores de 30 -, adaptada dos guetos americanos para a vida real das favelas cariocas. (Os emergentes da favela – p.27 – 12/11/1995 – Rio)**

**D36 - Jogar futebol deixou de ser a melhor opção para os pobres prosperarem. O ofício de MC viabiliza, com mais rapidez e eficiência, o sonho de ganhar dinheiro, ajudar os parentes, ajeitar a casa e realizar alguns desejos de consumo antes impossíveis. (Os emergentes da favela – p.27 – 12/11/1995 – Rio)**

**D37 - O próximo projeto de Cacau é ir embora da Rocinha, onde mora há três anos. – Quero ir pra um lugar melhor – planeja – Cordovil, por**

exemplo. Quando conseguir – e pelo visto não vai demorar muito – Cacau poderá repetir o emblema de todos os funkeiros: Fui! (**Os emergentes da favela – p.27 – 12/11/1995 – Rio**)

Todo o material que analisamos nesse bloco vem apontando a solidificação de um discurso sobre as favelas que se ligam diretamente ao conflito, às drogas e a dualidade de “nós” e “eles”. Mas nem só de discursos de guerra se constroem os discursos sobre as favelas. Outras percepções também vazam pelas páginas do jornal, a matéria “Os Emergentes da Favela” (D34) é um exemplo.

A FD que a rege liga-se mais à questão da pobreza do que a da violência. Mostram outras possibilidades de ascensão social, já que a formação da guerra praticamente determina que os moradores, em especial os jovens, se tornarão “soldados” do tráfico. Podemos dizer, portanto, que há um diálogo com essas formações.

A matéria apresenta uma nova forma, que não o futebol (D36), de se sair da favela, e ganhar dinheiro, essa forma é o funk. Os enunciados mostram a dinâmica financeira desse gênero musical que estava começando a estourar nas rádios e nos bailes. A favela é o lugar da pobreza, mas seus moradores conseguem sair dessa situação pelo próprio esforço.

A FD que entra nesse momento é a liberal clássica do mérito individual pelo sucesso, a narrativa de superação da pobreza e alcance do estrelato. Os enunciados D35 e D36 atestam esse fato, os jovens conseguem ganhar dinheiro e entrar de vez no mercado de consumo. Contudo, a FD desliza em seu diálogo com a do foco da pobreza. Superar a pobreza demanda que se supere a favela (D37), logo é preciso sair dela para um “lugar melhor”.

De uma forma geral, estamos percebendo um deslocamento de sentidos que vai da favela como lugar da pobreza, sendo que este fator é o elemento explicativo central de toda a sua vida. Essa FD permite dizer que o tráfico só consegue se manter na comunidade por ela ser pobre. A pobreza faz com que as pessoas entrem no tráfico e é ela que estimula a indolência, a preguiça, a cultura, o samba e o aspecto bucólico da favela romântica. Ou seja, é ela que vai definir o que é favela durante um bom tempo, mesmo em face do tráfico e das organizações criminosas.

O que percebemos é que esse sentido da favela como foco de pobreza desliza para o tráfico. Não é mais o fato de ser o lugar do pobre que vai ser o elemento central no discurso sobre as favelas, mas agora é o fato de ser o lugar do tráfico. Isso não quer dizer que a pobreza é anulada, pelo contrário ela ainda é mobilizada em formulações e explicações. Mas a favela nesse momento se estabelece como uma com a questão das drogas.

O deslocamento das Formações Discursivas, e estamos falando de todas as que identificamos, faz com que se permita a narrativa do conflito. O estabelecimento desse discurso – o que não quer dizer que antes não havia conflitos – faz com que as ações sejam sempre tratadas como táticas de uma guerra e que se estabeleçam os inimigos: policiais e traficantes.

É dessa forma, no entrechoque das formações, que se estabelece a FD da Guerra. O conflito entre policiais e traficantes é lido nessa chave que vai guiar as descrições em relação aos acontecimentos nas favelas e seus moradores. O principal sintoma de que houve uma mudança na FD é de que não se fala mais dos traficantes como “marginais”, agora eles são “bandidos”.

O deslizamento desses sentidos só são possíveis devido a alteração que aconteceu na Formação Discursiva. A passagem do foco da pobreza, para o foco da violência abre novas possibilidades de sentidos. A palavra “marginal” tem uma memória mais ampla que não liga necessariamente ao crime, mas ao isolamento social, ao estar às margens da sociedade e este fator pode ser um desencadeador do crime, mas não se dá de forma direta. Ou seja, o sujeito “marginal” é o sujeito produzido pela FD do foco da pobreza em seu diálogo com a FD da favela como ordem alternativa.

Os acontecimentos, como a entrada em cena das organizações criminosas, os sequestros e os conflitos com policiais gera um estremecimento nesse imaginário. O discurso do crime, associado à droga e às armas, ganha força e forma. Aos poucos a favela vai deixando de ter a pobreza como foco explicativo e o crime ganha centralidade.

Muda-se a “FD do foco”, ela agora aponta para outro lado, os moradores agora não são complacentes, mas são reféns do tráfico. O foco passa a ser o conflito, criando-se o ambiente de guerra. O jornal então tem alterado seu gesto de interpretação, a favela é lugar do medo, pois está sob o domínio de outras forças em conflito com o Estado.

Com isso, o sentido de marginal passa a ser pouco designativo de uma realidade concreta, ele perde seu efeito de evidência. Logo, os traficantes não estão à margem da sociedade, pelo contrário estão nela, ou melhor, estão lutando contra ela (conflitos com a polícia) e tentando impor a sua própria lei. Por isso, eles precisam ser enquadrados não como problema social, mas como categoria jurídica, tornam-se, portanto, “bandidos”.

Percebemos, portanto, o estabelecimento de novos sentidos para a favela e seus habitantes. Em nosso próximo bloco de análises continuaremos atentos a esses movimentos nos sentidos e na entrada do novo ou na estabilização de sentidos já dados.

#### 4.1.4 - 2002 – “Favela Partida” e “Cidade Proibida”

Se os enunciados de 1995 nos mostraram o deslocamento do discurso da favela como lugar da pobreza para favela como lugar do conflito, da violência e da guerra. Os enunciados de 2002 são os que mostram o quanto esse efeito de evidência se tornou predominante sob as matérias que tratam da favela e do combate ao tráfico. Essa Formação Discursiva se estabelece com toda sua força, contudo se expande, pois a violência começa a descer o morro, como diz uma de nossas matérias.

Obviamente o contexto dessa coleta contribui muito para que esse efeito de sentido apareça potencializado. O mês de setembro de 2002 é bastante conturbado para o Rio de Janeiro e coloca as favelas no epicentro da discussão de segurança pública. No dia 11 de setembro há uma rebelião em Bangu I que para uma parte da cidade e leva a transferência de Fernandinho Beira Mar para outro presídio. Nesse mês há a prisão de Elias Maluco, no Alemão, ele era procurado pelo assassinato do jornalista das organizações Globo, Tim Lopes. Além disso, o filme “Cidade de Deus” teve sua estreia nos cinemas do Brasil.

Apesar de nem todos esses fatos terem sido coletados para nossa análise, já que eles repetiam de alguma forma as estruturas que aqui aparecem de forma mais significativa, isso não quer dizer que eles não afetem o clima da cobertura do jornal. Além disso, o momento reforça a questão do confronto entre a polícia e os grupos que controlam o tráfico na cidade.

Começaremos analisando enunciados questões internas das favelas, para a partir daí perceber o funcionamento das Formações Discursivas e o processo de produção de sentido que vai se desdobrando.

**E1 - Favela Partida – Tráfico perde apoio, começa a ser denunciado e usa terror pra manter o poder. (Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E2 - A cada 20 minutos, uma pessoa liga para o Disque-Denúncia para dar a localização de “bocas-de-fumo” ou relatar violências praticadas pelos traficantes. (Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E3 - Se há 20 anos os chefões da droga no Rio conquistavam o silêncio de moradores com uma prática assistencialista, pagando enterros, distribuindo cestas básicas e, às vezes, fazendo papel do estado, essa relação mudou. Hoje eles se impõem apenas pelo terror, deixando cerca de um milhão de moradores reféns do medo e da violência. (Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E4 - “Os traficantes nos anos 80 eram mais velhos, não consumiam drogas e eram oriundos da comunidade. Hoje eles estão mais jovens, começam a cheirar cocaína muito cedo, tornando-se agressivos devido ao vício, e muitos não cresceram na favela. São invasores – afirmou”. (Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E5 - Um levantamento do Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (Ibiss) para descobrir o número de jovens envolvidos com o tráfico revelou que 5.369 pessoas menores de 18 anos trabalham armadas em 337 “bocas de fumo”, na Região Metropolitana do Rio. (Favela Partida**

– p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)

**E6** - Segundo Marina Megassi (...): O tráfico era limitado à favela e o traficante revertia parte de seus lucros para benfeitorias no local. Agora eles são de fora, muitas vezes controlam várias favelas e não tem respeito pela comunidade. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E7** - O delegado adjunto Carlos Henrique Machado, da Delegacia de Homicídios, afirma que atualmente a prática nos morros é a de intimidação: - Tortura, esquartejamento e incineração de corpos fazem parte do terror que esses traficantes impõem nas favelas para que os moradores tenham medo de denunciá-los. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E8** - Deputado Carlos Minc(...): Os moradores estão mais revoltados e estão denunciando mais, é verdade. Mas, por outro lado, a economia da droga conta com uma base importante. Numa favela de 30 mil pessoas, pelo menos 10% ou seja, três mil pessoas. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E9** - O procurador geral da justiça, José Muiños Piñero, lembra que a atividade assistencialista exercida pelos antigos traficantes era caracterizada por uma relação afetiva com a comunidade: - Como já acontecia e ainda acontece com o Jogo do Bicho. Hoje essa relação foi radicalmente modificada pela atemorização e clima beligerante impostos pelos chefes do tráfico. As famílias das comunidades carentes veem seus filhos serem arregimentados pela força e morrerem em constantes trocas de tiros, seja com a polícia, seja com bandos rivais. A sociedade não aguenta mais. Somente o ingresso do poder público nas favelas resgatará a credibilidade do estado e estimulará as comunidades a não apenas serem contra o tráfico, mas ajudarem o poder público a enfrenta-lo. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

Os enunciados acima são parte da fala do Globo sobre as mudanças que ocorreram na relação entre comunidade e traficantes. O jornal vai dizer que o fato de não haver mais uma relação orgânica entre o líder da boca-de-fumo e a favela alterará a relação que se estabelece ali. Ele rememora o fato de que na década de 80 os traficantes revertiam parte de seus lucros para benfeitorias nos morros, o que contribuía para a “compra” de apoio dos moradores. Havia uma relação de troca que mantinha a cumplicidade entre ambas as partes.

Há a descrição da mudança dessa relação. Ela agora é mantida pelo medo e não mais pela troca. O Globo fala de um aumento do terror para manter o silêncio na favela. As estratégias de tortura e de crimes com requintes de crueldade aparecem na narrativa do globo, como meios de amedrontar os habitantes dos morros e assim mantê-los em silêncio.

Para poder descrever esses tópicos o Globo precisa inverter o aspecto da relação entre favela e medo. Assim como a matéria sobre o “cotidiano violento” de Vigário Geral que analisamos em 1995, as falas não são sobre o medo da cidade em relação à favela, mas ao medo que há dentro da própria favela. É por falar dessa posição que ele se permite inverter a clássica dualidade de “Cidade Partida” e usa no título “Favela Partida”.

Essa “Favela Partida” é reflexo da perda de controle dos traficantes de parte dos moradores que passam a denunciar as ações e a localização das bocas de fumo nos morros.

Ela repete em seu funcionamento a “Cidade Partida”, quando se fala nesses termos diz-se normalmente que o estado perdeu o controle das favelas, que se tornaram territórios à parte e com leis próprias. Como dizia a metáfora do início do Século XX, “uma cidade dentro da cidade”. A “Favela Partida” funciona da mesma forma, ela fala da perda de controle da favela por parte dos donos das bocas.

Há dois blocos claros de enunciados acima. E1, E2, E7 e E8 são enunciados que mostram como se dá atualmente a conquista do apoio nas comunidades. Essa narrativa é produzida dentro do que definimos como a “FD da Guerra”, aqui, contudo, ela aponta para a estratégia de manutenção do território e não de combate. Ao ser atravessado por essa FD o Globo conseguirá falar de violência, esta que afeta a todos que moram nesses lugares. E1 e E2 mostram o teor das denúncias: “localização das bocas de fumo” e “violência cometida pelo tráfico”.

E7 e E8 aprofundam mais o funcionamento ao descrever as práticas de tortura e intimidação que levam ao silêncio e ao medo. A violência nesse caso não se dá no conflito em si, como seria esperado no funcionamento dessa FD, mas a prática violenta pressupõe a existência do conflito. Por isso, podemos descrever a leitura do Globo como uma situação permanente de guerra entre polícia e as diferentes organizações que controlam o tráfico.

Esse funcionamento fica mais evidenciado em E3. O Globo diz: “Hoje eles se impõem apenas pelo terror, deixando cerca de um milhão de moradores reféns do medo e da violência”. O que nos chama atenção é o uso de “reféns do medo e da violência”, o uso dessa expressão já foi feito anteriormente, ele aponta a favela como um lugar de prisão, como o cativeiro em que seus moradores fossem mantidos sob contínua violência. O cativeiro é fechado, os reféns ficam isolados do mundo exterior, tendo contato apenas com seus sequestradores.

Podemos dizer que a junção da questão do isolamento, atestado pelo uso de “refém”, acrescido de “medo” e “violência” evidencia a presença da FD da guerra a partir da consideração da favela como território inimigo e que é preciso recuperar. “Estourar o cativeiro”, como se diz em abordagens policiais de sequestros, e libertar os seus reféns do jugo do tráfico, será essa a solução prevista dessa perspectiva.

Os enunciados E4, E8 e E9 mantêm o mesmo princípio de construção. Mostram como se dá atualmente a relação dos traficantes com as comunidades, tendo em perspectiva a atuação das antigas lideranças. Mas é E9 que atesta que estamos falando sobre a favela como cativeiro, que vive sob o domínio do medo. A fala dirá que é preciso recuperar os espaços pelo “poder público” e que a comunidade não aguenta mais. Atesta também o destino dos jovens que vão parar no tráfico, fato que também ocorre em E5.

E9 é a síntese do funcionamento dessa FD que diz a favela como lugar de medo, violência e isolamento. Para essa perspectiva, e podemos dizer que é a do Globo, somente o “Poder Público” – acredito que se usa “Poder Público” em face da fórmula “Poder Paralelo” que aparece nessa mesma época – ao retomar as favelas do domínio do tráfico poderá resolver essas questões. Além disso, essa FD coloca que inevitavelmente os jovens serão arrematados pelo tráfico, não tendo outras possibilidades, já que o ambiente isolado da favela não lhes dará outra escolha.

**E11** - Segundo a inspetora Marina Magessi, os jovens seduzidos pelo tráfico vivem a ilusão do poder: - São viciados, armados, agressivos, vivem a sensação de poder. Estão brincando de polícia e ladrão. Os ícones desses adolescentes são marcas famosas, siglas de facções e armas. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E12** - Filho de uma família pobre da Baixada Fluminense, Y. (...): “Para o tráfico, a vida não vale nada. Você pode matar ou morrer por uma dívida de R\$ 1.” **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E13** - Quem abre a boca acaba pagando com a vida: Traficantes controlam ligações telefônicas nas favelas e matam os acusados de ser informantes da polícia. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E14** - O silêncio na favela vale mais que ouro. Vale a vida. Como a do mecânico Vicente Ferreira Mariano, de 27 anos, morador da Vila Cruzeiro, na Penha, emboscado e morto por traficantes pelo simples fato de ter consertado carros de policiais, **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E15** - “Quando o telefone chegou ao morro, a gente tinha de ter um cuidado danado. O tráfico achava que qualquer denúncia tinha partido daquele telefone.” **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E16** - “Os moradores das favelas vivem entre dois fogos. Eles mantêm silêncio não porque gostam dos traficantes, mas porque não confiam na polícia”. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E17** - Se em alguns casos acabam mortos ou expulsos, em outros os líderes são cooptados. Há dois meses, o presidente da Associação de Moradores do Morro do Adeus, Juarez Soares, está desaparecido. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E18** - “O tráfico interfere até na vida do casal. Se há uma briga entre marido e mulher e isso atrai a atenção da polícia, o casal é repreendido pelos traficantes. Em alguns casos, os moradores são até expulsos do morro”- Ex-moradora do Cantagalo. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

**E19** - “Hoje, os traficantes não precisam mais comprar a simpatia da comunidade. Compram a própria polícia o direito de distribuir a droga no varejo”. Jurema Batista – Vereadora e ex-moradora de Favela. **(Favela Partida – p.19,20 – 08/09/2002 – Rio)**

O funcionamento da FD que falamos continua na produção desses enunciados acima. Eles são parte da mesma matéria e atestam o que estamos falando. A favela aqui é o lugar do medo e da violência. Mas não é apenas isso, ela é também é lugar do tráfico, ainda é o território em que ele se estabelece e que mantém as comunidades isoladas.

Eles vão falar sobre as práticas do tráfico para manter o silêncio da comunidade, dando sempre relevância para a crueldade como elemento presente na lida com os

habitantes das comunidades. O tráfico é o grande mal que abriga a favela. A “Favela Partida” também gera uma pequena fratura no discurso.

Para ser refém do tráfico é preciso que haja pelo menos dois tipos de sujeitos em ação conjunta. O primeiro é aquele que sequestra, que mesmo que não seja daquele local permanece ali como um membro; o segundo é o sequestrado que vai ficar preso e isolado em seu cativo. Quando falamos que os moradores das favelas são reféns do tráfico, nós já apresentamos os dois sujeitos que estão em relação. Moradores (sequestrados) e traficantes (sequestradores). Essa divisão interna traz à tona a heterogeneidade da favela, mas que é rapidamente domada pelo discurso da violência.

Mas essa pequena fratura, que tende a ser domada faz com que o alvo passe a ser os traficantes e não os habitantes das favelas de uma forma geral. Obviamente, essa é uma linha muito tênue, a violência e a guerra tendem a homogeneizar tudo e é da massa de moradores que o tráfico vai tirar os seus “soldados”. Então, como falamos a fratura é muito pequena frente ao efeito homogeneizante da violência.

A percepção que se cria, a partir da leitura desses últimos enunciados do Globo, é de que na favela impera a lei do tráfico. Retorna, com isso, a FD da divisão da cidade, da favela como o “outro” espaço, diferente e fora da ordem da cidade.

As leis do tráfico que dominam a favela são descritas em E12, E13, E14, E15 e E17. O foco da narrativa é o controle que ele exerce sobre a vida cotidiana, desde interferência em brigas de casal, ligações telefônicas, controle sobre as informações e isso culminando com o fato de que ele não valoriza a vida. Ou seja, a lei que impera na favela é uma lei de “estado de exceção”, onde “quem abre a boca” morre. Essas falas reforçam a percepção da favela como lugar hermético, fechado e diferente, enfim a favela é o cativo.

Já E19 e E16 apresentam uma complexidade para esse discurso da favela como lugar isolado e dominado por traficantes. Conforme falamos, dentro dessa FD a saída lógica para a resolução dos problemas da favela é a retomada do território pelo Estado. Contudo, há pequenos furos que não fazem essa FD funcionar em sua perfeição, já que mostram que a polícia também tem suas relações com o tráfico, além da desconfiança que os moradores possuem com eles. E16 é emblemático: “Os moradores das favelas vivem entre dois fogos. Eles mantêm silêncio não porque gostam dos traficantes, mas porque não confiam na polícia”. Além de evidenciar o conflito, ele mostra que entre os dois lados existem os moradores, o que normalmente fica de fora na FD da guerra.

**E20 - Poder Paralelo: Conflito motivado pela disputa de poder começou na segunda metade da década de 70. (Guerra de Facções já dura mais de 20 anos – p.18 – 12/09/2002)**

**E21 - Uma guerra que já dura mais de 20 anos. Sob o comando de traficantes, bandidos brigam desde a segunda metade da década de 70,**

quando o mundo do crime se dividiu em dois grupos criminosos, o Comando Vermelho e a Falange Jacaré. **(Guerra de Facções já dura mais de 20 anos – p.18 – 12/09/2002)**

**E22** - A morte de Orlando Jogador revoltou os jovens traficantes do CV. Numa reunião na Favela de Manguinhos, 21 traficantes decidiram vingar a morte de Orlando Jogador. **(Guerra de Facções já dura mais de 20 anos – p.18 – 12/09/2002)**

**E23** - Houve uma trégua que durou até a morte de José Carlos Gregório, o Gordo, em agosto de 2001, num dos acessos da favela Coronel Leôncio, em Niterói. O crime, segundo a polícia, foi praticado pelo assaltante Luiz Cláudio Santana, o Lico, do Comando Vermelho. Gordo estaria tentando cooptar bandidos do CV para o ADA e o Terceiro Comando. **(Guerra de Facções já dura mais de 20 anos – p.18 – 12/09/2002)**

**E24** - Um dos mais graves conflitos entre CV e TC aconteceu em março no Catumbi, quando numa briga pelo controle do Morro de São Carlos durou mais de seis horas. O conflito deixou quatro mortos, sete feridos e levou pânico às ruas do Estácio. **(Guerra de Facções já dura mais de 20 anos – p.18 – 12/09/2002)**

**E25** - Denis controlava a Rocinha e havia transformado a favela num grande entreposto de drogas, revendendo maconha e cocaína para outras quadrilhas, mas logo entrou em conflito com Beira-Mar, da mesma facção criminosa. **(Guerra de Facções já dura mais de 20 anos – p.18 – 12/09/2002)**

A matéria do Globo da qual esses enunciados foram extraídos vai contar um pouco a história do “crime organizado” que dominava as favelas do Rio de Janeiro. Ele vai chamar o conjunto dessas organizações de “Poder Paralelo”. Nesse sentido, ela traz um novo elemento que complexifica os discursos sobre as favelas. Dentro da FD da guerra havia o conflito necessário entre policiais e traficantes, agora há conflitos entre os próprios traficantes, já que eles podem pertencer a diferentes grupos.

Com isso, descrever os conflitos torna-se uma tarefa complicada, já que nem todo tiroteio na favela é de policial contra bandido (uso essa palavra para entrar na FD que descrevemos). A saída vem pela forma como a FD da favela como espaço isolado se insere (E25). Essa FD possibilita a ressignificação do conflito. Já que existe uma ordem da favela, diferente da ordem do Estado, podemos dizer que há um poder do Estado, o “Poder Público” e um poder que possui sua lógica própria e que domina as favelas e que correm paralelo àquele, ou seja, o “Poder Paralelo” (E20). Dessa forma a FD da guerra sobrevive e mantém os personagens homogêneos em suas posições que já estavam dadas.

É dentro dessa chave de leitura que o Globo estará inserido. Em todos os enunciados ele se dedica a narrar a história da guerra entre facções. Lembrem-se estamos em um momento em que as facções estão em conflito constante nas favelas e nos presídios. Ao contar a história do que ele chama de “facções criminosas” o jornal vai estabelecer a sua relação direta com as favelas.

Dentro dessa narrativa sobre os conflitos no mundo do crime, a favela aparece

como o território que está em disputa. Já que nela estão as bocas-de-fumo, são elas e de acordo com sua posição na cidade, que serão cobiçadas e é nelas que acontecem os conflitos. A favela para esse discurso é o território a ser dominado, o domínio do maior número delas é status de poder. (E21, E22, E23 e E24)

O fato de eles disputarem somente o território das favelas e imporem suas leis, tornando-as “reféns do tráfico”, conforme estamos descrevendo, reforça a FD da guerra associada à FD da favela como espaço isolado que possibilita as descrições do conflito em termos de “poder paralelo”.

**E26** - A violência que aterroriza os moradores tem endereço certo. Ela é irradiada por três das mais de 30 favelas que cresceram na Ilha. Segundo o 17º BPM (Ilha do Governador), é nas favelas do Querosene e do Parque Royal que estão os principais centros de tráfico da região e os lugares onde o potencial confronto é maior. Segundo o comandante do batalhão, tente-coronel Alcides Menezes, essas áreas, todas ocupadas por bandidos do Terceiro Comando, concentram a atenção da polícia. **(O tráfico nos morros da região – p.12 – 22/09/2002 – Ilha)**

**E27** - “Se estamos nas ruas para dar mais segurança, o confronto com traficantes torna-se uma possibilidade. O problema é que as operações do Dendê que desencadearam os problemas na Ilha no dia 11 acabaram ganhando vulto por causa dos problemas no complexo penitenciário de Bangu e da tensão que se seguiu em toda a cidade”. **(O tráfico nos morros da região – p.12 – 22/09/2002 – Ilha)**

**E28** - O antropólogo Roberto Kant, professor e pesquisador de políticas de segurança pública da UFF, explica: - É uma questão cultural. Há um século a polícia tem um caráter repressivo e truculento. Como você pode querer que a população passe a confiar numa instituição de uma hora pra outra. **(O tráfico nos morros da região – p.12 – 22/09/2002 – Ilha)**

Para sintetizar o que estamos trabalhando até aqui em torno da relação entre as duas FDs já citadas e seu funcionamento conjunto podemos observar os enunciados acima. Eles são construídos dentro dessa perspectiva de conflito, isolamento e ordem própria. Além disso, ela rêmora aquilo que chamamos de “FD do foco”, já que elas são pontos de irradiação da violência.

Observemos E26, há logo no início um trecho que resume tudo que falamos: “A violência que aterroriza os moradores tem endereço certo”. Ela vem das favelas da região. Ou seja, ela é o foco central de onde irradia o mal estar. A violência que vem da favela é construída por meio do conflito e do tráfico de drogas. Além disso, a matéria traz que elas são dominadas pelo Terceiro Comando. Podemos dizer que E26 é o enunciado tipo da FD que se origina da relação entre a FD da guerra e a do isolamento, aqui ainda acrescidos pelos sentidos do risco que elas representam para os bairros vizinhos. Em síntese, o que temos aqui é a favela não apenas como um lugar violento, mas de onde provém toda a violência.

**E29** - A violência desce o morro: Tráfico comanda ataque na Ilha, com

ônibus queimados de lojas apedrejadas. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E30** - O confronto entre policiais militares e traficantes do Morro do Dendê, na Ilha do Governador, chegou ontem à tarde ao asfalto. Num violento protesto contra a morte de dois bandidos pela manhã, traficantes armados de fuzis e pistola, acompanhados de moradores da favela, desceram o morro e levaram pânico à Avenida Paranapuã, próximo ao Largo do Cocotá. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E31** - Encapuzados, bandidos atiraram para o alto e um deles explodiu uma granada. Aterrorizados, comerciantes fecharam suas lojas e moradores refugiaram-se em suas casas. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E32** - A guerra no Dendê começou anteontem quando o cabo José Alexandre de Mendonça, do 17º BPM (Ilha do Governador), foi morto numa troca de tiros durante uma operação no Morro do Dendê. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E33** - Ontem de manhã, dois traficantes não identificados morreram e outros dois foram presos numa operação envolvendo cerca de 60 policiais militares no Dendê. Durante a intensa troca de tiros que durou 4 horas, moradores tiveram que se esconder para não serem atingidos por balas perdidas. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E34** - O tráfico e o crime organizado se converteram em algozes das comunidades em que se encastelaram. Multiplicam-se os casos de violência de bandidos contra essas populações. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E35** - Quando quadrilhas forçam o fechamento de projetos como o do Ecopneu, em Acari, e o de escolas como a Professor Ismael Coutinho, em Niterói, o crime mostra sua face real. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

**E36** - É cada vez mais urgente que o poder público reconquiste a confiança da população. Só assim as comunidades se sentirão seguras para ajudar o Estado a combater o inimigo em comum. **(A violência desce o morro. P.14 – 11/09/2002 – Rio)**

Temos aqui novamente a Formação Discursiva que identificamos. Conforme estamos descrevendo, a partir da relação das FDs que falam da favela como lugar da violência, em estado de guerra constante, e da favela como ordem paralela à ordem da cidade, estruturam-se as narrativas sobre a relação entre traficantes e moradores.

O principal efeito de evidência se mostra em E29 (A violência desce o morro), fica bastante claro que aqui estamos dos morros como os lugares onde ela impera. A violência pertence à favela, ela nasce, cresce, se desenvolve e se espalha pela cidade a partir das favelas. É essa FD da violência que abre espaço para esse tipo de enunciação, ela vai estruturar sentidos e sujeitos de forma similar ao que a pobreza fazia. A pobreza determinava o comportamento e o destino dos moradores das favelas, era a causa que explicava não apenas o crime, mas a “preguiça” e a chamada “vagabundagem”.

Essa causa agora é a violência, ela vai determinar esses destinos, o cotidiano violento determina o medo de denúncia dos moradores, os jovens vão necessariamente entrar para o tráfico, um dos agentes do conflito. Ou seja, estamos agora em face de um

novo modelo explicativo das favelas. A violência torna-se o principal fator de aglutinação dos discursos sobre as favelas.

Vamos aos enunciados E30, E31 e E32. Eles evidenciam que o conflito, antes territorialmente restrito às favelas, desceu os morros e chegou o asfalto. Aparecem na narrativa, figuras que já analisamos, como o “bandido”, o traficante que replicaram na cidade o pânico que eles instituíram nas favelas. Contudo, não são apenas os bandidos que levaram pânico ao asfalto, eles estavam acompanhados por moradores. Ou seja, indiferenciam-se as duas figuras para poder dizer que naquele ambiente “favelado” todos de alguma forma são partes do crime.

Retorna aqui, portanto, a FD da guerra. E32 apresenta esse fato ao nomear o acontecido como “A guerra no Dendê”. O clima de guerra que permeia os enunciados até então, é finalmente nomeado. Trata-se de uma guerra entre policiais e traficantes, entre o “Poder Público” e o “Poder Paralelo”. Logo a narrativa se estrutura por meio da descrição dos movimentos de ambas as partes, do comportamento do inimigo em seus territórios (estratégia de deslegitimação) e das causas do confronto.

A grande questão, porém, é que para o Globo narrar essa guerra é preciso assumir um lado e ele estará ao lado do que podemos chamar de “discurso da ordem”. O que desencadeia a “Guerra do Dendê” não é a incursão policial de dois dias antes, é a morte de um cabo da PM (E32) que leva à reação dos policiais que sobem e matam dois traficantes (E33).

Percebam que para o Globo a ação violenta é a dos traficantes que matam um PM que tem nome e sobrenome. As mortes causadas pela PM não são identificadas, na verdade ao colocá-los como traficantes, o Globo tenta legitimar a ação. Essas construções só são possíveis em uma FD de guerra e na posição sujeito de defesa da ordem em que o jornal está.

Outro fator que corrobora essa identificação está na forma como será descrito o comportamento do grupo inimigo em seus territórios. Retorno, com isso, a “Favela refém do tráfico”, aprisionada pela violência que o tráfico comete com a população (E34), e que ao fechar projetos e atacar quem em tese os defendem (E35) mostra sua verdadeira face.

Por fim, isso permite a solução final proposta pelo jornal ao assumir essa perspectiva de narração dos acontecimentos. Somente a vitória do “Poder Público” face ao “Poder Paralelo” para restabelecer a ordem na favela. Somente reconquistando a população, e estabelecendo o tráfico como inimigo de todos é que se pode restabelecer a “normalidade” da vida nesses locais. Há aqui um princípio de deslocamento, que estamos chamando por hora de “discurso da ordem”.

**E36 - Tráfico expande seus limites para além das favelas (Tráfico expande seus limites para além das favelas –p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

**E37 - Os mais de 30 quilômetros que separam o supermercado Mundial, em Ramos, do presídio Bangu I evaporaram-se às 10h30m da última quarta feira. Uma ordem saída da cadeia exigiu o fechamento de lojas e escolas na região – determinação prontamente obedecida. Foi assim em nove bairros do Rio. A rebelião no presídio, comandada pelo traficante Fernandinho Beira-Mar, provocou reflexos em regiões que, juntas, somam mais de 20 mil quilômetros quadrados, quase metade da cidade. Uma demonstração de força equivalente a criar e espalhar em todas as direções do Rio a atmosfera carregada de centenas de Complexos do Alemão. (Tráfico expande seus limites para além das favelas –p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

**E38 - “O poder do tráfico já transborda seu limite geográfico e territorializa todo seu entorno” - observa o pesquisador Josinaldo Aleixo. (Tráfico expande seus limites para além das favelas –p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

**E39 - “Há lojas de conveniência que deveriam funcionar 24 horas que fecham às 19h por falta de segurança. E, nestas regiões, dominadas pelo tráfico não há sequer movimento de pessoas nas ruas depois que escurece”. (Tráfico expande seus limites para além das favelas –p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

**E40 - Para o presidente do tribunal de justiça do Rio, desembargador Marcus Faver, o tráfico no Rio tem a mesma prática já adotada pelo jogo do bicho: - A cobrança de pedágios e os esquemas de segurança montados pelo tráfico são a mesma prática que havia nos anos 70 do jogo do bicho, sendo que agora a violência é muito maior. (Tráfico expande seus limites para além das favelas –p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

**E41 - Muitas empresas instaladas na vizinhança de favelas são obrigadas a ceder, mas há casos em que os estabelecimentos adotam uma política de boa vizinhança. (Tráfico expande seus limites para além das favelas – p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

**E42 - O caso mais recente de escola obrigada a mudar seu perfil foi o tradicional colégio Stella Maris, vizinho ao morro do Vidigal, que perdeu alunos de classe média e acabou se voltando para a comunidade. (Tráfico expande seus limites para além das favelas –p.21 - 15/09/2002 – Rio)**

A evidência da guerra se expande ao que parece para o Globo, após as rebeliões de Bangu I, não é mais as favelas que são ambientes de guerra, mas toda a cidade. Se antes era a violência que havia descido o morro, agora são os “agentes” dela que estão expandido seu domínio pelo Rio de Janeiro. A guerra está estabelecida, a cidade está sitiada, o “poder paralelo” do tráfico ganha espaço e começa a estabelecer sua ordem para todos. É dessa forma que serão narrados os acontecimentos a partir de agora.

A FD da guerra se torna hegemônica não apenas para falar das favelas como lugares em que o conflito acontece, a guerra agora está por todo o Rio de Janeiro. A partir das favelas e dos presídios, e essa FD tende a torna-los similares, já que ambos são dominados territórios fechados e dominados pelas organizações do crime. É essa formação que permite que chamemos o conjunto de favelas de “complexo” (E37).

A palavra complexo, nesse caso, não aponta para uma complexidade, ou

heterogeneidade, das diferentes favelas que existem no Alemão, Acari, Rocinha e Jacarezinho. O complexo de favelas é similar ao complexo de presídios. “Complexo do Alemão” e “Complexo de Bangu” são dominados pelos mesmos tipos de sujeitos (criminosos), os mesmos que dominam um, dominam o outro. A Favela enquanto “complexo” é uma prisão, um lugar de crime, de privação, de isolamento social e de conflito. E E37 produz um enunciado de medo para a população carioca, o poder do tráfico vai espalhar “a atmosfera carregada de centenas de Complexos do Alemão”. Contudo, uma análise mais detalhada desse aspecto demanda um estudo mais aprofundado da memória discursiva carioca sobre os “complexos penitenciários”.

A expansão do tráfico altera a realidade da cidade e de sua vizinhança. E37, mobilizando o medo, conforme falamos. Mostra o alcance do poder dos traficantes, capazes de parar “quase metade da cidade”. Isso será atestado em E38, o poder do tráfico já não se limita às favelas. Ele agora fecha lojas também no “asfalto”, impõe sua lei, o medo e a violência para todos os que vivem no Rio.

O funcionamento fica descrito em E40, à cobrança de pedágios e os esquemas de segurança não apenas na favela, mas em seu entorno. Em tom de lamento, o Globo dirá que escolas agora deixam de atender à classe média para atender às comunidades (E42) e que empresas precisam conviver com o perigo cotidianamente (E41).

Esses enunciados, colados com os do bloco analítico anterior mostram a força que a FD da guerra ganhou, seu efeito de evidência se expandiu. Não mais a favela está em constante conflito, mas toda a cidade. Porém a favela ainda é o foco da violência, lugar de onde todos esses males provêm que vive sob a égide de uma lei paralela e que agora deseja expandir sua “atmosfera pesada” para toda a cidade. É a partir dessa memória discursiva que o Globo está produzindo suas falas.

**E43 - Cidade Proibida: Reforço no patrulhamento, rondas e cabine da PM não são suficientes para afastar o medo. (Violência fecha caminhos para o lazer – p.22 – 01/09/2002 – Rio)**

**E44 - Alguma coisa está fora da ordem e o carioca sabe bem disso. (Violência fecha caminhos para o lazer – p.22 – 01/09/2002 – Rio)**

**E45 - O medo da violência fez da simpática carioca, moradora da Barra da Tijuca, uma pessoa mais preocupada, principalmente quando o assunto é diversão. (Violência fecha caminhos para o lazer – p.22 – 01/09/2002 – Rio)**

**E46 - Um dos pontos mais agradáveis da cidade é o Mirante do Leblon. À noite, no entanto, muita gente garante, dá medo. Na última quinta-feira, junto ao quiosque da Tia Sônia, grupos aproveitavam despreocupadamente a beleza da vista. A polícia faz ronda com frequência na região e instalou uma tenda do polígono de segurança na Avenida Visconde de Albuquerque. Essas medidas, no entanto, não foram suficientes para espantar o medo depois dos crimes ocorridos no lugar. (Violência fecha caminhos para o lazer – p.22 – 01/09/2002 – Rio)**

**E47** - Em 20 de setembro de 1999, traficantes do Vidigal seguiram até o mirante do Leblon de madrugada para um acerto de contas com outro traficante que tomava cerveja ali. Os bandidos atiraram contra várias pessoas, matando duas e ferindo três. **(Violência fecha caminhos para o lazer – p.22 – 01/09/2002 – Rio)**

**E48** - Porto importante do Brasil desde o século XVI, o Rio deixou de ser navegável em toda sua extensão de 1.261 quilômetros quadrados graças à violência que, de uns 30 anos para cá, distanciou e definiu suas margens. **(Carioca perde bom humor e tem medo até de sair à rua – p.22 – 01/09/2002- Rio)**

**E49** - Nas margens do Rio, estão os dois lados da questão que, da mesmo forma como desequilibram os hábitos do humorista Jaguar, mudaram a maneira de agir do carioca, outrora sinônimo de criatura bem humorada, cordial e prestativa. Era uma marca registrada a séculos, que corre o risco de perder a patente por causa da violência e das diferenças: cerca de 20% dos seis milhões de habitantes daqui vivem em favelas lugares de risco para os demais moradores da cidade. Para Jaguar, o perigo não está somente nas comunidades pobres, mas em qualquer ponto do Rio. **(Carioca perde bom humor e tem medo até de sair à rua – p.22 – 01/09/2002- Rio)**

**E50** - Na opinião do Psicanalista Alberto Goldin (...): “A guerra influencia o comportamento das pessoas por muito tempo, mesmo depois que acaba. Mas acho que o carioca não mudou na essência, não ficou amargurado por causa da violência. Só mudou o comportamento exterior, mas continua cordial”. **(Carioca perde bom humor e tem medo até de sair à rua – p.22 – 01/09/2002- Rio)**

**E51** - Segundo o historiador Milton Teixeira (...). O Historiador contou que em 1958 os repórteres de polícia tinham dificuldade de encontrar notícia diariamente, porque naquele ano só ocorriam, em média, quatro assassinatos por mês. **(Carioca perde bom humor e tem medo até de sair à rua – p.22 – 01/09/2002- Rio)**

Conforme atestamos a FD da guerra se expande, saindo dos territórios isolados das favelas e chegando até à cidade. Com ela, as narrativas que descreviam o medo que havia dentro das favelas por conta do domínio do tráfico, chegam até à cidade. Ela vai permitir dizer que há dentro do Rio de Janeiro uma “Cidade Proibida”, não como aquela cidade chinesa, mas uma cidade que nos foi retirada devido a ampliação do “Poder Paralelo” para todos os lugares.

Os enunciados dessa matéria são todos permeados por essa FD que traz o medo como elemento guia da narração. O que se fala aqui é da ampliação do medo, do crime, da morte que constroem esse sentido de violência. É esse medo que permite a Globo dizer que a “Violência fecha os caminhos para o lazer”.

Estabelecida nessa Formação Discursiva, o discurso do Globo trabalha no sentido de mostrar como isso afetou a vida das pessoas que vivem ou visitam o Rio de Janeiro. E43, E45, E46 e E49 atestam esse fato, a polícia (Poder Público) perdeu o controle, ela não dá mais conta de afastar o medo da cidade. A rotina de medo faz com que as pessoas se afastem das ruas e temam pela sua segurança. E49 mostra que os acontecimentos estão

maculando a identidade do carioca como cordial. Pode-se dizer que houve um pequeno deslocamento no “discurso do risco”. Ele se desloca geograficamente, mas sem deixar de estabelecer os lugares antigos. Se antes somente a favela representava o risco da violência, com a expansão do “discurso da guerra”, o risco agora passa a estar presente na rua, em todos os lugares onde eu estou em contato com outro que desconheço. A cidade sitiada pelo discurso do medo da violência torna a rua o local privilegiado do risco de se tornar uma vítima.

Esse efeito de sentido altera o imaginário da cidade de uma forma geral. De alguma forma estamos falando sobre isso, o simbólico determinando os mapas da cidade, os lugares habitáveis e os lugares de risco (GUIMARÃES, 2002). O que vemos agora é que não são somente as favelas que serão esses lugares, o Rio de Janeiro é a imagem do risco e do medo, a ponto de ter sua história recontada. E48. A metáfora da navegação guia a percepção de que a cidade teve suas margens redefinidas. As margens invadiram o centro, lamenta o Globo.

Quais margens são essas nos perguntamos? A FD da guerra, como dissemos, estabelece as favelas como o lugar dos inimigos e são eles que redefinem o Rio de Janeiro. Os marginais das favelas, isolados socialmente, tornaram-se bandidos, no deslocamento de sentidos que apresentamos em 1995. A violência desceu o morro, conforme o título de uma matéria de 2002, o tráfico expandiu os seus limites.

Como estamos dizendo, a FD da guerra desceu o morro e ao se movimentar geograficamente traz o medo. Enquanto a guerra se estabelece na favela, o medo não se coloca para a cidade. Os morros são lugares isolados, que vivem sob uma lógica própria, dirão. As mortes e a violência com os moradores são fatos isolados, “notas de uma guerra particular”. Ao descer o morro a FD interpela os sujeitos e reconstrói a cidade a partir do medo, altera suas margens, traz à tona o medo.

Alterar as margens não significa que não existe um lugar de onde a violência se irradia. E é nesse ponto, com a FD do “foco” que se apresentam essas construções. A favela continua sendo o lugar indesejado, violento, enfim o lugar do crime. E44 começa a indicar essas questões ao trazer o discurso da ordem, ele dirá que há alguma desordem. E51 vai atestar que a violência tornou-se banal e funciona como um sintoma da desordem.

Mas é E47 e E49 que mostram as origens do risco, do medo e da violência. Em E47 são os traficantes do Vidigal que atiram no Mirante do Leblon, matam inocentes que estavam ali. A FD estabelece que os sujeitos criminosos vêm da favela, lá é seu “habitat natural”, sua descida do morro coloca em risco a cidade.

Mas E49 mostra o efeito de evidência: “cerca de 20% dos seis milhões de

habitantes daqui vivem em favelas, lugares de risco para os demais moradores da cidade. Para Jaguar, o perigo não está somente nas comunidades pobres, mas em qualquer ponto do Rio”. As favelas são os lugares de risco para os moradores da cidade, pois é de lá que vem todos os males da cidade do Rio de Janeiro, controle-se a favela e o mal estará extirpado da vida da cidade. Parece-nos que o jornal percebe o deslize cometido e abre uma justificativa para compensar, são as “não coincidências do dizer”. (AUTHIER-REVOUZ, 1995) Ele se desdobra ao perceber a evidência, mas no fim das contas reafirma o discurso do risco das favelas para todo o Rio de Janeiro.

A FD da guerra e seus efeitos serão descritas em E50. Nela a guerra já está estabelecida e a fala do psicanalista mostra os efeitos dela sobre os sujeitos. O aparecimento da palavra guerra é sintomático para atestar que a formação discursiva já se estabeleceu e é explicativa desse atual contexto do Rio de Janeiro.

Pudemos verificar nesse bloco de análise alguns deslocamentos e estabelecimentos de sentidos. A ampliação da separação da favela e da cidade, colocando a favela como o local, o foco da criminalidade e do risco para a cidade. A entrada de novos atores no conflito entre polícia e traficantes desloca os sentidos para a disputa entre “Poder Público” e “Poder Paralelo”, mantendo assim os sentidos de guerra. FD da guerra que passa a ser a principal linha explicativa da violência nas favelas e que desce para a cidade, que está toda em guerra, segundo o Globo.

O que mais chama atenção, contudo, é o fato de que mais do que em nenhum momento a favela foi uma entidade tão genérica. Se em outros momentos havia a nomeação dos traficantes de cada favela, ou o lugar de domínio de cada grupo, agora não há diferença. Apesar de várias, a favela é uma realidade única não importando sua localização, sua forma de ocupação e a história dos seus moradores.

As favelas agora são “complexos”, que assim como as prisões, são indiferenciados. Lá se desenvolve o crime e o “Poder Paralelo”. É de lá que os traficantes controlam seus negócios e os medos da cidade do Rio de Janeiro. No fim das contas o medo da violência nada mais é que um medo das favelas e de seus habitantes.

#### **4.1.5 - 2010 – “Tudo pronto, só falta a ordem”**

O nosso último bloco de análise escolhido foi o mês de dezembro de 2010. O contexto foi suficientemente interessante por mostrar a repercussão da ocupação do Morro do Alemão pelas forças de segurança. Esse processo ficou conhecido como a “Pacificação do Alemão”, já que a política em relação às favelas a partir de 2008, do Governador Sérgio

Cabral, do Prefeito Eduardo Paes e do Presidente Lula, era de construção de Unidades de Polícias Pacificadoras (UPPs), conforme descrevemos no capítulo 2.

A grande questão, porém, está na chamada de retomada dos morros. A FD que tinha mais força nesse momento era a FD da guerra, cujo discurso levava que a solução para o problema das favelas era a retomada de seu território pelo Estado. A ação da ocupação dos morros nada mais é do que consequência dos sentidos que vinham sendo produzidos sobre as favelas. Ocupar, para pacificar e libertar a favela do jugo dos traficantes. Esses são indícios interessantes do contexto da época que vai mostrar a força daquela formação discursiva.

Por força do próprio objeto, as matérias mais significativas desse bloco analítico acabaram sendo a repercussão da ocupação, feita no fim de novembro, e a preparação para novas ocupações, como a Rocinha. As matérias trazem a novidade de, após muitos anos, trazerem a voz dos moradores e isso se torna uma questão, já que o modo como aparecem é parte da análise. Tudo que falaremos aqui, de alguma forma já está dito nas análises anteriores, elas são partes de um mesmo todo discursivo que se desdobra no tempo e constrói sua historicidade, moldando percepções e produzindo efeitos na sociedade.

**F1** - “A favelização é como se fosse a droga de entrada: você começa por ela e, depois, vêm todos os outros problemas: lixo, drogas, animais nas ruas, trânsito” Andrea Magalhães – Moradora. (SOS Itanhangá – p.14,15,16,17 – 12/12/2010 – Barra)

**F2** - “Não temos nada contra o Morro do Banco, mas, se não respeitarem o que está estabelecido, a favela vai virar uma nova Rocinha” Carlos Augusto Machado – morador. (SOS Itanhangá – p.14, 15,16,17 – 12/12/2010 – Barra)

**F3** - O clima bucólico da década de 1990 está, hoje, restrito às ruas internas de alguns condomínios. Do lado de fora a lista de reclamações dos moradores ganha cores e contornos: trânsito, buracos, lixo nas ruas, alagamentos e rede de esgoto deficiente são algumas delas. A principal, no entanto, é o crescimento das favelas, desaprovado até mesmo por quem vive nelas. (SOS Itanhangá – p.14,15,16,17 – 12/12/2010 – Barra)

**F4** - Moradora antiga do bairro, ela hoje lamenta o avanço das favelas sobre o Maciço da Tijuca, onde antes só havia Mata Atlântica. Com as comunidades da Floresta da Barra da Tijuca (também conhecida como Morro do Banco) à esquerda e Sítio do Pai João à direita, Lenise fala da dor e da impotência que sente ao ver pequenos focos de incêndio na mata: “Fico triste, porque significa que vão surgir, pelo menos, meia dúzia de sobrados. (SOS Itanhangá – p.14,15,16,17 – 12/12/2010 – Barra)

**F5** - No dia a dia do Itanhangá, contudo, o que se percebe é que algumas favelas crescem além dos seus limites, silenciosamente. Ou nem tanto, como revela Andrea Magalhães, também moradora do Greenwood Park: “No fim de semana, eu ouço barulho de motosserra da minha casa. Já tirei fotos e enviei e-mail para o subprefeito Tiago Mohamed, mas ele disse: ‘estamos controlando’”. (SOS Itanhangá – p.14,15,16,17 – 12/12/2010 – Barra)

O processo de “favelização” ficou oculto em nossa análise desde o bloco de 1991.

Na verdade, não tivemos ocorrências no jornal sobre essa situação. Foi a partir dele que identificamos uma parte considerável de nossas percepções sobre a produção discursiva das favelas. Com a favelização identificamos o “discurso do risco” e o discurso da favela como o foco, naquele caso, de pobreza e deterioração.

Chamou-nos atenção essa matéria pelo fato de retomar a questão da favelização em 2010, quando nos parecia que esse discurso já parecia ter caído em desuso. Assim como eles nos pareceu produtivo, já que o campo de externalidade com qual a favelização dialoga é outro. O contexto discursivo não é o mesmo e a questão da violência, do crime e da droga são muito mais fortes. Com isso a favelização de 2010 não é a mesma de 1986 ou 1991, ela é outra, já que os discursos sobre as favelas também se tornaram outros.

O primeiro enunciado (F1) mostra exatamente a mudança desse campo de externalidade. Se antes era deterioração, ele agora comporta outras metáforas. “A favelização é como se fosse a droga de entrada: você começa por ela e, depois, vêm todos os outros problemas: lixo, drogas, animais nas ruas, trânsito”. A percepção de que a favela é o lugar da violência, que esse é seu destino tornou-se tão evidente que o processo é descrito como inevitável. A favela começa com a pobreza, com a ocupação ilegal e depois chegam às drogas, a violência. O processo de favelização não é apenas a desvalorização financeira do bairro, ele traz consigo o risco da violência do qual a favela é portadora.

F2 mostra exatamente o que pode acontecer ao falar que a favela pode “virar uma nova Rocinha”. A expansão dessas novas favelas na Barra mobiliza o discurso da sujeira e da falta de ordem, já bastante estabilizados na memória discursiva sobre as comunidades.

Há, contudo, a entrada de um discurso que até então não havia aparecido, a questão do meio ambiente. Se em 1986 era a “deterioração da vida urbana” o grande problema, em 2010 é a deterioração do meio ambiente. O risco entra em diálogo não mais com a ordem urbana, mas com o meio ambiente. Isto produz uma nova forma de mobilizar o perigo que as favelas representam.

O funcionamento desse discurso mobiliza algumas formações já estabelecidas na memória. A Favela é um lugar sujo e insalubre (memória do higienismo), sem coleta de lixo, saneamento básico; a Favela não se enquadra na ordem urbana (memória da favela como ambiente não civilizado) e a formação discursiva do risco. A entrada da questão ambiental se relaciona com esses pontos. A favela cresce desordenadamente (F4 e F5), derrubando e queimando árvores e a favela produz muito lixo que contribui para a poluição (F3).

A Favela, com isso, é um risco não apenas para a cidade, mas para o meio ambiente. A questão ambiental é pauta de movimentos sociais desde a década de 80, esse fato

também permite que a favela entre em pauta nesses termos. A favela destrói e polui, ela se relaciona com o ambiente de maneira depredatória e desordenado. A chegada desse discurso, ao rememorar toda a questão da higiene e da ocupação, permite um retorno dos discursos higienistas, já que a favela colocaria em risco a qualidade de vida na cidade, devido a insalubridade que contribui para a poluição do meio ambiente.

Esse é um discurso incipiente, talvez ele ganhe força e forma mais definida com o tempo, mas dentro de toda a heterogeneidade que constitui os discursos sobre as favelas, ele talvez seja um que venha a ganhar força, já que ele consegue congrega uma série de memórias estabilizadas e ainda assim associar com o imaginário hegemônico da violência.

**F6 - Tudo pronto, só falta a ordem. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

**F7 - Lá dentro, são milhares de moradores, construções umas próximas das outras, vias íngremes e muitos becos. Do lado de fora, centenas de pessoas em prédios, casas luxuosas, hotéis lotados de turistas e veículos circulando sem parar em movimentadas avenidas. Ocupar as favelas da Rocinha e do Vidigal em São Conrado parece uma tarefa extremamente difícil. No entanto, policiais civis do Rio já tem equipes táticas prontas, treinadas e com conhecimento suficiente da região para uma esperada invasão das comunidades. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

**F8 - Recém-saído da batalha de retomada do Complexo do Alemão, Turnowski garantiu que a polícia é capaz hoje de entrar em qualquer favela do Rio. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

**F9 - A situação das favelas da Rocinha e do Vidigal é semelhante à que existia na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão. Traficantes transformaram as duas comunidades da Zona Sul no entreposto de drogas, armas e munições de uma facção criminosa. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

**F10 - Há pelo menos um ano, policiais do Rio têm conhecimento de que bandidos foragidos de outras favelas da Região Metropolitana teriam buscado refúgio na Rocinha. Só na comunidade são mais de 200 traficantes e 200 fuzis em poder da quadrilha. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

**F11 - Estratégica para o tráfico, rica (vende-se para um tipo de viciado que pode pagar mais caro pela droga) e cercada de rochas e matas (o que amplia o número de rotas de fuga numa eventual ação policial), a região teria se tornado esconderijo de bandidos foragidos até do Complexo do Alemão. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

**F12 - Uma das denúncias anônimas chegou na última sexta-feira: diz que os traficantes estão aterrorizando os moradores (suspeitos de darem informações às autoridades), andam muito nervosos, circulam armados por todo lado, e têm muito medo de uma invasão da polícia, que acreditam ser iminente. (Tudo pronto, só falta a ordem – p.18 – 05/12/2010 – Rio)**

A escolha do título deste subcapítulo como o título dessa matéria que estamos analisando não é por acaso. Ela é em parte a síntese do que são os discursos que servem de base para a pacificação e a ocupação dos morros. O enunciado (F6) trabalha de forma

ambígua seus sentidos dependendo do interlocutor e de qual o objeto que está em questão.

Ele aparece como título a partir da fala do comandante da polícia que ao ser questionado sobre se haveria uma ocupação na Rocinha nos moldes do que foi a do Alemão, diz: “Tudo pronto. Só falta a ordem”. Esses dizeres têm duas possibilidades de entendimento dependendo da posição em que nos encontramos. A primeira como uma resposta do policial se a polícia estaria preparada para ocupar, ao que ele dá essa resposta. Essa parece ser a linha que o Globo vai seguir.

Mas outra possibilidade é posta, ao se olhar para a Rocinha e dizer “tudo pronto, só falta à ordem”, os sentidos apontados serão outros. O que está pronto? Que ordem é essa? É nos sentidos de ordem que mora a ambiguidade, é ela que vai dizer o que está ou não está pronto. A ordem nesse caso, não é a ordem como mandato, como obrigação de se ter uma atitude. A ordem é aquela da memória da favela como lugar da desordem. Por isso ela estará pronta para a ordem. Os discursos sobre as favelas apontaram sempre para a desordem, a violência, o refúgio do tráfico e a população refém do tráfico. Ou seja, ao alcançar, nesse ponto de vista, o ápice da desordem, ela agora está pronta para a ordem. Daí dizer: “Tudo pronto (a favela está pronta) só falta a ordem”.

A matéria segue, com isso, uma intensa descrição de como é a favela. A questão da violência atravessa as falas, mas a noção de abrigo dos traficantes aparece com mais força. As descrições não são feitas, em sua maioria, na chave de “cotidiano violento”, estão mais no aspecto físico do local que permite o esconderijo de diversos traficantes.

Apesar de descrições menos alarmistas como aquelas que verificamos em 2002, estes enunciados ainda se situam na FD da guerra. Em F8 ela aparece, bem como o chapéu da matéria, “Batalha do Rio”. O uso da palavra batalha é o índice de que as ocupações das favelas são verdadeiras operações de guerra. Na verdade, se pretendem como as operações derradeiras de vitória da guerra. Mas o clima de conflito é o predominante.

Ao narrar da perspectiva dos policiais, o Globo vai produzir o sentido para a Rocinha a partir desse ponto de vista. Ou seja, “um entreposto de drogas, armas e munições” (F8), devido a seu tamanho e organização (F7) tornou-se um esconderijo para traficantes foragidos (F10) e estratégica para o tráfico, por estar em uma região rica. (E11)

Esses enunciados fortalecem a percepção de que a favela é o lugar do tráfico e de onde irradia a violência da cidade. Essa leitura é possibilitada pela FD da guerra em diálogo com outras FDs, processo que já descrevemos e que se repetem nesse momento. F12 faz a ponte necessária para demonstrar o que estamos falando. Ela torna presente o “cotidiano violento”, os moradores como “reféns do tráfico” ao mostrar o clima de medo entra os traficantes. Ele serve também para mostrar que se há uma guerra, as forças do

“Poder Público” estão vencendo.

Até aqui não tivemos nenhum grande deslocamento de sentido, pelo contrário, o processo de pacificação é um processo de guerra e de conflito. Ele corrobora a FD da guerra que está sendo posta para funcionar em sua plenitude. A favela durante esse processo, e até aqui em nossa análise, ainda parece ser um lugar de violência.

**F13 - Incerteza dá lugar à esperança: Livres dos traficantes, moradores do Alemão retomam suas vidas. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F14 - A brincadeira de X., de 8 anos, agora não tem mais hora pra acabar. Antes da ocupação do Complexo do Alemão, há uma semana, a mãe do menino, aluno da primeira série, obrigava-o a se recolher antes das 21h. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F15 - Depois da retomada do morro, as ruas passaram a ficar apinhadas de gente, principalmente crianças, que não correm mais o perigo de serem atropeladas pelas motos dos bandidos. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F16 - Para os mais velhos, a sensação é de que “o ar está mais leve”, avalia Vanilda Pereira, moradora há 30 anos da região: - O ar mudou, sem dúvida. Eram muitos bandidos armados. Eles nunca fizeram nada conosco, mas era triste ver as crianças assistirem cenas como essas. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F17 - Mas é na hora de dormir no Complexo do Alemão, enquanto as buscas aos bandidos não terminam, que os nervos ficam à flor da pele. A sensação é de que, a qualquer momento, alguém vai invadir a sua casa, seja um policial para fazer revistas ou um bandido querendo usá-la como esconderijo, tomando-o como refém. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F18 - Desde que o morro foi tomado, há uma semana, o sentimento do morador é um só: o de dormir de um olho no inimigo ou, como se diz na linguagem do morro, de olho no “alemão”. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F19 - Além do medo de ter seu direito à inviolabilidade do lar quebrado, o morador convive com outro receio: o de que o estado o abandone mais uma vez. Neste caso, os fantasmas serão o retorno dos bandidos e a tomada da favela por milicianos. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F20 - Mas a esperança em um futuro melhor acaba sendo mais forte. (...) Até moradores, vítimas da violência do confronto entre bandidos e polícia, parecem não se importar com os prejuízos causados pela guerra do último domingo. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F21 - O passado só incomoda quem perdeu entes queridos na guerra do tráfico, como a catadora de lixo Maria das Dores Vieira (...): “Podem melhorar a favela, mas ainda guardo muita tristeza daqui. Perdi meu neto de 16 anos para o tráfico. Arrancaram um pedaço de mim”. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

**F22 - Depois de sentir como os moradores do Alemão vivem, a equipe do Globo resolveu refazer a via crucis de Tim Lopes, quando ele foi levado para o alto daquele morro. O ambiente era pesado, mas ao lado do local onde foi encontrada a ossada do jornalista, foi construído um campo de futebol, onde mais uma vez, havia crianças brincando. Os ares da favela, realmente, começaram a mudar. (Incerteza dá lugar à esperança – p.19 – 05/12/2010 –Rio)**

O fato de os enunciados anteriores estarem situados na FD da guerra e não terem

produzido nenhum deslocamento se deve à natureza dos eventos narrados. Eles falavam de batalhas de ocupação que ainda estavam para acontecer. Com isso, a FD da guerra ainda se faz muito presente, já que a memória mobilizada é a mesma que estabeleceu o conflito de forças.

Este bloco de enunciados vai na direção contrária. Ele se situa na narração dos acontecimentos que vieram logo depois da “pacificação” do Alemão. Ao descrever a comunidade após a ocupação das forças policiais, o Globo procura traçar o que virá agora que eles estão “livre dos traficantes” (F13). Conforme o título da matéria, o tom das palavras do Globo é de esperança que vai vencendo a incerteza.

A construção da matéria do jornal, no nível de sua formulação, vai na tentativa de criar o sentido de esperança. Descrições como mudança de ares, leveza, alegria, enfim de um cotidiano que se tornou menos opressor, dão o tom das descrições. As falas dos moradores servem para construir esse sentido, após a guerra vem à esperança. Agora que os traficantes foram expulsos, não há mais uma ordem de medo, a favela foi integrada ao “Poder Público”, ao menos é esse efeito de sentido que vem se construindo.

Os enunciados F14, F15 e F16 fazem um diálogo direto com a FD da guerra. Essa FD ao narrar a favela à via como o lugar do tráfico que instituiu um “cotidiano violento”, onde os moradores não tinham liberdade, viviam em “complexos” de favelas, tendo seus sentidos aproximados de prisões, eram, enfim “reféns do tráfico”.

O processo de pacificação é o processo de estabelecer sentidos opostos aos da guerra. Só se pacifica algo que em algum momento não esteve em paz, que estava em guerra. Por isso, descrever o cotidiano agora sem guerra, é tentar mostrar o antigo, para elogiar o presente. As crianças podem brincar até tarde na rua (F14), as pessoas agora saem na rua sem medo (F15), a favela perdeu seu ar carregado, está com um ar mais leve.

Porém, ainda há medo, F17 e F18 atestam esse fato. Os moradores ainda sentem dificuldade de dormir, o medo ainda toma conta. Faz-se presente o medo das batidas policiais e aqui vaza levemente o discurso do medo e da desconfiança da polícia. Mas a função autor do Globo se faz muito forte nessa matéria e F20 vai retornar a narrativa para o local que o jornal quer que ele vá. Em F20 a esperança vence de vez a desconfiança e os sentidos de leveza retornam. F21 aparece para corroborar o fato de que o passado era realmente tenebroso na favela e que muitas foram as vítimas do tráfico.

É em F22 que o Globo se mostra de fato. Ao visitar o local onde Tim Lopes foi assassinado, os jornalistas descrevem poeticamente uma cena de crianças brincando. O local que antes era um descampado em que havia torturas e assassinatos pelos líderes do tráfico agora tem risos e crianças, o que faz os ares da favela mudar.

Esses enunciados colocam questões interessantes. Pois, nesse momento, ainda não é possível perceber deslocamentos profundos nas formações discursivas. Há obviamente um discurso de reação, o processo de produção de discursos comparativos são reativos. A mudança de ares da favela é a tentativa de negação da FD da guerra e da favela como lugar de violência e do tráfico.

O aparecimento dos moradores é domado pela orquestração de vozes produzidas pelos jornalistas. O que podemos identificar é ao que parece, uma FD que retoma alguns aspectos românticos como a vida comunitária e o convívio mais próximo entre as pessoas. Mas, ainda assim apontam para a favela como uma realidade diferente da cidade, mantendo assim a fissura “morro” e “asfalto”. Ou seja, estamos aqui em um momento de transição no qual a guerra pela apropriação dos sentidos ainda estão se dando.

A FD da guerra não some completamente, ainda há guerra de sentidos em jogo nesse momento. Narrar a favela dessa forma, coloca o Globo na perspectiva que sempre esteve na quando descreveu a guerra contra os traficantes, ou seja ao lado das forças da ordem ou o “Poder Público”. Mostrar o antes e o depois da pacificação em termos de mudança de ares e leveza, é apresentar um cotidiano da favela como novidade. Narrar o comum, passa a ser um jogo político de apropriação dos sentidos. Falar em jogos de futebol, cotidiano comum de qualquer comunidade, passa a ser um elemento comparativo com o que se dava anteriormente.

Logo, podemos dizer que descrever a favela a partir da FD da guerra era uma polícia do silêncio. (ORLANDI, 2007) Que silenciava o real da favela para poder descrever tudo como uma grande dominação que levava a todos a serem reféns em seu próprio território. Por isso, tirar o cotidiano real dos moradores do silêncio aparece como novidade em o Globo.

**F23** - O terror e o alívio de quem convivia com o tráfico: “Eu ouvia gritos a noite toda. Escutava as pauladas”, contam moradores que hoje se sentem libertados. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F24** - Criado desde os 10 anos no Complexo do Alemão, ele se acostumou ao barulho de tiros e gritos das vítimas do tráfico. A primeira noite livre dos bandidos foi comemorada, mas, ao contrário de X, muitos dos que moram no conjunto de favelas do Alemão e da Vila Cruzeiro, ainda desconfiados, preferem esperar pra crer. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F25** - “Agora posso falar porque sei que a polícia veio pra ficar. A operação foi rápida e não fez vítimas inocentes, bem diferente das outras. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F26** - Morador do alto da favela da Grota: “Eu ouvia gritos a noite toda. Quando eles não queriam barulho, colocavam uma bola de pingue-pongue na boca da vítima para ela não gritar. Escutava as pauladas, até mesmo com pedaço de tijolo, na cabeça da vítima. De manhã, quando

acordava, sentia o cheiro de sangue”. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F27** - “Espero que a polícia fique aqui mesmo. Parece que estou passando por um processo de libertação”. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F28** - Agora, olhos e sorrisos bem abertos: Planos para o futuro substituem o medo que imperou até ocupação. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F29** - Moradora da Favela Nova Brasília há 37 anos, Eliane conta que evitava olhar para os bandidos: - As ruas eram muito agitadas. Saía de casa porque não tinha outro jeito. Agora está bem melhor. Desta vez eles ficam – disse referindo-se à ocupação policial. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F30** - “Antes, eu dizia que morava na Nova Brasília e não gostava quando falavam que era no Alemão. No domingo, logo depois da ocupação, já passei a dizer que moro no complexo. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

**F31** - Questionada sobre as cenas de terror que foi obrigada a assistir, a moradora resumiu uma atitude coletiva de anos de domínio do tráfico: - A gente tinha que fechar os olhos e a boca, e rezar. **(O Terror e o alívio de quem conviva com o tráfico – p.32 – 05/12/2010 – Rio)**

Esse bloco de análise não se diferencia de maneira muito profunda do que descrevemos anteriormente. O único ponto em que eles se afastam é a estratégia de formulação. Se um procura os sentidos de leveza e de esperança, buscando mais o presente e o futuro da comunidade. Estes procuram traçar também uma fala de esperança de mudança, mas olhando para o passado.

Ao descrever o passado o Globo retorna às regiões da FD da Guerra para mostrar o “cotidiano violento” e as estratégias de dominação utilizadas pelos agentes do “Poder Paralelo”. O processo de produção de sentidos das favelas está em aberto, mas ainda se mantém uma concepção de separação da cidade. Não há, mas a separação da ordem, a favela está se integrando à ordem da cidade, mas ainda é uma realidade cultural e social de outra instância.

Precisamos falar um pouco da operação de ocupação do Morro do Alemão, pois há aqui na fala de um morador, um furo no discurso do Globo. Construiu-se a ocupação da favela como um evento no qual não houve violência, tampouco mortes. Ao menos se olharmos as páginas de O Globo. Contudo, a descrição feita da ocupação por um morador vai deixar passar outra questão.

Em F25 a fala do morador diz da certeza de que a polícia veio para ficar e diz que “não morreu ninguém inocente”. Essa fala deixa transparecer que houve mortes, de pessoas, que segundo essa fala, mereciam morrer. Talvez ele esteja se referindo a traficantes, líderes de boca-de-fumo, soldados do tráfico ou um vizinho de quem ele não gostava. A inocência é um índice demasiado abstrato para indicar quem morreu. Mas as mortes nas favelas

sempre foram legitimadas pela FD da guerra, mas isso já foi dito anteriormente.

O comparativo com o passado para produzir o novo, aparece como descrição das torturas e crimes que o tráfico cometia na favela. Isso vai ser descrito em F23, F24, F26 e F31. A descrição das cenas, de pauladas, gritos, torturas e agressões servem para ampliar o sentido de violência em que viviam os moradores. Ela cria o efeito de que realmente a favela era o espaço único e exclusivo dessas práticas. Além de reforçar o medo no qual os moradores viviam. O aparecimento disso só é possível porque é preciso enfraquecer o “inimigo”, deslegitimar seu domínio para que se o Estado se estabeleça. O que o Globo está dizendo é que a pacificação trouxe mudanças na favela

Em F29 é a ponte entre o passado de terror e o futuro de leveza e alegria que se instala. A moradora diz que não olhava na cara dos traficantes e de que evitava sair de casa por medo. Ela agora diz que está bem melhor e que sai mais de casa. As falas dos moradores reforçam o sentido de mudança que atravessa o Globo. Elas servem para atestar que realmente a favela depois da ocupação tornara-se outra.

Quando se trata de futuro, novamente o jornal se preocupa em ressaltar a leveza e a esperança. Destaca a mudança de ares da favela, o ar como metáfora do ambiente, livre de opressão, leve e livre. F27, F30 e F31 nos mostram essa mudança. F27 é fundamental, é dito: “parece que estou passando por uma libertação”. Talvez ele seja a chave para entendermos a FD que está emergindo na cobertura de O Globo.

A FD da guerra permitiu a produção de um enunciado como “Guerra do Rio” que serviu de sobre título para parte das matérias de ocupação. Contudo, esse enunciado se desloca para “Favela Livre” na cobertura dos processos de pacificação. Esses dois são indícios da passagem de uma FD para outra. A libertação é o efeito de sentido que vem se estabelecendo. Ela embasa, por exemplo, a palavra “pacificação”. Pode-se dizer que começa a emergir essa FD, vamos chama-la provisoriamente de FD da libertação, já que ela é ainda uma realidade instável.

Mas, apesar de instável, ela permite enxergar o cotidiano da favela. Obviamente, conforme dissemos, narrar o cotidiano da favela passa a ser uma luta política, já que somente afetado por essa FD o Globo consegue sair dos sentidos de Guerra, apesar de sempre rememora-los para criar a evidência da mudança.

**F32** - A retomada das favelas dos complexos do Alemão e da Penha já começou a surtir efeitos nos índices de criminalidade da Zona Norte. Os chamados crimes de rua (assalto a pedestres e roubos de celulares e em ônibus) diminuíram 41,3% entre os dias 26 de novembro e 9 de dezembro, em comparação ao mesmo período do ano passado. **(O bom efeito colateral – p.18 – 11/12/2010 – Rio)**

**F33** - O bom efeito colateral: Ocupação nos complexos da Penha e do Alemão derruba índices de crimes na Zona Norte. **(O bom efeito**

**colateral – p.18 – 11/12/2010 – Rio)**

**F34** - “As imagens mostradas pela televisão daquele grupo de bandidos fugindo da Vila Cruzeiro para o Alemão contêm uma série de pessoas que eu chamo traficantes de ocasião. Muitos deles, após a ocupação, abandonaram o crime, perceberam que não vale a pena. E agora os que se consideravam chefes, como Pezão e FB, perderam os homens a quem eles delegavam operações, os que saíam às ruas para cometer crimes”. (**O bom efeito colateral – p.18 – 11/12/2010 – Rio)**

A produção da FD da libertação precisa buscar evidências de mudança e é nesse sentido que esses enunciados funcionam. Eles servem para atestar que a favela está mudando e por reflexo o seu entorno e a cidade. F32 e F33 trazem dados que mostram a queda nos números de assaltos e roubo de carros. Reforçam o fato de que agora a favela recebeu “ordem”, está controlada pelo Estado e de que eram de fato o lugar do crime e da violência na cidade.

F34 é um pouco mais complexa, mas mostra uma realidade que era invisível da FD da guerra. Enquanto nas descrições baseadas nos conflitos o destino de quem se envolvia com o tráfico já estava traçado: ou a morte ou a cadeia. Agora, isso é relativizado, a fala do policial mostra que há ali pessoas que se envolveram por ocasião, mas que agora voltarão para seus trabalhos. Dessa forma, a FD da libertação embola um pouco as verdades do imaginário sobre a favela e seus sujeitos. Os sentidos estão em disputa mais do que nunca nesse momento, logo não se julga ou se cobra a prisão desses que estiveram envolvidos. A estes é dado o direito de recomeçarem suas vidas.

**F35** - Ao atravessarem as barreiras impostas pelo tráfico da Vila Cruzeiro para dar passagem às forças policiais, os blindados anfíbios da Marinha revelaram mais do que as imagens de centenas de traficantes armados correndo desesperados para as matas do Morro do Alemão. Descortinaram cerca de dois quilômetros do bairro da Penha que haviam sido encobertos pela violência. Mais do que um morro ocupado por casas irregulares, a Vila Cruzeiro é a síntese do abandono do poder público: o bairro que virou favela. (**Após ocupação, Penha quer resgatar autoestima – p.30 – 12/12/2010 – Rio)**

**F36** - “A situação era muito triste. Se houvesse um roubo aqui na rua, a gente não podia chamar a polícia, porque a lei aqui era do tráfico. No dia que os tanques entraram, rezei para que não morressem mais inocentes, mas fiquei feliz. A vida vai melhorar – afirmou Regina de Assis Pereira, para, em seguida, esquecer os 20 anos de violência para declarar seu amor suburbano. Não troco ela por lugar nenhum do mundo. Eu sempre tive esperanças que um dia alguém olharia pela Penha. É muito bom ser um bairro novo”. (**Após ocupação, Penha quer resgatar autoestima – p.30 – 12/12/2010 – Rio)**

**F37** - “Eu vendi meu apartamento há dez anos porque à bala traçante saía do Alemão em direção a Cruzeiro e, de vez em quando, acertava o meu prédio”. Com tanta violência, pelo meu imóvel que vali R\$ 65 mil, só consegui R\$32 mil. (**Após ocupação, Penha quer resgatar autoestima – p.30 – 12/12/2010 – Rio)**

**F38** - Endereço recente de hordas de bandidos que se refugiaram em suas favelas, após a implantação de UPPs em outras comunidades da cidade, a

região viveu seu apogeu econômico entre os anos 50 e 70, auge do período industrial da cidade, quando chegou a ser a terceira maior arrecadação do Rio. **(Após ocupação, Penha quer resgatar autoestima – p.30 – 12/12/2010 – Rio).**

A abertura para novas discursividades não anula a memória já estabilizada de determinadas formações discursivas. Esses fenômenos, de forma alguma é uma descoberta dessa pesquisa, está na base de toda a teoria do discurso, na verdade o aparecimento do novo está condicionado à existência do velho. Nossa pesquisa é apenas uma parte na percepção desse processo.

Mencionamos essa questão para mostrar o quanto a vontade de determinar o sentido dos lugares e dos acontecimentos não é suficiente para produzi-lo. Ainda que o Globo queira apresentar uma favela livre do tráfico, a memória, o inconsciente e a ideologia se fazem presentes e os dizeres falham.

Esse fenômeno acontece em F35. Estamos percebendo que há em toda a narrativa do Globo uma vontade de produzir os sentidos de “Favela Livre”, a FD da libertação talvez manifeste mais o desejo do jornal e do “Poder Público” do que a realidade do imaginário e o real da favela. F35 exemplifica o furo na orquestração das vozes. Nele a memória de que há uma separação entre favela e cidade se dá literalmente: “O bairro que virou favela”.

A memória do discurso da fissura entre “favela” e cidade, “morro” e “asfalto” se presentifica com toda força. Essa percepção vem relacionada é claro com a questão da violência e do tráfico que de alguma forma silenciaram o bairro, nos dizeres do Globo. Ou seja, a favela ainda é um espaço diferente, ainda é produzida em seu antagonismo à cidade, ainda que a pacificação queira inseri-la na ordem comum da cidade.

F36 e F37 mantêm-se no padrão de descrições que o Globo vem tendo nesse contexto de pacificação. O passado violento em face ao presente de transição e o futuro de paz.

**F39** - Nem só entre a favela e o asfalto está a fronteira das diferenças no Rio. Uma pesquisa realizada pela Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan) em nove comunidades contempladas com Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) mostra que elas possuem entre si mesmas uma considerável distância em indicadores sociais, econômicos e de infraestrutura. **(Pesquisa mostra diferenças sociais em favelas – p.15 – 14/12/2010 – Rio)**

**F40** - “Há favelas que têm dentro delas áreas muito pobres, puxam os indicadores para baixo. Na Providência, por exemplo, há a chamada Pedra Lisa. Outro problema é a região onde ela está situada, numa área do centro bastante degradada, que oferece poucas oportunidades. Já o Bata, fica inserido na Zona Oeste numa parte empobrecida da cidade, em frete à outra favela, a do Fumacê. Falta tudo: comércio, lazer... Também há uma ocupação recente, de extrema pobreza, com casas feitas até com placas de outdoor – comenta a subsecretária estadual de Ações Integradas no Território, Silvia Ramos, uma das responsáveis pelo projeto UPP

Social, criado para levar ações de desenvolvimento às comunidades. **(Pesquisa mostra diferenças sociais em favelas – p.15 – 14/12/2010 – Rio)**

**F41** - No Morro da Providência, uma das matriculadas em dois cursos – ensino médio e karatê – é Raimunda Wanderlina, de 58 anos, mais conhecida como dona Wanda. Há mais de 30 anos na favela, ela admite que já participou do tráfico e perdeu dois filhos: um assassinado e outro viciado em drogas: - A gente mora numa favela que sempre foi esquecida, por isso há muitas pessoas descreditadas. Pela primeira vez estamos tendo oportunidades – afirma dona Wanda. **(Pesquisa mostra diferenças sociais em favelas – p.15 – 14/12/2010 – Rio)**

**F42** - “Precisamos consolidar as UPPs com todos os serviços que temos no asfalto”. É a única forma de juntarmos a cidade partida. Se o poder público não for célere e não houver envolvimento de toda a sociedade, os bandidos podem retomar o território – diz o presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira. **(Pesquisa mostra diferenças sociais em favelas – p.15 – 14/12/2010 – Rio)**

Apesar de considerarmos que a Pacificação não alterou de fato as discursividades que circulam sobre as favelas, precisamos estar atento para uma questão. A mudança não ocorreu de fato, mas em O Globo houve, ao menos nesse momento, uma abertura para a consideração da heterogeneidade das favelas. Ao menos nesse contexto, a evidência produzida pela FD da guerra de que a realidade das favelas era igual se desfaz.

Esse fato pode ser atestado pelos enunciados acima. Eles se inserem ainda na lógica da cobertura de tentar mostrar que realmente a favela mudou depois de pacificada. Eles são parte de uma pesquisa divulgada que mostram as heterogeneidades no consumo e na vida cotidiana.

F39, F40 e F41 nos mostram que além de as favelas serem diferentes entre si, elas são internamente diferentes. Essas enunciações só são possíveis pela mudança de perspectiva do Globo. Enquanto estava inserido na FD da Guerra era impossível enxergar a favela no plural, a própria força da Formação levava a considerá-la sempre como bloco homogêneo.

A FD da libertação, ainda provisória e incipiente, liberta o próprio Globo de uma Formação de sentidos menos abertos. Contudo, isso não significa que todas as outras formações desapareçam, elas convivem, habitam o mesmo espaço da favela. O jogo e a disputa dos sentidos se dão incessantemente. As apropriações, os deslocamentos e os entrechoques das Formações Discursivas nunca são interrompidos. Ainda que aberto, as falas do Globo são regidas, são produzidas na perspectiva do “Poder Público” e, ainda que de realidade diferentes, as favelas devem ter o mesmo fim de ordenamento e integração, conforme se formula em F42. Esse talvez seja o destino inevitável do discurso que vem aparecendo no pós-pacificação.

Conforme dissemos, tentamos perceber os deslocamentos e as aberturas de sentidos

que vão se dando na descrição das favelas e seus acontecimentos. A falta de um distanciamento histórico um pouco maior em relação aos acontecimentos de 2010 faz com que aumente a dificuldade de percepção desses deslocamentos e dessa produção. Na verdade, acreditamos que o processo de construção de sentido da Pacificação ainda está se dando com avanços e recuos entre todos os agentes envolvidos. Desde o Governador, ao dono de bar em uma das favelas do Alemão, passando por movimentos sociais, mídia e a fala cotidiana de todos os habitantes da cidade. Esse discurso ainda está circulando e produzindo suas disputas.

Percebemos, então, uma fissura na FD da Guerra que abre para uma nova multiplicidade discursiva. Ela que é efeito de toda uma produção de sentido anterior e que se estabilizou e que se deslocou no percurso da historicidade. Dados esses pontos, podemos sumarizar os nossos resultados.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos até aqui dar conta de como se estabelecem diferentes discursos sobre as favelas cariocas. Discutimos como se dá a produção simbólica dos espaços e como isso se materializa em políticas públicas, pesquisas e reportagens jornalísticas. Destacamos no trabalho a importância do jornalismo na consolidação, produção e circulação dos discursos que produzem o urbano.

Ao optarmos por uma metodologia que levava em conta tanto a relação entre texto e história, como é a Análise do Discurso, nos propomos ver não somente as estabilizações de momento, mas o processo de deslocamento e de entrada de novos elementos em grandes formações. Mas não apenas grandes formações foram observadas, pudemos ver que o discurso do Globo, também apresentava suas heterogeneidades que, de certa forma, abriam lacunas no imaginário predominante.

Contudo, o fato de termos atestado e considerado a presença da heterogeneidade dos discursos na produção das favelas, não significa que não há um processo regido e que materializa as relações de poder que se estabelecem na sociedade. Como afirma Orlandi (2004): “Não é porque o processo de significação é aberto que ele não é regido, administrado” (p.19). Na verdade, é o contrário, pelos sentidos se estabelecerem na história é que eles são passíveis de mudança, de disputa e de desejo de estabilização em imaginários.

Dados esses pontos podemos sumarizar, resumidamente o que observamos em nossa análise feita a partir de 204 enunciados coletados no decorrer de 30 anos (1982-2012) de cobertura do jornal O Globo. Tentamos observar o estabelecimento das memórias sobre as favelas a construção de redes de sentido que se multiplicavam à medida que a narrativa sobre esses espaços ganhavam novas cores. A partir disso, pode-se observar a transformação das discursividades e das Formações Discursivas que possibilitavam a produção de determinados dizeres e silenciavam tantos outros.

Observamos que em 1986 a forma de se produzir sentido sobre as favelas não era a mesma que observamos em 2010, mas que de um ponto a outro há um processo de transformação permeado de heterogeneidades que abriam a possibilidade para outros discursos, mas que nem sempre se tornavam hegemônicos.

Em 1986 pudemos identificar duas FDs principais, que não eram conviviam e se complementavam. Por um lado a favela era descrita como uma “anormalidade urbana” que levava a “deterioração da vida urbana”. Ela estabelece uma divisão entre “favela” e cidade”, colocando a primeira como dominada por uma lógica diferente da do espaço

urbano e, nesse caso, lida como anormal. Além dela, aparece os princípios de que aquele é um espaço dominado pela ordem do tráfico, nessa FD lida como complacência e troca de favores entre moradores e traficantes. A pobreza é o elemento explicativo central para a vida nas comunidades.

Essa forma de explicar a favela como o lugar da pobreza permanece nos enunciados de 1991. Todavia, a entrada de um novo agente nos acontecimentos desloca a rede de sentidos. O aparecimento do Comando Vermelho desprioriza a relação entre morador e traficante e abre novas possibilidades de narrar a questão do tráfico de drogas. O traficante perde nessa narrativa seu caráter comunitário e passa a ser visto como o membro da facção. Dessa forma, o discurso move-se para outro ponto, mas que em 1991 ainda é incipiente.

Além disso, há outra entrada para os sentidos de “favela”. Grande parte das matérias mostra o trabalho das Associações de Moradores na recuperação dos espaços, além de narrar-se a dinâmica cultural das favelas. Há a possibilidade de uma FD alternativa, mas que, apesar de importante, se restringe aos espaços dos jornais de bairros.

Se em 1991 a entrada do Comando Vermelho na arena descritiva da relação entre “favela” e tráfico abre uma fissura que poderia levar a novas Formações Discursivas, em 1995 ela começa a se estabelecer mais nitidamente. O estabelecimento do conflito entre policiais e traficantes contribui para que o núcleo explicativo das descrições das favelas passasse da pobreza para o crime.

A chave de leitura não é mais a favela como o lugar da penúria, sendo que desta derivaria todos os males que se encontram ali. A Favela torna-se o lugar do crime, é a partir dele que vai se explicar a vida nas comunidades e a relação entre “favela” e “cidade”, é que chamamos de FD da guerra.

O aparecimento dessa FD em 1995 é o ponto de partida para as narrativas de 2002. Neste ano a FD da guerra está mais bem estabelecida no imaginário social e é o guia principal de produção de sentido para esses espaços. A entrada de diferentes facções na disputa pelo controle do tráfico nas favelas desloca a descrição da guerra que deixa de ser entre “traficantes” e “policiais” e passa a ser entre “Poder Paralelo” e “Poder Público”.

Essa formação, tão bem estabelecida, é pressuposta nos discursos da “pacificação” que aparecem com força em 2010. Apesar de não termos conseguido estabelecer uma FD hegemônica, fica perceptível que há entrada de novos discursos a partir do deslocamento da posição sujeito do Globo, que aos poucos vai movendo a FD da guerra para outros pontos. Esse fato permite com que o jornal começa a enxergar a heterogeneidade das favelas e pare de enxerga-la como uma entidade única, sem variações na história e na geografia.

Essa descrição sumária tenta, de alguma forma, responder ao que nos propomos na introdução e traça a cartografia desses discursos, mostrando-os não como blocos monolíticos que jamais serão quebrados, mas como entidades móveis, que estão em constante deslocamento. Todas as FDs são incompletas e é a incompletude que possibilita que o sentido seja sempre outro. Mesmo em construções pretensamente homogêneas como é o caso de O Globo é impossível domar o real da língua e da história que sempre abrem fissuras nos dizeres. Por isso, podemos dizer que a favela nunca é a mesma e que ela é um objeto de luta constante pelo estabelecimento de seus sentidos.

O papel da mídia nesse processo de estabelecimento e consolidação de sentidos é fundamental. O que o trabalho mostra, mesmo que não tenha sido sua intenção inicial, é que sempre há a possibilidade de se produzir outros sentidos para os espaços que o jornalista está narrando. É preciso ter cuidado com a história única, baseada sempre nos sentidos estabilizados no imaginário social, pois histórias e abordagens alternativas são sempre possíveis.

As “Favelas” não são apenas lugares do crime, como a FD da guerra estipula como padrão descritivo, são também espaços de história e memória de seus moradores, palco de lutas pelo espaço urbano. Seus moradores não são apenas “refêns do tráfico” como foi dito, são produtores de seus locais de moradia, são sujeitos que constroem-se em múltiplas relações.

Por fim, a favela é um espaço aberto de luta de sentidos. Seu destino não está determinado pelas políticas públicas, nem pela mídia. A determinação do que é e do que será a “favela” é produto de um conjunto de lutas que se dão na sociedade. Mas o seu destino está em aberto, pois ela, enquanto parte do espaço urbano, constrói sua trajetória, conta suas histórias específicas e entra na disputa de sentidos. Ela se abre a múltiplas narrativas, ela constrói sua própria trajetória e possui seu próprio potencial para determinar aquilo que ela será no futuro.

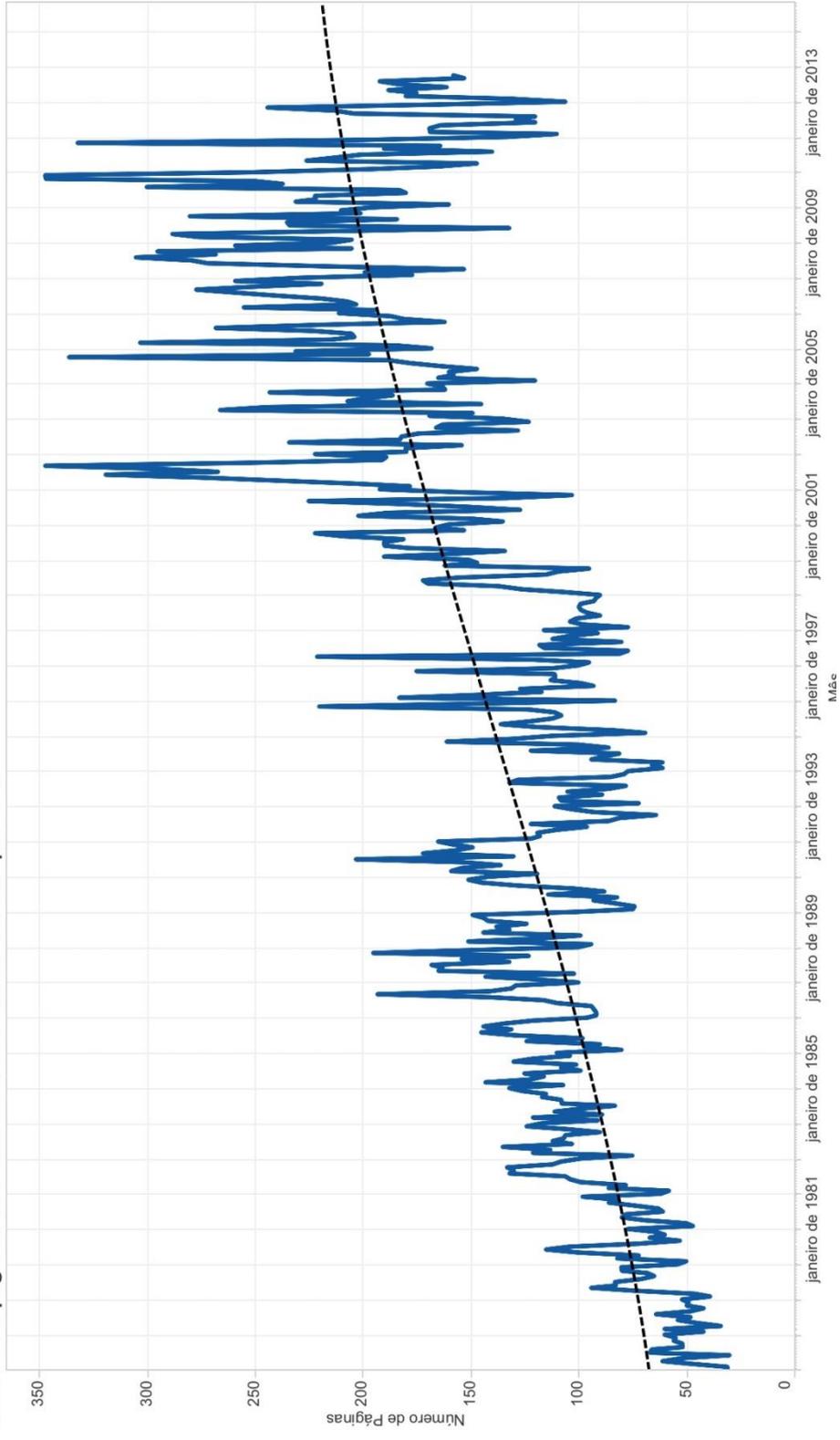
## 6 - Anexos

Tabela 1:

1982	62,0	58,0	86,0	78,0	99,0	104,0	106,0	132,0	130,0	133,0	112,0	108,0
1983	99,0	75,0	121,0	113,0	135,0	103,0	112,0	107,0	106,0	90,0	105,0	124,0
1984	117,0	91,0	121,0	89,0	111,0	98,0	83,0	108,0	108,0	117,0	115,0	126,0
1985	132,0	107,0	143,0	122,0	116,0	125,0	99,0	108,0	101,0	130,0	121,0	104,0
1986	110,0	80,0	97,0	90,0	124,0	98,0	129,0	145,0	131,0	144,0	134,0	121,0
1987	96,0	92,0	92,0	93,0	94,0	110,0	116,0	141,0	193,0	141,0	131,0	129,0
1988	100,0	119,0	143,0	102,0	165,0	163,0	168,0	132,0	154,0	123,0	195,0	149,0
1989	100,0	94,0	151,0	118,0	99,0	144,0	132,0	138,0	124,0	142,0	144,0	149,0
1990	102,0	75,0	74,0	83,0	93,0	82,0	114,0	88,0	102,0	128,0	145,0	151,0
1991	142,0	119,0	159,0	154,0	136,0	154,0	203,0	130,0	172,0	157,0	149,0	158,0
1992	165,0	122,0	118,0	119,0	110,0	96,0	122,0	86,0	81,0	64,0	93,0	103,0
1993	111,0	72,0	108,0	109,0	89,0	105,0	86,0	78,0	132,0	128,0	85,0	79,0
1994	77,0	61,0	66,0	61,0	94,0	88,0	81,0	122,0	86,0	100,0	161,0	130,0
1995	112,0	69,0	84,0	119,0	136,0	122,0	112,0	108,0	111,0	123,0	220,0	146,0
1996	83,0	183,0	146,0	117,0	127,0	93,0	99,0	113,0	111,0	111,0	175,0	112,0
1997	100,0	95,0	121,0	221,0	81,0	77,0	116,0	118,0	80,0	112,0	104,0	91,0
1998	116,0	77,0	98,0	104,0	101,0	90,0	96,0	99,0	100,0	99,0	93,0	92,0
1999	90,0	107,0	126,0	137,0	170,0	172,0	155,0	115,0	109,0	95,0	162,0	147,0
2000	151,0	190,0	159,0	134,0	179,0	190,0	190,0	181,0	209,0	222,0	153,0	166,0
2001	160,0	135,0	149,0	202,0	188,0	127,0	150,0	182,0	225,0	133,0	103,0	155,0
2002	192,0	178,0	204,0	239,0	274,0	319,0	267,0	295,0	347,0	254,0	191,0	189,0
2003	222,0	180,0	180,0	154,0	234,0	183,0	182,0	174,0	128,0	166,0	163,0	123,0
2004	135,0	169,0	149,0	266,0	244,0	145,0	207,0	199,0	186,0	243,0	162,0	163,0
2005	170,0	120,0	165,0	158,0	160,0	147,0	164,0	178,0	188,0	336,0	197,0	231,0
2006	168,0	185,0	303,0	214,0	204,0	205,0	223,0	268,0	219,0	162,0	181,0	187,0
2007	211,0	194,0	255,0	203,0	207,0	219,0	239,0	259,0	277,0	251,0	219,0	259,0
2008	229,0	177,0	199,0	153,0	219,0	272,0	279,0	305,0	268,0	295,0	205,0	259,0
2009	214,0	205,0	276,0	288,0	209,0	132,0	234,0	235,0	184,0	280,0	201,0	210,0
2010	196,0	160,0	231,0	222,0	222,0	180,0	183,0	300,0	237,0	250,0	347,0	347,0
2011	251,0	197,0	165,0	147,0	226,0	213,0	201,0	140,0	190,0	164,0	332,0	200,0
2012	133,0	110,0	169,0	169,0	164,0	120,0	129,0	120,0	204,0	213,0	244,0	169,0

Gráfico 2:

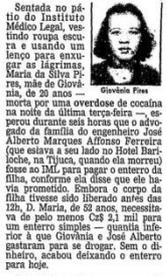
Número de páginas com ocorrência do termo "favela" por mês



Matérias referentes ao mês de Agosto de 1986:

Matéria 1 - 01/08/86

Mãe pobre adia enterro da vítima de cocaína



Sentada no pátio do Instituto Médico Legal, vestindo roupa escura e usando um lenço para enxugar as lágrimas, a mãe de Giovânia, de 20 anos, morria por uma overdose de cocaína na noite da última terça-feira — esperou durante seis horas que o advogado José Alberto Marques Alfonso Ferreira (que estava a seu lado) fosse liberado para pagar o enterro da filha, conforme ela disse que ela queria fazer o enterro em casa, na Rua da Favela do Grajaú, mas o juiz não deu a palavra.

do em Resende — D. Maria disse que a filha era uma moça inquietada, que não aceitava conselhos e que há seis meses estava no Instituto Médico Legal, segundo a mãe — chegou a interná-la na Escola Santo Domingo, de Fiem, na ilha do Governador há quatro anos, mas ela fugiu no mês seguinte. A mãe culpou as más companhias da filha, e não José Alberto.

No último mês, Giovânia — aproveitando que o pai, Geraldo Filho, trabalhava em Resende, como mecânico — estava morando com a mãe e o irmão na volta casa do Grajaú, mas quando o pai chegou lá, segundo sua mãe, há duas semanas ela não apareceu. As brigas com o pai, segundo D. Maria, começaram há cerca de seis anos, quando Giovânia tinha 14 anos e ele encontrou maconha dentro de uma caixa de fósforos no armário da filha.



Sentada no pátio do Instituto Médico Legal, D. Maria espera o dinheiro prometido pelo advogado

Polícia admite: Nunca foi tão fácil se drogar no Rio

A Polícia do Rio de Janeiro não tem homens especializados no combate ao tráfico de drogas, não possui dados organizados sobre os traficantes e viciados e não faz uma pesquisa sistemática no tráfico, mesmo porque sua Delegacia de Intelectuais funciona precariamente. Todas essas falhas explicam a facilidade com que o engenheiro José Alberto Ferreira adquiriu a cocaína que acabou matando Giovânia, de 20 anos, em janeiro, constatando hoje policiais e viciados.

por Isáias da Costa, um traficante com prisão preventiva decretada mas muito menos cobreado e perigo que Paulo Martins Xavier, o Paulinho da Matriz, chefe do tráfico de drogas de entropentes em Irajá. Na Zona Norte, há outros pontos importantes de venda de drogas na favela do Jacarejão, no Maricá, controlados por Paulo Roberto Moura Lima, o Meio-Quilô; no morro do Jaramentim, em Vicente de Carvalho, do fuzuro José Carlos dos Reis Bucina, o Escadinho; e no morro da Cachoeirinha, no Engenho Novo, onde o dono do mercado é o traficante Carlos Batista.

— Comprar cocaína em bar como geral (José Alberto e Giovânia) faz, é muito comum. O vapor sempre tem um ponto num lugar público, onde pode ser encontrado facilmente. É só encomendar e esperar um pouco que ele volta logo com a encomenda — conta um viciado.

Especialista diz que colapso matou Giovânia

O psiquiatra clínico Pedro Campelo, um dos maiores estudiosos das consequências provocadas por entropentes no organismo humano, acredita que Giovânia da Silva teve um colapso circulatório provocado pela grande quantidade de cocaína que ela aspirou durante horas e injetou nas veias já no hospital.

calçada em dados técnicos. Mesmo assim, ele garantiu que Giovânia morreu de parada cardíaca, como poderia ter ocorrido de uma pneumonia, caso estivesse aspirando o pó, ao invés de injetá-lo. O fator da rapidez, diz ele, está na resistência de cada organismo. Se Giovânia fosse viciada há mais tempo, talvez resistisse mais. Porém, segundo Campelo, isso é difícil de avaliar.

Advogado pede que Justiça relaxe prisão

O advogado Valdirson Bezerra da Silva entra hoje na Justiça com o pedido de relaxamento da prisão do engenheiro José Alberto Ferreira, que é acusado de homicídio doloso e responder por críticas do IMI, que em seu opinião, quem vai esboçar o caso é o médico legista do IMI, que dirá se houve luta ou não.

— Um relatório de um médico legista do IMI, que em seu opinião, quem vai esboçar o caso é o médico legista do IMI, que dirá se houve luta ou não.

— Um relatório de um médico legista do IMI, que em seu opinião, quem vai esboçar o caso é o médico legista do IMI, que dirá se houve luta ou não.

Empresário de Campos morto a tiros por dois motoqueiros

O empresário Carlos Alberto Clotilde, de 33 anos, foi assassinado ontem de manhã com dois tiros, minutos depois de sair de sua casa, na Rua Santiago Carrijo, em Botafogo.

brapo sequeado e outro na mão esquerda, que alcançou o crânio de Clotilde. Os criminosos fugiram tomando direção para o norte.

Mulher fazia tráfico para tirar filho da cadeia

Vanda Correia dos Santos, de 41 anos, mãe de cinco filhos, foi presa recentemente à noite por policiais da Delegacia de Vigilância Norte por guardar maconha e cocaína em casa.

— Bu não queria o tráfico, mas a Mari me disse que não havia outro jeito e que assim que a venda chegasse a C&S é pra parar. Era essa a divisão do Flavinho.

— Bu não queria o tráfico, mas a Mari me disse que não havia outro jeito e que assim que a venda chegasse a C&S é pra parar. Era essa a divisão do Flavinho.

Advogado não entrega a Justiça a defesa prévia do motorista esturpador

O criminalista Celso Nascimento Filho não entregou ontem à 2ª Vara Criminal a defesa prévia do motorista esturpador, que não chegou na Delegacia de Intelectuais para pagar o enterro da filha.

Assassino de namorada na prisão

O médico Orlando Cavaleiro, acusado de assassinar em abril passado Silvana de Jesus, foi condenado a prisão por homicídio doloso.

Assassino de namorada na prisão

O médico Orlando Cavaleiro, acusado de assassinar em abril passado Silvana de Jesus, foi condenado a prisão por homicídio doloso.

Advogado não entrega a Justiça a defesa prévia do motorista esturpador

O criminalista Celso Nascimento Filho não entregou ontem à 2ª Vara Criminal a defesa prévia do motorista esturpador, que não chegou na Delegacia de Intelectuais para pagar o enterro da filha.



Vendo, presa como traficante, é mãe do assistente de banco Flavinho

— Inspeção José Lima, o Pepe, da Delegacia de Vigilância Norte, encontrou, durante que Vanda e Mari estavam levantando fundos para que Flávio financiasse sua fuga da Ilha Grande.

— Inspeção José Lima, o Pepe, da Delegacia de Vigilância Norte, encontrou, durante que Vanda e Mari estavam levantando fundos para que Flávio financiasse sua fuga da Ilha Grande.

— Inspeção José Lima, o Pepe, da Delegacia de Vigilância Norte, encontrou, durante que Vanda e Mari estavam levantando fundos para que Flávio financiasse sua fuga da Ilha Grande.

Advogado não entrega a Justiça a defesa prévia do motorista esturpador

O criminalista Celso Nascimento Filho não entregou ontem à 2ª Vara Criminal a defesa prévia do motorista esturpador, que não chegou na Delegacia de Intelectuais para pagar o enterro da filha.

Assassino de namorada na prisão

O médico Orlando Cavaleiro, acusado de assassinar em abril passado Silvana de Jesus, foi condenado a prisão por homicídio doloso.

Assassino de namorada na prisão

O médico Orlando Cavaleiro, acusado de assassinar em abril passado Silvana de Jesus, foi condenado a prisão por homicídio doloso.

Esta aqui: Av. Nilo Peçanha, 11-3º andar - (Ed. Jockey Club) - EDISA

Matéria 2: 02/08/86

# Empresários denunciam a favelização da Barra

O Presidente da Associação Comercial e Industrial de Jacarepaguá, João Batista Nunes Ferreira, denunciou ontem uma expansão alarmante das favelas na Barra da Tijuca e Jacarepaguá. Segundo ele, o processo intensificou-se nos últimos três anos, a ponto de inviabilizar o crescimento imobiliário ordenado na região, que corresponde a um quarto da área urbanizável do Rio de Janeiro.

— Caso o Prefeito Saturnino Braga não tome uma providência, afirma João Batista, 31 quilômetros quadrados da Barra, destinados à construção de vias públicas, praças e escolas, serão ocupados por favelados dentro de pouco tempo. Ele se assustado com o que chama de "crescente desvalorização dos dois bairros" e aponta como culpados pela invasão indiscriminada de terras, empresas imobiliárias clandestinas que ocupam áreas e depois faturam altos lucros com a venda de lotes, aluguel de casas e alvenaria e até barracos de madeira.

— Existem hoje 77 favelas na Barra de Jacarepaguá. Somente no último ano surgiram 25 — garante o dirigente da Associação. Ele acrescenta que o processo de ocupação das terras é planejado por falsos empresários, que conhecem os meandros burocráticos da Prefeitura, dona de quase todos os terrenos invadidos, ou seja, margens de rios, canais e áreas onde estão projetadas vias públicas, praças, escolas, postos de saúde e obras de saneamento.

João Carlos Moutinho, Vice-Presidente do Associação, garante que existe especulação imobiliária com terrenos de favelas: "Temos conhecimento de vários casos de compra de casas e terrenos em favelas recém-instaladas, quase sempre em áreas alagadas ou destinadas a projetos de obras públicas. Nós temos dificuldades para reconhecermos os invasores, pois eles não", diz ele revoltado.

Os empresários de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca denunciam também a poluição dos rios e canais da

região, com o despejo diário do lixo e esgoto das favelas. Eles citam o exemplo do Rio Pavuna e do Canal do Anil, em cujas margens moram quase cinco mil favelados.

A diretoria da Associação dos Amigos do Bairro Curicica — um bairro de classe média hoje cercado por favelas — culpa os governos do Estado e do Município. A professora Terezinha Costa, Diretora da entidade, disse que os moradores da área vivem em péssimas condições. Já dentro do Canal de Marapendi (que desboca no Rio Pavuna), correndo o risco de contrair doenças e de terem suas casas inundadas num período de chuvas fortes. "No Curicica, os moradores pagam seus impostos e têm seus imóveis desvalorizados", afirma ela. É necessário que se o Governo do Município ou do Estado estabeleça regras mínimas para resolver o problema habitacional dos bairros, teria feito um cadastramento das famílias e executado obras de infraestrutura.



Os barracos tomaram as margens do canal e contrastam fortemente com os prédios da classe média do Bairro Curicica

## Entidades se unem contra Decreto-Lei

A Assembleia Permanente de Defesa do Meio Ambiente e a Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (Famerj) firmaram uma conjunta em relação ao Decreto-Lei do Prefeito Saturnino Braga que ampliou de dois para seis anos o prazo de protelação, recuso pelo qual as incorporadoras podem construir no futuro de acordo com a lei vigente no passado.

As duas entidades vão desenvolver três ações conjuntas: pressionar a Câmara dos Vereadores para colocar em discussão o projeto de Lei de Desenvolvimento Urbano, que vem sendo construído há seis meses; realizar uma série de encontros com o Vice-Prefeito, João Resende, para que se cumpra o compromisso de campanha eleitoral de cancelar o direito de protelação; e estudar procedimentos legais para impedir a aplicação do Decreto.

Segundo o Coordenador da Assembleia Permanente de Defesa do Meio Ambiente, Carlos Mintz, há possibilidade de uma ação judicial exigindo obediência à Lei Complementar 22 (Lei do Selo dos estados do Rio e da Guanabara), que exige a aprovação prévia da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana (Fundam) e da Câmara dos Vereadores para a alteração do uso do solo.

# A IMPERATRIZ DAS SEDAS S/A CONTA A VERDADE

A IMPERATRIZ DAS SEDAS S/A, em consideração aos seus clientes, fornecedores, funcionários e amigos em geral, vem o público prestar esclarecimentos, face ao que foi publicado em jornais desta cidade:

- 1 — Há quarenta anos a IMPERATRIZ DAS SEDAS, fundada e dirigida por brasileiros e com capital exclusivamente nacional, vem, em suas 16 lojas de varejo proporcionando mais de 10 mil empregos.
- 2 — A IMPERATRIZ DAS SEDAS desenvolve amplo programa de assistência aos seus funcionários, inclusive com fornecimento de refeições gratuitas. Mais de 40% desses funcionários têm tempo superior a 25 anos de casa.
- 3 — Não é verdadeiro o afirmado do Sr. Procurador de Estado, Sr. Reginaldo Teixeira Choubré, de que a IMPERATRIZ DAS SEDAS nunca pagou ICM ao Estado. A empresa tem em seu poder comprovantes de pagamento do referido imposto de acordo com as guias emitidas no período de 1980 até o presente, onde conforme documento anexo pelo Sr. Inspetor de Seccional do Secretariado de Estado do Fozado em 21/07/86.
- 4 — Em 1977, quando o país atravessava o auge da crise econômica e importantes empresas fecharam suas portas, a IMPERATRIZ DAS SEDAS também foi atingida. Mas, entre

fechar portas, como ocorreu com outras empresas e deixar pela de família desamparadas, a IMPERATRIZ DAS SEDAS fez uma opção: preferiu preservar a comissão no meio de seus funcionários e contrair um débito fiscal com o Estado. Não foi o único exemplo a contrair tal débito.

5 — Graças ao esforço de funcionários e dirigentes, a IMPERATRIZ DAS SEDAS conseguiu superar a crise. E, a partir de 1980, já com todos os impostos pagos em dia, vem tentando negociar com o Governo do Estado do Rio de Janeiro o pagamento do débito pendente. Trata-se, inclusive, de procedimento que tem emprego legal (Código Tributário Nacional).

6 — Nada diminuiu o ânimo da Direção da Empresa para continuar contribuindo com a manutenção do emprego de seus funcionários, seu bem-estar social e para tanto tomou as providências cabíveis na espécie como Representante junto ao Excm. Sr. Procurador-Geral de Estado, Sr. Choubré, e ações criminais e civis propostas contra o Sr. Procurador Reginaldo Teixeira Choubré.

7 — A IMPERATRIZ DAS SEDAS, aproveita para agradecer a solidariedade que vem recebendo do quadro de seus funcionários, fornecedores, clientes e amigos em geral.

**DIRETORIA**

**NOTA**

CEAR MORANI, brasileira, solteira, inscrita no C.A.B. RJ sob nº 14.740, com escritório na Rua Conselheiro nº 23 — Sobradinho, neste cidade, em seu nome e de família, tendo sido alvo de palestras injuriosas pelo Sr. Reginaldo Teixeira Choubré, Coordenador do Procuradoria de Exercícios Fiscais, vem declarar, independentemente das providências criminais cabíveis na espécie, que não é a IMPERATRIZ DAS SEDAS S.A., conforme o afirmado em jornais desta cidade, como também não é devedor e não possui dívida em instituição de qualquer natureza fiscal.

CEAR MORANI  
OAB/RJ 14.740

## No dia-a-dia dos favelados, exploração e miséria

A lavadeira Mazarela Gonçalves, de 26 anos, de uma favela ainda sem nome residencial, em um pequeno prédio do Autódromo de Jacarepaguá, confirma a denúncia da Associação Comercial e Industrial de Jacarepaguá. Seu marido, o vendedor ambulante Ismael Pereira, paga C\$ 100,00 por mês no Seu Cláudio de Barros, do bairro do Mundo Novo) por um barraco de madeira, feito de tapumes e placas de compensado sem isolamento e ventilação.

Seu Cláudio é dono de todos esses barracos aqui ao lado — diz ela, apontando para outros seis caseiros lá próximos quando seu, Mazarela sabe que o "proprietário" dos lotes se apodera da área: "ele chegou primeiro e tomou conta".

Enquanto Seu Cláudio arrecada os aluguéis, os inquilinos vivem na mais absoluta miséria. Mazarela não sabe quanto o aluguel é pago, mas — ela vende café e balas em biscoitos — e não tem onde deixar a única filha do casal, Dulcinea, de 10 anos, para lavar roupa num riacho próximo ao seu barraco. Outros três tran-

cou a criança dentro do barraco e saiu. A menina, com marcas de picadas de mosquito por todo o rosto, foi encontrada chorando em cima do beirito pelos repórteres do GLOBO.

A Presidente da Associação dos Moradores de Vila União, Regina Sônia Gomes Batista, diz que ela foi apenas uma das pessoas que ocupou a área e desconhece a venda ou aluguel de casas e barracos.

Mas negou que é lutar para melhorar as condições de vida de todos, inclusive a menina, mobilizando o pessoal para conseguir a instalação de água e luz — garante ela.

A falta de lavatório de terras tem preocupado os verdadeiros donos de lotes nos dois bairros. Um deles precisou mobilizar a FPM rapidamente para evitar a ocupação de seu terreno, na esquina das Estradas dos Bandeirantes e Camamu, no centro de Curicica. Depois resolveu instalar uma cerca de concreto e arame farpado e duas grandes placas de "Propriedade Particular". Até o Ministério do Interior chegou em um tal de Joel, que mais tarde descobriu que pertencia a uma quadrilha e acabou

morrendo assassinado — conta ele. Dilson continua no barraco de madeira com a mulher e quatro filhos, mas já está construindo uma casa de alvenaria, de três cômodos.

A Presidente da Associação dos Moradores de Vila União, Regina Sônia Gomes Batista, diz que ela foi apenas uma das pessoas que ocupou a área e desconhece a venda ou aluguel de casas e barracos.

Mas negou que é lutar para melhorar as condições de vida de todos, inclusive a menina, mobilizando o pessoal para conseguir a instalação de água e luz — garante ela.

A falta de lavatório de terras tem preocupado os verdadeiros donos de lotes nos dois bairros. Um deles precisou mobilizar a FPM rapidamente para evitar a ocupação de seu terreno, na esquina das Estradas dos Bandeirantes e Camamu, no centro de Curicica. Depois resolveu instalar uma cerca de concreto e arame farpado e duas grandes placas de "Propriedade Particular". Até o Ministério do Interior chegou em um tal de Joel, que mais tarde descobriu que pertencia a uma quadrilha e acabou

## Cem mil pagarão compulsório porque Detran não fez transferências a tempo

Aproximadamente dez mil motoristas foram atendidos ontem no setor de transferência de veículos da Diretoria de Empacotamento do Detran para aproveitarem o último dia do prazo para a regularização dos documentos sem a cobrança do depósito compulsório. A cobrança do Detran calcula que pelo menos cem mil motoristas em carros empacotados no município do Rio de Janeiro deixaram de regularizar as transferências. Estes, a partir de amanhã, terão que depositar o compulsório quando forem fazê-lo.

Para poder atender a todos os que ontem se aglomeravam junto aos guichês do Detran, o expediente foi prolongado até as 18h. O Diretor de Empacotamento, Lereño Nunes, aumentou de 50 para 60 o número de funcionários no setor de transferência e colocou outros três guichês funcionando no setor de "nada-consta"

de multas, além dos dois que normalmente são abertos ao público. O setor de expedição também foi antecipado em uma hora.

Boa parte dos interessados eram chantes credenciados e que desam a maioria dos casos, C\$ 600,00 de multa para quem não regulariza as filias e os tumultos junto às diversas seções do Detran. Mais uma vez, um camburão da FPM chamado para que os soldados organizassem as filas. Embora um pouco distante, porque agora agem em maior número na calçada e na entrada do Detran, os rangões (despachantes não autorizados) continuam aborrecidos quando cobrando-lhes taxas que variam de C\$ 150,00 a C\$ 1 mil para "apressar os serviços", de acordo com a expressão comumente utilizada por eles.

— É ingenuidade a pessoa entregar os seus papéis a um destes rangões afirma o Diretor de Empacotamento, Lereño Nunes — porque nos guichês só é entregue o DUT (Documento Único de Trânsito) do proprietário do automóvel ou a pessoa que possui uma procuração do mesmo autorizada pelo órgão de seus interesses. Quem dá propinas a estes aglomerados será atirado a perder o seu dinheiro e até ao extravio de seus documentos. O ideal é que o usuário vá diretamente aos guichês tratar da transferência do veículo ou da retirada das postivas multas do carro.

Segundo Lereño Nunes, o único incidente que ocorreu foi a falta quando o posto do Banerj encerrou o expediente e pelo menos umas dez pessoas ficaram reclamando junto à portinhola do banco para que fossem atendidas de qualquer maneira.

### 1

#### Táxi pára em Niterói exigindo tarifa maior

Os motoristas de táxi de Niterói entraram em greve ontem, depois que o Prefeito Waldemar Braga se recusou a equiparar as tarifas com as de outros municípios. A tarifa concedida pelo Governo Federal em face do aumento nos preços da gasolina e do álcool, à exceção da bandeirada, reajustada em 28 por cento. A tarifa passou de C\$ 5,00 para C\$ 6,40, enquanto no Rio ela passou para C\$ 8,20.

Há mais de dois anos a Prefeitura de Niterói acompanha o reajuste do Rio. Mas quando, a 27 de fevereiro, o Prefeito Saturnino Braga autorizou o reajuste de 50 por cento nas tarifas, Niterói não teve tempo de acompanhá-lo, porque no dia seguinte o Fluminense Cruzado consistiu os preços.

— Desde o último reajuste de tarifas os combustíveis sofreram três aumentos de preços, provocando desfasagem de quase 50 por cento nas tarifas dos táxis de Niterói — disse o Presidente do Sindicato dos Motoristas, Paulo Franco.

### 2

#### Fazenda informa o Renavam de final 7

A Secretaria Estadual de Fazenda informou ontem que o número do Registro Nacional de Veículos Automotores (Renavam) para as placas de final 7 já pode ser obtido nas inspetorias regionais e seccionais daquele órgão. O número é necessário para o recolhimento do Imposto Sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA). Para o pagamento dos tributos o proprietário deverá procurar uma das agências do Banerj com o Daz/IPVA, que pode ser adquirido nas papelerias.

O vencimento do IPVA ocorre de acordo com as datas finais das placas dos veículos. Final 07 foi ontem; final 17 será segunda-feira; 27, dia 5; 37, dia 6; 47, dia 7; 57, dia 8; 67, dia 12; 77, dia 13; 87, dia 14, e 97, dia 15. O fornecimento do Renavam é feito por telefone e três dígitos são: 971.7448, 232.8815 e 252.4752.

### 3

#### Rodoviários acabam greve no sul do Estado

Terminou ontem a greve dos rodoviários do Sul Fluminense que durou 48 horas e só não atingiu Angra dos Reis, onde a categoria não aderiu ao movimento. Os motoristas de Volta Redonda, dos quais 70 por cento trabalham em linhas que cruzam as dividas do Município, passaram a ganhar C\$ 3.000,00 e os cobradores C\$ 1 mil.

Os motoristas de Barra Mansa e Angra dos Reis passaram a ganhar C\$ 2.800,00 e cobradores C\$ 950,00. Os de Resende, Barra do Pirai, Valença e Pirai, C\$ 2.700,00 e C\$ 800,00 respectivamente. Os bilheteiros, fiscais e despachantes ganharam C\$ 1.500,00 e o pessoal do manutenção, escritórios e outros setores teve aumento de três por cento. Pelo acordo, que entrou em vigor ontem e vai até 27 de fevereiro de 1987, fica extinto o turno único.

A assembleia foi interrompida por alguns minutos pelos cobradores, que tentaram chegar ao microfone para repudiar os salários anunciados para a categoria, já que eles queriam equiparação salarial com seus colegas do Rio (C\$ 1.500,00).

## Dengue: visitadas 84 mil casas

O Comando Militar do Leste (ex-1 Exército) já visitou 84.873 casas no período de 14 a 18 de julho, através de suas duas grandes unidades, a 1ª Divisão de Exército, e a Brigada de Infantaria Para-quedista, em sua operação em apoio a

Sucam no combate aos focos de mosquitos. Nesses dias, 8.047 residências não puderam ser visitadas pelo fato de os moradores não estarem presentes e 97 por cento dos moradores não deixaram. Foram visitados os bairros de Realengo, Magalhães Bastos, An-

drago, Engenho Novo, Lins de Vasconcelos, Jardim Nova Era, Jardim Iguaçu, Jardim dos Amores, Jardim Alvorada e Jardim Valverde e outros nos municípios de São Gonçalo, São João de Meriti e Niterói.

# FÁCIL, SIMPLES E ÚTIL.



- Sua vida fica mais simples com o HOTBIT, o microcomputador pessoal que possui a maior variedade de programas em cartuchos no mercado.
- Fica também mais fácil porque é o único que possui teclado em português que acurta a um simples toque.
- Seus numerosos aplicativos em administração, contabilidade, educação, lazer e outras diversas áreas, fazem do HOTBIT um microcomputador pessoal extremamente útil e versátil.
- Através do Núcleo de Apoio ao Usuário você tem acesso, por telefone, a um grupo de profissionais exclusivamente dedicado à sua orientação. Discos (011) 211-0461.
- O HOTBIT é o microcomputador pessoal que crescerá junto com você no mundo da Informática.

Especificações Técnicas	
• Memória Principal (RAM) 64K - 128Kbytes	• Teclado
• Memória de Vídeo (RAM) 64Kbytes	• Teclado P & B ou colorido
• Memória de Sistema (ROM) 256Kbytes com expansão	• Impressora
• Microprocessadores 8088 ou 8086 a 3,3MHz	• Cartão de expansão paralelo e porta controladora
• 100Kbytes programáveis	• 2 portas de expansão
• 256 caracteres (para especificações e gráficos)	• 2 portas de expansão
• Conexão Dialtone	• 2 portas de expansão
• 256 caracteres (para especificações e gráficos)	• 2 portas de expansão
• 256 caracteres (para especificações e gráficos)	• 2 portas de expansão
• 256 caracteres (para especificações e gráficos)	• 2 portas de expansão

MICROCOMPUTADOR PESSOAL  
**HOTBIT** SHARP

BOM APETITE, FILHO. OBRIGADO, MÃE. **inbasa**

Matéria 3: 05/08/1986

Polícia começa hoje luta contra os traficantes

Uma operação antidroga será iniciada hoje pela Polícia tendo como prioridade os traficantes e não os viciados...

Nós queremos conter o tráfico e para isso estamos pedindo a colaboração de toda a sociedade...

A decisão foi tomada logo após a reunião que Nilo teve por volta das 14h com o Promotor Celso Fernando de Barros...

Delegado Valterson Alves Botelho. Nós, do Conselho Estadual de Entorpecentes, nos sentimos alijados em ver um apelo de combate às drogas...

Celso Fernando de Barros disse ainda que "a baixa qualidade dos traficantes é feita em cima de viciados e não de traficantes..."

O Departamento Geral de Polícia Civil estará acompanhando o desempenho das delegacias policiais contra as drogas...

O Delegado Johnny Siqueira, de Entorpecentes, disse que vai colocar que necessitam de internação. Sem dispor de enfermarias, o único jeito é buscar soluções internas...

É mais fácil comprar tóxico do que tratar viciado

Hoje é mais fácil adquirir drogas em pontos ou bocas de venda espalhadas pela cidade do que tratar-se de vício em clínicas especializadas...

Depois de algum tempo de tratamento, a equipe dá licenças de 12, 24 ou 48 horas ao paciente para que ele volte ao convívio da família...

Quatro convênios de psicoterapia já desenvolvem trabalhos individuais ou em grupo, sendo atendidas as famílias do paciente...

Todo mundo tem acesso à droga. Quem não pode comprar, compra feitiç. Quem não pode, acaba roubando para ter como comprar...

Vemos vagas mas não temos procura. Acho que é pela localização geográfica, ou pelo nome sanitário, ou pelo nome da clínica...

Greves a um convênio entre o Governo do Estado e o Mutirão Centro de Entorpecentes...

Viciado sem recursos financeiros termina roubando para ter como comprar o entorpecente

De 1984 para cá, os viciados perambulando pelas ruas de Entorpecentes foram fechados a Clínica Viciado Silva, em Botafogo...

Pelas notícias da época, a construção e instalação do hospital estava orçada em Cr\$ 580 milhões...

Tão logo se internar, o viciado é submetido a uma avaliação psicológica, psiquiátrica e clínica, e começa o processo de desintoxicação...

Deixada a ideia e oferecer ao dependente uma vida livre, sem drogas, num tratamento ambulatorial...

Ne encontro que terá hoje em Brasília com o Ministro Paulo Brossard...

Setor público trata droga como problema menor

O serviço público não mantém qualquer tipo de atendimento ao toxicômano. No entender das autoridades de saúde do Estado...

acrescentou Carlos Castelar. Quanto aos toxicômanos, ele adverte que ainda não há uma política para resolver o problema...

Preocupados com o aumento do consumo de drogas ilícitas, a sociedade e o Estado, afirma o psiquiatra, sonham ao mesmo tempo informações sobre o grande consumo de psicotrópicos...

O Coordenador de Saúde Mental da Superintendência de Inamps, Carlos Castelar, explicou que o alcoolismo atinge grande parte da população...

Quando o paciente é encaminhado para o Hospital de Bonsucesso um centro de recuperação da dependência, principalmente a mais carência, causando enormes gastos à Previdência...

Como se trata de uma questão de interesse público, tanto certeza que mantemos um entendimento do que se trata...

Além disso, cada unidade ambulatorial contará com um voluntário Alcolólicos Anônimos (AA) para ajudar no trabalho de recuperação...



No Favela de Ramos as lojas fechadas no imposto homenagem péssimo ao pai de Ruço. O bandido João Ruço...

Bandido desafia a Polícia e fecha lojas para velório e enterro do pai

As 11h de ontem os comerciantes da Favela de Ramos foram avisados de que o mais temido bandido do local, João Pinto Torres Neto, o João Ruço, queria que todos prestassem uma última homenagem a seu pai...

Um soldado do posto policial que não quis se identificar contou com lágrimas nos olhos como tudo aconteceu e por que não pôde fazer nada contra os bandidos...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

João Ruço não pôde dar proteção à vida inteira. O João Ruço, mal ou bem, impede os assaltos por aqui. A gente só tem que pagar uma proteção a ele e fechar as portas hoje...

Brossard quer dialogar com Nilo Batista

O Ministro da Justiça, Paulo Brossard, que recebe hoje o Secretário de Polícia Civil do Rio, Nilo Batista, disse que de sua parte não há necessidade de que o Secretário de Polícia Civil abra bandeira branca...

Aos Consumidores do Shampoo JOHNSON'S\*

Líder de mercado no segmento de xampus infantis desde seu lançamento em 1968, o Shampoo JOHNSON'S\* vem sendo produzido com nova fórmula desde setembro do ano passado...

Embora recorrendo do resultado dessa análise, feita sob metodologia diferente daquela que deu origem ao registro do produto, a JOHNSON & JOHNSON antecipou-se às determinações da S.N.V.S. substituindo todo o produto da fórmula anterior existente no mercado...

Form for requesting a product sample, including fields for name, address, city, state, and zip code.

Advertisement for 'REFORMA MONETÁRIA' (Monetary Reform) featuring 'COMENTÁRIOS À REFORMA MONETÁRIA' by J. César do Prado Leite and Eugênio Roberto Haddock.

Advertisement for 'SURDEZ' (Deafness) treatment, highlighting 'OUÇA COM PERFEIÇÃO' and 'CENTRO AUDITIVO Têlex'.

Advertisement for Johnson & Johnson baby shampoo, including contact information for distributors and a sample request form.

## Matéria 4: 07/08/1986

2 • O GLOBO

BARRA

Quinta-feira, 7/8/86

# Não há casas. Invasões aumentam

O desemprego, o subemprego, a alta dos aluguéis e as dificuldades de acesso ao financiamento da casa própria são a causa do aumento do número de invasões e do crescimento das favelas existentes no Rio. Na Barra e na baixada de Jacarepaguá, há outro agravante: maior quantidade de áreas desocupadas e, principalmente, a construção de grandes conjuntos residenciais modernos. A explicação é do secretário de Desenvolvimento Social, Maurício Azedo.

Segundo ele, a situação chegou a "um ponto insustentável", porque as invasões não se limitam a áreas livres, elas já acontecem em todo tipo de logradouro público, desde calçadas e pistas de rolamento, até vias de pontes e viadutos, o que vem causando a deterioração da vida

urbana. — O problema se agravou com o processo recente de construção na Barra. Os barracos de canteiros se tornaram moradias permanentes, mesmo com o fim das obras. Como o projeto de urbanização excluiu as famílias e trabalhadores de baixa renda, eles procuram resolver o problema à sua maneira, mesmo que não seja o melhor, nem para eles, nem para sua idade.

Este tipo de invasão é comum na Barra, como na Rua Coronel Eurico de Souza Filho, onde se instalaram 30 barracos na margem do Canal de Marapendi; ou na Rua Monsenhor Ascânio, onde são visíveis os barracos nas calçadas. Segundo o secretário, nesses casos, a Prefeitura intervirá com recursos próprios, relocando as famílias para outras áreas.

O caso mais preocupante, segundo Azedo, é a Favela do Rio das Pedras, que cresce de maneira "alarmante e desordenada". A favela ocupava uma margem na Avenida Engenheiro Souza Filho. Recentemente, a margem do outro lado da pista foi tomada por mais de 200 barracos, que chegam a bloquear o rio. O problema se agrava com a dificuldade na conclusão do aterro hidráulico que se destina à construção de 296 casas populares, em uma área de 70 mil metros quadrados. Desde setembro do ano passado, a Prefeitura e o Governo Estadual vêm investindo C\$ 4 milhões e 415 mil no assentamento do solo.

— É um desafio tecnológico. Para concluir o aterro serão necessários de 10 mil a 20 mil cruzados mais.

Para combater o pro-



Azedo: "Ponto insustentável"

blema da favelização e das invasões, "que corre o risco de se tornar insustentável", a Secretaria de Desenvolvimento, junto a três outras secretarias — Desenvolvimento Urbano, Obras e Planejamento — está fazendo um estudo sobre construção de conjuntos residenciais populares.

Para isso estão sendo pesquisados materiais de construção mais baratos e as áreas que seriam destinadas ao projeto. As propostas serão apresentadas ao Prefeito Saturnino Braga no fim do mês.

Outra medida em andamento — explica Azedo — é a compra de contêineres metálicos utilizados na construção civil para servir de abrigo provisório às famílias deslocadas de invasões. Também está em processo de negociação com o BNH a inclusão do município nos programas de interesse social do banco. Através de empréstimos a fundo perdido, a prefeitura poderá construir casas populares.

Ainda com o objetivo de conter o processo de favelização e evitar as invasões, Azedo explica

que está em tramitação na Câmara Municipal para aprovação um projeto que surgiu de uma proposta da Associação dos Moradores da Barra. Se aprovado o projeto do vereador Antônio Pereira, a nova lei vai obrigar todo loteamento com área acima de dez mil metros quadrados à construção de habitações populares dentro de padrões estabelecidos.

— Isso evitaria que grandes bairros se transformassem em gueto de ricos, assediados por barracos miseráveis. É necessário que a população de baixa renda tenha onde morar próximo do lugar onde trabalha.

A Light assumiu um compromisso com a Prefeitura, pelo qual, antes de ligar a luz em áreas carentes, consultará o Município.

## AÇÃO NOS BAIROS

Barra — A associação de moradores, juntamente com a 2ª Região Administrativa, abriu inscrições para o curso Oficina Teatral. Serão atividades de expressão corporal, improvisação, uso da voz, estudo de textos e ainda jogos de dramaticidade, para crianças e adultos. Tel. 266-7788.

Tanque — A partir das 18h deste domingo começa a rolar o Papete do Beto, na Avenida Nelson Cardoso 82.

Esta seção continua recebendo informações de reuniões e demais atividades da associação de moradores. Para serem publicadas, devem ligar para o telefone 292-2000, ramal 3.

## CARTAS

### Barra crescendo

(...) É com grande admiração que vejo o crescimento do bairro da Barra, que num espaço de poucos anos obteve uma espontânea e vertical melhoria. É claro que o crescimento a nível de ruas calçadas, limpeza, iluminação, saneamento e esgoto e outros detalhes de urbanização ainda não chegaram ao seu auge. Muita coisa ainda tem que ser vista e revista.

Esses detalhes a serem vistos devem ser iniciados desde agora, quando o bairro cresce e nos

mostra claramente que daqui a uns dois, três anos a Barra poderá ser tornar uma Panema ou Copacabana da vida. (...)

Sou de acordo com a campanha que a Associação Comercial e Industrial da Barra vem promovendo, mas é preciso que não se esqueça de que a Barra, antes de tudo, deveria ser um bairro familiar e residencial, pelo menos nos locais possíveis, como na área da Sernambetiba. O que se tem visto são bares que na mesma proporção crescem e abrigam pessoas barulhentas e incômodas. (...) (Luiz Edoardo Pires — Barra da Tijuca)

### Roupa suja

(...) Não é necessário dar satisfações ao público. Basta serem procuradas as falhas e se positivas eliminá-las.

Há dias, o ministro da Previdência e Assistência Social alegou que os reajustes dos pensionistas e aposentados seriam pagos com 90 dias de atraso devido a Casa da Moeda do Brasil não ter entregue os carnês em tempo hábil.

Agora vem o diretor do Departamento de Polícia Técnica e Científica informar que não há entrega das carteiras de identidade porque a Casa da Moeda do Brasil não faz a en-

trega dos espelhos.

Os problemas devem ser resolvidos em casa e não em público, jogando a peçoca de um para outro (...). (Góliby de Rezende Araújo — Jacarepaguá)

### Esclarecimento

Em atenção à reportagem publicada no GLOBO-Barra de 31/07/86, sob o título "Sorria, você está chegando na Barra, esclarecemos que o trecho da Avenida Grande Canal, contíguo ao terreno de número 411 da Avenida das Américas, de propriedade de Carvalho Hosken S.A., encontra-se parcialmente urbanizado. A área foi aterrada e já está na cota definitiva de terraplena-

gem. Resta apenas executar a pavimentação asfáltica.

Concordamos com o teor da reportagem. Acreditamos na união entre Governo e empresário para melhorar, cada vez mais, o nível e a qualidade de vida da comunidade da Barra da Tijuca. Apoiamos, entusiasticamente, a iniciativa da Associação Comercial e Industrial da Barra — Acibarra — e, na condição de empresa associada, a ela nos colocamos, inclusive, à disposição para ajudá-la em outras iniciativas desse tipo. (Engenheiro Paulo Albuquerque — assessor da Presidência da Carvalho Hosken S.A.)

As cartas devem ser assinadas a conter o nome e endereço completos do remetente. As cartas recebidas pelo GLOBO-BARRA, publicadas ou não, não serão devolvidas.

### MOVEIS ANTIGOS VENDO

Etager - louseiro, orateleiras, consóles, conj., sofás malheirô, oratório mudo, vitrines pinho de rês, etc.

Tels.: 325-2077 - 325-2060  
Marcar hora

### CASA DE GRAMADO

Móveis artesanais de Adelino Catuci  
Praia da Guanabara, 715 — Tel.: 396-7524  
Freguesia — Ilha do Governador

### AUTO ESCOLA AFONSO

PROMOÇÃO DE ANIVERSÁRIO  
Faça sua matrícula de carro e ganhe 1 (uma) aula grátis

e mais cursos de moto grátis

Curso em 15 dias c/ carros novos  
Rua Visconde de Pirajá, 605 - Loja 1  
TEL: 239-9195

### AULAS DE VIOLÃO

Clássico ou popular (Profª Regina)  
Aulas a domicílio TEL.: 342-3849.



### ANTENISTA

T.V. F.M.  
Coletivas e Individuais  
Sr. Ivan Botelho Tel: 359-5228



### O FIM DO PROBLEMA COM A ÁGUA

- Tecnologia Suíça
- Natural como nascentes de água
- Só ligado no registro de água
- Melhor do que filtro (é purificador)
- Testado e aprovado pela FEEMA (RJ)

INSTITUTO ADOLPHO LUTZ (S. PAULO)  
TELS.: 263-3672 e 263-4356

### Jornais de Bairros

Rua Irineu Marinho, 35  
CEP 20233

Editor  
Dênis de Moraes

Telefones  
Redação, 292-2000,  
ramais 218 e 240.

Publicidade, 272-2000,  
ramal 81.

Tráfego, 272-2000,  
ramais 346 e 589.

Faturamento, 272-2000,  
ramal 373.

Cobrança, 272-2000,  
ramal 580.

### CARPETES

\* Carpete TOSCÂNICO ..... C\$ 22,90

\* Carpete Multilúcio Especial ..... C\$ 25,90

\* Carpete PLAVIGOR ..... C\$ 25,90

\* Carpete 8 mm S. Castles ..... C\$ 34,90

\* Carpete Nylon 8 mm ..... C\$ 33,00

\* Vinilimpiso 1/8 mm ..... C\$ 35,00

\* Volcápio ..... C\$ 18,00

\* Placônis ..... C\$ 15,00

\* Tapetes ..... C\$ 30,00

\* Plásticofôrma flo ..... C\$125,00

\* Madeirês ..... C\$150,00

SÓ PISOS

Rua São Januário, 187

São Cristóvão

580-3034

580-5826

Plantão aos

sábados até 16h



Matéria 6: 13/08/1986

6 • O GLOBO

MEIER

Quarta-feira, 13/ 8/ 86



Tenente Juarez nas áreas mais carentes, trabalho fica difícil

# Polícia comunitária: há 26 anos no Jacarezinho

Há cerca de 26 anos funcionando no Morro do Jacarezinho, o Posto de Policiamento Comunitário (PPC) do 3º Batalhão de Polícia Militar vem procurando melhorar o relacionamento entre a polícia e a comunidade, através da prestação de serviços comunitários como a remoção de doentes, alienados mentais e parturientes. Ali moram cerca de 200 mil pessoas com um mínimo de estrutura básica e áreas extremamente carentes ao lado de casas de dois a três andares. Enquanto a maioria dos moradores anda mesmo a pé, em certa parte do morro os carros mais vistos são Monzas e Escorts. Poucas ruas, porém, permitem a passagem de carros sem que na maior parte o espaço dá para apenas um veículo de cada vez, o que provoca muitos transtornos.

A favela não tem mais para onde crescer e, por isso, tem surgido focos em vários locais próximos. Outra solução, mais perigosa, é o crescimento vertical: no Jacarezinho pode-se ver a construção de novos andares em grande número de casas, algumas com até quatro andares. O perigo está nos desabamentos e o PPC tem atendido diversos casos de acidentes desse tipo.

O Posto de Policiamento Comunitário funciona 24 horas por dia (a escala da noite é chamada curiosamente de "escala do velório") com um tenente, um sargento, três cabos e 21 soldados, divididos em três turmas. O serviço de ronda é bastante dificultado pelo eficiente serviço de informação dos marginais que dominam a boca de fumo da área. Quando os soldados saem do posto, os marginais das partes mais perigosas já são informados por rádio ou telefone.

E é nessas áreas mais perigosas e mais carentes do



No PPC, o combustível tem dupla finalidade social: frequentemente, faz as vezes de ambulância

morro que reina o já famoso traficante Paulo Roberto Moura de Lima, o Meio Quilo. Ali manda ele, principalmente na parte conhecida por Azul e na parte baixa, próximo à Praça da Concorórdia, onde foi tramada a fuga de Escadilha da Ilha Grande através de um helicóptero.

São nessas áreas mais carentes que sentimos maior dificuldade para trabalhar junto à comunidade. Ali, os marginais procuram desenvolver um trabalho social para obter, em troca, favores dos moradores. Estes recebem alimentos, roupas e remédios e não dão qualquer informação sobre o esconderijo deles. Ao contrário, os ajudam a fugir dificultando o nosso trabalho — reclama o comandante do PPC, Tenente Juarez.

As ocorrências mais comuns no Jacarezinho são remoção de alienado mental, brigas entre marido e mulher e acidentes com crianças (muitas caem das lajes ao soltar pipa) além de remoção de doentes. Um dos atendidos pelo PPC foi o menino Erivaldo Neves Rodrigues, 12 anos, que teve que ser levado de patámo ao hospital. Os casos mais graves são encaminhados para o Hospital Salgado Filho.

Um outro problema grave apontado pelos policiais no Morro do Jacarezinho é o fato das ruas serem muito estreitas dificultando a passagem de veículos.

Nós tentamos fazer não única na rua principal com entrada pela Avenida

Suburbana e saída pela Álvares de Azevedo, mas não deu certo porque não havia qualquer sinalização que indicasse isso. Estamos estudando novamente o assunto para tentar encontrar uma solução porque daqui a pouco ninguém mais vai conseguir subir a favela de carro. Um veículo mal estacionado ou um caminho de médio porte interrompem o trânsito por horas — comenta Juarez.

O contraste entre as partes alta e baixa do morro são gritantes. Enquanto a primeira possui supermercados, lojas de eletrodomésticos, sapatarias e material de construção, a outra não conta com quase nenhum comércio. Ali, somente no mês passado, foram encontrados cinco cadáveres desovados próximo ao rio.

Os policiais do PPC contam com apenas uma fatura, que é utilizada mais para a remoção de pacientes. A ronda mesmo tem que ser feita a pé já que na maioria das "ruas" só há espaço para pedestres. O nome de um beco já diz tudo: Beco do Passa Um.

Na Favela do Jacarezinho mora a maior parte dos operários das indústrias que circundam o morro. O movimento de pessoas, porém, é muito intenso e ali são encontrados moradores na Cidade Alta, Mangueiras, Mangueira e muitos fugitivos de presídios e delegacias que se misturam aos moradores da favela passando despercebidos pela polícia. Depois que o marginal consegue subir o morro, a captura só é feita

de duas maneiras: através de informações dos moradores (o que é muito difícil apesar do telefone 281-0554 estar à disposição para denúncias anônimas) ou na ronda, quando os policiais encontram um marginal mais distraído (o que também não é fácil).

— Mesmo que a gente encontre o marginal, temos uma preocupação básica que é a de evitar atrito direto com ele para que não haja troca de tiros. No morro circulam milhares de pessoas por dia — comenta o Tenente.

Para controlar melhor a entrada e saída de pessoas do morro, os policiais do PPC estão fazendo um levantamento a respeito dos carros que são vistos circulando por ali, principalmente no caso de carros de luxo como Monzas e Escorts.

Aliás, como não poderia deixar de ser, por causa do Meio Quilo, o maior número de ocorrências (após remoção de doentes) é em relação a tráfico de drogas e viciados. Nas últimas semanas foram feitos 10 flagrantes em tráfico. Em apenas um dia foram apreendidas 49 trouxinhas de maconha e oito papéletes de cocaína no mesmo lugar onde no dia anterior foram apreendidas 36 trouxinhas: a Praça da Concorórdia.

Na parte de aproximação com as crianças (visando apagar a imagem de herói que o marginal costuma passar para elas), o 3º BPM está em contato com o Padre Nelson para organizar excursões.

**COLÉGIO WAKIGAWA**  
(o que recupera)  
**1º e 2º Graus em até 6 meses**  
Sistema de Créditos  
Pré-Vestibular  
Matriculas Abertas — Novas Turmas  
04 de Agosto  
Manhã \* Tarde \* Noite  
**R. Ana Barbosa, 13**  
Tel.: 594-2768  
COPACABANA — MEIER — CATETE  
— TIJUCA — MADUREIRA —  
BONSUCESSO

**A SKOL VAI ATÉ VOCÊ**  
Agora você não tem mais problema! É só telefonar, É MAIS BARATO!  
peça cervejas, cerveja em lata, Caracu, laranja Skol, soda limonada, guaraná, águas minerais, chopp, aguardente de várias marcas, bebidas finas, além de jogos de mesas e chapeiras.  
Tels.: 249-9846 — 289-4499  
**SKOL**  
Cerveja Pilsen

**VIAGENS**  
**THEMAR**  
PASSAGENS  
São Geraldo  
Unidos para lhe servir com segurança e pontualidade.  
\* São Mateus \* Arapiraca  
\* Eunápolis \* Maceió  
\* Ilhéus \* Recife  
\* Goiânia \* João Pessoa  
\* Paulo Afonso \* Natal  
**THEMAR PASSAGENS 593-2751**  
Av. Suburbana, 6570 sala 205

**COLÉGIO EDUCO**  
INTENSIVO  
Rua Dias da Cruz, 495  
TEL: 289-2499

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆  
**COLÉGIO DUQUE DE BRAGANÇA**  
NOVAS TURMAS EM AGOSTO  
SUPLETIVO DE 1º GRAU  
2º GRAU (Em 2 e 3 anos)  
PRÉ-VESTIBULAR  
TELS.: 594-0299 / 260-2843  
Rua Constança Barbosa, 125 - Méier  
Rua Darque de Matos, 199 - Higienópolis  
ACERTAMOS DEFERENDAS

# Associações buscam ocupações para crianças

As associações de moradores das principais favelas de Botafogo estão buscando na prática diversas alternativas para combater a violência, principalmente partindo da mobilização em torno das crianças e buscando o apoio de diversos setores da sociedade. Muitas vezes acusadas de serem "focos de violência", estas comunidades procuram demonstrar, na prática, que são apenas locais de moradia de "pessoas pobres e trabalhadoras".

A Associação de Moradores do Morro Azul está começando uma campanha para construir, num terreno baldio na encosta de acesso ao Morro, uma unidade pré-escolar e uma área de lazer, a fim de ocupar principalmente as crianças de 4 a 6 anos, que já não frequentam mais as creches e ainda não estão em idade escolar. Atualmente, o terreno está cheio de mato e é usado como depósito de lixo e entulho de obras.

— A violência que existe na cidade é fruto de um



Tunico: "Problema é social"

grave problema social. Uma criança que mora mal, num barraco, passando necessidade, chega em frente da televisão e assiste aos anúncios oferecendo coisas que ela nunca vai poder comprar. Então esta criança, se não tiver outra opção, vai acabar caindo na marginalidade — afirma Antonio Manoel de Sousa, o Tunico, presidente da entidade. Ele propõe a necessidade de um "entrosamento" entre os grupos sociais, onde as pessoas possam fazer doações à comunidade para a construção do pré-escolar e da

área de lazer, "para que estas mesmas pessoas amanhã não sejam assaltadas ou roubadas" por crianças que não "tiveram oportunidade de fazer algo melhor".

A campanha no Morro Azul está sendo coordenada por Tunico e Auzires de Lima, da associação de moradores, que afirma:

— Se conseguirmos isto vai ser um sonho, vamos unir o útil ao agradável e permitir que nossas crianças não fiquem soltas por aí e acabem fazendo o que não devem, se ficarem soltas por aí.

Tunico lembra que a Comlurb prometeu limpar o terreno em questão até a semana que vem. Ela conta que a Cedeae já está iniciando a instalação de esgotos e água encanada para a todas as residências do Morro, que tem 2.400 moradores, sendo 700 crianças entre 5 e 15 anos.

O próximo passo para a campanha pela construção do pré-escolar e da área de lazer será uma festa, em frente da comunidade, para



Este terreno baldio no Morro Azul, sempre cheio de lixo, poderá vir a ser o centro ocupacional

arrecadar fundos. Qualquer pessoa que queira dar alguma colaboração pode entrar em contato com os telefones 2452479 e 2059041.

No Morro Santa Marta, a mobilização ainda não é tão grande em relação à violência. O presidente da associação de moradores, Gilson Cardoso, denuncia o que considera a principal violência na comunidade:

— Trata-se da violência policial. Qual é o pai de fa-

mília, o trabalhador ou trabalhadora que gosta de diariamente ter que sujeitar a passar por um camburão, ser revistado e humilhado pelos policiais? E preciso tirar este camburão que passa o dia inteiro revistando quem desce do morro. Desde feito a favela fica sitiada, isolada e nunca vai poder se integrar com o resto da sociedade — reclama ele com veemência.

Ele diz que "ninguém pode provar" que os assaltos

que ocorrem nas ruas próximas ao Morro são feitos por moradores de lá e acha injusto as pessoas "verem na favela um foco de violência, pois ela está em todo lugar". Gilson admite que a associação não vem desenvolvendo nenhum trabalho específico com crianças, mas apoia a obra social mantida na comunidade pelo Colégio Santo Inácio, que inclui creches e pré-escolas, entre outras atividades.

# Protocolo é uma forma de burlar lei

Uma crise envolvendo a Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (Famerj) e a Prefeitura está dando o que falar, inclusive com a ameaça de rompimento entre as entidades comunitárias e o Governo municipal. Botafogo é um dos bairros mais citados neste debate, principalmente por causa da lei do solo urbano, que regula as edificações.

Devido às lutas da comunidade do bairro ainda não ficou cercado pelas paredes de cimento, como em Copacabana. Mas temos que lutar para não perder o espaço de ventilação — afirma Jacinto Celestino, presidente da Amab.

A Famerj protestou em relação ao decreto 5899, assinado recentemente por Saturnino Braga, que amplia de dois anos para seis anos o "direito de protocolo".

— Este direito de protocolo serve para burlar a lei vigente. Se uma construtora deu entrada com um projeto de edificação num terreno hoje, mesmo que ela sequer seja dona do terreno, daqui a seis anos ela vai poder edificar de acordo com a legislação em vigor na época que ela deu entrada e recebeu um protocolo. O efeito também é retroativo, ou seja, é possível edificar hoje com um gabarito de seis anos atrás, na época em que foi feito o projeto — comenta Celestino.

Jacinto lembra ainda outro recurso usado pelas construtoras para "burlar a lei". É que nos terrenos rentes à rua só é permitido edificar no máximo em 80 por cento da área, para manter a ventilação. No entan-

to, segundo ele, são usados "salotes", isto é, a base dos prédios compostos de garagem e playground ficam mais largas que os apartamentos, "retirando a ventilação de quem passa na rua".

— É preciso disciplinar o uso do solo no bairro, obedecendo também ao nosso patrimônio visual e se respeitar o direito adquirido. Afinal, se o sujeito adquiriu o direito de ver um pedaço de mato, uma colina ou um pedaço que seja do Corcovado, é preciso respeitar este direito e não criar novas edificações que violentem o espaço urbano — diz ele.

Botafogo também entrou na polêmica entre a Famerj e a Prefeitura devido a questão dos out-door's. É que a Comissão de Licenciamento de Propaganda e Publicidade, que controla a colocação de propagandas em via pública, pretende manter a permissão para que em locais de valor paisagístico como já ocorre na enseada de Botafogo e sobre o Túnel Novo, embora no momento não haja nenhuma propaganda nestes locais.

— A gente está numa época de propaganda eleitoral e a Prefeitura, junto com o Tribunal Eleitoral, tem que regulamentar a utilização dos espaços, para a cidade não ficar ainda mais feia. Um dos projetos da Prefeitura é autorizar a construção de decks para venda de alimentos em toda orla marítima, o que só interessa à indústria alimentícia. Já pensou se alguém se lembra de vir se instalar nas águas poluídas de Botafogo? — pergunta Jacinto Celestino em tom de brincadeira.

## Quarteirão da Economia

entre Conde de Irajá e Martins Ferreira, aqui na Voluntários

<p><b>O PINTORÃO DA GUANABARA</b></p> <p><b>MAQUINA DE FURAR... 456,00</b></p> <p>Tintas, ferragens — mat. elétrico e hidráulico Tudo para construção (areia, cimento, tijolo) Entregas a domicílio</p> <p>Rua Voluntários da Pátria 374 A — 246-0996</p>	<p><b>RESTAURANTE E PIZZARIA</b></p> <p>"REI DO FILET"</p> <p><b>COMIDA CASEIRA</b></p> <p>ENTREGA A DOMICILIO</p> <p>RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 402 — Lj. B BOTAFOGO — RIO DE JANEIRO — RJ — TEL.: 286-9995</p>
<p><b>Cadillac AUTOMÓVEIS</b></p> <p>COMPRA E VENDA DE AUTOMÓVEIS SELECIONADOS.</p> <p><b>MELHOR AVALIAÇÃO:</b></p> <p><b>CONSULTE-NOS 286-7289</b></p> <p>RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA 374B</p>	<p><b>TINTURARIA E LAVANDERIA GLORIA</b></p> <p>UNIDAS EM UMA SÓ LAVANDERIA GLORIA E PARIS CHIC</p> <p>LAVAGEM A SECO COM GARANTIA ABSOLUTA ESPECIALIDADE EM VESTIDOS — CORTINAS E TAPETES.</p> <p>RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA 374 LJ 226-4511 RUA SÃO JOÃO BATISTA 23C 226-9543</p>
<p><b>ITALVIDRO</b> Vidros — Cristais Espelhos — Molduras</p> <p>Distribuidor Blindex</p> <p><b>Promoção: Box Blindex em 3 vezes s/ juros</b></p> <p>Serviços Especiais p/ Decoração Rua Voluntários da Pátria 366 286-6928 Fábrica e Depósito Rua Sinibu 387/ 387-A 248-8394</p>	<p><b>COLCHOARIA LISBOETA</b></p> <p>Móveis estofados em geral</p> <p><b>Bicam Ortopédica 900,00</b></p> <p>Colchões sob medida Molas — comum e especial Crimã — animal e vegetal</p> <p>Rua Voluntários da Pátria 368 286-1830</p>
<p><b>DROGARIA ALVORADA</b></p> <p>Prestige seu bairro entregas rápidas e aplicações de injeções a domicílio. Aberta diariamente inclusive domingos e feriados das 8 às 22 horas.</p> <p>Tel: 226-0788 — 226-9184</p> <p>Rua Voluntários da Pátria 402</p>	<p><b>PAPELARIA CAMPUS</b></p> <p>Material de escritório — Escolar — aniversário — Impressos</p> <p>* Cartolina Branca ..... 0,97 * Caneta esferográfica ..... 1,10 * Papel Chamex Resma ..... 39,90</p> <p>Rua Voluntários da Pátria 368B 226-5188 e 266-2046</p>

**FILHO: QUERO VER VOCE FORTE E INTELIGENTE.**

Aluno que se desenvolve cedo começa a estudar com o método **INBASA**

Matéria 1: 02/07/1991

10 • GRANDE RIO

O GLOBO

Terça-feira, 2 de julho de 1991

# Libertado um dos diretores da Coca-Cola

Com a incumbência de conseguir o dinheiro para pagar aos sequestradores que continuam mantendo seu colega Paulo Aury de Figueiredo Polônia em cativeiro, José Maria Vicente Rosa, Diretor Financeiro das empresas engarrafadoras de coca-cola da empresa Corinne Coffin, foi libertado na noite de anteontem. Trunfado, ele se recusou a falar com a Polícia na tentativa de libertar Paulo Aury, também Diretor das empresas Corinne Coffin. Pelo pouco que conseguiram conversar com José Maria, policiais da Divisão Anti-Sequestros (DAS) disseram ontem acreditar que os sequestradores seguem liderados por José Benedito de Souza, considerado hoje o inimigo número um da Polícia.



O executivo José Maria Vicente Rosa



Paulo Aury de Figueiredo Polônia

José Maria e Paulo Aury foram sequestrados no dia 9 passado, quando foram pagar o resgate de US\$ 261 mil (Cr\$ 91,08 milhões no câmbio paralelo) pela vida de Corinne Coffin, que se encontrava há 13 dias em poder

dos mesmos sequestradores. Segundo alguns policiais da DAS, os dois foram trocados pela empreitada para que esta pudesse arrumar o restante do dinheiro exigido — US\$ 2,5 milhões (Cr\$ 87,5 milhões) — pela sua liberdade. Corinne, dias depois de ser

libertada, viajou para os Estados Unidos para tratamento de saúde. O Diretor da DAS, Delegado Otávio Sella, não quis confirmar o valor do resgate exigido pela vida de Paulo Aury, mas, segundo policiais da DAS, os sequestradores estão exigindo

US\$ 1 milhão (Cr\$ 349 milhões). Já um outro policial disse que o valor do resgate seria de US\$ 260 mil (Cr\$ 90,7 milhões).

José Maria foi libertado às 21h do antontem, sendo deixado por dois sequestradores na Via Dutra Dutra, próximo ao Motel Laguna, em Vilar dos Teles, Merrill. Ele contou que ficou abanado no banco traseiro de um carro e que, no ser libertado, os sequestradores mandaram que ficasse com o rosto encostado num muro sem olhar ou sair do lugar. Assim que notou que já podia se movimentar, José Maria pediu ajuda a uma família que mora ali perto. Ontem, parentes do executivo disseram que ele está internado numa clínica.

Fomos ao local buscarlo e queríamos trazê-lo para a divisão para conversar com ele. José Maria se recusou, dizendo que queria entrar em contato com sua família. Assim fica difícil trabalhar — desabafou o Delegado Otávio Sella.

## Tortura sofisticada

TEVE final feliz o sequestro da adolescente Flávia de Oliveira Teixeira, que toda a cidade acompanhou muito de perto. É o que se quer de um sequestrador: que tenha final feliz, sobretudo por constituir um dos crimes mais hediondos que se possa imaginar.

POR outro lado, casos como esse levantam difíceis problemas ético, humano e profissional o da relação entre os parentes da vítima e a polícia. A primeira exigência dos sequestradores faz com que se mantenha a polícia "desse". Foi o que aconteceu.

HUMANAMENTE, nada mais compreensível. Ao mesmo tempo, se essa atitude se torna a regra, chega-se a uma situação em que o sequestrador passa a ser o mais rendoso e o mais fácil ramo do crime — o que multiplica indefinidamente o sofrimento de famílias como a de Flávia.

O FIMAL feliz não pode significar que os sequestradores se integrem definitivamente ao nosso dia a dia — uma forma sofisticada e até gentil (como declarou a adolescente) de arrancar enormes somas de dinheiro a famílias que cedem a uma espécie de cumplicidade forçada com seus algozes.

## Durante as negociações, a troca de reféns

O caso dos diretores das empresas de Corinne Coffin foi o primeiro em que a vítima inicial do sequestro acabou trocada por outras pessoas, durante as negociações para o pagamento do resgate. Contrariando orientação da Polícia — segundo a qual o interlocutor dos sequestradores durante as negociações jamais pode ir a entrega do resgate — Paulo Aury de Figueiredo Polô-

nia aceitou a ordem dos criminosos e levou para eles os US\$ 261 mil (Cr\$ 91,08 milhões no câmbio paralelo), na noite de 10 de junho.

Com ele, seguiu José Maria Vicente Rosa, outro diretor das empresas de Corinne Coffin, que foi solto por ter sofrido, no cárcere, um princípio de derrame, do qual se recuperou nos Estados Unidos. O valor

inicialmente pago significou, segundo a Polícia, uma espécie de "entrada" do resgate, cujas demais parcelas não foram pagas. Informações dadas por um policial da Divisão Anti-Sequestros (DAS) dão conta de que Corinne teria deixado o cárcere com a incumbência de conseguir mais dinheiro para que José Maria Vicente Rosa e Paulo Aury de Figueiredo Polônia fossem soltos.

## Empresários vão assistir a palestra

Como a vítima em poder dos sequestradores pode ajudar a Polícia? Especialistas da Polícia Civil e da DP responderão a essas e outras questões na abertura do Seminário de Prevenção de Sequestros, hoje, às 18h, no Colégio Opera, na Ilha do Governador. A palestra, que terá na plateia empresários, faz parte do Programa do Esforço Contra Sequestros, que inclui ainda o reaparelhamento das duas Polícias e o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos.

## Segurança é suspeito no caso Flávia

Embora o Diretor da Divisão Anti-Sequestros (DAS), Otávio Sella, não confirme, está preso, desde sexta-feira à noite, Jessy de Jesus Neto, de 39 anos, segurança do condomínio no Village da Ilha onde mora a estudante Flávia de Oliveira Teixeira, libertada no sábado após três dias de sequestro. A informação é de policiais da própria Divisão, que fizeram um levantamento dos antecedentes criminais do segurança e descobriram que ele responde a inquéritos por porte de armas, utilização de documentos

falsos, assalto a mão armada e estupro.

Jessy — que, segundo um policial da DAS, foi contratado pelo pai de Flávia, o advogado Agostinho Teixeira — é assessorado pela Polícia de ser um dos planejadores do sequestro da estudante. A versão de Sella é bem diferente. Ele disse que Jessy fora a DAS para depor como testemunha no caso, sendo liberado em seguida. Sella, porém, confirmou que a segurança tem uma extensa lista de antecedentes.

# Preso 'Nai', chefe do tráfico da Mineira

Após dois meses de investigações, policiais da Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis (DARF) prenderam na noite de sexta-feira passada, em Araruama, Região dos Lagos, o traficante Altair Domingos Ramos, o 'Nai', responsável pelas bocas de fumo do Morro da Mineira no Catumbi. Ele foi preso quando dirigia seu carro, um Voyage.

Nai é apontado pela Polícia como uma espécie de braço armado do Comando Vermelho, por alugar armas para quadrilhas de assistentes de bancos e sequestradores, recebendo comissão sobre o produto do crime e mandando dinheiro para vários presídios do Rio. Sua prisão deixa o traficante José Benedito Araújo, da Favela da Vargem, como o mais perigoso membro do Comando ainda solto.



Com a cabeça coberta pela camileta, 'Nai' assina um documento na DARF

Nobreza, Nelsonho da Mineira e Maurinho Branco.

Para prender Nai, a DARF organizou três blitzes, na última sexta-feira. Os policiais sabiam que ele se reuniria com outros criminosos. Então cercaram as saídas da Mineira e do Morro da Mineira, na Pica, e prenderam Nai e armaram uma blitz na Rodovia Amaral Peixoto, perto da quadra de Araruama, para onde o bandido se mudara há um mês.

Nai disse aos policiais, depois de preso, que tem feito um trabalho para servir às quadrilhas: um barril de munição, seis escopetas calibre 38, seis metralhadoras, três escopetas Winchester calibre 12 e uma metralhadora AR-15, usada pelo Exército americano nas guerras do Vietnã e do Golfo Pérsico e capaz de disparar até mil tiros por minuto.

## Policia Federal prende agente suspeito de ser traficante

Um agente federal identificado apenas pelo primeiro nome, Etício, foi preso ontem por colegas na Rua Bischoff, acusado de pertencer a uma quadrilha de tráfico de drogas formada por policiais federais. Dois outros agentes, Rufino e Fagundes, estão com prisão preventiva decretada. Também está preso Jorge Dias, que, suspeita-se, igualmente far parte do bando.

O Superintendente da Polícia Federal do Rio de Janeiro, Delegado Edson de Oliveira, não quis comentar a participação dos outros agentes. Ele informou que somente hoje dará mais detalhes sobre o caso, que está sendo investigado pelo órgão.

**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

## COMUNICADO

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, pelas autoridades do Poder Executivo Municipal, vem prestar os seguintes esclarecimentos à população, em face dos ataques injuriosos, com involuntário caráter ultramarino, perpetrados através da imprensa nos últimos três dias, pretendendo envolver a política financeira do Município em supostas fraudes apuradas no mercado aberto.

Cumprido elucidar, inicialmente, que o Tesouro da Cidade foi vítima do perigo desastrosa da Administração anterior, sendo esta uma das mais expressivas causas da impopularidade talhada da Prefeitura, fase adversa que este Governo logrou superar, como é do conhecimento geral.

Com efeito, através de inédita atuação no mercado financeiro, pautada por mecanismos ágeis e ácidos, o Rio de Janeiro ocupa hoje posição de singular saneamento financeiro, se comparado a outros Municípios e Estados da Federação.

De fato, por orientação do Prefeito da Cidade e com o apoio decisivo dos Secretários Municipais realizou o Município do Rio de Janeiro caminho de desenvolvimento econômico, ao aplicar recursos, utilizando, como parâmetro exclusivo de manejo, as taxas médias diárias praticadas pelo Banco do Brasil, o chamado Índice GEPCF. Isto porque sempre se considerou, de um lado, a necessidade de proteção da finança municipal, em época de inflação galopante, sem olvidar, contudo, a necessária adoção de critérios compatíveis com uma entidade pública. As contas e aplicações oriundas dessas operações constituem atos administrativos formalizados e documentados, cuja transparência é absoluta, garantida e legitimada pelo Governo.

Não se pode admitir, nessa ordem de idéias, seja uma política excessiva de repasse aos fornecedores para toda a população carioca, adiantada e posta em dúvida por comentários maliciosos, planejados em intrigas mesquinhas, como o intuito de distorcer a verdade e

semear discórdias. Nesse momento, o dever das autoridades constituídas é o de cessar das injúrias e, se necessário, tomar as providências cabíveis e incontestavelmente estão ocultas por trás das insinuações cometidas.

É interessante, também, a utilização de pretensas informações reveladas pelo Banco Central do Brasil como fonte oculta de artigos e colunas irresponsáveis. O Banco Central, alvo que é de tantas questões extrajudiciais, merecendo por vezes a preocupação candente do Poder Legislativo, tem responsabilidades limitadas diante de sociedade brasileira que jamais se poderá ter como exata a notícia de que funcionário seus estariam a praticar o delito de violação do sigilo funcional, insculpido no art. 325 do Código Penal.

Diante desses fatos, decidiu o Governo da Cidade do Rio de Janeiro interpor o Banco Central do Brasil para que esclareça ser verídica a existência de qualquer investigação formal a respeito das aplicações financeiras da Prefeitura, guardadas as limitações impostas na legislação federal de regência. Caso contrário, exigirá a Administração Municipal que apure a respeito a responsabilidade funcional pela informação deturpada, dado que a prática anônima de investidas injuriosas contra dignitários públicos não se comparam com os elevados mistérios do órgão controlador do sistema financeiro.

Finalmente, é de se patentear a estranheza causada pelo fato de, no instante em que se recupera plenamente o Rio de Janeiro, às vésperas da RIO-92, serem orquestradas injúrias contra as instituições públicas da Cidade, procurando gerar antagonismos artificiais entre os Governos Estadual e Municipal. São desavessadas as tentativas, inclusive de incompartilizar ou separar o Prefeito Marcelo Azevedo de seu companheiro o governador Leonor Brito, com o qual mantém perfeita sintonia de ideias, respaldada por elevados graus de confiança mútua.

**MARCELLO AZEVEDO**  
PREFEITO

**CHEFE DO GABINETE DO PREFEITO**  
Jonas Bastians de Lira

**SECRETARIA MUNICIPAL DE GOVERNO**  
Otávio Santos Silva Leite

**SECRETARIA MUNICIPAL DE FAZENDA**  
Edgard Henrique Gonçalves da Rocha

**SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO**  
Augusto Henrique Pereira de Souza

**SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS E DE URBANISMO E MEIO AMBIENTE**  
Luiz Paulo Cordeiro da Rocha

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**  
Mariana da Cruz

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Pedro Pavêlo Sampaio

**SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE**  
Ronaldo Luiz Garcia

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES**  
Carlos Eduardo de Aguiar

**SECRETARIA MUNICIPAL DE TRANSPORTES**  
Alvaro José Martins Santos

**PROCURADOR GERAL**  
Raul Cláudio Loureiro

**RIO Prefeitura trabalhando**

O GLOBO APRESENTA

## PROJETO BLUES

# SUGAR BLUE

Tendo tocado com os Rolling Stones, Eric Clapton, B.B. King, Stan Getz, Lionel Hampton e Muddy Waters, entre outros grandes, Sugar Blue vem fazendo uma brilhante carreira entre os músicos de blues, jazz e rock americanos.

**Jazzmania**

**DIAS 10, 11, 12 E 13 DE JULHO**

**VENDAS A DOMICÍLIO E RESERVAS: 227-2447**

GLOBO 92,5 APRESENTA VARIG Stephen M. Allen e Paulo Henrique Barreto PRODUÇÃO

RIO PRODUÇÕES

Matéria 2: 04/07/1991



## Laboratório de Análises

**LABORATÓRIO CIENTEC**  
 CONVÊNIO: Banco do Brasil • Unimed • Sul América • Patrocin • Save • Saúde Brasileira • Medi-Serviço e outros.  
 Atendimento na residência.  
 Praça Seca: Rua Cândido Denício, 1757 s/204 - 205  
 Taquara: Praça da Taquara, 14 s/303  
 TEL: 350-5435 • 423-4083

**LABORATÓRIO DE ANÁLISES MÉDICAS JACAREPAGUÁ**  
 Dr. Carlos Augusto Costa  
 CRM nº 1110-1-1  
 Dr. Wilson F. Constanção  
 CRM nº 12989-1  
 Corridos: Fozes, Puma, C202, Patrocin, Patrocin, Itanã, B3, Embarel, São Francisco, 1927 e Oitão.  
 Av. Nelson Cardoso, 1285 - sl.203 e 204 - Taquara  
 Tel.: 423-3343

**ANÁLISES CLÍNICAS**  
**LABORATÓRIO COELHO RAMOS**  
 Dr. Homero S. Ramos - CRF 7.1819  
 Dr. Jacyr C. Ramos - CRF 7.1919  
 EXAMES LABORATORIAIS COM CONTROLE DE QUALIDADE  
**ATENDE-SE A DOMICÍLIO**  
**TEL.: 325-5044**  
 CONVÊNIO: PATRONAL - BANCO DO BRASIL - CABESP  
 Av. das Américas, 2300 SL 119 - BL B - Ed. Blue Sky - Barra

**Lamina** LABORATÓRIO DE ANÁLISES MÉDICAS E INVESTIGAÇÕES ANATOMO - PATOLÓGICAS LTDA.  
 ALBERTO DA ROCHA • CRM: 52.089299 MÉDICO RESPONSÁVEL: Dr. Isaias de Oliveira Filho  
 Rua Desembargador Figueiredo, 28 - Botafogo - Rio de Janeiro - Telefone 285-6325 • CCG 4232705-000186 • IKA, 60219501

**COLETAS DOMICILIARES**

<b>BARRA</b> Av. Armando Lombardi nº 800 - sala 212 Tel.: 399-9433	<b>IPANEMA</b> R. Joana Angélica nº 47 - sala 102 Tel.: 521-1547	<b>TIJUCA</b> Rua Conde de Bonfim nº 211 - sala 306 Tel.: 204-2336	<b>ILHA</b> Estrada do Galeão nº 2.500 - sala 304 Tel.: 393-7177
---	---	---	---



## Farmácias

**A farmácia voltando às suas Raízes**

Agora na Freguesia já em funcionamento

**FARMÁCIA de MANIPULAÇÃO**

Manipulação de suas receitas com critério e competência

ESTRADA DE JACAREPAGUÁ, 7912  
LOJA B - FREGUESIA

**DROGARIA ESPECIALIZADA EM**

ENTREGAS ★ APLICAÇÕES A DOMICÍLIO  
 24 HORAS - TODA A BARRA  
**439-1122 - 439-3449 - 439-3535**  
 TEM TUDO - É MAIS PERTO  
 AV. SERNAMBETIBA, 3300  
 BARRAMARES

**AGORA EM JACAREPAGUÁ**  
 A mais nova farmácia de manipulação

**Chariot** Afinal, a beleza simples é um prazer

- Fórmulas medicamentosas e emagrecimento
- Linhas: rosto, corpo, cabelo
- Linha para esteticistas

Av. Nelson Cardoso, nº 1145 - Loja 201  
 (No prédio da Caixa Econômica)  
**TEL.: 423-4342**

**A PRIMEIRA FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO DE JACAREPAGUÁ**

Estr. do Tindiba, 2033 Loja 107  
**TEL.: 392-1483**

Agora Jacarepaguá Conta com o Apoio da PHARMA FÓRMULA

- Dermatologia • Cosméticos Natural
- Fórmulas Emagrecedoras • Atendimento A Esteticistas

Dispostos de Esteticista em Nossa Loja, Atendimento a Domicílio

**O REMÉDIO É DROGARIA BARRAMARES 24 HORAS ABERTA**

- ★ Entregas e aplicações a domicílio
- ★ Vídeo Locadora: entregamos as fitas em casa
- ★ Central de compras: compramos e entregamos a domicílio o que você necessitar do super mercado ao eletrodoméstico. Informe-se.

TELS: 439-1122 - 439-3535 - 439-3232 - 439-3449 - TODA A BARRA

# Vidigal: onde os contrastes já fazem parte do dia-a-dia

TAÍS MENDES

Se os projetos elaborados para o Rio ao longo de sua história saíssem do papel, a Avenida Niemeyer seria um trecho de uma estrada de ferro entre Botafogo e Angra dos Reis. Isso foi em 1891 e, caso a ideia não tivesse sido abandonada no início do século, provavelmente a então Cidade do Vidigal não teria cedido espaço ao que é hoje a favela mais privilegiada da Cidade. Em um dos mais belos trechos da orla marítima, o Vidigal é reduto de poetas, músicos, atores, jornalistas e comunidades carentes, formando um contraste social: casebres e birrosas convivem harmoniosamente com grandes hotéis e mansões na Avenida Niemeyer.

Separados pela Estrada Presidente João Goulart — antiga Estrada do Tambó — moradores da vila e do bairro do Vidigal estão divididos por um espaço físico, o que acabou dando origem a duas instituições comu-

nárias: a Associação de Moradores da Vila do Vidigal (AMVV), responsável pelas questões ligadas à favela, e a Associação de Moradores e Amigos do Vidigal (Amavidigal), que cuida dos direitos de quem possui título de propriedade da terra.

Apesar dos muitos problemas, o morro já ficou famoso pela efervescência cultural, revelada em cada esquina e birrosa pela presença de atores, poetas e músicos. Por trás dos movimentos artísticos realizados no Vidigal está o Centro Comunitário Padre Leoh. Fundado em 1984, o centro não só promove espetáculos de teatro e dança como também oferece diversos cursos aos associados.

A fama artística do Vidigal reforça ainda mais um sentimento unânime na comunidade: tanto na favela quanto no bairro, não há quem pense em sair de um lugar onde a natureza é tão generosa. Verdadeira fonte de inspiração para os moradores.

Foto de Elias Franco



Carinhos, presidente da associação, estagia a bela paisagem

Continua na página seguinte

COLOQUE SUAS VENDAS PRA CIMA.

**ZOM**

ANUNCIE NO ZOM  
 Jornal de Barro  
**292-3322**

Quinta-feira, 4 de julho de 1991

O GLOBO

BARRA • 25

## Para os moradores, o Rio, visto do alto, é cada vez mais lindo

Os 20 mil moradores do Vidigal, distribuídos em 144 mil metros quadrados, desfrutam de um privilégio muito cobigado: ter à frente o mar de Ipanema e São Conrado. Em cada esquina do morro, a natureza se faz presente. Para quem mora no Vidigal, o chamado "canto" — final da Rua Benedito Galvão, na parte baixa da favela — é a maior prova de que o Rio continua lindo. Cercada pelo Morro Dois Irmãos, a região revela não só as praias do Arpoador, Ipanema e Leblon, como também parte da Lagoa Rodrigo de Freitas. A tentativa de prejudicar a "decoração natural" das casas, onde os quadros nas paredes são substituídos pela moldura da janela, é motivo de conflito entre moradores.

Já aconteceram várias brigas por causa de novas construções que escondem a vista de quem mora nos fundos. Para resolver o problema, definimos, em assembleia geral, que os prédios teriam um gaba-

rito máximo de três andares — conta Carlos Oliveira do Nascimento, o Carlinhos Pernambuco, Presidente da Associação de Moradores da Vila do Vidigal.

No ponto mais alto do morro, batizado por Jacobau, é onde se percebe o contraste entre os barracos da favela e os espigões da orla marítima, separados apenas pelo mar. Para a psicóloga Maria Crisitina Soares, morar no Vidigal é melhor que qualquer sessão de análise. Ela conta que há dois anos, quando elegu o morro como endereço, já imaginava que estaria optando por um dos bairros mais privilegiados do Rio:

— Sempre achei a esse trecho o mais bonito do Rio e como tive que sair da Glória, onde morava, percebi que era a chance de acordar com o mar à minha porta. Brincando, digo aos meus pacientes que uma semana no Vidigal, com toda a beleza a que se tem direito, seria o suficiente para resolver boa parte de seus problemas.



Nos pontos mais altos do Vidigal, a visão ampla do mar

## Batalha judicial pela posse da terra já tem quase 80 anos

Para quem mora na Vila do Vidigal, na margem esquerda da Estrada Presidente João Goulart, lutar pela posse da terra é um direito adquirido em quase 80 anos de briga judicial. As primeiras ameaças de remoção da favela aconteceram em 1917. Em 1977, 22 famílias foram transferidas para um conjunto residencial em Santa Cruz, o que parecia ser o início da desocupação total do morro.

Na época, a área pertencia às empresas Rio Towers Hotelis e Sincorpa, que pretendiam construir no local prédios luxuosos após a remoção dos favelados. Na verdade, a parte desapropriada correspondia ao atual bairro do Vidigal, ou seja, um terço da margem direita do morro. No Governo Chagas Freitas, a favela chegou a ser decretada como área de interesse público, mudando para utilidade social depois da visita do Papa João Paulo II ao morro, em julho de

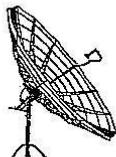
1980. A Vila já havia sido desapropriada, mas como a indenização nunca foi paga pelo Estado, o ato judicial até hoje não se concretizou.

A escolha do Vidigal para a visita do Papa João Paulo II não foi ao acaso. Procurava-se uma favela na Zona Sul onde populações pobres convivissem junto a áreas residenciais privilegiadas, para mostrar o esforço conjunto da comunidade, da Igreja e do Governo em superar as dificuldades.

A passagem do Papa trouxe uma série de melhorias para a comunidade. Além da capela de São Francisco de Assis, inaugurada pelo próprio Papa, e do anel de ouro maciço, depositado um ano depois no Museu de Arte Sacra da Arquidiocese do Rio, o Vidigal também foi presenteado com rede de água e esgoto, pavimentação em muitas ruas, uma agência dos Correios e um posto médico.

Na página seguinte, 'População se destaca por as lutas comunitárias'

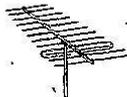
## ANTENAS & ANTENISTA



### SISTEMA DE RECEPÇÃO

- \* PARABÓLICA
- \* INDIVIDUAL
- \* COLETIVA
- \* NACIONAL
- \* INTERNACIONAL
- \* 1 ANO DE GARANTIA

### SISTEMA DE RECEPÇÃO



- \* CONVENCIONAL
- \* UHF
- \* VHF
- \* COLETIVA
- \* INDIVIDUAL
- \* GARANTIA DE 6 MESES

VENHA VISITAR NOSSO SHOW ROOM

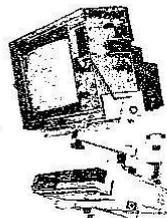
**D.G.R. A SUA MELHOR IMAGEM**

\*\*\*\*\*

ESTR. DO GABINAL, 18 LJS./B (JUNTO A LADEIRA DO LORETO)  
FREGUESIA - JACAREPAGUÁ

## GIRO VISÃO

EXIJA ESTA MARCA  
5 ANOS DE  
GARANTIA  
SUPORTE PARA TV/VÍDEO  
FORNO DE MICRO ONDAS



### ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

TV \* SOM \* VÍDEO \* FILMADORA  
TRANSCODIFICAÇÃO EM VÍDEO CASSETE

COM GARANTIA DE 10 ANOS

ATENÇÃO

APRESENTE ESTE ANÚNCIO APOS O CONCERTO DO SEU  
APARELHO E GANHE 10% DE DESCONTO.

TELS.: 447-1288

447-4560

447-4343

0333

## População se destaca através de lutas comunitárias

A população do Vidigal já foi apanhada pela imprensa e por autoridades como a que possui o maior nível de maturação política do Rio de Janeiro, título conquistado graças a diversas lutas comunitárias. Por trás da disposição incansável dos moradores em melhorar as condições de vida do local, existem duas atuantes organizações — a Associação de Moradores e Amigos do Vidigal (AMA-Vidigal) e a Associação de Moradores da Vila do Vidigal (AMVV) — que estão sempre cobrando do Poder Público soluções para os problemas do morro.

No dia 30 de julho, a AMVV estará completando 24 anos de fundação e para comemorar a data, moradores da favela já programaram torneios de dama e sueca. Além disso, a instituição está organizando o 11º aniversário da visita do Papa ao Vidigal, com a realização de uma missa na Capela São Francisco de Assis, no próximo domingo, dia 7, celebrada pelo Cardeal Dom Eugênio Sales.

Mas o principal movimento comunitário da AMVV estará acontecendo mesmo no dia 28 de julho, quando os moradores da Vila irão às urnas para eleger a nova diretoria e o novo conselho fiscal da

associação. Segundo o atual Presidente, Carlos Oliveira do Nascimento, o Carlinhos Pernambuco, até agora apenas uma chapa, a Verde, concorre às eleições e, mantendo o quadro atual, Mário Sérgio Teixeira da Luz, com mais 15 membros, será o próximo presidente da entidade.

— Os moradores interessados em participar das eleições poderão se inscrever até o dia 17 de julho na sede da associação, sempre das 20h às 21h — esclarece Carlinhos Pernambuco.

Ao longo dos seus 24 anos de existência, a AMVV conquistou serviços básicos, como água, luz e esgoto para os moradores da Vila do Vidigal, embora a garantia de permanência da favela no local seja, sem dúvida, a vitória mais esperada e reivindicada pela comunidade.

— Ainda não ganhamos a posse da terra, mas como as indenizações não foram pagas, continuamos na mesma situação de há 30 anos. A vinda do Papa ao Vidigal foi, ao mesmo tempo, um reforço e um prêmio a uma luta desenvolvida contra a remoção dos moradores — afirma Carlinhos Pernambuco.

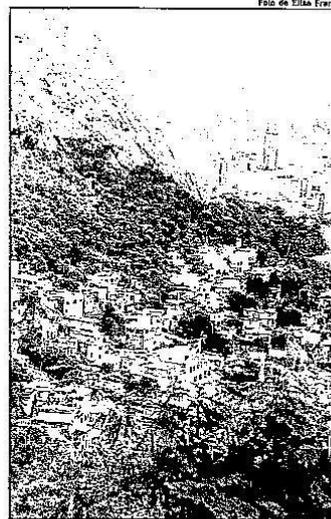
Desativada durante quase três

anos, a Ama-Vidigal voltou às atividades com a posse da nova diretoria no último dia 23. O morador Paulinho Spala Júnior assumiu a presidência da entidade e comenta suas metas e os principais problemas do bairro:

— Nosso objetivo é resgatar a relação entre a associação e a comunidade, já que há três anos praticamente não se faz nada para melhorar as condições de vida dos moradores do bairro do Vidigal. Problemas como lixo acumulado e assistência médica precária serão as prioridades nos primeiros meses de administração.

Do lado esquerdo da Estrada Presidente João Goulart, pequenos casebres, biroscas, prédios e algumas grandes mansões formam o bairro do Vidigal, com um segmento social bastante heterogêneo, que vai do vendedor ambulante ao intelectual. Um dos projetos da Ama-Vidigal é cadastrar os artistas que habitam o bairro, como forma de dinamizar as atividades culturais do local.

— Além disso, vamos colocar urnas nas ruas, onde a população poderá fazer as suas próprias sugestões para o processo de urbanização da favela, previsto pelo Governo estadual — acrescenta Paulinho.



Os 20 mil habitantes ocupam 144 mil metros quadrados

## A liberação de recursos para programas ainda está pendente

A liberação de recursos para os programas de urbanização das favelas do Vidigal e da Rocinha, prevista para ocorrer antes da Rio-92, dependerá da capacidade de os técnicos brasileiros em concluir logo os projetos. Foi com essa notícia na bagagem que o Governador Leonel Brizola desembarcou no Rio, no fim de junho, depois de uma viagem de dez dias à França e Alemanha, onde teve encontros com autoridades dos dois países. Os técnicos brasileiros podem estar atrasados, mas os moradores do Vidigal já prepararam um anteprojeto detalhando suas necessidades básicas. O documento, elaborado pela AMVV e AMA-Vidigal e pelo Centro Comunitário Padre Leeb, foi entregue há uma sema-

na à Comissão municipal encarregada de organizar a Rio-92.

Intitulado "Espaço Vidigal", o trabalho destaca a importância da participação comunitária no processo de urbanização da favela como a única forma de impedir "a demagogia e exploração que possam surgir". Mas, sem dúvida, o principal objetivo da iniciativa é garantir que a urbanização venha solucionar os problemas da população.

— Inicialmente, preparamos um anteprojeto com alguns levantamentos feitos em reuniões com os moradores. Em agosto apresentaremos a proposta final — diz Tefé Barroso, diretora do Departamento Cultural do Centro Comunitário Padre Leeb.

Continua na página seguinte



## Psicologia

### PSICOLOGIA

- Atendimento a crianças, adolescentes e adultos
- Psicodiagnóstico • Orientação de Pais

**SÔNIA CRISTINA F. CANEDO**

**VIVIANE BALDANZA DRAGO**

Tel.: 399-4555 - Atendimento Barra e Ilha do Governador

### PSICOTERAPIA

- Atendimento a Crianças, Adolescentes e Adultos • Problemas de Aprendizagem, Psicodiagnóstico • Orientação de Pais.

Dra. Isolda Portocarrero CRP: 05/12262

• Atendimento de 2ª e sábado

Rua Gildeão Amado, 55/207 (Ed. Centro da Barra)

Tel.: 491-0603 - 491-0042

### PSICOTERAPIA

- CRIANÇA • ADOLESCENTE • ADULTO

**PSICÓLOGAS**

**LEVILMA A. SILVA - MARÍLIA S. CUNHA**

AV. OLEGÁRIO MACIEL, 518 SALA 207

TEL.: 325-5771 (CONTATO)

### PSICOLOGIA

- CENTRO PSICOLÓGICO E CORPORAL "CEPAC"
- PROMOVE UM ENCONTRO DE VIVÊNCIAS
- CORPORAIS NA BARRA DA TIJUCA.

Local: Hotel Resid. Barra Leme e Bosque da Barra

Data: 14/07/91 - Horário: 8:00 às 18:00h

COORDENAÇÃO: M<sup>te</sup> Heidr O. Martins

Psicóloga CRP 05/5585

Preço: Cr\$ 7.000,00

Informações - Tel.: 252-1551

399-3345 (à noite)

Inscrições até 10.07.91

### ★ PSICOLOGIA CLÍNICA

Adolescente - Adultos - 3ª Idade

### ★ ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Dra. Catarina Guimarães de Oliveira

CRP 05/5335 - Barra da Tijuca

Tel: 399.5119 - hora marcada.

### PSICANÁLISE

INDIVIDUAL - CASAL - FAMILIA

D<sup>ra</sup> Tânia Mathias Naccache

Marcar consultas pelo tel.: 392-2415

Estr. dos Três Rios, 1.116

Freguesia - Jacarepaguá.



### ARTETERAPIA

A NOVA PSICANÁLISE E A LINGUAGEM DA ARTE

- Atendimento todas as idades

• Curso sobre os fundamentos básicos para

estudantes e profissionais da área humana

• Coord: Betty Freitas - CRP/ 05-4225

Artista Plástica e Psicóloga

Arterapeuta

• Ateliers: Copacabana e São Conrado

Inform: Tel: 322-5662

### PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA

Júrema Zárur Bueno - CRP: 0516754

• Atendimento: adultos e adolescentes

Av. das Américas, 3333/1110

Tels.: 326-1411 - 325-4131

0334

## Entre as reivindicações, itens como saneamento e educação

O anteprojeto foi dividido em etapas, segundo os diferentes serviços básicos: saneamento, educação, iluminação, transporte, habitação e saúde e outros. Na questão saneamento, o documento sublinha a necessidade de reformas do sistema de água e esgoto do Vidigal. A cobertura de valões, recalçamento da Avenida Presidente João Goulart e melhorias na coleta de lixo também fazem parte deste capítulo.

No que se refere à educação, a comunidade reivindica a construção de escolas para atender crianças do CA ao Primeiro Grau. Além disso, o ensino noturno profissionalizante também é prioridade.

A sinalização da Avenida Niemeyer, principalmente na entrada do Vidigal, melhorias na iluminação da favela e no sistema de transporte coletivo, com a criação de novas linhas e construção de abrigos nos pontos de ônibus, são os principais itens dos capítulos transporte e iluminação. Em termos de

saúde e assistência social, os moradores apontam a conclusão das obras da Creche da Associação de Moradores da Vila do Vidigal e reformas no posto de saúde como metas.

Tratando-se de um anteprojeto de urbanização para o Vidigal, os temas lazer e habitação ganham destaque. Os moradores reclamam a falta de um espaço público de lazer e sugerem a construção de uma praça que, sob a administração da Ama-Vidigal, seria utilizada para atividades culturais e esportivas. Além disso, no local haveria um espaço reservado para atendimento médico, odontológico e jurídico.

O título de propriedade definitivo para quem mora na Vila do Vidigal é o ponto prioritário do capítulo habitação. O reflorestamento da favela também faz parte do "Espaço Vidigal". No documento, os moradores mencionam a falta de arborização nas ruas, consequência da ocupação desordenada da favela.

## Atividades artísticas marcam presença no morro

Quem já teve a oportunidade de conhecer um pouco da vida cultural da favela sabe que, pelo menos no caso do Vidigal, morro lembra teatro, show, festa e diversão. Em termos de lazer, o Vidigal está sempre agitando, com serestas nos bares, baile funk na Águia F.C. — único clube do morro — e apresentação de grupos de teatro no Centro Comunitário Padre Leeb, a instituição local de mais expressão no campo artístico.

Fundado em 1980 pelo padre austríaco Humberto Leeb, missionário da guerra do Vietnã, o Centro funciona em um prédio de seis andares, com 20 apartamentos, salas de ginástica, jogos e um teatro com capacidade para cem pessoas. No local é oferecido gratuitamente cursos de corte e costura, artesanato, concerto de eletrodomésticos e aulas de ginástica, dança e teatro. Há, ainda, cursos de alfabetização, realizados com o apoio da Associação de Moradores da Vila do Vidigal.



Gutti (à esquerda) e dois atores do grupo Nós do Morro

O ator e diretor de teatro Gutti Fraga, administrador do Centro Comunitário, lembra que a instituição começou com o grupo de teatro Nós do Morro, responsável por dezenas de espetáculos teatrais já realizados no Vidigal. O grupo de dança Kizumba veio logo depois, reforçando as atividades do Centro Comunitário Padre Leeb.

— A primeira peça

acaba o espetáculo, as cadeiras são retiradas do salão para dar lugar à dança.

— O Vidigal não possui espaços de lazer e é por isso temos que aproveitar todos os locais disponíveis. Por que não o teatro?

A trajetória cultural da favela traz lembranças que estão vivas na memória popular, como, por exemplo, os dois jornais comunitários — "O Mensageiro", editado pela AMVV, e o "Fundo de varanda", organizado por um grupo de moradores — e o mural de poesias do Bara Barra. Foi nesse mural que o ator Tito Costa deixou seu recado ao Vidigal.

— No morro somos mais gente, somos nós mesmos, sem nada quer provar. E pensando assim, entre o mar e a montanha, temos mais tempo para amar — recita Tito Costa, lembrando que essas iniciativas comunitárias deixaram de existir, mas que certamente ajudaram muito no amadurecimento cultural dos moradores.

montada pelo grupo foi "Encontros" e brincava com a rotina do morro, destacando os bailes funks do Águia, a paquera na saída do colégio e a relação com os gringos na praia do Shepton. Isso foi em 1987 e desde então várias outras montagens já foram feitas pelo grupo — conta o diretor.

Atualmente, o teatro também é utilizado para bailes comunitários. Gutti conta que quando

INFORME PUBLICITÁRIO

## Prevenção é o melhor tratamento para evitar doenças cardíacas

**D**e difícil assimilação por parte dos brasileiros, o trabalho de prevenção ainda é um dos tratamentos mais indicados para todos os tipos de doenças, principalmente as cardíacas, responsáveis por um elevado índice de mortalidade no país.

Pressão alta, cigarro, stress, vida sedentária, fatores hereditários e alimentação inadequada, à base de gordura e sal, que elevam a taxa de colesterol no sangue, são algumas das causas de doenças cardiovasculares, principalmente, o infarto.

O cardiologista Álvaro Pantaleão desenvolve um trabalho de incentivo à prevenção, através de check-up, teste de estorço, eletrocardiograma e avaliação clínica, acompanhados de monitores computadorizados e bicicleta.

O check-up é muito importante para pessoas acima de 30

anos, pois elas apresentam fatores de risco para a doença cardíaca, mesmo que assintomáticas. Muitas vezes, a primeira manifestação da doença é a morte súbita", complementa o Dr. Álvaro, ex-companheiro de trabalho do Dr. Zerbin, na Bene-

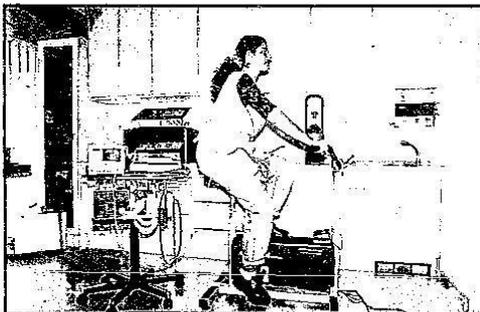
ficiência Portuguesa, em São Paulo.

Outro tipo de doença cardíaca é a hipertensão arterial, que necessita de um perfeito diagnóstico para ser tratada adequadamente. Os sintomas são

dor de cabeça, alterações visuais e vômitos, embora, na maioria das vezes, o paciente hipertenso seja sintomático. Não tratada devidamente, a hipertensão pode acarretar consequências graves, como derrames cerebrais, insuficiência renal e o próprio infarto.

Além da prevenção, o Dr. Álvaro trabalha com reabilitação cardíaca direcionada para pacientes que sofreram operações de ponte de safena. O trabalho pós-operatório desenvolve o condicionamento físico gradual do paciente para que ele possa retornar às suas atividades normais.

O consultório do Dr. Álvaro Pantaleão fica no Centro Profissional BarraShopping, na Avenida das Américas, 4790/ sala 626, na Barra. Ele atende, diariamente, das 9 às 19 h. Mais informações pela telefone 325-5020 (FAX 325-0909).



O teste de estorço representa um dos trabalhos de prevenção

Matéria 3: 10/07/1991

Quarta-feira, 10 de julho de 1991

O GLOBO

GRANDE RIO • 15

# Brizola apela à Justiça contra violência

O Governador Leonel Brizola se encontrará amanhã com o Presidente do Tribunal de Justiça do Rio, Jorge Loretti, para discutir o problema do crime organizado no Estado. Ele considera que tais organizações — envolvidas em seqüestros, grandes assaltos e assassinatos — pretendem substituir as instituições oficiais, distribuindo "justiça" e condenando à morte milhares de pessoas. Brizola qualificou como "um ato de desafio ao Governo a chacina ocorrida segunda-feira próximo ao Palácio da Guanabara, cuja responsabilidade foi

atribuída a Altair Domingos Ramos, o Nai, acusado de chefear o tráfico de drogas no Morro da Mineira, no Caramuru.

De acordo com o Governador, as Polícias Civil e Militar estão fazendo investigações rigorosas para identificar os mandantes e financiadores dos principais crimes que vêm ocorrendo no Rio. Brizola acusou a administração de seu antecessor, Moreira Franco, de ter incentivado a prática desses delitos, através da violência utilizada em operações policiais nas favelas do Rio.

— Esses crimes não poderão ficar impunes. Ainda não sabemos quem são os responsáveis por eles, mas em breve sabemos.

Para Brizola, existe atualmente no Rio uma "doutrina da violência", que, segundo exemplifica, contaminou até mesmo o Presidente do Clube dos Diretores Lojistas, Sylvio Cunha, que, meses atrás, disse que os meninos de rua não passavam de "bandidinhos". O Governador reiterou, várias vezes, que os

grupos de extermínio — que atuam principalmente na Baixada Fluminense — têm "costas curvas", que seriam os financiadores dos crimes.

— Tudo começou com a ditadura militar. Depois, veio a manutenção de mendigos, a criação do Esquadrão da Morte e de um personagem "justicheiro" conhecido como Mão Branca. Isso desembocou nessa situação insustentável, na qual a pena de morte acaba existindo de fato, e que vamos combater.

## Na raiz

**A**MEÇAM novamente entrar em greve os servidores da Justiça no Rio de Janeiro. A última durou 32 dias e levou o caos à área forense, com terríveis prejuízos para as partes necessitadas de serviços e decisões judiciais.

Todas as responsabilidades com poder de interferência no movimento devem entrar em cena sem demora, para tentar controlá-la na raiz.

**N**ÃO foi o que aconteceu da vez anterior. Houve muita omissão e negligência alimentando a dilatação da greve e os seus efeitos calamitosos.

**A** HIPÓTESE de repetição de espetáculo parece inconcebível.



O Governador Leonel Brizola participa da abertura oficial da 43ª Exposição Agropecuária de Barra do Piraí.

## Estado poderá facilitar crédito para pecuaristas

Em reunião, ontem, com produtores e sindicalistas rurais do Sul Fluminense, em Barra do Piraí, o Governador Leonel Brizola prometeu se empenhar para mudar o sistema de crédito e financiamento para a agropecuária do Estado. Os pecuaristas reivindicam empréstimos do Banerj com juros de nove por cento ao ano e subsídio de 40 por cento da Tasa Referencial de Juros. Pelo atual

sistema, são cobrados 12 por cento de juros com base na TR Interjural. De acordo com o Secretário de Agricultura, Abastecimento e Pesca, Tito Ruff, uma das reivindicações dos produtores já foi atendida: carência de seis meses para início do pagamento do ICMS e quitação da dívida em 24 meses sem cobrança de juros.

Durante a abertura oficial da 43ª Exposição Agropecuária de Barra do Piraí e da 5ª Exposição Especializada em Cavalos Mangalarga Marchadores, Brizola afirmou que fará o possível para atender a outras necessidades dos produtores da região e admitiu que o Estado poderá subsidiar a produção de leite caso haja necessidade.

**POWER PAK**  
ENERGIA DE EMPREENHA

**ULTIMOS DIAS**

**PREÇO ANUNCIADO MELHOR NO BREAK DO BRASIL**

- O MAIS COMPACTO
- ESTABILIZADO
- BATERIA SELADA
- GARANTIA DE 1 ANO

Compacto e de design exclusivo o POWER PAK cabe a seu lado. Você pode enlax, usá-lo como chave-geral (ON-OFF) de toda a configuração (micro e periféricos). São ótimos índices acionamentos do "No Break" (inversor) quando falta energia fora do horário de trabalho. As baterias do POWER PAK estão sempre carregadas no início do expediente.

**BRINDE GRÁTIS**

Solicite catálogo de nossos produtos e ganhe um brinde.

Nome \_\_\_\_\_  
 Empresa \_\_\_\_\_  
 Ramos de Ativ. \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_  
 Tel. \_\_\_\_\_ Função \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

Envie este cupom para:  
**AVEL ELETRÔNICA**, Rua General Galliano, 216  
 Socorro/Rio de Janeiro - RJ - CEP 21020  
 São Paulo - Alameda dos Guaiós, 456  
 Planalto Paulista - CEP 04670

C.P. 007

## FOTOMANIA

**CRÉDITO FÁCIL E IMEDIATO**



**RACK OPCIONAL**

**DIÁLOGO DEBILITADO**

# COBRIMOS QUALQUER OFERTA ANUNCIADA OU NÃO

**STEREO SYSTEM 55 600 CD**

- Compact Disc Player
- Amplificador com 200W
- Sintonizador com 2 faixas de ondas
- Continuous play - reprodução de 2 fitas
- Toca-disco Belt-drive
- Caixa acústica Bass Reflex
- Entradas para microfones
- Saída para fone de ouvido
- Equalizador gráfico

**A VISTA 159.900, OU**

**1 + 3 DE 53.951, = 215.804.**

# FOTOMANIA

**CONHEÇA A NOSSA NOVA LOJA NO BARRASHOPPING (AO LADO DO BOB'S)**

**Centro:** Senador Dantas, 75 - Tel.: 220-1272  
**Centro:** Carioca, 59 - Tel.: 220-3434  
**Centro:** Beneditinos, 10 - Tel.: 253-5849  
**Tijuca:** Santo Afonso, 413 - Tel.: 248-2995  
**São Cristóvão:** São Luiz Gonzaga, 346 - Tel.: 580-2099  
**Méier:** Dias da Cruz, 111 - Tel.: 592-1067

**Rio Sul:** 1º Piso - Tel.: 541-4099  
**Rio Sul II:** 2º Piso - Tel.: 295-7447  
**Botafogo:** Visconde do Ouro Preto, 5 - Tel.: 552-3545  
**Flamengo:** Senador Vergueiro, 177 - Tel.: 552-6999  
**Ipanema:** Pça. Gal. Osório - Tel.: 227-9905

**NorteShopping:** 2º Piso - Tel.: 594-4344  
**Madureira:** Pólo I - Tel.: 350-6944 e 390-7202  
**Madureira Shopping:** Rua 1ª - Pólo - Tel.: 488-1314 e 488-1294  
**Coxias:** Galeria Alvoranga - Tel.: 771-9822  
**Niterói:** Plaza Shopping - Tel.: 717-9191 R. 326  
**BarraShopping:** Nível América (Ao lado do Bob's)

**VENDAS NO ATACADO E VAREJO: RUA SÃO LUIZ GONZAGA, - 346 SÃO CRISTÓVÃO TEL.: 580-2099.**

Matéria 4: 10/07/1991

## Jacarezinho espera reurbanização

A notícia do projeto de reurbanização da Favela do Jacarezinho foi recebida sem muito ânimo por seus moradores. Segunda maior favela da Cidade, o Jacarezinho espera, desde a década de 60, por obras que melhorem as condições de vida de seus cerca de 200 mil habitantes. Segundo o Presidente da associação, José Antônio de Mattos, a canalização e drenagem do Rio Jacaré, que corta a favela, é reivindicada desde 1963.

Dois anos e meio depois da assinatura do convênio com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para liberação de verbas, a maior parte do rio continua no mesmo estado. Após ficar praticamente estagnada por seis meses, a obra deu sinais de avanço nas três últimas semanas, com a construção de um pequeno pedaço da parede que vai formar o canal do rio. Mas ainda falta muito para a conclusão da obra.



O Rio Jacarezinho corta grande parte da favela, ameaçando a saúde dos moradores

Josué critica a falta de higiene às margens do rio que contribui para o aparecimento de muitas doenças, entre elas a dengue, a mais comum entre os moradores do Jacarezinho. Além disso, os moradores são vítimas de doenças pulmonares, atribuídas pela

associação ao grande número de fábricas no bairro.

Embora a Rocinha seja apontada como a maior favela, Josué acredita que o Jacarezinho tenha um número maior de habitantes. Segundo ele, ao contrário do que acontece na Rocinha, no Jacarezinho não há espaço para mais ninguém. A maioria das casas tem um saneamento rudimentar, feito pelos próprios moradores ou pela Prefeitura. Ele atribui a superpopulação da favela à proximidade com o Centro da Cidade.

Assim, no Jacarezinho não há espaço para mais ninguém. A maioria das casas tem um saneamento rudimentar, feito pelos próprios moradores ou pela Prefeitura. Ele atribui a superpopulação da favela à proximidade com o Centro da Cidade.

### Famílias serão removidas para as obras de canalização do rio

A sigla SMDS, pintada nos barracos à beira da Avenida Guanabara, não deixa dúvida. A exemplo de PR (Tricampe Regente), afixada nas casas escolhidas para servir de moradia a nobres da Corte Portuguesa por ocasião da fuga de Dom João VI para o Brasil, a sigla indica que, mais dia menos dia, os moradores serão removidos dali para dar passagem à obra de canalização e evitar novas vítimas de enchentes.

Por enquanto, 135 famílias foram removidas para a Rua Leopoldo Bulhões, em Mangueiras. Mas, segundo José Antônio de Mattos, muitos moradores da beira do rio não querem ser removidos, já que investiram suas economias para construir casas no lugar de barracos.

Segundo a associação de moradores, as chuvas fortes deixam dez por cento da favela alagada. O acúmulo de sujeira no

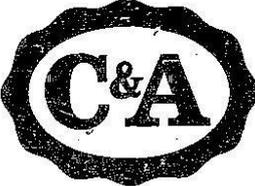
leito do rio é tão grande que, em alguns casos, o esgoto volta às casas. A associação mantém quatro homens para limpar a sujeira das valas negras, mas os focos de sujeira resistem.

José Erley Soares, morador do Jacarezinho há 40 anos, já presenciou vários enchentes no local. As piores, lembra, foram as de 1966 e 1988. Seu barraco fica dois metros acima do nível do rio, mas a água o atinge quando a chuva é forte. Fotografado aposentado, ele e sua família aguardam a remoção desde 1983, na esperança de livrarem-se nas más condições de moradia.

Devido à greve dos funcionários dos distritos de obra e conservação na semana passada, a Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Obras não pôde informar sobre o andamento da canalização do Rio Jacaré.

# MÉIER

## PRAZER EM CONHECER



**NOVA LOJA**  
**R. DIAS DA CRUZ, 255**

# População favelada aumenta no Rio

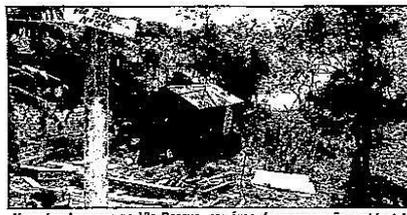
MEHANNE ALBUQUERQUE

Um vôo de helicóptero feito por técnicos do Iplan Rio, há alguns meses, para atualizar o cadastro de favelas concluído pelo órgão em 1983, foi suficiente para uma imediata constatação: a Baixada de Jacarepaguá — incluindo a Barra da Tijuca e o Setor dos Bandeirantes — é a área da Cidade onde a favelização atinge hoje seus níveis mais expressivos. Os números comprovam. Nos últimos dez anos, a população das favelas cresceu 83 por cento, enquanto que a do Rio de Janeiro como um todo, cresceu 35 por cento. Enquanto a palavra de ordem é urbanizar, novos conglomerados populacionais surgem com uma rapidez espantosa a cada dia na região, principalmente em áreas de ribeira de rios que enchem, encostas ameaçadas e terrenos que pertencem, na maioria, ao poder público e são impróprios à ocupação.

Adauto Lúcio Cardoso, professor de Sociologia Urbana do Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional (Ippur) analisa o fato afirmando que, sem uma política habitacional definida, o Governo Federal não consegue dar conta da questão da crise de moradia, que já começa a atingir também a classe média. Ele acredita que, cabe aos governos estaduais e municipais, então, resolver os problemas decorrentes da falta de moradia, dentre eles, o surgimento de novas favelas e o aumento vertiginoso das populações de rua. Na sua opinião, um paliativo para o problema seria a urbanização das favelas.



Estudo para cadastramento de favelas constatou que a população favelada cresceu em 83 por cento no Rio nos últimos dez anos



Nova favela surge na Vila Parque, em área de preservação ambiental

## Região vem atraindo pessoas carentes em busca de emprego

A Barra da Tijuca, uma das últimas áreas de expansão da Cidade, não atrai apenas os moradores da classe alta. Atrai, também, pessoas carentes em busca de trabalho: pedreiros, carpinteiros, empregadas domésticas, porteiros, eletricitistas, ambulantes e uma gama infindável de subempregados. Ao redor dos condomínios situados nas áreas nobres do bairro está grande parte dos 49 mal favelados que a Barra possui hoje.

De acordo com o cadastro de favelas do Iplan Rio, em 1983, quando o levantamento foi concluído, o total de favelas em Jacarepaguá era de 39. Hoje, oito anos depois, o número subiu para 62. Na Barra, passou de 22 para 35, no mesmo período. Já o Rio de Janeiro, que em 1983 tinha 377 favelas, agora tem 545, com um saldo de 168 novas comunidades. Durante este tempo, a população carioca aumentou cerca de 17 por

cento, somando seis milhões de habitantes. A população favelada, porém, aumentou proporcionalmente mais: 32 por cento. Em áreas próximas ao Centro da Cidade, a população favelada aumentou menos. Na Barra, segundo as pesquisas, foi onde mais cresceu: 83 por cento. O cadastro de favelas do Rio de Janeiro foi finalizado pelo Iplan Rio em 1983, com dados incompletos. Um ano depois, os estudos foram complementados através de informações coletadas no Censo de 1980, realizado pelo IBGE. Os números já eram alarmantes: 122.424 pessoas vivendo em 377 favelas diferentes. Com o grande crescimento observado, os números do cadastro tiveram que sofrer nova atualização, que começou a ser feita em 1988, antecipando os dados que serão comparados com os resultados do Censo de 1991, a serem divulgados em 1992 e 1993.



## Psicologia/Psicanálise

### PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA

Jurema Zúrr Bueno - CRP: 0516754  
 ● Atendimento: adultos e adolescentes  
 Av. das Américas, 3333/1110  
 Tels.: 326-1411 - 325-4131

### PSICOLOGIA

● Atendimento a crianças, adolescentes e adultos  
 ● Psicodiagnóstico ● Orientação de Pais  
**SÔNIA CRISTINA F. CANEDO**  
 CRP 05/14 150  
**VIVIANE BALDANZA DRAGO**  
 CRP 05/12 816  
 Tel.: 399-4565 - Atendimento Barra e Ilha do Governador

★ **PSICOLOGIA CLÍNICA**  
 Adolescente - Adultos - 3ª Idade  
 ★ **ORIENTAÇÃO VOCACIONAL**  
 Dra. Catarina Guimarães de Oliveira  
 CRP 05/5335 - Barra da Tijuca  
 Tel: 399.5119 - hora marcada.

### PSICANÁLISE

INDIVIDUAL - CASAL - FAMÍLIA  
 Drª Tânia Mathias Naccache  
 Marcar consultas pelo tel.: 392-2415  
 Estr. dos Três Rios, 1.116  
 Freguesia - Jacarepaguá.



### ARTETERAPIA

#### A NOVA PSICANÁLISE E A LINGUAGEM DA ARTE

● Atendimento todas as idades  
 ● Curso sobre os fundamentos básicos para estudantes e profissionais da área humana  
 ● Coord: Betty Freitas - CRP/ 05-4225  
 Artista Plástica e Psicóloga  
 Arteterapeuta  
 ● Ateliere: Copacabana e São Conrado  
 Inform: Tel: 322-5682

Continua na página seguinte

### PSICOTERAPIA

● CRIANÇA ● ADOLESCENTE ● ADULTO  
**PSICÓLOGAS**  
**LEVILMA A. SILVA - MARILIAS. CUNHA**  
 AV. OLEGÁRIO MACIEL, 518 SALA 207  
 TEL.: 325-5771 (CONTATO)

**As mais recentes em Jacarepaguá estão surgindo em áreas de risco**

Entre as favelas mais recentes na Baixada de Jacarepaguá, as maiores são as de Santa Anastácia — em área inundável do Rio Guerengué —, Santa Maria e Inácio Dias. Em seguida, vem a do Morro do Portelo, também em área sujeita a inundação; a Via Park, construída sobre o manguezal da Lagoa de Marapendi; a Via Autódromo, a Vila Amizade e a Restinga.

A Rocinha, maior favela da América Latina, tem 80 mil habitantes, contra os 250 mil que a 2ª Região Administrativa garante. O Vidigal tem com 20 mil. A Cidade de Deus, apesar de ser um grande conglomerado populacional e de abrigar em seu entorno um sem-número de favelas satélites, é considerada pelo Iplan Rio um conjunto habitacional, e não uma favela como as demais. Portanto, está fora do cadastro.

Em Jacarepaguá, a favela mais populosa é a de Rio das Pedras, com 10.742 habitantes. Em crescente expansão, a

ocupação das terras a oeste da favela, em solo de turfa, está dando origem a uma nova comunidade, chamada Areal. Em segundo, vem a favela do Canal do Anil, com 3.417 moradores. Situada à beira do canal homônimo, a favela sofre com as enchentes e é grande o número de desabrigados que surgem a cada chuva forte. Em seguida, vem a favela do Barão, com 3.382 e a Vila Sapê, com 3.216. Parte desta última, situada à margem do Arroio Pavuna, também está sujeita a enchentes e à poluição do pólo industrial existente nas proximidades.

Na Barra, as maiores favelas são a do Canal das Taxas (antigo Terreiro), com 1.680 habitantes, e a Muzema, com 1.341. O dado mais alarmante da pesquisa do Iplan Rio é que das 545 favelas existentes hoje no Rio de Janeiro, 223 estão em áreas de risco. Ou seja, 100 mil pessoas e 27 mil casas estão ameaçadas e devem ser removidas.



Casas de alvenaria substituem os barracos de tábuas

**Projeto de urbanização para a Rocinha, a Maré e o Vidigal**

A solução para os cem mil favelados que arriscam suas vidas morando em áreas ameaçadas parece estar longe. O assentamento destas famílias em outras regiões, requer verba para a construção de casas populares, além de terreno e infra-estrutura urbana. No entanto, para outros 900 mil moradores de favelas, nunca o sonho de viver em melhores condições esteve tão perto. Com o projeto de urbanização das favelas da Rocinha, do Vidigal e do Complexo da Maré, uma nova perspectiva surge para os habitantes das demais favelas cariocas.

Se for aprovado pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, o novo Plano Diretor, atualmente em fase de discussão, vai legalizar e organizar o processo de urbanização das favelas. Um dos pontos positivos, é que este processo deverá obedecer a crité-

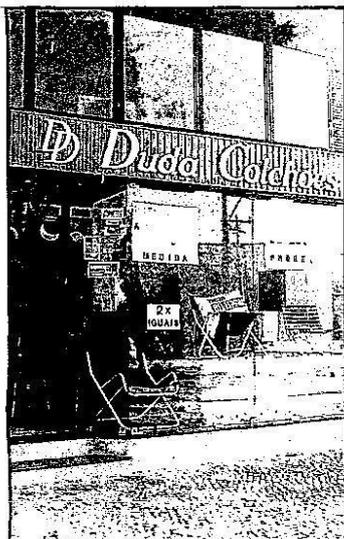
rios que levarão em conta as particularidades de cada comunidade.

O Plano Diretor cria também o Fundo Municipal de Habitação, que arrecadará dinheiro para empreender obras de infra-estrutura básica nas favelas. O fundo também servirá para financiar obras de construção de novas casas e reformas das já existentes.

O dinheiro que vai movimentar o Fundo Municipal de Habitação será arrecadado através de taxas como o IPTU progressivo, previsto na Constituição Federal de 1988, e que consiste na cobrança de uma imposta vez mais caro sobre os terrenos ociosos. Se aprovada, a medida também servirá para ajudar a diminuir o armazenamento de terras para posterior especulação, como é feito hoje pelas grandes construtoras na Barra da Tijuca.

Na página seguinte, 'Adauto Lúcio Cardoso, professor de Sociologia, defende início da urbanização'

**INFORME PUBLICITÁRIO**



A loja fica na Rua Érico Veríssimo 999, loja B

**Duda Colchões vende colchões de qualidade**

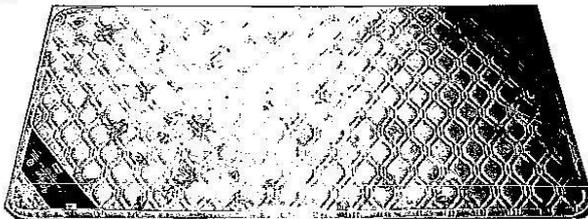
Dormir bem é fundamental para que o corpo descanse e ao acordar esteja em plenas condições para realizar os afazeres do dia a dia. Cada pessoa sente-se melhor num tipo de colchão especial. Há os de mola, espuma e os ortopédicos. "No caso dos ortopédicos, é necessário que o material interno do colchão seja de aço-líco e não de madeira, como na maioria das vezes", afirma Arnaldo Fagundes, proprietário da Duda Colchões.

Outro ponto importante é que a maioria das pessoas acha melhor economizar na hora de comprar o colchão, mas se esquece que produtos de má qualidade levam o usuário a ter problemas de coluna e, portanto, gastar mais em consultas com médicos especialistas.

A Duda Colchões só trabalha com os melhores e mais tradicionais matos do mercado (Anclon e Probel), que garantem a qualidade do material utilizado pelo menor preço do ramo.

A garantia dos produtos, que vêm direto da fábrica, vai de 5 a 15 anos, inclusive para os colchões de mola trançada, importados da Europa. A Duda Colchões foi inaugurada em Janeiro deste ano e é a única loja da região especializada em colchões.

Aberta de segunda a sexta, das 9 às 19 h, e aos sábados, das 9 às 13 h, a loja oferece ainda as melhores condições de pagamento e fica na Rua Érico Veríssimo 999, loja B e seu telefone para maiores informações é 399-1965.



Colchões das melhores marcas

# Favelas se proliferam sob viadutos

LUCIANO DIAS e  
CLAUDIA SILVA

Os viadutos do Rio passaram a ter função dupla. Além de ligar trechos de ruas e avenidas, é o teto de centenas de famílias. São as novas favelas urbanas, que nascem de um dia para outro e crescem em um ritmo alucinante. Os barracos são frágeis e sem a menor estrutura. Os moradores fazem todo o tipo de galhó com fios e canos para obter o mínimo de saneamento básico. Em um esforço de melhorar a imagem da Cidade para a Conferência das Nações Unidas de Desenvolvimento e Meio Ambiente — Rio-92 —, a Prefeitura está cadastrando, desde o início do mês, todas as famílias residentes em viadutos para futuramente transferi-las.



As famílias aproveitam as bases para erguer barracos

## Em Benfica, famílias se amontoam em barracos

Se não fossem as plantas nos telos dos barracos e algumas roupas no varal, a pequena favela sob o Viaduto de Benfica passaria despercebida pelos olhares de quem por ali passa. São 15 famílias vivendo em péssimas condições de higiene, a espera de uma ação do Estado para solucionar seus problemas. Há apenas um banheiro, usado por todos os moradores. O esgoto é jogado no terreno ao lado, favorecendo à proliferação de ratos e mosquitos.

Água também é artigo de luxo. No meio da favela, uma bica é utilizada por quase todos os moradores. O privilégio de ter água em casa é exclusivo de Rita de Cássia Teixeira, que fez

uma ligação da fonte clandestina até o tanque de sua casa. Os aparelhos elétricos são raros. Se uma moradora tem televisão, soma-se a ridículo isso a falta de calçamento. A proximidade com o tráfego traz outros problemas. A fuligem e a poeira invadem as casas. O barulho de motor é constante e ensurdecedor.

As famílias do Viaduto de Benfica não são diferentes dos moradores de outras favelas. Rosmary Santos, 31 anos, é casada e tem cinco filhos entre 15 anos e 8 meses. Moradora há 5 anos da pequena vila, Rosmary engravidou o terceiro filho de seu marido lavando roupa para fora. A família dorme

em um pequeno quarto, onde uma tampa de banheiro improvisa o berço do caçula, Rosmary, como os outros moradores, sonha um dia deixar o seu barraco e morar numa casa com o mínimo de conforto.

Esse programa da Prefeitura é muito importante. Eu gostaria muito de ter a minha casa. Mas de forma alguma quero morar em albergue.

As histórias dos outros moradores seguem o mesmo padrão. Wagner Pereira de Oliveira, 21 anos, casado com Suzana Denis, 16 anos, e pai de uma menina, mora sob o viaduto desde 1988, quando o seu barraco, na Favela do Jacaré, foi derrubado pelas chuvas.



## Farmácias

**DROGARIA NAÇÕES**

**MANIA DE VENDER BARATO**

Toda Linha Cotygirl em Promoção!

Crema Klocoró Ebony Leve 3 Pague 2 (371 Un.)	355,00
Henê Hena em pó 040 grs. (184 Un.)	275,00
Água Mineral Indaia 071,5 Lt. (254 Un.)	118,00
Soro Fisiológico Darrow 011 Lt. (444 Un.)	242,00
Crema Alisante Hair Lite (988 Un.)	750,00
Adocicorte Suncryl Sol. 0700 Ml. (1209 Un.)	230,00
Crema p/massagem Sempre Bela Leve 3 e Pague 2 (120 Un.)	350,00
Tintura em Crema Maxton (792 Un.)	630,00

### CUIDE DE SUA BELEZA

Grátis a aplicação e tratamento, na compra da tintura Maxton e do Alisante Max Hair. Aproveite!

Promoção válida até o término do estoque

**TEL.: 280-3222**  
**Praça das Nações 244**

### FARMÁCIA VILA DA PENHA

\* Nebulização \* Aplicação de injeção \* Medicamentos em geral.

**ACEITAMOS CARTÕES DE CREDITO**

Av. Brás de Pina 1496 Lj C  
Tel: 391.9832

### DROGARIA LOBO

★ ABERTA DAS 08 ÀS 21 H ★

INCLUSIVE DOMINGOS E FERIADOS

- Descontos especiais de 7% p/ assinantes do jornal "O GLOBO"
- Aplicação de injeção
- Tiramos pressão

DIREÇÃO: CARLOS  
RUA LOBO JUNIOR (DO LADO DA DEMILLUS)

COLOQUE  
SUAS VENDAS  
PRA CIMA.

**ZON**

ANUNCIE NO  
SEUS  
Jornal de Bairro  
**292-3122**

## Quitanda, hortas e até criação de galinhas em São Cristóvão

O movimentado Viaduto Engenheiro Paulo de Souza Reis, em São Cristóvão, no início da Rua Figueira de Melo, é, desde 1987, o endereço de muitas famílias. Nesses quatro anos, a favela se desenvolveu de forma assustadora, começou com um simples barraco e, hoje, conta com uma quitanda, uma horta, criação de galinhas, 59 barracos e cerca de 200 moradores. Esse crescimento acompanhou a crise econômica, que aumentou drasticamente o déficit habitacional. No início do mês, os moradores já foram cadastrados pela Secretaria municipal de Desenvolvimento Social.

Os problemas são os mesmos encontrados na favela de Benfica, com o agravante do grande número de barracos. Não há fornecimento de água e a única fonte é um cano da Cedae no canal da Rua Bartolomeu de Gusmão, onde os moradores furaram a tubulação, colocaram uma lata de ferro e lavam roupas, louças e tomam banho. A rede fluvial também não existe e a comunidade usa latas como privada e despejam o esgoto no rio. Apesar de todos os problemas, os morado-

res da favela preferem continuar sob o viaduto a serem transferidos para albergues. O argumento da maioria é a falta de privacidade. Simone Rocha de Paula, 29 anos, mãe de dois filhos, é uma das mais preocupadas. Ela disse que de modo algum será transferida para aquela instituição e teme ficar separada dos filhos, que, segundo ela, ficariam numa creche.

— O albergue não adianta. Eles levam a gente para lá, quebram a nossa casa e depois nos jogam de novo na rua. A solução ideal seria o financiamento de uma casa ou mesmo um terreno.

Sônia Regina Santos, 39 anos, também não deseja sair de São Cristóvão para o albergue e apontou falhas no cadastro da Secretaria. Segundo ela, várias famílias que estavam trabalhando quando funcionários da Secretaria chegaram não puderam ser cadastradas. Sônia usou como exemplo o próprio filho, que mora num barraco ao lado do seu.

— Ele não estava em casa no dia da visita e o seu barraco não foi cadastrado pela Secretaria.

Continua na página seguinte

**Favelados temem a remoção para os albergues**

Patrícia Feliciano, de apenas um mês, é uma das milhares de vítimas da crise habitacional, econômica e social existente no Rio. Nasceu sob o Viaduto Ana Neri, ela vive em uma casa sem as mínimas condições de higiene, onde falta até o feio, dividindo o pequeno espaço com outros dois irmãos e os pais. O número sete colocado pelos fiscais da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social na porta do barraco, como forma de demarcação, no cadastramento realizado há cerca de uma semana, anuncia a possível chegada de uma nova época que, para todos, não pode acabar em um alojamento ou albergue.

Esta mudança não preocupa Patrícia Feliciano, de 27 anos, residente há seis meses sob o viaduto, ela fala com naturalidade dos problemas enfrentados no dia-a-dia, tal como do parto realizado sem as mínimas condições, dentro de sua casa:

— Patrícia nasceu aqui e o cordão umbilical foi cortado apenas no Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel, a vinte minutos do viaduto. Mesmo com estas dificuldades, estou conseguindo manter meus filhos saudáveis e sem problemas.

Centra, tal como a maioria dos moradores que reside sob os viadutos, repudia qualquer possibilidade de remo-

ção para um albergue ou alojamento:

— Para sair daqui, quero ter a minha casa. Não temos condições de pagar um aluguel, mas vivemos com dignidade.

Mesmo estando em condições consideradas sub-humanas, sem saneamento básico, Centra diz esperar pacientemente a possível mudança para uma casa, como possuía até então, alugada no Engenho Novo e na Pavão do Jacarezinho. Seu marido, biscateiro, sustenta toda a família com seu pequeno e indefinido sa-

lário e não possui condições de pagar aluguel, mesmo que numa área bem humilde.

A situação precária em que vivem os moradores do Viaduto Ana Neri está bem aquém dos residentes na região de classe média. A única fonte de água do local é encontrada em uma oficina mecânica próxima à comunidade. A luz, conseguida através de fiações clandestinas, é precária. Como Centra, a maioria dos moradores não possui geladeira ou qualquer aparelho elétrico.



João vive há 20 anos no local que, desde o início do ano, foi ocupado por outras famílias



Foto de Jorge Rodrigues Jorgo

Patrícia, de apenas um mês, nasceu sob o Viaduto Ana Neri

**Biscateiro foi um dos primeiros a descobrir o espaço**

João Evangelista da Silva pode se considerar um feliz. Ele vivia há 20 anos sob o Viaduto de Mangueiras, onde reinou absoluto até o início deste ano. Mesmo com a chegada de alguns invasores, João planta, cria animais e leva uma vida bem diferente do que se costuma encontrar neste tipo de alojamento. Seu paraíso ainda conta com muita água corrente e bom fornecimento de energia elétrica.

Na sua espaçosa casa de três cômodos, João possui uma cozinha, sala com estante e sofá, além de um quarto com cama de casal, televisão e um pequeno ventilador. Tudo mantido na maior limpeza. Também existe um ba-

meiro com vaso sanitário e chuveiro improvisados. Sua casa é cercada por um grande muro de madeira.

O quintal conta com um puleiro onde cria galos e patos, além de um chiqueiro com 12 porcos. João ainda possui um fogão à lenha. Ele sobrevive de biscates, que realiza em firmas e residências da região, e cata papel. Para completar sua alimentação, plantou cana, banana, mamão e, agora, está fazendo uma horta na área que deveria ser urbanizada em torno do viaduto.

— Vivo muito bem aqui. Ninguém me perturba e, como estou neste lugar há 20 anos, mantenho um bom rela-

cionamento com os comerciantes e moradores da região. Tento evitar problemas e não gosto de bagunça na minha casa — explica.

Como os fiscais da Secretaria de Desenvolvimento Social ainda não passaram por sua casa, João espera que esta novidade resulte na obtenção de uma casa, apesar de sempre enfatizar as boas condições existentes no local:

— Gostaria muito de ter a minha própria casa, em qualquer lugar. Mas não vou dizer que é ruim viver aqui. Plantar tudo que posso, tenho os meus animais e não tenho problemas com ninguém. Só saio daqui para a minha própria casa.

**Grupo improvisa e consegue melhores condições para viver**

Contraopondo a calma de João Evangelista, as 22 famílias que residem ao lado de sua grande casa, há seis meses, esperam ansiosas uma solução para o problema. Apesar do improvisado, o grupo vive em condições bem melhores da existente sob a maioria dos viadutos. Eles contam com iluminação e improvisaram duas piscinas comunitárias com bicas, onde lavam roupas e louças. Entretanto, concordam ao descartarem qualquer possibilidade de remoção para um albergue.

O metalúrgico Ozéias Neves, de 40 anos, vive sozinho em um dos barracos. Com uma renda em torno de dois salários mínimos, ele se viu forçado a mudar de uma casa alugada em São

Gonçalo e procurar abrigo na comunidade. Já sabendo do início do cadastramento, espera a chegada dos fiscais da Secretaria:

— Somos todos trabalhadores que não conseguimos pagar um aluguel com nossos salários. Não somos vagabundos e por isso queremos uma resolução pacífica que nos beneficie. Nem pensar em albergues ou qualquer coisa deste tipo.

Tal como o metalúrgico, os outros moradores do terreno, de propriedade do DER, concordam neste ponto. Mesmo assim, acreditam em um bom resultado para este problema. A possibilidade de obterem uma tão sonhada casa enche de esperança todo o grupo.

## O PARAÍSO DOS SEUS CABELOS



Bons produtos aliados à bons profissionais. Essa fórmula tão simples quanto eficiente faz do Paradise Hair o lugar ideal para realçar e inovar sua beleza.

- Corte personalizado
- Permanente simples e afro
- Penteados soltos e presos
- 12 tipos de tranças
- Maquiagem

— Tratamentos:

- Massagens
- Reflexos, Mechas
- Tintura, Rinsagem
- Amaciamento, Alisamento
- Restauração
- Frisado

**PARADISE HAIR**  
 Av. Monsenhor Alves da Rocha, 140/ 409 - Penha  
 (ao lado do Ministério da Fazenda)  
**TELEFONE 260-1005**

# Problemas do morro que vive para sambar

MARCOS GALVÃO

Nem só de samba vivem os moradores do Morro do Salgueiro. Pelo contrário: a folia dos quatro dias de Momo contrastam violentamente com o dia-a-dia da comunidade salgueirense. Rodeados de problemas de difícil solução, os moradores ainda são obrigados a agüentar políticos interessados que só sobem o morro em tempos de eleição.

A contenção de encostas, a pavimentação de

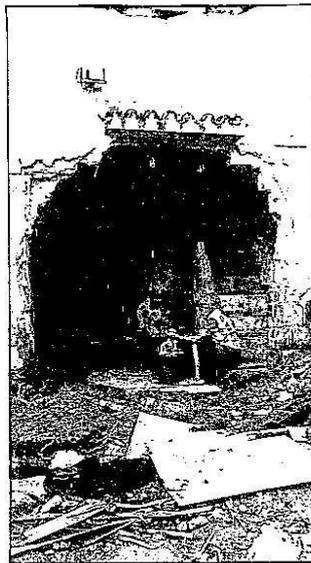
ruas, a reforma e construção de creches e abastecimento d'água são algumas das reivindicações da comunidade. Alguns moradores sofrem ainda mais, vítimas de "contos do vigário" — apitcados por "espertalhões" que ludibriam os mais incautos, oferecendo-lhes casas inexistentes.

A luta dos moradores do Salgueiro remonta ao início do século, quando os primeiros habitantes eram famílias portuguesas, cuja atividade principal era a lavoura. Naquela época, surgiram

as choupanas, sendo que a favela só teve origem mais tarde, com o aparecimento de algumas minas de água. A ocupação tomou força em meados dos anos 40, com o fluxo migratório do Nordeste e do interior do Estado. A partir de 1966, data dos primeiros grandes desabamentos, os moradores do Morro do Salgueiro passaram a enfrentar grandes transtornos com as chuvas. Até hoje, o problema preocupa, não obstante os esforços da Geotécnica e da Secretaria municipal de Obras e trabalho de conten-

ção de encostas. No verão passado, várias casas desabaram.

Eleita no ano passado, a nova diretoria da associação de moradores busca recursos para que faça diversas obras de urbanização no local. Enquanto a verba não aparece, a comunidade conta com a colaboração da direção da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, sempre disposta a atender os interesses comunitários graças ao hino de bicho e Patrono da escola, Waldemir Paes Garcia, o Miro.



Uma casa será demolida para dar lugar à nova creche

## Comunidade torce para construção de nova creche

A Coordenadora do Centro Social Padre Anchieta (Ceccon), Regina Lúcia, alerta que se não forem tomadas providências urgentes para minimizar os problemas do centro, 80 crianças do Salgueiro não terão mais onde ficar. Segundo ela, desde começou a reforma administrativa na máquina estadual, dez funcionários do Ceccon — uma creche mantida pela Fundação Leão XIII — foram demitidos.

Desde que foi inaugurada, há mais de 30 anos, a creche nunca foi reformada. O local apresenta várias infiltrações, paredes rachadas e o teto está prestes a desabar. A coordenadora do centro também critica a irregularidade na entrega da merenda escolar.

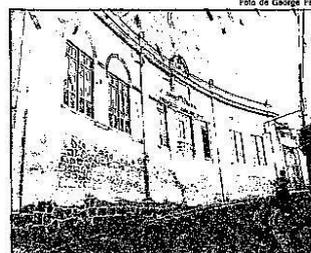
— Há dois meses, nós não recebemos alimentos — denuncia Regina Lúcia.

O problema se agravou de tal maneira que foi necessário que a As-

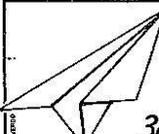
sociação de Moradores do Morro do Salgueiro cedesse 60 quilos de feijão para as refeições das crianças. No entanto, esse estoque durou apenas algumas semanas, o que levou a direção da creche a diminuir a carga horária das crianças. Além de comprometer a conservação e limpeza da creche, a diminuição do número de funcionários também resultou na extinção de alguns cursos que eram oferecidos à comunidade, como o

de corte e costura e as aulas de educação física. Até o serviço de fonaudiologia, que atendia a 115 crianças do morro, foi suspenso.

Os moradores torcem para que a nova creche prometida pela Secretaria municipal de Desenvolvimento Social não fique apenas no papel. Segundo o projeto, a creche será construída em uma área de 400 metros quadrados, e terá capacidade para 115 crianças.



Tradicional reduto do samba, Salgueiro vive muitos problemas



**URBI  
ORBI**

30 Anos de Qualidade

**EXCURSÕES RODOVIÁRIAS E AÉREAS  
NACIONAIS E INTERNACIONAIS**

**PASSAGENS AÉREAS E RESERVAS DE HOTÉIS  
NACIONAIS E INTERNACIONAIS**

CONSULTE-NOS SOBRE PROMOÇÕES ESPECIAIS

PROCURE SEU AGENTE DE VIAGENS

**TIJUCA: 234-7397 252-6156 236-0107**

**252-6156 242-0447**

**DOMINGO  
PLANTÃO**

ENSAIADORA 0207-0412  
058-05400

**Marcel Rodin**

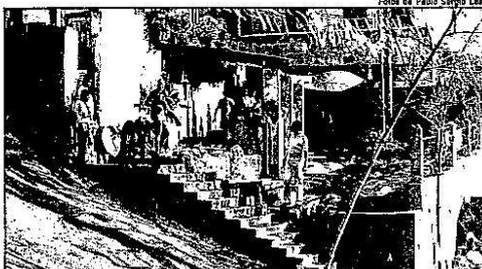
AV. RIO BRANCO, 180 (TEATRO MUNICIPAL)  
RIO SUL - 1º PISO

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

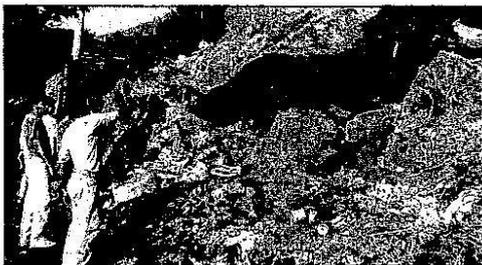
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Camiseta 4.700,</li> <li>* Saia 6.500,</li> <li>* Calça 9.800,</li> <li>* Blazer 11.900,</li> <li>* Spencer 10.900,</li> <li>* Bermuda 8.900,</li> </ul>	<p><b>ARTIGOS DE LINHO</b></p> <p>20% à vista</p>
---	---

Confeccionamos sua roupa de linho sob medida,  
na cor de sua escolha, sem acréscimo.

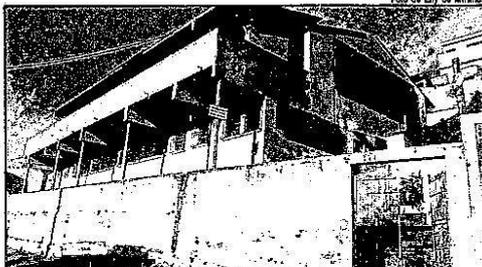
Preços e margem de lucro reduzidos



O Projeto Mutirão reúne moradores do Salgueiro para obras de melhoria no morro



Os riscos de desabamento persistem no morro, apesar dos esforços da Geotécnica



Em mais de 30 anos de existência, o Centro Social Padre Anchieta nunca foi reformado

### Moradores trabalham juntos por vida melhor

Com muitos problemas pela frente e à espera de soluções que demandam tempo, os moradores do Morro do Salgueiro decidiram se engajar definitivamente no "Projeto Mutirão". Iniciado em 1985, o projeto conta com a participação de membros da comunidade e já possibilitou a urbanização e drenagem de vários pontos da favela. Os participantes do mutirão são contratados como prestadores de serviço pela Secretaria municipal de Desenvolvimento Social. Apesar do salário não ser o mesmo pago a um profissional, os moradores se mostram muito entusiasmados com o projeto, principalmente por estarem realizando melhorias em prol de toda a comunidade.

Francisco Ferreira da Silva é um dos moradores do Salgueiro mais empenhados no "Projeto

Mutirão". Encarregado de chefiar uma equipe de dez moradores, ele auxilia nos trabalhos de pavimentação e limpeza de esgoto de um dos principais acessos ao morro, além de ajudar a Geotécnica na identificação de pontos onde são maiores os riscos de desabamento.

Para o Presidente da Associação de Moradores do Morro do Salgueiro, Walter Rodrigues, o mutirão tende a se expandir caso haja interesse das autoridades municipais em retomar os antigos projetos "estacionados" na Prefeitura. Ele qualifica o movimento dos moradores como "um bom exemplo de tomada de consciência da comunidade, a exemplo do que já ocorre em outros morros".

— Poderíamos ter um trabalho comunitário mais amplo, caso os órgãos municipais e estaduais liberassem mais

recursos para as obras do Salgueiro — revela ele.

Ele conta que a Comurb tem criado dificuldades para a efetivação de garis comunitários no morro. Segundo Walter, muitas valas negras estão em pontos de difícil acesso para a Comurb, o que dificulta a limpeza e favorece a proliferação de doenças.

— Este trabalho seria feito pelo garí comunitário, que também auxiliaria os funcionários na coleta de lixo em pontos mais altos do Morro — sugere.

O mutirão do Salgueiro é um exemplo da importância do trabalho coletivo na resolução de problemas em comunidades carentes. Até as mulheres resolveram aderir ao projeto, ajudando no transporte de cimento, tijolos e areia ou preparando comida para os trabalhadores.

### Escola dá ajuda indispensável ao Salgueiro

Ac contrário do que ocorre em algumas escolas de samba, a maior parte da diretoria da Acadêmicos do Salgueiro não mora no morro. No entanto, os diretores desempenham importante papel na resolução dos problemas da comunidade. Durante as reuniões, o presidente da associação comunica aos demais integrantes da diretoria as principais necessidades dos moradores.

Jorge Calça Larga, salgueirense há 57 anos, é um dos poucos integrantes da diretoria que reside no morro. Filho

de um dos fundadores da escola, ele mora no morro desde que nasceu e não poupa elogios à integração da diretoria da escola de samba com os moradores.

Desde que o Miro tornou-se o Patrono da escola que a comunidade salgueirense ganhou várias melhorias. Se hoje não existem muitos diretores do Salgueiro morando no morro, é porque os que aqui estão não aceitam os cargos oferecidos pelo patrono. Acha que o pessoal não tem muita paciência para compare-

cer às reuniões — pondera Jorge.

Walter Rodrigues, da Associação de Moradores, diz que a diretoria da escola está sempre disposta a atender a todas as reivindicações dos moradores. Ele lembra também a generosidade dos integrantes do Salgueiro com as pessoas que desfilam na escola e não têm recursos para comprar fantasias.

— A diretoria sempre revela a maior boa vontade e oferece fantasias para aqueles que não têm como comprar — diz Walter.

**ACERTE EM CHEIO NO PÚBLICO ALVO.**

**CRAU**

ANUNCIE NO GLOBO

Jornal de Bairro

**292-3122**

**VOGÊ É SÍNDICO ?**

**NÓS RESOLVEMOS SEU PROBLEMA:**

- Conjunto Safari p/ porteiro
- Conjunto Faxina p/ zelador
- Calça e Camisa p/ porteiro
- Sapatos e Botas

Todos os uniformes são feitos sob medida, personalizados com bordado no bolso, entregues no condomínio, tudo sem custo extra e com pagamento facilitado.

Comércio de Roupas

Rua da Alameda, 183 - Tel: 224-7291

**APSA**

**60 ANOS**

**QUEM É LÍDER, FAZ**

AUXILIADORA PREDIAL RIO S.A.

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS E BENS

Tel: 224-0044 - 22 - Centro - Tel: 224-0044 - R. 421

Matérias Novembro de 1995:

Matéria 1: 02/11/1995

10 • Rio

2ª EDIÇÃO

O GLOBO

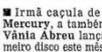
Quinta-feira, 2 de novembro de 1995

**Pessoas**

César Tartaglia  
Tânia Neves



■ Alec Baldwin se desculpa publicamente ontem por ter agredido um fôlego em Los Angeles, no dia em que chegava da maternidade com Kim Basinger e a filha do casal.



■ Irmã caçula de Daniela Mercury, a também cantora Vânia Abreu lança seu primeiro disco este mês. É já chega na praça com o prestígio em alta. "Meu sonho não", uma das faixas do CD, foi escolhida pela cineasta Tizuka Yamazaki para a trilha sonora do filme que ela acabou de rodar no Espírito Santo e que está em fase de montagem.

■ A bailarina Áurea Hammerli, que dirige a Companhia de Balé de Niterói, ganhou um presente do argentino Luiz Arrieta.

Uma coreografia especial para dançar com seus pupilos, na reinauguração do Teatro Municipal de Niterói.

Áurea estraiará "Balé na floresta" no próximo dia 22.

■ A atriz Maria Zilda está de olho nos Imposos. Responsável este ano pelo Bazar de Natal de Gisela Amaral, ela está arrebanhando os colegas para darem sua cota de contribuição à causa. Quem atender a seu chamado, fará uma participação especial como pregoeiro nos dias de funcionamento do bazar, para garantir o sucesso de vendas do evento.

■ Zulema Yoma, a ex-esposa do presidente da Argentina, Carlos Menem, foi internada ontem em Buenos Aires com uma crise de depressão.

Zulema se separou de Menem em 1990, depois de algumas brigas públicas.

É este ano perdeu o filho, Carlos Facundo, que morreu num acidente de automóvel.



Maria Lúcia Priolli (à esquerda) Elza Maria e Maria Emilia Mendonça

**Música espacial**

A pianista Maria Emilia Mendonça toca uma música de outro mundo. Ou de outros mundos. Pelas mãos do astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, então diretor do Observatório Nacional, ela descebra seu espaço na década de 80, ligou a música à astronomia e, em 1986, lançou o primeiro disco em vinyl, de uma trilogia de composições que define como space jazz. É essencialmente música para planetários — experiência que Maria Emilia de-

semprou nos Estados Unidos logo depois de lançar o disco: — Lá existe um trabalho sério nesse campo. No Brasil, esse espaço não foi descoberto. Maria Emilia concluiu recentemente sua trilogia juntando no CD "Mother earth" o primeiro disco e dois trabalhos posteriores, com músicas como "Big bang" e "Via lactea". Para lançar o novo disco, a pianista reatou em seus espetáculos a dança de Maria Lúcia Priolli e a voz da cantora Elza Maria.



■ A cantora americana Jesse Norman entrou na Justiça contra a revista "Classic CD Magazine", alegando ter sido ridicularizada em suas páginas. Na reportagem, Jesse foi apresentada como uma cantora lírica sem educação acadêmica. É gorda. Indignada com o tratamento, Jesse está pedindo US\$ 3 milhões de indenização por danos morais.

**A galinha dos ovos de ouro**

Depois do próprio O. J. Simpson, quem vai agora tirar proveito financeiro do julgamento do ano nos Estados Unidos são os promotores que atuaram no caso.

Christopher Dardan já embolsou US\$ 1,5 milhão e escreverá a biografia de caixa um livro sobre o assunto para a editora Harper Collins.

É Márcia Clarke tem em contrato marcado com outro editor ainda esta semana.



O príncipe Rainier

O príncipe Rainier, de Mônaco, perde a majestade dia desses em Nova York, durante uma festa beneficente da Fundação Princess Grace.

Ele assaria com os filhos Albert e Caroline a uma apresentação de um grupo alemão de teatro e deu um soco na cara de um palhaço.

Tudo porque o engraxadinho, que fazia piada com os plebeus, incluiu seu filho no rol, comentando as gargalhadas que o jovem príncipe era porquenho e comia com as mãos.



Lorde Montagu e Mansell aborçam um taxista



**GOTAS**

- Mestre Louro do Salgueiro comemora seu aniversário hoje na quadra da escola, com show de pastistas e ritmistas.
- O ex-Barão Vermelho De faz apresentação única sepultada no Mistura Fino.
- O professor de dança Patrick anuncia hoje no Cabaré Faleasa a noite "Quinta com salsa".
- Elias Andrade faz hoje no Retiro dos Artistas uma apresentação especial de jazz "Esta noite choveu prata".

ALUGUEL FAX 39,00 MICROS - IMPRESSORAS 29,00  
Aluguel jor. Rent A Computer 233-1558/263-8687/233-7834

**AGORA NA BARRA**

QUEBROU O VIDRO DO SEU CARRO? **PARABRISA TIMBA**

VIDROS PARA AUTOMÓVEIS NACIONAIS E IMPORTADOS  
VIDROS ELÉTRICOS E MANUAIS  
ESPELHOS RETROVISORES - VENDA E INSTALAÇÃO

Av. Erica Veríssimo, 501 - Barra da Tijuca - 405-9161 e 403-1011. Ao lado do Banco do Brasil

RECUPERAÇÃO DA POTÊNCIA

**CLÍNICA DO HOMEM**

Rua Figueiredo de Miguélio, 286/1016  
Cruzeiro - RJ - Tel.: 258-1823  
Dr. Francisco Chaves - CRM 40228

**ACUVUE 30**

RECEITA DO OCUPLISTA 275-5005

**CHUI**

GUARANA DO AMAZONAS

CONTEÚDO 300 ml

TAMBÉM EM DIET

0211 261-9715

STAVANIS REPERCOS LTDA.

**LENTE DE CONTATO**

DESCARTEJAVIS ACUVUE

JOHNSON & JOHNSON  
Kilgus Street  
(24 lentes) 2x **RS 60,00**

LENTE DE CONTATO KRIEGER  
R. São José, 90 Gr. 501  
Inf: (021) 533-4015

Como se emocionar aos domingos

Miguel Falabella

aos domingos, por O GLOBO.

**36ª LEILÃO DE ARTE**

EX-POSTIÇÃO

04 e 05 de novembro de 1995. De 15:00 às 22:00 h.

**LEILÃO**

06 a 10 de novembro de 1995, às 21:00 h.

Michael Shouvy  
LEILÃOIRO

Local: Rua Visconde de Pirajá, 490  
Tel.: 2597442 - Ipanema

H Stern

**Apreendida 1,2 tonelada de maconha no Jacarezinho**

Uma equipe formada por 12 policiais da Divisão de Repressão e Entorpecentes (DRE) fez ontem, na entrada da Favela do Jacarezinho, próximo ao Buraco do Lacerda, a segunda maior apreensão de drogas neste ano no Rio. Escondidos dentro de caixas d'água de amianto num barraco desabitado, foram encontrados 300 pacotes com 1,2 tonelada de maconha. A droga foi avaliada pelos policiais em R\$ 1,6 milhão. No início do ano, no Morro do Andaraí, haviam sido apreendidas duas toneladas de maconha.

Os policiais seguiram uma denúncia anônima confirmada posteriormente por um X-9 (informante da polícia) infiltrado entre traficantes na favela e que deixou o local distardiado com uma máscara carnavalesca, por segurança. Segundo um dos policiais, a



Policiais fazem uma corrente para transportar os pacotes de maconha

droga pertenceria ao traficante Lambari, que controla a venda de drogas na área. Um suspeito foi preso, perto do local onde estava a droga, e levado para depor, mas a poli-

cia não informou seu nome. Segundo os policiais, ele seria o encarregado da distribuição das drogas na área.

A apreensão foi comemorada pelo grupo de policiais

que há duas semanas foi transferido da Delegacia de Repressão, Roubos e Fraudes Contra Estabelecimentos Financeiros (DRRFCEP) para a Divisão de Repressão e Entorpecentes (DRE). A operação começou às 5h30m, quando os policiais chegaram em quatro carros e um camburão, sem dificuldade. Eles cercaram o barraco e entraram de armas na mão, mas não encontraram ninguém, só sinais de uso recente.

O maior trabalho foi o de levar os 300 pacotes de maconha para os porta-malas dos carros da polícia. Os pacotes foram levados nas mãos, equilibrados na cabeça e até mesmo num carrinho de mão, até o local onde estavam os carros. A droga apreendida foi levada para a DRE, onde o suspeito preso no local foi interrogado.

**Em Nome do Filho**

Com Reginaldo Faria, Marcelo Faria e Regiana Antonini  
De 5ª a sábado 21:00h - Domingo às 20:00h

**TEATRO DE ARENA**

Rua Siqueira Campos, 143 - Sobrelaje Estacionamento no Sub-solo

Patrocinador: T-EX 2000

Apoio Cultural: CelCenter

**O GLOBO NO TEATRO**

Assista aos bastidores da tv.

todas as terças, quintas e sábados no Segundo Caderno e domingo na Revista da TV.

**SINDICATO DAS EMPRESAS PROPRIETÁRIAS DE JORNALS E REVISTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

**ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCAÇÃO**

São convocados os associados quítes, em pleno gozo dos seus direitos sociais, para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária e realizar-se na sede do SINDICATO DAS EMPRESAS PROPRIETÁRIAS DE JORNALS E REVISTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, na Travessa do Cavador nº 21 - sala 401, nesta cidade, no dia 06 de novembro corrente, às 09:30 horas, em primeira convocação e, não havendo número legal, às 10:00 horas, em segunda e última convocação, para deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia:

a) - Revalidação estatutal dos trabalhadores gráficos, inclusive sobre o sistema coletivo;

b) - Assanta Geral;

Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1995.  
Luiz Roberto Vazquez  
Membro Titular da Junta Governativa Provisória.

**SINDICATO DAS EMPRESAS PROPRIETÁRIAS DE JORNALS E REVISTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

**ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCAÇÃO**

São convocados os associados quítes, em pleno gozo dos seus direitos sociais, para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária e realizar-se na sede do SINDICATO DAS EMPRESAS PROPRIETÁRIAS DE JORNALS E REVISTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, na Travessa do Cavador nº 21 - sala 401, nesta cidade, no dia 06 de novembro corrente, às 09:30 horas, em primeira convocação e, não havendo número legal, às 10:00 horas, em segunda e última convocação, para deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia:

a) - Revalidação estatutal dos publicitários, inclusive sobre o sistema coletivo;

b) - Assanta Geral;

Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1995.  
Luiz Roberto Vazquez  
Membro Titular da Junta Governativa Provisória.



PELO FIM DA VIOLÊNCIA

# Cotidiano de Vigário Geral ganha espaço cultural

RONI FILGUEIRAS

De todas as atividades que marcaram o Dia Nacional da Cultura, comemorado ontem no CCB e Espaço Cultural dos Correios, reunindo cerca de 30 organizações não-governamentais dentro da IV Mostra de Arte Brasil Zumbi, a que mais chamou a atenção foi a peça "Bala achada", de Calo Ferraz. A peça, uma dramatização de dez minutos, sem diálogos, mostrou uma cena do cotidiano violento dos oito alunos da Casa da Paz, de Vigário Geral. A Casa da Paz é uma ONG que, desde junho do ano passado, oferece cursos e creche para 420 crianças.

No palco, quatro delas brincam de corda, quando são atingidas por outras quatro, com queques de policiais. Nesse momento, 1.410 cápsulas de balas de todos os calibres são arremessadas sobre seus corpos tombados. É aberta uma faixa em que, como num acróstico, as iniciais das palavras Condômino, Hiroshima, Auschwitz, Carandiru, Ianomâmi, Nagasaki e Acari formam a palavra "chacina".

Os projetos foram recolhidos durante seis dias nas ruas do bairro, sempre depois dos tiroteios entre policiais e bandidos, que se tornaram quase diários, desde o dia 22 passado — data em que a Divisão Anti-Saqueiro (DAS) fez uma incursão local, na tentativa de descobrir o cativete de Eduardo Eugênio Gouveia Vieira Filho, sequestrado há 12 dias.

— Catamos as balas diariamente, depois das aulas operadas da DAS. O que está acontecendo em Vigário Geral é de co-ocorrência do Estado — afirma o sociólogo



Crianças exibem cápsulas de balas usadas na peça: resultado de seis dias de violência na favela

Calo Ferraz, de 27 anos. Ganhador do Prêmio Severo Gomes de Direitos Humanos, ele vê nas artes e na educação a única saída para o problema da violência que faz vítimas principalmente entre crianças e jovens carentes.

— Não há outra possibilidade de construir a cidadania dessas crianças, a não ser através da

arte, da educação. As 1.410 cápsulas vão se transformar em obra de arte. — Vamos fazer uma escultura com os projéteis — conta Ferraz, que já fincou um busto numa praça em Genebra, Suíça, financiado com 300 projéteis recolhidos numa única casa de Vigário Geral, depois de uma hora de tiroteio entre policiais e ban-

## Crianças peritas em balística

— Não, tia, essa cápsula é de AR-15, essa aí é que é de pistola 7,62, essa outra é de AR-7. Essa é de bala calibre 12, de espingarda — ensinava Alexandre Dutra de Souza, de 13 anos, com ar de perito.

Qualquer uma das crianças de Vigário Geral é capaz de dar uma aula de balística para expert nenhum botar defeito. Alexandre é aluno de teatro da Casa da Paz, de Vigário Geral, uma organização não-governamental que recebe US\$ 50 mil por ano do BID para desenvolver projetos ligados às crianças carentes. Ontem, Alexandre e seus amigos participaram dos eventos do Dia da Cultura, no CCB e Espaço Cultural dos Correios, com o espetáculo "Bala achada".

Calo Ferraz, sociólogo, coordenador da ONG e responsável pela concepção da peça, propôs às crianças do bairro o seguinte desafio: para cada projétil recolhido na favela, elas receberiam em troca cinco balas sabor abacaxi. No fim de seis dias, elas tinham recolhido num balde 1.410 projéteis de vários calibres, resultado dos constantes tiroteios diários entre policiais e bandidos.

— Já distribuí das quilos de balas, inclusive para a polícia — contou Ferraz.

Ele montou um espetáculo simples, mas contundente. — No dia 22, depois do tiroteio, só de cápsulas de AR-15 peguei 32. O que ganhei de balas deu para distribuir entre meus seis irmãos, pais e vizinhos — disse o ator Alexandre.

Alexandre e a maioria de seus colegas são capazes de especificar calibre, tipo de arma e o estrago que cada uma das balas causa ao perfurar o corpo humano. Mas há exceções.

— Eu não recolhi bala nenhuma. Não gosto, suja a mão. Não saio de casa, fico o dia todo estudando. Quando começa o tiroteio, fico junto da minha mãe, aí não sinto medo — contou Priscila Ribeiro Vieira, 12 anos, que interpretou o papel da policial que agrêtia Alexandre.

Cláudio e Ronaldo Lizardo da Cunha, de 16 e 15 anos, também não se sentiram tentados com o escambo de balas de armas por balas de apócrifa.

— Hoje faz nove dias que meu irmão está no hospital — contou Ronaldo, cujo irmão, Filas, de 23 anos, funcionário do Zóo, foi atingido sábado retrasado por uma bala.

**COLÉGIO HÉLIO ALONSO**  
 Há mais de 40 anos formando gerações.  
 Do pré-escolar ao 2º grau • Manhã • Tarde • Integral  
 Botafogo 286.7635 2º GRAU COM OPÇÃO DE SIST. DE CRÉDITOS Méier 281.3181

**O Fim desta Década está nas Mãos dos Dispostos a Agir**

Marilyn Ferguson: Radical common sense  
 Betinho: Cidadania e solidariedade  
 Pierre Weil: A visão holística e sua integração nos diferentes domínios da vida  
 Janice Partman: Como enfrentar o problema global das megacidades  
 Calo Ferraz: A experiência da Casa da Paz  
 Stanley Krippner: Mitos para o novo milênio  
 Leonardo Boff: Ecologia como mudança de paradigma  
 Roberto Ziemer: Os traumas do período perinatal e dos modos de criação infantil enquanto origem da violência  
 Frel Betto: A espiritualidade e os novos paradigmas  
 José Lutzberg: A ética e o novo mundo - um balanço da ECO 92  
 Ubiratam D'Ambrosio: Educação e ciência  
 Harbans Lal Arora: Ciência e consolidação

**V CONGRESSO HOLÍSTICO BRASILEIRO**  
 IV CONGRESSO HOLÍSTICO PAN-AMERICANO  
 III ENCONTRO NACIONAL HOLÍSTICO DE CRIANÇAS E JOVENS

Esses e muitos outros especialistas estarão conspirando para a Paz, Tolerância e Cidadania Mundial nos dias 9, 10, 11 e 12 de novembro no Riocentro. Estamos esperando por você. O fim desta década está também em suas mãos.

Inscrições abertas. Informações: Unipaz RJ - (021) 532-5914 / 240-0856

**PAINEL RIO 95**

O QUE VOCÊ FARIA SE FOSSE PREFEITO DO RIO?

Toda segunda-feira, até 4 de dezembro 21 horas • Entrada franca. Compareça e faça a sua pergunta.

**HOJE**  
 CHICO ALENCAR  
 MEDIADOR: MILTON TIMBR  
 TEATRO CASA GRANDE  
 Av. Afrádio de Melo Franco 290

PRÓXIMAS SEGUNDAS-FEIRAS  
 • 18/11 - Sérgio Arouca • 20/11 - Fernando Gabeira  
 • 27/11 - Moreira Franco • 4/12 - Miro Teixeira

COLABORAM COM PERGUNTAS NESTA SÉRIE:  
 Dentre Rômeyer - Dina Gomes - Antônio Luciano - Gal. Milton Cordeiro - Mauro Frenkel - Edson Eugênio Queiroz Vieira - Jorge Luis Cariboni de Cruz - Mário da Conceição Teixeira - Gilberto Gil - Roy Diercio - César Maia - Zito

O GLOBO TEATRO CASA GRANDE

Esta é a melhor notícia para quem quer fazer grandes negócios.

**RIOPEL**

**1ª Feira Rio de Papelaria & Material Escolar**

De 22 a 26 de Novembro Riocentro

VOCÊ NÃO PODE FICAR DE FORA DO EVENTO QUE PROMETE ANTECIPAR CENTENAS DE GRANDES NEGÓCIOS PARA A VOLTA ÀS AULAS 96!

RESERVE JÁ O SEU STAND ÚLTIMAS UNIDADES

LIGUE JÁ!  
 (021) 423-1400 / 423-1651  
 423-2500 / 423-2900 / 423-2656

REALIZAÇÃO  
**ESCALA**  
 EVENTOS E PROMOÇÕES

Matéria 3: 07/11/1995

Terça-feira, 7 de novembro de 1995

O GLOBO

3ª EDIÇÃO

Rio-19



BANDIDOS VOLTAM A ATACAR

# PM é seqüestrado e assassinado

O corpo do cabo PM José Carlos de Souza Perfeito, fadado no 9º BPM (Harmônica) foi encontrado ontem carbonizado na Estrada de Botafogo, atrás do conjunto residencial da Prefeitura em fase de construção, na Favela do Botafogo, em Acari. O cadáver foi encontrado pelo irmão e tenente Perfeito do 29º BPM (Mesquita) que fazia parte do comboio do 9º BPM Rocha Miranda que estava à procura do cadáver.

O policial fora seqüestrado por traficantes na tarde de domingo na casa de sua namorada, no Morro da Lagartixa, em Costa Barros. O seu carro, o Chevrolet verde, placa de Quilômetros FZ 43 12, havia sido encontrado segunda-feira a 500 metros do morro, com marcas de barro nas partes laterais. O corpo não foi periculado e foi levado dentro de uma patama da Polícia Militar para o IML, com o consentimento do delegado Aloisio Neto, da 3ª DP. O procedimento, que não é normal, só foi autorizado por ser o local onde foi encontrado o corpo é considerado de alto risco pelos policiais.

O major do 5ºBPM Jorge Lage disse que o cabo fora antecedido à tarde com sua namorada, de nome Flávia, visitar a mãe dela, na Estrada de Botafogo 451, no pé do morro. A estrada fica em volta da favela, próxima ao Rio Acari e da estrada de ferro que passa junto ao Morro da Pedreira. Um bando fortemente armado invadiu a residência e um dos desconhecidos perguntou: "Quem é o policial? Vai ter que ir com a gente."

O policial, que estava arma-

do, foi dominado pelos bandidos e ficou sem o revólver. Segundo testemunhas, os homens o puseram no porta-malas do Chevette e o levaram pouco depois das 15h. De acordo com um policial, o cabo era pai de um filho e estava separado da mulher. Ele namorava Flávia há cerca de sete anos, tempo que frequentava o casa da mãe dela.

O major Jorge Lage disse que várias incursões foram realizadas antecorrem e ontem nos morros da Lagartixa e Pedreira para tentar localizar o cabo desaparecido. As operações foram feitas durante a madrugada e manhã. Agentes do Serviço Reservado (F-2) do 5ºBPM também participaram com incursões.

Ontem à tarde, a namorada do cabo tinha ido à 4ª DP acompanhada do irmão do cabo. Foi feita acação dos dois com todos os presos em flagrante por tráfico de drogas nos morros da Lagartixa e Pedreira, durante incursões realizadas na madrugada. Nenhum deles, porém, foi reconhecido como os que levaram o cabo.

Na tarde de ontem, o delegado Netto recebeu a informação de que o policial estava vivo e um dos autores do seqüestro teria sido o bandido conhecido como Isaias. Muito nervoso, Flávia e o irmão do policial não quiseram falar com os jornalistas.

O comandante do 5ºBPM, tenente-coronel Wolney do Nascimento Silva, informou que o comando da corporação não permitia a divulgação da foto do policial. Wolney disse que nada sabia sobre o caso.



A frente, de esquerda para a direita, o traficante Chininha e seus companheiros, presos na 4ª DP depois da operação no Morro da Lagartixa

## Crueldade virou rotina

Com maior poder de fogo e superioridade numérica, os traficantes perderam o medo de enfrentar a polícia. Nos últimos anos, eles mataram dezenas de policiais militares, civis e federais, em alguns casos com requintes de crueldade. Assim ocorreu, por exemplo, em março passado, quando dois agentes federais foram mortos e queimados por traficantes do Morro Menino de Deus, em Niterói. Walter Alves Machado e Jorge de Assis Castro foram mortos e seus corpos foram carbonizados quando subiram o morro para entregar intimações judiciais. Seus corpos foram carbonizados juntamente com o Fiat Prêmio que ocupavam.

No dia 28 de outubro passado, o corpo do PM Maciel Antônio

dos Santos foi encontrado na beira do Rio Paria-Timbó, na Favela da Virgínia. Na véspera, a paisagem, ele entrara na favela a procura de um mediano para consertar seu carro, que enguiçara nas redondezas.

No dia 10 de abril de 1991, o detetive Regina Coeli da Cunha Augusto, da Divisão de Repressão a Entorpecentes, foi assassinado, em um ataque a uma parte mais alta do Morro da Providência, no Centro. O corpo do policial, que fazia um levantamento fotográfico das bocas-de-favela, foi semi-esquartejado e deixado na mala de um carro. Juntamente com o motorista policial Mário Alves Barbosa, que sobreviveu ao ataque, mas morreu oito dias depois.

## Disque-denúncia leva PM a mais uma operação

Mais uma informação passada para o Disque-denúncia (253-1177) e mais uma operação bem sucedida realizada pela Polícia Militar. Desta vez, os policiais foram levados, através de denúncia anônima, aos morros da Lagartixa e da Pedreira, em Costa Barros, na madrugada de segunda-feira. Cerca de 40 homens do 5º Batalhão de Polícia Militar (Rocha Miranda) entraram nas favelas às 20h de domingo e prenderam vinte e cinco pessoas. Foram apreendidos ainda 65 sacos de cocaína, duas pistolas 9mm, uma metralhadora Heinkel (de fabricação alemã), duas escopetes, um facão, onze fardas do exército e uma farda de camuflagem da aeronáutica.

A operação não teve nenhum incidente e foi chefiada pelo coronel Marco Paes, comandante do 5º BPM. Os policiais só deixaram a favela na manhã de segunda-feira (por volta das 6h) e levaram os detidos para serem interrogados na 4ª DP.

Das 25 pessoas detidas pelos policiais, 15 eram menores (sendo 12 meninos e dois meninas) que, depois de passarem a manhã detidos, esperando num micro-ônibus da PM, foram liberados. Os dez outros detidos foram presos e autuados por tráfico de drogas, formação de quadrilha e corrupção de menores.

Entre os presos, estavam também os chefes das bocas-de-favela das duas favelas: Paulo César, o PC, da Lagartixa e Admilson Balbino, que é conhecido como Chininha da Pedreira. Segundo informações dos policiais que participaram da operação, ambos fazem parte da quadrilha comandada por Jorge Luis, que chefiava o tráfico no complexo de Acari.

O coronel Paes acrescentou que uma das fardas do exército apreendidas pertencia a um ex-soldado que, ao dar baixa, não havia devolvido o uniforme. Essas e ex-soldado estava entre os detidos de ontem e também foi autuado.

Foi a segunda vez em dois dias que o 5º BPM participou de uma operação atendendo a um telefonema para o Disque-de-

núncia. No domingo de manhã, policiais do batalhão fizeram parte de uma ação conjunta (com o 2º BPM e o Centro de Inteligência da Polícia Civil) que prendeu oito traficantes na Favela Bundeira Dois, em Del Castilho. Nesta operação, que durou de 7h às 12h30m de domingo, os policiais apreenderam nove quilos de maconha, 1,5 kg de cocaína, um televisor, celular, duas baterias de precisão, três rádios-transmissores, fermento em pó e diversas armas. Oito traficantes foram presos, sendo que três deles em flagrante. Segundo o coronel Lenine de Freitas, comandante do 3º BPM, as informações eram bem precisas.

## Perigo oculto na floresta

Traficantes se escondem e treinam na mata

É nas matas de difícil acesso do Rio de Janeiro que muitas quadrilhas de traficantes ensinam táticas de guerrilha aos seus cúmplices, escondem seqüestrados, fazem munição, torturam e matam suas vítimas. Com operações realizadas nestes locais, policiais puderam comprovar a ossadia dos bandidos, que se aproveitam das trilhas íngremes e fechadas das florestas para montarem seus esconderijos, que sempre a poucos metros da civilização.

Em julho deste ano, por exemplo, num pequeno vale situado a 820 metros de altura, na Floresta da Tijuca, policiais do 5º BPM encontraram um acampamento em estilo militar montado pela quadrilha do Morro do Andaraí. Com uma infraestrutura capaz de garantir a sobrevivência dos bandidos na mata, havia quatro barracas, uma rede e até uma cama de casal. O fardo atarmamento pesado era vigiado pelos soldados do tráfico. Era nesse local também que os marginais armazenavam cocaína ou estupefacientes e preparavam a droga para venda.

Nenhum bandido foi flagrado pelos policiais. Mas, ao fugirem, os criminosos deixaram para trás quilos de munição, desde estalhões até carne para churrascos. Neste mesmo local, no dia 3 de setembro de 1993, foi descoberto um campo de treinamento para trafican-

tes. Em Botafogo, a quadrilha de Marcinho VP do Morro Dona Marta, costuma acampar próximo ao Mirante Dona Marta. Em Laranjeiras, os marginais se escondem no final da Rua Pereira da Silva, no Morro do Pereirão.

Em Jacarepaguá, a Polícia Militar descobriu, em agosto deste ano, acampamentos no Morro de São José Operário. Depois de uma caminhada de cerca de duas horas, os policiais acharam, sob uma saliência na encosta, colchonetes e mantimentos, além de dois fuzis, duas pistolas, muita munição e 2.500 trouxinhas de maconha.

Mas uma das áreas mais usadas pelos bandidos para esconderijo e para treinamento de seus companheiros é mesmo a Floresta da Tijuca. Em agosto deste ano, um acampamento foi descoberto contendo cartas e bilhetes que davam pistas a polícia sobre quem são os principais fornecedores de drogas, armas e munição dos traficantes ligados ao Comando Vermelho. A correspondência foi encontrada a cerca de três quilômetros da Estrada Grajaá-Jacarepaguá.

Com a ajuda de equipamentos militares roubados, bandidos também treinavam táticas de guerrilha em Niterói. Nos morros de Lagartixa do Estado, do Cavalo, do Palácio e do Preventório, traficantes recebiam treinamento do ex-pára-quedista Fábio de Souza Oliveira, o Fabinho, que atualmente está preso, e do ex-fuzileiro naval Romão do Carmo, que se encontra foragido.

### Locais onde os traficantes montam acampamentos

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Editoria da Arte

- 1 Botafogo: a quadrilha do Marcinho VP, do Morro Dona Marta, costuma acampar próximo ao Mirante Dona Marta, para treinar manobras militares. Teria como armeto um cabo do Exército
- 2 Laranjeiras: No Pereirão, morro que começa no final da Rua Pereira da Silva, os homens do Cozinho, que domina o Cerro-Góris, também costumam acampar e seguem táticas de guerrilha
- 3 Méier: o bando de Cadeira, que domina o Morro da Camarista, mantém acampamentos em lugares pouco acessíveis. O Bope, com a ajuda dos agentes da PM, "estourou" um acampamento naquela área
- 4 Tijuca: no dia 17 de março de 93, a polícia encontrou equipamento militar numa creche do Morro da Casa Branca, dominado pelo traficante Kil
- 5 Andaraí: no Morro do Andaraí, em 3 de setembro de 93, a Bope descobriu um campo de treinamento para traficantes naquela área
- 6 Olaria: no Complexo do Alemão, na localidade conhecida como Pedra do Sapo, os traficantes seguem ensinamentos militares para tomar conta do policiamento naquela área
- 7 Niterói: nos morros da Lagartixa, Estado, Cavalo, Palácio, Largo da Batalla e Preventório: os traficantes recebem treinamento do ex-pára-quedista Fábio de Souza Oliveira, o Fabinho PDD (preso), e do ex-fuzileiro naval Romão do Carmo, o Naval (foragido)
- 8 Maricá: uma quadrilha recém-desbaralada por agentes do Serviço Reservado da PM do São Gonçalo se escondia em Itaquaquecetuba, distrito de Maricá. Os presos eram ligados ao Morro da Mineira, no Catumbi. Com eles, foram achados equipamentos militares

Quinta-feira, 9 de novembro de 1995

O GLOBO

Rio-25



A ARROGÂNCIA DO SEQÜESTRADOR

Miltinho: 'Eu sou o rei do tráfico'

MÚCIO BEZERRA
Assim como seu colega de má-fama Ernaldo Pinto Medeiros, o Uê, um consumidor de joguinhos, o traficante Romildo de Souza Costa, o Miltinho do Dendê, preso anteciente, também está ciente de que as drogas fazem mal à saúde...

de seu bando cheiram cocaina. Não deixou ninguém chorar em hipótese alguma — disse o traficante. Depois, bateu no peito várias vezes e afirmou em voz alta: — Eu sou o rei do tráfico. O tráfico de toda a Ilha do Governador é meu! O delegado Alcides descreve Miltinho como um bandido de fila mansa, bem articulado, que andava discretamente vestido e, por isso, podia ser confundido com qualquer cidadão de bem. Alcides não quis revelar como a DRRFCEP conseguiu descobrir...

os esconderijos do traficante, mas disse que, desde quando chefiava a Polinter, sua equipe já fazia investigações sobre as atividades do bandido. — Só não houve morte porque Miltinho é um bandido que não se exalta nem perde a calma — disse o delegado, contando como foi o cerco à casa onde o traficante estava escondido com cinco homens, na Rua Ananias, nº 1.061, na Ilha do Governador. Quando percebeu a impossibilidade de escapar, ele gritou para os seus comparsas: perdes-

mos, perdemos, podem abaixar suas armas! — contou Alcides. O delegado disse que, depois de prender Miltinho e mais cinco traficantes que estavam na casa, os 12 policiais da DRRFCEP tiveram de ir embora rapidamente, pois o restante do bando poderia descer o morro e tentar resgatar o chefe. Quando a polícia foi embora, bandidos saquearam a casa, lavaram todos os móveis e até três cachorros da rapa pastor alemão. A polícia já está fazendo o levantamento das ligações dadas e recebidas pelos dois telefones ce-

lulares apreendidos na casa onde estavam os traficantes. Alcides acha que a prisão de Miltinho levantou o moral da Polícia Civil e foi uma grande vitória para a instituição. É recomendante vermos a Polícia Civil fazer um serviço desses com êxito. A operação foi um sucesso, porque escolhemos os certos para executar. Num caso desses, não se pode mandar mais de 15 homens, porque com muita gente há o risco de a informação vazar. Para o delegado, a prisão de Miltinho junto com os princí-

palis integrantes do bando foi um passo muito importante no combate ao tráfico de drogas e ao contrabando de armas, porque, a partir daí, segundo explicou, a polícia pode seguir o fio da meada para desbaratar outras quadrilhas. Miltinho do Dendê é apontado pela polícia como o maior contrabandista de armas do Rio de Janeiro. Era um dos bandos mais procurados, juntamente com o traficante Uê, e é suspeito de ter participado nos seqüestros de Carolina Dias Leite e Marcos Fernando Chies.

Polícia não sabia de transferência

CLÁUDIO NOGUEIRA

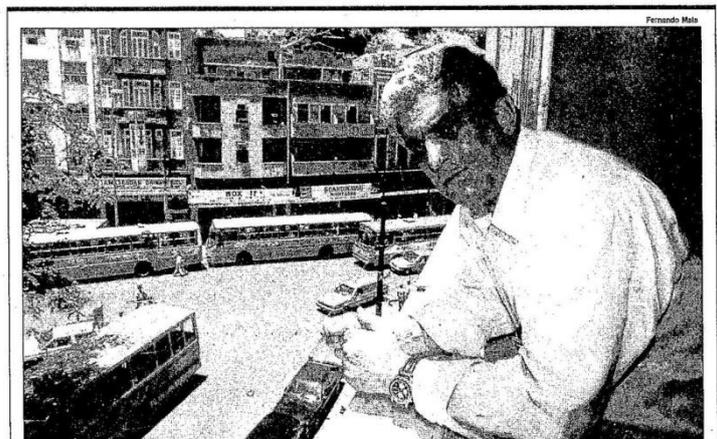
A Secretaria de Segurança Pública não sabia, para a Secretaria de Justiça planejava transferir o traficante Romildo de Souza Costa, o Miltinho do Dendê, preso anteciente, para o presídio de segurança máxima Bangú I. Levado anteciente para o Presídio Ary Franco, em Água Santa, Miltinho teve sua transferência anunciada pelo Departamento do Sistema Penitenciário (Desipe), órgão vinculado à Secretaria de Justiça. Tanto que quatro carros do Desipe chegaram ao presídio na tarde de ontem para levá-lo.

O problema é que ninguém tinha avisado ao 3º BPM (Méier), responsável pelo policiamento na área do presídio. Depois de muita discussão, o preso ilustre acabou ficando mais um dia em Água Santa. As 18h30, o coronel Lenina de Freitas, comandante do 3º BPM, chegou ao presídio. Logo para o Comando Geral da PM e avisou que Miltinho do Dendê passaria sua segunda noite de prisioneiro no Ary Franco.

Transferido à noite não seria aconselhável, não só pelo horário, mas também por causa do trânsito até Bangú. Por isso, acho muito difícil — disse o coronel.

Até o fim da tarde, havia apenas um carro do 3º BPM fazendo o policiamento nos arredores do presídio, com apenas um homem, o sargento Alvimar. Mas, às 17h40m, quatro carros do Desipe, com cerca de 20 agentes, chegaram ao local para transferir o bandido. Surpreso, o major Paulo Cardoso, do 3º BPM, telefonou para o coronel Lenina. O coronel chegou a uma hora e disse que a segurança nos arredores do Ary Franco seria reforçada para evitar que a quadrilha de Miltinho tentasse resgatá-lo.

Uma série de ameaças de invasão colocou de prontidão na madrugada de ontem a 3ª DP (Ilha do Governador), horas depois da prisão de Miltinho Dendê. As ameaças por telefone mobilizaram policiais civis e militares.



Alcides lantorno: 'Esses bandidos são animais que estão aí só para destruir; a prisão de Miltinho foi um dos dias mais felizes da minha vida'

Clima de euforia na 'sopa de letrinhas'

DRRFCEP festeja prisão de Miltinho

Numa sala quase vazia do terceiro andar do prédio da Polícia, na Praça Mauá, a felicidade estava em toda a parte ontem, dia seguinte ao da prisão de Miltinho do Dendê, um dos bandidos mais procurados do Brasil, de 34 anos, sobressa os louros da vitória que deram tempo à sopa de letrinhas da Polícia e DRRFCEP — sigla métrica abreviatura da Divisão de Repressão a Roubos e Furtos Contra Estabelecimentos Financeiros, região que ele che-

fia há pouco mais de uma semana e primeiro endereço oficial do famoso bando do Morro do Dendê. Depois de preso, o traficante foi levado para lá, onde foi interrogado antes de ser mandado para o Presídio Ary Franco. Era uma cena rara de se ver nos últimos tempos: um policial civil e torcedor do Flamengo celebrando vitória. O delegado se estorçava para não deixar transparecer no rosto o júbilo e euforia causada pela prisão de um dos bandidos mais procurados do Rio desde 61. Cabelos emaranhados em 29 anos de polícia, o carioca Alcides estava feliz por ter assinado de novo na instituição, após ter sido exonerado recentemente do cargo de diretor da Polinter, na esteira do escândalo das mordomias mantidas

por bicheiros na prisão. Esses bandidos são animais que estão aí só para destruir. A prisão de Miltinho, um bandido envolvido com tráfico de drogas, seqüestros e contrabando de armas, me proporcionou um dos dias mais felizes da minha vida. Casado há 29 anos, o delegado também fica orgulhoso quando fala de seus dois filhos, Alcides, de 23 anos, estudante de 2º ano de direito; e Alexandre, de 22, aluno do 5º ano de medicina. Nos seus dias de folga, o delegado gosta de ir à praia, bronzear o corpo de estatura mediana junto com a família. Ele também costuma passear a pé a pé a pé com sua mulher pelas ruas do Jacarepaguá. Apesar da euforia, principal ingrediente ontem da 'sopa de

letrinhas' da polícia, o delegado disse que não pretende fazer nenhuma comemoração especial junto com a equipe que o acompanha há muitos anos. É a mesma que estava com ele quando estourou o 'escândalo do churrasco' na Polinter. Bicheiros presos ali promoveram uma festa com um churrasco para os amigos num fim de semana. Não deixou fazer churrasco com eles alguma. Quando assumiu a Polinter, os bicheiros já estavam ali há dois anos e quatro meses. Portanto, se tinham mordomias, elas já existiam antes de ele assumir o cargo. Comigo na chefia, aconteceu justamente o contrário. Por isso, os bicheiros e os presos do Ponto Zero armaram uma campanha para me derrubar — afirmou.

Uma rotina de fugas e rebeliões

Construído em 1974 para ser uma unidade de segurança máxima o Presídio Ary Franco, em Água Santa, logo teve sua segurança desmoralizada por sucessivas fugas e frequentes rebeliões. Sua capacidade é de 900 presos nas cinco galerias, mas o total de detentos já chegou a 1.500 em várias épocas. Em outubro de 83, após uma tentativa de fuga, 33 presos foram mortos na cela 15 da Galeria A. A explosão de uma bomba incendiária — cujo lançamento foi atribuído aos guardas — carbonizou os presos.

Em reportagem publicada a 21 de dezembro de 88, O GLOBO denunciava a existência de um plano dos presos para destruir o presídio, degradado e incendiado durante as rebeliões. Na mesma reportagem, eram descritas as condições do presídio: água suja, celas sujas, úmidas, escuras; sem água e com a rede de esgoto destruída, exalando um cheiro penetrante de urina e fezes.

Bandidos famosos, como Escadinha e Gordó, protagonistas em algumas fugas de Água Santa. As que mais chamaram atenção, porém, foram a do ex-juiz e seqüestrador J. Mendes, no dia 2 de março de 84; e a do traficante Ernaldo Souza da Silva, o Braldo da Rocinha, que escapou com outros seis presos a 15 de abril do mesmo ano. Essas fugas aconteceram da mesma forma: pela porta da frente, com a colaboração das guardas.

Como se não bastasse a corrupção entre os guardas, até o diretor do presídio na época estava sob suspeita e se demitiu. O capitão da PM Márcio Medeiros de Oliveira foi acusado de abandonar o Rio logo após a fuga de Braldo da Rocinha, viajando para o Mato Grosso do Sul. Ele alegou que viajou em companhia de um sargento da PM e dois agentes penitenciários para tentar resgatar Ernaldo, que estava em uma fazenda na região. Caçar presos forçados, porém, é obrigação da polícia e não de diretores de presídios ou de guardas. Denúncias levadas à então diretora do Desipe, Jullia Lengruber, deram conta de que o diretor realmente viajara para procurar Braldo, mas não para trazê-lo de volta: o objetivo era ministrar (extorquir dinheiro).

Preso cobriu rosto amparado na lei

O contrabandista de armas e traficante Romildo de Souza Costa, o Miltinho do Morro do Dendê, não quis mostrar o rosto para os fotógrafos na delegacia. Diante dos jornalistas, o bandido não só cobriu a cabeça com a camisa, como orientou seus comparsas para que fizessem o mesmo. Na ocasião, adiantou ainda que só falaria em juízo, direito que também lhe é assegurado pela legislação. De acordo com o inciso X do Artigo 5º da Constituição, "só involuntária a intimidação, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurada o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação". Por conta disso, durante o Governo Nilo Botelho, era inclusive proibido fotografar os bandidos presos. A prisão de Miltinho foi a primeira grande vitória da filosofia, que o chefe da Polícia Civil, Hélio Luz, pretende implantar. Adversário dos policiais que submetem a inteligência e a investigação pela truculência, Luz vive o desafio de mostrar que a polícia pode ser eficiente no combate ao crime e ao mesmo tem-

po, respeitar as leis. Satisfeito com os últimos resultados da ação de polícia — a prisão, anteciente, de Miltinho e o resgate, ontem, do empresário Nelson Perez — Luz disse que ainda era cedo para qualquer comemoração. Mas para ele, as duas ações comprovam que o melhor caminho para o sucesso do trabalho é a investigação. — Temos que acumular dados e depois partir para as operações. Nos dois casos, a investigação foi primordial para os resultados positivos. Com mais investigação chegaremos em outros pontos — disse ele. Luz elogiou o trabalho do delegado Alcides lantorno de Jesus, titular da Divisão de Repressão a Roubos e Furtos Contra Estabelecimentos Financeiros (DRRFCEP), que, com sua equipe, prendeu Miltinho. Ele acrescentou que o fato de alguns vítimas de seqüestro estarem sendo libertadas não significa que as investigações sobre esses casos estejam concluídas. — Enquanto houver seqüestros, o trabalho continua. Ele só vai terminar quando todos os crimes forem

Pelos buracos do 'queijo suíço' entra qualquer contrabando

Depois de se debruchar sobre o problema da falta de segurança no Porto do Rio, o próximo passo do Governo é acabar com a velha imagem de que o aeroporto internacional do Rio tem tantos buracos que parece um queijo suíço. A expressão, atribuída ao delegado Romulo Tuma, ex-diretor da Polícia Federal, foi confirmada por um relatório elaborado em 1988 pelo extinto Serviço Nacional de Informações (SNI). Durante quatro meses de trabalho no aeroporto, três agentes do SNI mapearam todos os buracos do queijo suíço, apontando no relatório três grandes modalidades de ação de contrabandistas e traficantes de drogas e armas: "com o envolvimento de elementos de fiscalização alfandegária; com a colaboração de policiais federais; e com a participação de funcionários de companhias aéreas e pessoal de apoio".

Entre os principais buracos do queijo suíço, segundo o relatório, estão o "esquema courriers", usado por empresas internacionais para contrabando de pequenas quantidades e remessa ilegal de dólares; e a "inspeção colis postaux", envolvendo funcionários da BCT para transportes, com correspondência, de volumes de até 30 quilos. Outros esquemas apontados no documento do SNI envolvem policiais federais que têm acesso à área de fiscalização da Alfândega; e funcionários de companhias aéreas, que deixam mercadorias em setores de desembarque de carga, onde as etiquetas são trocadas por outras de vózes nacionais, para que os volumes não passem pela Alfândega. Foi outro esquema de contrabando, envolvendo funcionários do Forção de Vigilância (FV), que dá acesso ao pátio das aeronaves: por ali entram quantidades de empresas transportadoras, que retribuem grandes volumes de carga, sem passar pelo posto da Receita Federal.

Em 4 de fevereiro de 84, a prisão de um policial civil — o detetive Luis Eduardo Sato — com drogas e munição, no Morro do Andará, mostrou que as armas entram no Rio pelos buracos do queijo suíço. Sato e um colega da polícia levavam 22 quilos de munição e 16 mil balas para entregar aos traficantes do morro. A munição, com correspondência, de volumes de até 30 quilos. Outros esquemas apontados no documento do SNI envolvem policiais federais que têm acesso à área de fiscalização da Alfândega; e funcionários de companhias aéreas, que deixam mercadorias em setores de desembarque de carga, onde as etiquetas são trocadas por outras de vózes nacionais, para que os volumes não passem pela Alfândega. Foi outro esquema de contrabando, envolvendo funcionários do Forção de Vigilância (FV), que dá acesso ao pátio das aeronaves: por ali entram quantidades de empresas transportadoras, que retribuem grandes volumes de carga, sem passar pelo posto da Receita Federal.

À inspeção na área do Aeroporto Internacional não é privilégio do setor civil: até a Base Aérea do Galeão, da Aeronáutica, foi ameaçada por traficantes a 24 de outubro do ano passado, quando desembarcou ali o então ministro da Justiça, Alexandre Dupuyrat, que vinha ao Rio discutir medidas de apoio do Governo federal para o combate ao crime organizado. Presos que se identificaram como traficantes do Comando Vermelho telefonaram ameaçando invadir a base aérea. Tropas de Aeronáutica foram mobilizadas, mas a ameaça não se concretizou. Se fora do Aeroporto Internacional a inspeção é grande, com muitos setores a ficar nu-

levam turistas pela Linha Vermelha, do lado de dentro a situação não é melhor. A desatualização do Serviço de Atendimento ao Turista (SAT) — uma espécie de delegacia do aeroporto, que perdeu sua autonomia e passou a ficar vinculada à 3ª DP — faz com que aumentassem os furtos e roubos dentro do aeroporto. Nos primeiros 15 dias do mês de setembro deste ano, houve 21 furtos no Aeroporto Internacional, contra apenas 23 casos no período de janeiro a julho. No estacionamento, roubos e furtos de carros são frequentes. Arrombamentos de veículos são mais comuns no estacionamento privativo dos funcionários das companhias aéreas. Para melhorar a segurança no Aeroporto Internacional, a Alfândega inaugurou no dia 23 do mês passado dois novos aparelhos de raios X, que permitem examinar as malas sem abri-las. Os equipamentos mostram quando há objetos metálicos — principalmente armas — nas bagagens.

Continua na página seguinte

Matéria 5: 12/11/1995

Domingo, 12 de novembro de 1995

O GLOBO

2ª EDIÇÃO

Rio • 27



MC Marcinho, em frente à casa onde vive com a família, em Duque de Caxias: dinheiro e enorme popularidade com o 'Rep do Solitário'

# Os emergentes da favela

AVIANO ANDRÉ MORTTA

Essa é uma história que o GLOBO vai contar. Fala de uns garotos que só gostam de cantar. Eles nasceram na favela. Se dizem sangue bom. Viraram MCs. E tão ganhando um dinheiro.



Adicione um ritmo martelado e grite bem alto "Se liga, DJ!". Como dizem os próprios, vai abalar. No ritmo do funk, dezenas de jovens pobres do Rio estão conhecendo fama e fortuna à custa dessa música monocórdica.

— Chatterina, segundo o músico de 30 —, adaptada dos guetos americanos para a vida real das favelas cariocas. Estrelas dos bailes funk e dos sons das mesinhas, os MCs (Iniciais de Masters of Ceremonies) estão MP — de muito prósperos.

## A mais jovem rapper do Brasil

Era rock, mas serve direitinho no meio do rap. O destino de MC Cheyenne é ser star. Ela iniciou sua carreira de rapper há um ano, é a estrela da viciandança, passa os fins de semana fazendo shows pelo Estado — e só tem oito anos. Na 1ª série da escola Municipal Lúcia Alcino, na Gávea, Cheyenne Natasha Silva e Souza arrasa nos palcos cantando o rap que leva seu nome. Ela é só vocalista das músicas compostas por sua mãe, a secretária Lúcia Helena Alcinarra. Família que faz rap unida permanece unida — na Rocinha, onde a rapper mora com os pais, cinco irmãos e uma prima.

— Adoro cantar e um dia vou ser como Curuca e Tuzinho, Goyote e Raposo e Clitinho a Poca — desliza Cheyenne, que frequenta os bailes na Rocinha como funkera comum.

Há alguns meses fazendo shows profissionalmente, a mais jovem rapper do Brasil, anda ganhando cerca de R\$ 8 mil na noite atividade. Quase tudo vai para a caderneta de poupança, mas uma parte ela usa para ser criança e comprar o brinquedo que mais gosta — bonecas, muitas bonecas. O pai de Cheyenne, Valdir Francisco de Souza, um vendedor desempregado que viu produtor da filha, quase explode de orgulho.

— Ela ainda é uma criança e não se sente MC — coruja ela — só canta quando eu e a mãe estamos com ela.

Nos shows, a pequena Cheyenne aproveita para tirar fotos e pegar autógrafos com seus colegas. Para ela, essa história toda é uma festa.

Continua na página seguinte

## DE DETATIVOS

**BECHARA JALKH**  
Investigações civis e criminais para fins empresariais e pessoais.  
Equipes especializadas usando os mais modernos equipamentos para apuração da verdade.  
Rua Cláudio Biaz, 25 - Cx. 1509/11  
Tel.: (021) 221-2900

Jogar futebol deixou de ser a melhor opção para os pobres prosperarem. O ofício de MC viciandança, com mais rapidez e eficiência, o sonho de ganhar dinheiro, ajudar os parentes, ajuntar a casa e realizar alguns desejos de consumo antes impossíveis. A quantidade de bailes, a paixão do público e o fôlego dos MCs para fazer dezenas de shows por fim de semana compõem a equação que permite até enriquecer em alguns casos.

O melhor exemplo é o hit do momento. Autor do "Rap do Solitário", MC Marcinho faz 20 apresentações semanais, recebendo, em média, R\$ 1.200 por cada uma. Metade disso é o cachê dele, que põe no bolso R\$ 12 mil por semana — R\$ 48 mil por mês. Mais exatos, só um cometa. Des gratos.

Márcio André Nepomuceno Garcia é um adolescente de 18 anos nascido e criado em Lauriano, comunidade miserável de Caxias, que continua jogando

bola na rua de terra, em frente à casa pequena onde mora com a mãe, o padrasto, dois irmãos e a avó. A construção é humilde, mas, dentro, está tudo movinho — móveis, TV, som e videocassete. O grande sonho vai se materializando às segundas-feiras, dia da mãe do solitário cumprir o ritual de depositar na poupança o dinheiro que o filho ganha nos fins de semana. Marcinho quer uma casa no bairro 25 de agosto, o must de Caxias.

— Mas meu sonho é morar na Tijuca — suspira o MC mais popular da hora, que estudou até a 8ª série e só outro dia trabalhava numa estamperia. Hoje ele é reconhecido na rua, dá autógrafos e beijos e nos shows é agraciado por mulheres em absoluto delírio. Solitário, só por opção.

Aliás, nem isso. Marcinho criou seu rap na favela, após ter sido abandonado por uma namorada. De tempos mudaram e hoje ele é feliz namorando Cacau, a MC mais bem-sucedida do funk.

Cláudia Mendes dos Santos tem 21 anos e mora na Rocinha com a mãe, dois irmãos e a filha, Letícia, de 5 anos. Cacau e Marcinho se conheceram, claro, num baile funk há um ano, e se apaixonaram. Autora do "Rap do Baile", MC Cacau não tem do que reclamar. Seu cachê é de R\$ 450 por show, e ela faz 14 por semana. São R\$ 25.200 mensais. Já deu para a mãe da moça pendurar a vassoura e largar a vida de faxineira. Em 96, Letícia vai para uma escola particular. Melhor que a mãe.

— Tive de parar na 2ª série — confessa, com um sorriso no rosto ainda adolescente.

O próximo projeto de Cacau é ir embora da Rocinha, onde mora há três anos.

— Quero ir para um lugar melhor — planeja. — Cordovil, por exemplo.

Quando conseguir — e pelo jeito não vai demorar muito —, Cacau poderá repetir o embelama de todos os funkeros: Fui!

# PROMOÇÃO DE PLÂ



**YASHICA MG MOTOR** 3 x **24,50**  
com flash embutido = **73,50**  
à vista **69,00**

Apresente esta edição até 18/11/95.



- |  |   |
|--|---|
| <b>ZONA SUL/FAZENDA CENTRO</b><br>PAINEMA Yndira da Moraes 05<br>COPACABANA Barão Ribeiro 402<br>COPA II Av. N. S. do Copacabana 360<br>COPA POSTO 6 5ª Ferraria 44<br>LEBLON Av. Alameda de Rêve 19<br>KOTAFOPDO Valadouro da Pádua 448<br>L. MACHADO Min. Torres Lira 72<br>CENTRO Rio Branco 193<br>URUJUBIANA Uruguaiana 10<br>VIA PARQUE SHOPPING<br>MARRA SQUARE | <b>ZONA NORTE</b><br>TIJUCA Candeia Bonfim 344<br>TIJUCA II Rua Uruguaiana 218<br>V. IJABEL 28 de Setembro 134<br>MÉIER Duque de Caxias 119<br>MÉIER II Galathea Oxford<br>BONFUCESCO Cordeiro de Moraes 173<br>ILHA Estrada de Gáudio 2700<br>CACUA Estrada de Caxias 170<br>ILHA PLAZA SHOPPING<br>PENHA Av. Brás da Pin 90<br>MADUREIRA SHOPPING |
| <b>ZONA OESTE/FAZENDA RECOURVA</b><br>CANHO GRANDE Canal Agnelinho 18<br>BANGU Av. Santa Cruz 4396<br>FREQUENTIA Estrada de Joozengrad 7655  | <b>MÉIER</b><br>CARAI Coruja 92<br>IGARAI Moreira César 265<br>CENTRO IV Lopes Tronco 137<br>PONSICA José Clemente 73<br>CENTRO II Anselmo Pádua 43<br>ITAPU Estrada de Itaipu 1200   |
| <b>GRANDE RIO</b><br>S. J. DE NEVES União Shopping<br>DUQUE DE CAXIAS Nuno Alves 14<br>NOVA IGUAÇU 13 de Maio 158<br>RIO VILLE SHOPPING  | <b>OUTRAS CIDADES</b><br>PETROPOLIS Shopping Sushora<br>TERESÓPOLIS Rua Duque de Caxias 47<br>CAMPOS Rua Tree de Maio 56<br>JUIZ DE FORA Rua Miler Moore 194  |

**Concurso para TJ: Organização Judiciária**  
A equipe pedagógica da Degrau Cultural apresenta o concurso de Organização Judiciária para o concurso do TJ. Edição limitada. Adquirir seu exemplar o quanto antes. Informações: Centro 1 (Praça Mahina Gandhi, 225 andar - Chancelaria - 220-2115); Centro 2 (Rua da Milagrosa, 802 andar - 242-2525 e 252-1319); Copacabana (Av. N. Sra. Copacabana, 607/608/609 - 235-1790); Madureira (Shopping Teff, Subterrâneo 10 - 258-0020); Méier (Rua Constante Barboza, 140/140A - Cx. 286-2286); Campo Grande (Av. Casarão de Melo, 3.000/219); Niterói (Rua São Pedro, 151/150/151 - 719-0551).  
Degrau Cultural

# ultrabarato!

**ESTES E VÁRIOS OUTROS TÍTULOS**

ELIS REGINA	GILBERTO GIL	ROUPA	MILTON	IVAN LINS	RAUL	CAETANO	LEILA	CHITÃOZINHO
ELIS REGINA	GILBERTO GIL	ROUPA NOVA	MILTON MASCIMENTO	IVAN LINS	RAUL SEIXAS	CAETANO VELOSO	LEILA PINHEIRO	CHITÃOZINHO E XORORÓ

**R\$ 9,80** cada

CHICO BUARQUE	JORGE BEN	MARINA	ZIZI POSSI	BOCA LIVRE	BELCHIOR	CHIEIRO DE AMOR	CAZUZA
CHICO BUARQUE	JORGE BEN	MARINA	ZIZI POSSI	BOCA LIVRE	BELCHIOR	CHIEIRO DE AMOR	CAZUZA

**R\$ 10,90** cada

ARAKETO	MARIA CAREY	MARTINHO DA VILA	DESREE	XIXDA	RAP BRASIL 2
ARAKETO	MARIA CAREY	MARTINHO DA VILA	DESREE	XIXDA	RAP BRASIL 2

**R\$ 12,50** cada

ENGENHEIROS DO HAWAII	GREEN DAY	HISTÓRIA DE AMOR INTERNACIONAL	EMÍLIO SANTIAGO	RAMMINGS	GRUPO RAÇA	PLANET HIT
ENGENHEIROS DO HAWAII	GREEN DAY	HISTÓRIA DE AMOR INTERNACIONAL	EMÍLIO SANTIAGO	RAMMINGS	GRUPO RAÇA	PLANET HIT

**R\$ 13,80** cada

**3 PORTA CD'S PARA 15. GRÁTIS 1 CD.**

**LOJA VIA PARQUE**  
ABERTA NESTE DOMINGO DAS 16 ÀS 21H.

## ultral & lazer

**PREÇO, PREÇO, PREÇO.**

**CARTÃO = À VISTA.**

Matéria 6: 17/11/1995

Sexta-feira, 17 de novembro de 1995

GLÓBO

2ª EDIÇÃO

Rio • 15



# Campanha pede que o Rio largue as armas

A campanha pelo desarmamento está de volta às ruas. A 11 dias da passeata Reage Rio contra a violência e pela paz, a Fábrica de Esperança e a Visão Nacional de Evangelização (Vinde) decidiram relançar o movimento criado ano passado. Segundo o pastor Caio Fábio, presidente da Vinde e coordenador da Fábrica de Esperança, em Acari, cerca de 50 mil adesivos com a frase "Rio desarme-se" serão distribuídos pelas ruas da cidade até 20 de novembro. Pelo menos 3.000 camisetas já estão sendo confeccionadas com o símbolo da campanha, criado pelo cartunista Ziraldo. Até o dia da passeata, os organizadores pretendem visitar pelo menos 10 comunidades carentes, para fazer orações e trocar armas de brinquedo por bolas, bonecas e jogos.

Caio Fábio contou que os adesivos da campanha — que estão sendo confeccionados em São Paulo — ficarão prontos no próximo dia 23 e começarão a ser distribuídos imediatamente. As camisetas, com a frase "Amar o Rio é desarmar o Rio", também deverão ficar prontas nos próximos dias. Elas serão vendidas por R\$ 7 na Fábrica de Esperança e em outros pontos do Rio. As 1.500 crianças que estudam nas oficinas da Fábrica de Esperança, mantidas pela Vinde, também vão participar da passeata do dia 20. Caio Fábio contou que já estão sendo organizadas caravanas para levar alunos e funcionários à marcha.

— Nós com certeza estaremos engrossando o movimento de manifestação. Vamos todos de branco, para simbolizar a paz e sinalizar o desejo do cidadão de reagir a essa situação. Caio Fábio aproveitou o relançamento da campanha para pedir a participação de todas as pessoas, mesmo as que não vão poder comparecer à passeata do dia 20. — Todos podem colaborar. Ponham uma fita branca no peito, amarram um lenço branco na antena do carro, pendurem um pano branco na janela. Vamos pintar a cidade de branco. São gestos simples, que mostram que não estamos omissos. E que a nossa luta é pela paz.

— O relançamento da campanha ontem de manhã na Fábrica de Esperança teve o apoio de entidades como o Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e das Mães de Acari. O ato foi encerrado com uma oração pela paz.



Jovens da Fábrica de Esperança, vestidos com a camiseta da campanha, mostram os adesivos que estão sendo lançados contra o uso de armas

## “O Rio precisa de um rolo compressor de paz e de boa vontade”

Caio Fábio, Pastor

— Eu observo que há uma minoria que quer impor as leis, o medo e o terror. É uma minoria violenta, ruidosa. Agora, tenho certeza de que a grande maioria da população é a favor da paz. Então não se pode deixar que essa minoria nos imponha regras de morte. Chegou a hora de le-

## Vestido para protestar

**Grifes aderem à passeata contra violência**

Símbolo da recuperação da auto-estima do Rio, a moda também vai à Candelária no próximo dia 20, pedir a reação da cidade contra a onda de seqüestros que vem assustando os cariocas. O Caderno ELA do GLOBO já convidou cerca de 20 grifes que estão criando estampas para camisetas alusivas ao tema da violência. Grifes ainda não contactadas e que querem se en-

gajar podem enviar sua camiseta para GLOBO até a tarde de segunda-feira, dia 20. Na edição do dia 25, o ELA mostrará a quem a moda deseja para o Rio.

— Já está provado que a sociedade pode participar da luta contra o crime, disse a estilista Mary Zeide.

Entre as marcas cariocas que já confirmaram presença na campanha estão Cavaliô, Essencial, Smuggler, In, Swains, Shop 128, Sléwalk, Cavendish, Equator, Oveum, Grizon, Fruitab, BB Schmitt, Champ, Blue Man, Casa Alberto e o Rio Sul.

## Shoppings anunciam adesão

Os shoppings da cidade estão aderindo ao movimento Reage Rio, contra a violência e pela paz. Pelo menos cinco já manifestaram apoio à caminhada que acontecerá da Candelária à Candelária no próximo dia 20: BarraShopping, São Conrado Fashion Mall, Plaza de Niterói, Ilha Plaza e Rio Off-Price. O BarraShopping, por exemplo, pretende fechar as suas 640 lojas por duas horas, entre as 18h e as 20h, para demonstrar a sua solidariedade à manifestação.

— Nós resolvemos aderir porque achamos importante participar desse movimento — disse Luiz Alberto Quinta, superintendente do BarraShopping. Está na hora de a sociedade civil se mobilizar contra a violência. Tenho certeza de que os nossos clientes entenderão e nos perdoarão por qualquer desconforto, já avisamos ao Movimento Viva Rio que as nossas portas estão abertas para eles. Se qui-

serem distribuir fitas, bandeirinhas ou cartazes no shopping todo a liberdade para isso.

Jussara Nova Raris, superintendente de Marketing do São Conrado Fashion Mall, do Rio Off-Price, do Ilha Plaza e do Plaza Niterói, disse que os shoppings já se engajaram em outras campanhas e não poderiam ficar de fora dessa manifestação.

— Nós já participamos da campanha de doação de alimentos, criando, por exemplo, postos de recolhimento dentro dos shoppings — disse Sueli.

Os vereadores do Rio também estão aderindo à manifestação pela paz. Ontem à tarde, Chico Alencar (PT), Saturnino Braga (PSB) e Leila Maywald (PV) compareceram a receber assinaturas para uma moção de apoio à passeata convocada pelo Viva Rio.

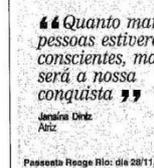
Hoje, o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon) também deverá anunciar sua participação no movimento.

## EU VOU ESTAR LÁ



“Todos têm que entrar nesse barco. Fico tocado quando vejo a união por uma causa”

Luiz Sábios, Carista



“Quanto mais as pessoas estiverem conscientes, maior será a nossa conquista”

Jenêris Diniz, Ator

Passeata Reage Rio: dia 20/11, na Candelária

## A luta do jiu-jitsu pela paz

Os lutadores de jiu-jitsu vão às ruas no próximo dia 28 para mostrar que também são de paz. A Liga Carioca de Jiu-Jitsu — que congrega cerca de 300 acadêmicos distribuídos pela cidade — pretende levar pelo menos 500 lutadores na passeata Reage Rio com faixas condenando a violência e pedindo justiça social. Segundo o diretor jurídico da entidade, Maurício Carneiro, o evento marcará uma nova fase no esporte, que nos últimos meses ganhou o noticiário por causa do envolvimento de seus adeptos em brigas e badernas na noite da rua. Quem paga ao trabalhador um salário de cem reais não tem como impedir que um trabalhador busque amparo no crime organizado — disse Carneiro.

Entre os participantes da ala dos lutadores de jiu-jitsu estará pelo menos um representante da família Gracis, que domina o esporte no Brasil. Diretor técnico da Liga, Carlson Gracie, deverá ser um dos manifestantes que pedirão o fim da violência.

— Queremos dizer que a paz não será alcançada só com a polícia na rua. Quem paga ao trabalhador um salário de cem reais não tem como impedir que um trabalhador busque amparo no crime organizado — disse Carneiro.

Entre os participantes da ala dos lutadores de jiu-jitsu estará pelo menos um representante da família Gracis, que domina o esporte no Brasil. Diretor técnico da Liga, Carlson Gracie, deverá ser um dos manifestantes que pedirão o fim da violência.

## Parentes vão cobrar providências

Um protesto silencioso marcará a passeata Reage Rio. Parentes e amigos de David Kogan — seqüestrado em maio deste ano — formarão uma ala com o objetivo de cobrar uma solução para o caso que os atormenta há quase sete meses. Eles pretendem reunir cerca de 300 pessoas que vestirão camisetas com a mesma pergunta: “Cadê David?”. Vera Dias, mulher de Kogan, disse que espera sensibilizar as autoridades, até agora incapazes de localizar Kogan ou de continuar a investigação de que ele teria sido morto por seus seqüestradores.

— A gente quer uma satisfação do estado. Temos o direito de enterar nossos mortos. Somos pelos jornais que a polí-

cia acredita que David morreu. Quando procuramos os policiais, eles são sempre solícitos, mas na prática nada resolvem — disse Vera.

Além das camisetas, a ala David Kogan também exibirá faixas com slogans cobrando providências. Entre os participantes, estarão amigos e colegas de Kogan da UFRJ, onde ele cursou mestrado, do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) e do Clube de Engenharia. Kogan gradou-se em engenharia e trabalhava como diretor financeiro da DHJ Entreteias, quando foi seqüestrado no dia 5 de maio. Os seqüestradores fizeram o último contato 12 dias depois e desde então a família não tem mais notícias.



Vera Dias, mulher de Kogan

## Mobilização teve início em outubro

A mobilização contra a violência começou com o seqüestro de Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira Filho, que foi levado por bandidos no mesmo dia que Carolina Dias Leite e Marcos Fernando Chiesse, ambos já libertados. No dia 29 de outubro, um domingo chuvoso, amigos e parentes de Eduardo fizeram uma passeata no Leblon pedindo a libertação do estudante e também de Marcos, que acabou sendo resgatado pela PM na quarta-feira dia 12 de novembro. Foi a primeira das muitas manifestações que o Movimento Viva Rio prometeu organizar.

Na terça-feira dia 31 de outubro, parentes e amigos de Eduardo voltaram às ruas do Leblon. Com cartazes contra a violência e ao som de orações e músicas sacras, cerca de cem pessoas marcharam pela orla. Para marcar a reação da sociedade ao crime organizado, o movimento Viva Rio começou a organizar a Marcha da Generosidade, a grande protesto contra a violência que acabou se transformando no movimento Rio Reage.

De lá para cá, a mobilização cresceu. As caminhadas ganharam a adesão de parentes de outros seqüestrados — como Carlos e Ivany Fialho, a Casa da Paz e a Associação dos Evangélicos Brasileiros vai fazer uma chamada na televisão, convidando moradores de todos os clubes para prestigiar o Reage Rio.

O momento é grave. Quero começar a corrida do Botafogo para R\$ 28 ruas no dia 28.

## Samba na Avenida Rio Branco

O samba também levará sua mensagem na passeata Reage Rio, no próximo dia 28. O presidente da Império Serrano, José Marcos da Silva, o Marquinhos, disse ontem que 50 ritimistas da escola deverão abrir a manifestação. Eles deverão o sambão da Avenida Rio Branco para o Carnaval do próximo ano que homenageará a campanha contra a fome liderada pelo sociólogo Herbert (Bethinho) de Souza. Segundo Marquinhos, o convite para que a Império participasse foi feito na semana passada pelo próprio Bethinho.

— Acabamos na hora. É uma honra participar de um movimento tão nobre como esse. Já estou providenciando a confecção de cem mil panfletos com a letra do samba para serem distribuídos entre os participantes da passeata — disse Marquinhos.

O presidente da Império disse que a letra do sambão-encredo parece ter sido feita sob medida

para o Reage Rio. A escola levará para a Marquês de Sapucaí o enredo “É verás que um filho teu não foge à luta”, lembrando problemas como a fome no Nordeste e a luta para erradicar o mal, citando iniciativas como a campanha contra a fome. O refrão do samba diz: “Quero ter a minha terra/Meu pedacinho de chão, meu quintão/Isso nunca foi segredo/Quem é pobre tá com fome/Quem é rico tá com medo”.

Nosso samba tem tudo a ver com o motivo da passeata. Ele é o número um na preferência para fazer parte do movimento será cantado em toda a Avenida Rio Branco — afirmou Marquinhos.

Segundo o presidente da Império, o samba deverá ser puxado na Avenida Rio Branco por Carlinhos da Paz, um dos quatro puxadores da escola. Os organizadores da passeata providenciaram o cartão-de-som que será usado na manifestação, disse Mar-

## Continua na página seguinte

Matéria 7: 24/11/1995

18 • Rio

2ª EDIÇÃO



Sexta-feira, 24 de novembro de 1995



OUSADIA DOS BANDIDOS

# Cocaína na Fábrica da Esperança

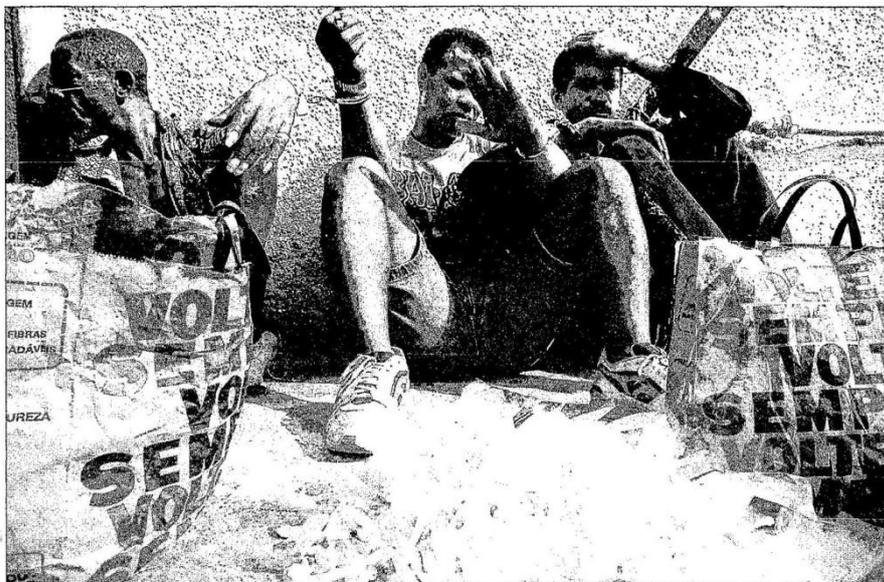
Policiais do 9º-Batalhão da Polícia Militar descobriram ontem que os traficantes da favela de Acari estavam utilizando um forno desativado na Fábrica da Esperança — um projeto social que atende a comunidade — como esconderijo de drogas. Ao revistarem os galpões da Fábrica, os policiais acharam quatro sacos de supermercado com 2090 sacóles de cocaína e 97 trouxinhas de maconha. Além da droga, os policiais trouxeram tiros com um grupo de traficantes que tentava escapar da operação na favela localizada nos fundos da Fábrica da Esperança.

— Não temos como afirmar que há convivência com os traficantes. Mas, talvez por medo, nada tenha sido feito para cobrir esse tipo de coisa — disse o coronel Marcos Paes.

Os policiais do 9º-Batalhão chegaram a Acari às 8h, começando uma operação contra o tráfico de drogas. Enquanto policiais fechavam os principais acessos à favela, outros patrulhavam as vielas tentando encontrar os traficantes. Por volta das 10h, do alto de uma laje, os policiais viram oito homens fortemente armados nos fundos da Fábrica. Nesse momento, os policiais saíram da favela e entraram pelo portão da frente da Fábrica. Dois vigilantes que estavam de serviço ainda tentaram impedir o acesso dos policiais, alegando que antes teriam que solicitar a autorização da direção da Fábrica.

Os policiais forçaram a entrada e ainda trouxeram tiros com os traficantes que estavam dentro do terreno da Fábrica. Depois, os bandidos conseguiram fugir saltando o muro de volta para a favela. O comandante do Batalhão, que estava coordenando a operação, determinou que fosse feita uma minuciosa revista em todas as unidades do projeto.

— Numa cadeira industrial desativada da antiga fábrica Formilac, foram encontrados os quatro sacos com cocaína e maconha. Em outras três mesas estavam escondidos pedaços de uma mesa. Logo que foram presos, Jorge da Silva, Wagner Lima e Jeferson de Oliveira confessaram trabalhar como fogueteiros (homens que avisam a chegada da polícia na favela) no tráfico de Acari. Eles disseram que não sabiam que a droga estava escondida ali e garantiram que se esconderam



Da esquerda para a direita, Jorge da Silva, Wagner Lima e Jeferson de Oliveira, presos quando tentavam se esconder embaixo de uma mesa quando policiais entraram na Fábrica

no interior da Fábrica da Esperança para fugir da ação dos policiais. Na 405DP (Hondro Gurgel), contaram uma outra versão: estavam em frente à Fábrica quando os policiais chegaram atraindo e se refugiaram no interior. A versão dos presos foi desmentida pelos vigilantes que estavam no portão.

A superintendente do projeto, Cristina Cristiano, descartou a possibilidade de haver qualquer tipo de convivência de funcionários da Fábrica da Esperança com os traficantes da favela de Acari.

— Todas as nossas áreas são

deficitárias. Temos uma área de 55 mil metros quadrados e 15 vigilantes que trabalham em turnos. É impossível controlar toda a área. Como vamos saber se traficantes entram ou não pelos fundos da Fábrica?

Diante dos jornalistas, o coronel Marcos Paes demonstrou como é fácil o acesso da Fábrica para a favela. Utilizando uma escada encontrada nos fundos do terreno, ele ultrapassou facilmente o muro de três metros e pulou para a laje de um barraco

da favela. De lá, viu dois traficantes que vendiam cocaína numa rua e fez um disparo. Os traficantes jogaram papeteles de cocaína exatamente na laje onde estava o coronel e fugiram.

Antes de deixar a Fábrica, o coronel Marcos Paes frisou que não descarta a possibilidade de existirem outros locais no interior do projeto que estejam sendo utilizados pelos traficantes tanto para se refugiarem, quanto para esconder drogas. Por isso, ele garantiu novas revistas nas unidades da Fábrica.

## Disque-denúncia aciona PM

O comandante do 9º-Batalhão da Polícia Militar, coronel Marcos Paes, disse ontem que o serviço Disque-Denúncia (223-1177) já havia recebido informações de que traficantes da Favela de Acari estavam utilizando as dependências da Fábrica da Esperança para esconder drogas durante as operações da polícia no interior da favela. De acordo com o coronel, já havia informações de que os traficantes eram vistos com frequência atravessando o terreno da Fábrica.

— Já tivemos denúncias de que os traficantes estavam utilizando a área da antiga torneria e das caldeiras para esconder a droga. O fato é que estamos sempre fazendo operações na favela e não encontramos a droga. Ela deve estar em algum lugar seguro.

Num primeiro momento, o coronel não escondeu suas suspeitas de que poderia haver convivência de funcionários da Fábrica com o tráfico. Depois, ele reduziu a intensidade das críticas.

— Isso aqui é muito grande e fácil de se entrar. De traficantes entram pelos fundos e pelas lajes. É muito difícil que ninguém nunca os tenha visto, mas o local serve muito bem como esconderijo dos marginais.

O delegado Mário Azevedo, da 405 DP (Hondro Gurgel), foi bem mais incisivo e disse não ter dúvidas de que havia algum tipo de convivência por parte de pessoas que trabalham na Fábrica da Esperança.

— Pode ser que eles também sejam reféns do tráfico, que temem medo de fazer denúncias. Mas com a apreensão de drogas, a certeza é que os traficantes estavam lá e a localização está de um alojamento, a situação da Fábrica é muito complicada.

O delegado disse que vai abrir inquérito para apurar se alguém facilitou o trânsito dos traficantes no interior da Fábrica.

ca e, se isso ficar comprovado, os responsáveis pelo projeto poderão responder a processo criminal.

A superintendente da Fábrica da Esperança, Cristina Cristiano, ficou indignada com as suspeitas de que alguém do projeto pudesse estar acobertando a ação dos marginais.

Fomos nós que pedimos à polícia para realizar a varredura nos galpões e terreno da Fábrica. Fomos nós que, espontaneamente, os traficantes tinham utilizado nosso terreno para fugir, mas nunca com a nossa permissão. Nem desconhecíamos que pudesse haver droga escondida aqui dentro.

O assessor da Fábrica e coordenador do projeto Rio Desarmado, André Fernandes de Souza, disse que todos os responsáveis pelo projeto da Fábrica estão envolvidos no movimento contra a violência na cidade e jamais poderiam aceitar qualquer espécie de convivência com o tráfico.

No corredor onde ocorreu o tiroteio entre os policiais e os bandidos está sendo construída uma mesquita para 400 crianças. Acreditado que, se realmente os traficantes estavam aqui dentro, não vão mais voltar. Todos da comunidade nos respeitam muito. Afinal, aqui estão seus filhos e mulheres.

Pouco antes de a polícia se retirar, muitos moradores de Acari foram para a frente da Fábrica. Segundo eles, os policiais foram violentos durante a operação no interior da favela. O próprio comandante do Batalhão determinou que os manifestantes se retirassem.

Quando os policiais deixaram o local, a rádio comunitária da Fábrica da Esperança começou a transmitir uma mensagem explicando aos moradores da favela que a ação da polícia se deu por uma informação passada ao Disque-denúncia.

## Doze favelas ficam ao redor dos 15 galpões

Um projeto do Movimento Viva Rio, a Fábrica da Esperança foi inaugurada em 17 de dezembro do ano passado, com o objetivo de oferecer cursos profissionalizantes, além de atividades culturais e esportivas, aos moradores das 12 favelas que ficam ao redor. A Fábrica está instalada nos 55 mil metros quadrados dos 15 galpões da Formilac, empresa que fechou as portas em 1992. O imóvel foi cedido pelo Forintex, grupo empresarial paulista, à Visão Nacional de Evangelização (Vine), entidade do pastor Caio Fábio de Araújo, que ficou responsável por tocar o projeto social. Na inauguração, foram entoados cânticos evangélicos e lidos trechos da Bíblia.

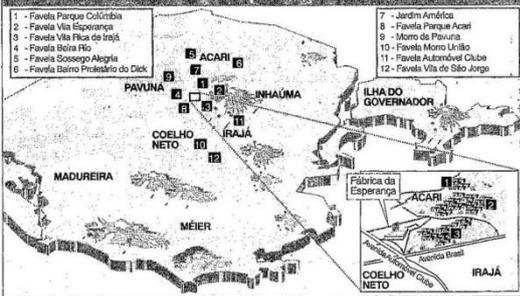
— Não somos salvadores da pátria, mas podemos dar a esperança de que, em três anos, vamos poder atender a 70 mil pessoas — disse Caio Fábio na ocasião.

O projeto chamou a atenção do presidente Fernando Henrique Cardoso que, em 20 de janeiro passado, visitou a Fábrica, onde foi recebido por 100 pessoas. Fernando Henrique quebrou o protocolo durante a visita e, rompendo o cordão de isolamento, distribuiu apertos de mão, para espanto dos segurancas.

— Foi com muita emoção que, ao descer aqui, nesta região de Acari, quebrei um pouco as regras de protocolo e de segurança — explicou ele, errando o nome do bairro.

O projeto social funciona graças à parceria com a iniciativa privada. A escola de informática, por exemplo, inaugurada em setembro, conta com o apoio do Instituto Ayrton Senna. Foi o instituto que doou os 20 computadores da escola e assumiu a responsabilidade pelo pagamento dos professores do curso, que é gratuito.

### Onde fica a Fábrica da Esperança



Assim que foi aberta, a escola já tinha 400 alunos matriculados em 20 turmas para aprender o que é o sistema operacional DOS e como trabalhar com o Windows. Além disso, foram doados outros dez computadores obsoletos para serem usados em cursos de digitação.

— Acreditado que para mudar as condições de vida das crianças pobres é preciso dar oportunidades — disse Viviane Senna, presidente do Instituto e irmã de Ayrton Senna. — Ayrton foi um exemplo de talento que teve oportunidade.

O apoio à Fábrica da Esperança vem também do exterior. Durante os meses de agosto e setembro, por exemplo, cinco jovens ingleses e dois irlandeses trabalharam no local, pintando galpões e fazendo a limpeza de um terreno nos fundos da fábrica, para que a área pudesse ser utilizada

em festas comunitárias. Os jovens, com idades entre 20 e 27 anos, integravam a organização não governamental Latin Link, de evangélicos que se dispõem a participar de programas comunitários na América Latina. No período em que ficaram no Rio, eles moraram num igreja evangélica em Corcovil.

O grande susto para quem trabalha ou estuda na Fábrica da Esperança aconteceu em 8 de junho. Nesse dia, um incêndio destruiu um depósito de 800 metros quadrados. O fogo inutilizou 700 máquinas de fotocópia que seriam usadas num curso profissionalizante. Um funcionário que soldava uma peça de metal foi responsável pelo incêndio: enquanto ele trabalhava, uma fagulha caiu em pedacos de isopor e as chamas se espalharam. Logo atingiram as caixas de isopor que embalavam as má-

quinas de fotocópia. A solidariedade impediu que o incêndio atingisse o prédio principal da Fábrica. Como os bombeiros demoraram 25 minutos para chegar (o carro-pipa deles estava sem água) e não tinham equipamentos adequados para combater as chamas (as mangueiras, por exemplo, estavam furadas), moradores de oito favelas se uniram para evitar uma tragédia maior. Convocados pelos dirigentes das associações comunitárias, os voluntários usaram baldes, extintores e mangueiras de jardim para ajudar a controlar o fogo.

— Não vamos parar o programa — avisou Caio Fábio na época. — Mesmo num incêndio, a Fábrica da Esperança é uma unidade de solidariedade.

Continua na página seguinte.

## Matérias Setembro de 2002:

### Matéria 1: 01/09/2002

22 • RIO

O GLOBO

Domingo, 1 de setembro de 2002

**CIDADE PROIBIDA: Reforço no patrulhamento, rondas e cabine da PM não são suficientes para afastar o medo**



VISTA DA Pedra do Arpoador, um dos trechos mais famosos do litoral da cidade: observar o pôr-do-sol e mergulhar no mar à noite são programas cada vez mais deixados de lado pelos cariocas por causa da violência

Patricia Faria

Alguns coisas está fora da ordem e o carioca sabe muito bem disso. A Avenida Niemeyer, exuberante em belezas naturais, sempre foi considerada o caminho mais bonito para fazer a ligação entre Leblon, São Conrado e Barra da Tijuca. Era um pouquinho do Príncipe de Mônaco no Rio de Janeiro. Era de uns anos para cá, a violência tem afetado o cenário e turistas da avenida. Não que a saída esteja na Auto-Estrada Lagos-Barra. Ali, há as lutas montadas por bandidos no Túnel Zuzu Angel também apavoram os motoristas.

A corretora Flávia Guilherme, de 25 anos, tomou uma decisão radical em sua vida: não passa mais pela Avenida Niemeyer, seja de dia ou de noite. O medo da violência fez da simpática carioca, moradora da Barra da Tijuca, uma pessoa mais preocupada, principalmente quando o assunto é diversão. Ela conta que, quando tem alguma festa ou programa com os amigos na Zona Sul, planeja tudo antes de sair: o trajeto que fará e como agirá se o Túnel Zuzu Angel estiver

fechado na hora de voltar. —Hoje vivo entre a cruz e a espada. Na hora de sair, tudo é festa. Mas, se o túnel estiver fechado, fico preocupada, já que pela Niemeyer não passo mais de jeito nenhum. Muitas vezes acabo dormindo na casa de amigos e volto no dia seguinte. É uma questão de sobrevivência. Tenho de pensar de passar por ali, principalmente à noite.

**Ronaldo teve carro roubado em fevereiro de 2001**

Em fevereiro do ano passado, o craque Ronaldo viveu momentos de terror quando teve a sua BMW roubada por cinco homens armados. Ele ficou a pé na Avenida Niemeyer. Em abril deste ano, o jornalista Pedro Bial, da Rede Globo, escapou da morte na Niemeyer. Ele foi perseguido por bandidos e teve seu carro roubado. Bial levou uma coronhada e um dos ladrões ainda atirou contra ele. O tiro, no entanto, não o atingiu; passou próximo ao ouvido esquerdo. O jornalista se fingiu de morto e ficou caldo na avenida. Depois disso, a polícia intensificou o policiamento entre Leblon e São Conrado. Mesmo assim, muita gente deixou

de passar por ali, principalmente à noite.

Um dos pontos mais agradáveis da cidade é o Mirante do Leblon. À noite, no entanto, muita gente garante, dá medo. No ditão quinta-feira, junto ao quiosque da Tia Sônia, grupos aproveitavam despreocupadamente a beleza da vista. A polícia faz rondas com frequência na região e instalou uma tenda do polígono de segurança na Avenida Visconde de Albuquerque. Essas medidas, no entanto, não foram suficientes para espantar o medo depois dos crimes ocorridos no lugar. O gatcho Gabriel Ribeiro, há dois anos no Rio, disse que só vai ao mirante de dia.

— Não me sentiria seguro. Por isso, não venho à noite. Marisa Mattos, que trabalha no quiosque há cinco anos, conta que, quando turistas vão ao lugar, é comum a pergunta: — Aqui é perigoso? A frieza dos bandidos chocou a cidade quando, em julho de 1994, o estudante Sérgio Augusto Travassos de Figueiredo, de 21 anos, foi morto com um tiro na cabeça no mirante. Ele estava namorando quando foi abordado por assaltantes. Um

deles chegou a dirigir o carro por cerca de 500 metros sentado no corpo do rapaz. Em 20 de setembro de 1999, traficantes do Vidgal seguiram até o Mirante do Leblon de madrugada para um acerto de contas com outro traficante que tomava cerveja ali. Os bandidos alforaram contra várias pessoas, matando duas e ferindo três.

**Menores assaltaram arquiteta no Arpoador**

O pôr-do-sol no Arpoador é lindo e os mergulhos noturnos viraram moda. Mas está cada vez mais difícil aproveitar a beleza da natureza naquele trecho da orla carioca. Apesar de uma cabine da PM ficar em frente à vizinha Praia do Diabo, roubos acontecem até durante o dia. A arquiteta Viviane Pontes, nascida e criada em Ipanema, teve sua bicicleta roubada por menores há dois anos. O crime aconteceu às 20h. Desde então, desistiu dos mergulhos. — Eu nunca pensei que isso fosse acontecer. Agora, não vou mais ao Arpoador à noite. Tiraram isso de mim e moro em Ipanema há 28 anos — queixa-se Viviane. ■



A CORRETORA Flávia Guilherme: "Pela Niemeyer não passo mais"

## Carioca perde bom humor e tem medo até de sair à rua

Historiador lembra época em que o problema de Ipanema era um sinal de trânsito e o Rio só tinha 4 homicídios por mês

Mucio Bezerra

Porto importante do Brasil desde o século XVI, o Rio deixou de ser navegável em toda a sua extensão de 1.261 quilômetros quadrados graças à violência que, de uns 30 anos para cá, distanciou e definiu suas margens. Assim, por exemplo, naufragou a tranquilidade do caríssimo arquiteta Jaguar, boêmio de cartela nos anos 70, que hoje não sai mais de casa à noite, porque ficou escaldado, depois de ter sofrido cinco assaltos nas ruas da cidade.

A margem do Rio onde Jaguar transitava hoje está limitada entre o nascer e o pôr do sol — espaço de tempo esquálido para um boêmio que, quando a cidade não vivia de mãos ao lado, costumava vanar a pé, na madrugada, com seus amigos atores Paulo César Pele e Hugo Carvana, o caminho da Florentina até a Galeria Alaska, em Copacabana.

Nas margens do Rio, estão os dois lados da questão que, da mesma forma como desequilibraram os hábitos do humorista Jaguar, mudaram a maneira de agir do carioca, outrora sinônimo de criatividade bem-humorada, cordial e prestável. Era uma marca registrada há séculos, que corre o risco de perder a patente por causa da violência e das diferenças: cerca de 20% dos seis milhões de habitantes daqui vivem em favelas — lugares de risco para os demais moradores da cidade. Para Jaguar, o

**"A cidade tem desigualdade de direitos e deveres nas classes sociais"**

ROBERTO KANT  
Antropólogo

perigo não está somente nas comunidades pobres, mas em qualquer ponto do Rio:

— O problema da violência está em toda parte do Rio. Outro dia mesmo, quando andava na rua e despetei que ia ser assaltado, peguei carona e entrei num comboio de pessoas na calçada para chegar em casa.

Na opinião do psicanalista Alberto Goldin, o comportamento do carioca ficou diferente do que era antigamente, porque a sociedade muda de acordo com a situação. — A guerra influencia o comportamento das pessoas por muito tempo, mesmo depois que acaba. Mas acho que o carioca não mudou na essência, não ficou amargurado por causa da violência. Só mudou o comportamento exterior, mas continua cordial.

Para o antropólogo Roberto Kant, a propalada cordialidade atribuída aos cidadãos da cidade não mudou na essência, não ficou amargurado por causa da violência. Só mudou o comportamento exterior, mas continua cordial. — Apesar de o Rio ter indústrias de peso, sempre colocam

no carioca essa imagem do malandro cordial, bem-humorado, uma imagem conveniente para o turismo. Mas é preciso ver que a Zona Sul está cercada pela cidade e faz parte dela. Desde a década de 70, os condomínios da Barra vêm sendo cercados e, neles, não é qualquer um que pode entrar. A cidade tem desigualdade de direitos e deveres nas classes sociais — diz Kant.

Segundo o historiador Milton Teixeira, desde 1965, quando a cidade foi fundada, o Rio sempre foi um porto por onde chegaram os imigrantes de diversos países, as idéias e as novidades. O bom humor, de acordo com ele, é uma característica do carioca. O historiador contou que, em 1958, os repórteres de polícia tinham dificuldade de encontrar notícia diariamente, porque naquele ano só ocorriam, em média, quatro assassinatos por mês: — Naquela época, definitivamente não era bom negócio ser repórter policial. Não havia muito assunto. Em outro período, já estamos em 83, o Lions Club promoveu um seminário para discutir os problemas de Ipanema. Depois de muitas horas de discussão, chegou-se à conclusão de que o maior problema de Ipanema era um sinal de trânsito desregulado.

A violência também mudou os hábitos do historiador. Na quinta-feira passada, ele preferiu uma palestra em Santa Teresa. Foi para lá com três horas de antecedência para não chegar no bairro ao anoitecer. ■

CORPO A CORPO

GILBERTO VELHO

### "O cidadão deixou de usufruir da cidade"

• Ao perder o direito de ir e vir, o carioca tem sua cidadania roubada, segundo Gilberto Velho, de 56 anos, professor titular de Antropologia Social do Museu Nacional, da UFRJ. Morador de Ipanema, ele conta que não se sente mais seguro nas ruas onde antes caminhava sem medo.

Paulo Marquês

O GLOBO: O carioca está deixando de ir a determinados lugares da cidade por causa da violência. O que o senhor acha disso?

GILBERTO VELHO: Estamos sendo roubados da própria cidade. Não é uma questão de lugar, de hora. Deixar de sair à noite, por exemplo, é hoje um fenômeno generalizado no Rio. Douros de restaurantes e casas noturnas são os primeiros a falar sobre isso. Não sou tão idoso assim, apesar do meu nome, mas, há 30 anos, podia andar de madrugada pelas ruas da Zona Sul, como a Vieira Souto, a Dellim Moreira, sem que nada acontecesse. O cidadão deixou de usufruir de sua cidade. O carioca perdeu um pouco da cidadania.

• O senhor evita algum lugar da cidade? VELHO: Constantemente. Difícilmente chego em casa depois de meio-noite ou uma hora da manhã. Se alguém me convida para ir a um evento cultural, à noite, em Santa Teresa ou na periferia da cidade, dificilmente eu irei. Antigamente, quando ia a um acontecimento no Leblon, por exemplo, podia voltar a pé para casa, em Ipanema. Hoje eu pego um táxi.

• O senhor acha que isso acontece por causa da violência, por causa do que as pes-

soas ouvem ou têm ou por preconceito? VELHO: É evidente que pode haver imaginação preconceituosa mesmo. Alguém pode mostrar que a periferia da Zona Norte tem menos assaltos do que a Zona Sul. O próprio GLOBO noticiou que outro dia uma pessoa impediu um assalto e foi perseguida. Agora está pedindo proteção à polícia. E isso aconteceu na Visconde de Pirajá, às 17h. Existem alguns lugares, sim, em que você fica mais preocupado, mas insistiu que o fenômeno é generalizado.

• Existe algum lugar em que se sinta tranquilo? VELHO: Dentro de um prédio, num condomínio, talvez.

• Nem no shopping? VELHO: Talvez num shopping. Mas tem que conseguir chegar até ele. Hoje, quarteis são assaltados, igrejas são assaltadas.

• Por que as pessoas evitam determinados lugares? VELHO: Evidentemente existe uma hierarquia do perigo. Então as pessoas vão organizando seus mapas. Os mapas não são únicos. São diferentes trilhas.

• O carioca sempre foi conhecido por ser extrovertido, festeiro, gostar de praia, de lugares abertos. O senhor acha que a violência está mudando o comportamento? VELHO: Realmente isso piorou muito. Hoje, se você anda na rua e uma pessoa pára para perguntar a hora, você já pensa que está sendo assaltado.

## Matéria 2: 08/09/2002

Domingo, 8 de setembro de 2002

O GLOBO

19

RIO



# Favela partida

Tráfico perde apoio, começa a ser denunciado e usa o terror para manter o poder

Elenice Bottari e Paulo Marqueto

A cada 20 minutos, uma pessoa liga para o Disque-Denúncia para dar a localização de "bocas-de-fumo" ou relatar violências praticadas pelos traficantes. Se há 20 anos os chefes da droga no Rio conquistavam o silêncio de moradores com uma prática assistencialista, pagando enterros, distribuindo cestas básicas e, às vezes, fazendo o papel do estado, essa relação mudou. Hoje eles se impõem apenas pelo terror, deixando cerca de um milhão de moradores reféns do medo e da violência.

A mudança na relação entre traficantes e comunidades é refletida nas estatísticas do Disque-Denúncia: hoje 38,2% das 300 ligações diárias que a entidade recebe são sobre tráfico, um aumento de quase 6% em relação a 1998. O fenômeno não é resultado de qualquer política de segurança pública. Para a inspetora Marina Magessi, chefe do Setor de Investigações da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), a mudança no perfil dos traficantes de droga é a principal razão do rompimento entre tráfico e favela:

— Os traficantes nos anos 80 eram mais velhos, não consumiam drogas e eram oriundos da comunidade. Hoje eles estão mais jovens, começam a cheirar cocaína muito cedo, tornando-se agressivos desde do ao vício, e muitos não cresceram na favela. São invasores — afirmou.

## Um exército de 7 mil jovens traficantes

• Um levantamento do Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (Ibiss) para descobrir o número de jovens envolvidos com o tráfico revelou que 5.369 pessoas menores de 18 anos trabalham armadas em 337 "bocas-de-fumo", na Região Metropolitana do Rio. O trabalho mostra ainda que, de forma direta ou indireta, o número de jovens ligados ao tráfico pode chegar a sete mil.

Segundo Marina Magessi, a terceirização do crime também influenciou essa mudança de comportamento:

— O tráfico era limitado à favela e o traficante revestia parte de seus lucros para beneficiar o local. Agora, eles são de fora, muitas vezes controlam várias favelas e não têm respeito pela comunidade.

• O delegado-adjunto Carlos Henrique Machado, da Delegacia de Homocídios, afirma que atualmente a prática nos mortos é de intimidação:

— Tortura, espartejamento e incineração de corpos fazem parte do terror que esses traficantes impõem nas favelas para que os moradores tenham medo de denunciá-los.

Segundo cálculo do presidente da Comissão contra a Violência e a Impunidade da Assembleia Legislativa, deputado Carlos Minc, 130 líderes comunitários foram mortos pelos traficantes de drogas nos últimos dez anos. De acordo com o levantamento, 300 líderes foram



Y, DE 18 ANOS: "Havia meninos de 11 anos na 'boca'. Criança, em favela, fica esperta cedo. Logo sabe o que é tráfico"

expulsos de suas favelas e 520 acabaram cooptados pelo tráfico.

Os moradores estão mais revoltados e estão denunciando mais, é verdade. Mas, por outro lado, a economia da droga conta com uma base importante. Numa favela de 30 mil pessoas, pelo menos 10%, ou seja, três mil pessoas, vivem do comércio da droga — assinala Minc.

O procurador-geral de Justiça, José Mútilos Pinheiro, lembra que a atividade assistencialista exercida pelos antigos traficantes era caracterizada por uma relação afetiva com a comunidade:

— Como já acontecia e ainda acontece com os chefes do jogo do bicho. Hoje essa relação foi radicalmente modificada pela atomização e clima beligerante impostos pelos chefes do tráfico. As famílias das comunidades desconfiam dos filhos que se tornaram traficantes. Eles não aguentam mais. Somente o ingresso do poder público nas favelas resgatará a credibilidade do estado e estimulará as comunidades a não apertarem os braços contra o tráfico, mas a ajudarem o poder público a enfrentá-lo.

Moradora da Cidade de Deus, X, conta que já perdeu parentes e amigos envolvidos com o tráfico:

— Eu moro 30 anos na Cidade de Deus. Mas só quando fui trabalhar no Clep, e vi aluno querendo ir armado para a escola, percebi que não conhecia nada da Cidade de Deus.

A coordenado-

ra da 1ª Central de Inquéritos, Mônica Di Piero, diz que a perda de valores éticos da sociedade e a falta de oportunidades são responsáveis pela entrada de pessoas cada vez mais jovens no tráfico:

— Na verdade, a sociedade está perdendo valores éticos e morais. Quando a gente vai em cima dos pais desses jovens envolvidos no tráfico, acusando-os de abandono material, eles dizem que tudo que o filho quer é dinheiro e que dinheiro no morto quem tem é o traficante.

## Armas, drogas e sensação de poder

• Segundo a inspetora Marina Magessi, os jovens seduzidos pelo tráfico vivem a ilusão de poder:

— São viciados, armados, agressivos, vivem a sensação de poder. Estão brincando de polícia e ladrão. Os ícones desses adolescentes são marcas famosas, siglas de facções e armas.

A vereadora Jurema Batista, professora, ex-moradora de favela e líder comunitária, comprovou essa experiência ao encontrar um ex-aluno que se tornou traficante:

— Eu fui professora dele no CA. O menino tinha uma dificuldade danada para aprender. Respeto o ano tantas vezes que acabou saindo da escola e entrando para o tráfico. Um dia o encontrei no

morro e disse: "Isso não dá futuro, menino. Assim você não chega nem aos 60". E ele me respondeu: "Tu ju, eu não quero chegar aos 60. Prefiro viver seis meses e poder comprar um tênis Nike, tomar iogurte e dar uma calça para a minha nanorada".

O rapaz, que tinha 17 anos na época, morreu antes dos 18.

Alguns, que já conheceram o inferno do tráfico, se esforçam para trilhar outros caminhos. Y, de 18 anos, começou a vender droga aos 14. Mas havia "soldados" até mais jovens:

— Havia meninos de 11 anos na "boca". Criança, em favela, fica esperta cedo. Logo sabe o que é tráfico.

Filho de uma família pobre da Baixada Fluminense, Y, que hoje ganha R\$ 350 como contínuo, vai contando as histórias de sua infância e adolescência, todas impróprias para menores. Confessa que cheirou cocaína loucamente e até já matou.

— Para o tráfico, a vida não vale nada. Você pode matar ou morrer por uma dívida de R\$ 1.

COLABOROU Pedro Dantas

• TRÁFICO CONTROLA ATÉ TELEFONEMAS, na página 20

## SOB A LEI DO MEDO

"Hoje, os traficantes não precisam mais comprar a simpatia da comunidade. Conquistam a própria polícia o direito de distribuir a droga no varejo"

JUREMA BATISTA • VEREADORA E EX-MORADORA DE FAVELA

"Uma vez, me pediram para assinar uma lista de apoio a um traficante que tinha problemas com a polícia. Queriam dizer que ele era um homem de bem. Minha mão pesava muito, mas eu assinei. O que podia fazer?"

Y • LÍDER COMUNITÁRIO DE UM QUARTO HABITACIONAL DO CENTRO GRANDE

"A perda de um filho ou uma filha para o tráfico é uma coisa muito dolorosa. Já tive parentes e amigos muito próximos que foram parar no tráfico. Alguns inclusive já morreram"

X • EX-MORADORA DA CIDADE DE DEUS

"O tráfico interfere até na vida do casal. Se há uma briga entre marido e mulher e isso atrai a atenção da polícia, o casal é repreendido pelos traficantes. Em alguns casos, os moradores são até expulsos do morro"

Z • EX-MORADORA DA BAIXADA

"Os moradores de favela vivem entre dois fogos. Mantêm silêncio não porque gostam dos traficantes, mas porque não confiam na polícia"

LEONARDA MOURA • COORDENADORA COMUNITÁRIA

"Para o tráfico, a vida não vale nada. Você pode matar ou morrer por causa de uma dívida de R\$ 1"

Y • EX-ALUNO DO TRÁFICO

"Os moradores estão mais revoltados e denunciando mais. Por outro lado, a economia da droga conta com uma base importante"

CARLOS MINC • DEPUTADO ESTADUAL



PODER PARALELO: Associações comunitárias são vigiadas de perto pelas quadrilhas e sofrem intimidações

# Quem abre a boca acaba pagando com a vida

Traficantes controlam ligações telefônicas nas favelas e matam os acusados de ser informantes da polícia

Elenice Bottari e Paulo Marqueto

• O silêncio na favela vale mais que ouro. Vale a vida. Como a do mecânico Vicente Ferreira Martins, de 27 anos, morador da Vila Cruzeiro, na Penha, emboscado e morto por traficantes pelo simples fato de ter conversado com policiais. Foi acusado de ser "X-9" (informante da polícia). Casou também a vida do repórter Tim Lopes, seqüestrado na mesma favela em 2 de junho passado, quando realizava reportagem para denunciar o aliciamento de menores em balles funk promovidos pelo tráfico de drogas. Tim ouviu dar voz aos que não podem falar.

**Tráfico grupeia telefones em favelas**  
A preocupação com o silêncio é tamanha que traficantes quebram telefones comunitários, vigiam contatos e fazem grampos dentro da favela. Segundo a coordenadora da 13ª Central de Inquirições, Lúcia Di Piero, numa favela do Rio de Janeiro um morador desapareceu logo após usar o telefone público para fazer uma denúncia.

— Ele saiu de casa para fazer a denúncia por telefone, mas não voltou. A família dele teve que deixar a favela correndo — contou Mônica. A inspetora Marina Magessi, da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), diz que em muitos casos traficantes mandam matar moradores aleatoriamente para fazer terror.

— Eles matam moradores e espalham que eram "X-9". Eles

## O poder dos traficantes nos anos 80



**DENIRO LEONARDO DA SILVA**  
O DEUS DA FAVELA  
Comandante do tráfico na Rocinha das décadas de 70 e 80. Ele monopolizou a venda de drogas na favela, criou estâncias e favelas casas populares e levou para a comunidade. Em 1987, mandou esgarar a Auto-Estrada Lagoa-Barra em protesto contra a prisão de traficantes, que norma entretanto não passou em Bangu I. Hoje é preso em Bangu I. Hoje é comandado por Lala.

**JOSE ROBERTO DA SILVA FILHO**  
O ROBERTINHO DE LUCAS  
Está preso em Bangu I. Traficante de Parada de Lucas, foi preso em janeiro de 1997 em Recife. Sempre optou pelo assistencialismo, em vez de violência. Chegou a oferecer uma certa bônus por mês à família que refugiu os casos de violência dos marcos, para facilitar a fuga dos bandos. Hoje a família é dominada por Robinson Ping.

**DARCY DA SILVA FILHO**  
O DRY CARA  
Foi um dos maiores distribuidores de drogas do Rio. Nos anos 80 mandava creche e distribuiu anos para os moradores da Favela de Acari. Vestia seus discípulos com roupas de grife American no época. Foi morto por policiais em maio de 1998. Acari é controlado hoje pelo traficante Deric.

**JOSE CARLOS DOS REIS ENCHINA, O ESCADINHIA**  
Um dos mais poderosos traficantes da década de 80, ele chegou a inspirar músicos. Ficou muito conhecido depois de uma fuga espetacular de um helicóptero do prédio da Ilha Grande, em 1987. Foi seqüestrado na Ilha de Jaraguá, em Vicente de Carvalho, sua ruína. Hoje camufla-se em regime semi-aberto.

**PAULO ROBERTO MOURA LIMA, O BIELO-CHELO**  
Condenado a 3,60 anos de prisão por tráfico e homicídio, dominou Macaréjão nos anos 80. Era considerado o rei da favela. Mandou na manobra matar quem matava na encaptação na região. Em 1987, mandou a Heli no jato forar os entornos do traficante, morto numa tentativa de fuga da Frei Caneca. Hoje mora em atual chefe do Macaréjão.

controlam telefones, desistem aparelhos, quando alguém ligar para o telefone público, vão em cima dos moradores — contou a inspetora. Ex-coordenadora do Morro do Cantagalo, em Copacabana, uma mulher conta que deixou a favela por causa da violência e lembra que os traficantes tentavam controlar as ligações: — Quando o telefone chegou ao morro, a gente tinha de ter um cuidadinho danado. O tráfico achava que qualquer denúncia tinha partido daquele telefone. Para a economista e antropóloga Leonarda Musumeci, mu-

tas vezes os moradores se calam por medo de sofrer um ataque de tiros por traficantes do morro. Segundo os amigos, ele combatia o tráfico com rigor. A presidente da associação de moradores de uma favela da Zona Oeste confirma a preocupação do tráfico em controlar as associações: — A gente vive cambaleando, mas não deixa o tráfico assumir a associação de moradores — conta ela. — Nunca bahei a crita para eles, mas também não botava as mãos nas cadeiras. O importante era não deixar pegar o espaço das associações. Se em alguns casos acabam mortos ou expulsos, em outros

### SOB A LEI DO MEDO

*“Os traficantes nos anos 80 eram mais velhos, não consumiam drogas e eram da comunidade. Hoje eles estão mais jovens, começam a cheiar cocaina cedo, tornando-se agressivos desde ao útero, e muitos não cresceram na favela. São invasores.”*

*“Quando o telefone chegou ao morro, a gente tinha de ter um cuidadinho danado. O tráfico achava que qualquer denúncia tinha partido daquele telefone.”*

*“Tem que ter muito jogo de cintura para lidar com o tráfico. Não pode bater de frente, mas também não pode mostrar medo, porque se sentir medo, acabou.”*

### CORPO A CORPO

#### MV BILL

**“Não legitimamos poder nenhum”**  
• O rapper MV Bill conhece bem a realidade das favelas cariocas: é morador da Cidade de Deus. Segundo ele, o que mais assusta as comunidades são as trocas de facções criminosas no comando do tráfico. MV Bill está fazendo um documentário em que jovens traficantes falam sobre sua realidade.

**Elenice Bottari**  
O GLOBO: Os traficantes estão perdendo o apoio das comunidades?  
MV BILL: Os moradores nunca concordaram com o tráfico, eles sempre estiveram vulneráveis em relação a ele. Pior do que ter que conviver com traficantes é ter que se submeter a uma troca de facção criminosa. É ter que ouvir o alemão (inimigo) bater na sua porta e mandar abrir com gritos de “é o bicho”. Só quem mora sabe, só quem vive sofre, o resto é romantismo. Não legitimamos poder nenhum. Ninguém aqui é oficial, ninguém aqui é paralelo. A polícia não pode ficar muito tempo nos morros, ela se limita a atacar os bandidos quando lhe convém, quando vem alguma ordem política, ou quando o arrego (propina) acaba. Então só nos resta optar por quem está mais próximo. Os bandidos representam uma mãe bêbada que espanca os filhos, os policiais representam a mãe que nunca tivemos. Eu, particularmente, não quero ser órfão.

• Por que os traficantes são cada vez mais jovens?  
MV BILL: A resposta a essa pergunta está na abertura do CD que acabei de lançar (“Declaração de guerra”) com a música “Soldado morto”. Não sou a voz do tráfico, tampouco um estudioso do assunto. Sou, sim, uma pessoa que viveu a vida inteira no útero dessa guerra que parece sem fim. À invasão dos meninos no tráfico começou há poucos anos. Os adultos não querem mais se submeter aos valores recebidos e trocar suas vidas por tão poucos os jovens são muito mais agressivos e destemidos. Poucos deles têm a noção exata do que representam ali. Esse assunto está sendo estudado por mim, estou produzindo e dirigindo um documentário chamado “O menor”, no qual eles falam por si, sem intermediários.

• O que seria necessário para que os moradores das favelas mudassem de postura sobre a permanência do tráfico?  
MV BILL: A favela precisa, em primeiro lugar, não legitimar nada que não venha dela, ou só legitimar o que venha em parceria com ela. Nossa cultura só é cultura quando o homem do asfalto diz que é. Nossa desgraça só é veiculada quando o homem do asfalto conta. Se a Cidade de Deus pedir ao governo federal um livro para dividir entre cem crianças, eles vão mandar aguardar, pois estão sem verba. Mas os homens do asfalto conseguem, com uma ligação, alguns milhões de reais com o argumento de que vão botar as caras pretas dos nossos filhos na tela do cinema e ainda ficam emburrados se não ficam felizes. A favela precisa dizer não a esse business fantástico de bem social. Eles contam a nossa história de maneira equivocada, não assumem que é ficção, sequer nos dão ingressos para ir ao cinema e, pasmem, não produzem na Lei Rouanet uma dentadura para a comunidade.



CONVIDADOS PELO GLOBO, moradores vêem o filme e aprovam a história dos traficantes rivais

## O sim de uma crítica especializada

Moradores de favelas assistem ao filme ‘Cidade de Deus’

**Adriana Pavlova**  
• Fernando Meirelles já pode dormir um tanto mais tranquilo. Bem no meio do fogo cruzado desde que seu polêmico “Cidade de Deus” estreou nos cinemas há dez dias, o diretor ganhou um aval dos bores na última sexta-feira: a aprovação de uma crítica das mais especializadas. Convidados pelo GLOBO, sete moradores de favelas do Rio, de São Gonçalo e da Baixada Fluminense, assistiram ao filme para dizer, com conhecimento de causa, até onde a história dos traficantes rivais tem um pé no mundo real.

— Todo filme sempre tem toques fantasiosos, mas nesse há muito da realidade nua e crua de quem mora nas favelas — diz o auxiliar de portaria Luiz Antônio dos Santos, de 28 anos, morador da Favela do Salgueiro, em São Gonçalo. — Quem vive ali, sabe que há horário de entrar e sair e que em qualquer boca de fumo existe sempre violência. — Como no filme, existem hoje duas facções criminosas nas favelas — disse a babá Margareth Barbosa da Silva, de 25, moradora de uma favela no Jardim Redentor, em Belford Roxo. — Um amigo meu foi passar de uma dessas facções do tráfico e acabou matando ele. Muito embora a maioria tenha se envolvido com a história a ponto de não desgradar os olhos de “Cidade de Deus” nem para ir ao banheiro, para eles. Meirelles e sua equipe erraram a não no grau de violência. Todos, sem exceção, estranharam as cenas em que meninos muito novos ganham armas dos traficantes sem qualquer esforço. — É a realidade sim, mas com uma grande lente de aumento — disse o auxiliar de escritório Alexandre Tiago dos Santos, de 30, morador do Morro do Queirozene. — A única diferença da realidade é ver crianças tão pequenas envolvidas com o crime — afirmou uma moradora do Vidigal, de 24, a única do grupo que não quis ser identificada e muito menos posar para a foto. — Existe uma hierarquia no tráfico, que não permite que um menor receba uma arma quando ainda não tem poder. Outra preocupação clara do grupo é de que o filme não venha a incentivar o crime, já que os traficantes Zé Galinha e Zé Pequeno não aparecem, em certas cenas, com uma dose de glamour. — É uma aula de como se tornar um marginal — opinou a aramadeira Lia de Araújo Souza, de 47, moradora da Rocinha há 14 anos. — Por outro lado, é bom mostrar que ninguém rouba dentro da favela. Para a caixa desempregada Miriam da Silva Santos, de 40, que vive desde pequena na própria Cidade de Deus, o filme pode ser a chance de a opinião pública olhar de uma forma mais positiva para a região. — Os intelectuais podem se sensibilizar e lutar por mais benefícios para a favela. O interesse dos sete convidados pelo filme prova que “Cidade de Deus” está despertando a atenção de um público que apenas muito raramente vai ao cinema. — Já tinha convidado a minha mãe, mulher parir o filme porque no meu trabalho todo mundo só fala nisso — diz o segurança Roberto Vasconcelos, de 32, morador da Baixada Fluminense que foi criado na Rocinha e que há oito anos não ia ao cinema. — É a realidade sim, mas com uma grande

Matéria 4: 11/09/2002

RIO

# A violência desce o morro

Tráfego comanda ataque na Ilha, com ônibus queimados e lojas apedrejadas

Ana Cláudia Costa e Flávio Pessoa

O confronto entre policiais militares e traficantes do Morro do Dendê, na ilha do Governador, chegou ontem à tarde ao auge. Num violento protesto contra a morte de dois bandidos pela manhã, traficantes armados de fuzis e pistolas, acompanhados de moradores da favela, desceram o morro e levaram pânico à Avenida Paranaíba, próximo ao Largo do Cocó. Os manifestantes incendiaram dois ônibus e apedrejaram lojas e carros. Escapuzados, bandidos atiraram para o alto e um deles explodiu uma granada. Aterrorizados, comerciantes fecharam suas lojas e moradores refugiaram-se em suas casas.

Foi pegar meu filho na escola e quando voltava no surpreendi com carros e ônibus voltando pela contramão na Avenida Paranaíba — disse uma moradora da Rua das Pedras, que dá acesso ao Morro do Dendê.

A moradora voltava com seu filho por volta das 17h30m, quando os bandidos desceram o morro atirando. Os primeiros PMs a chegar não tinham efetivo suficiente para enfrentar os manifestantes. O trânsito na Avenida Paranaíba foi interrompido um quilômetro antes da área do conflito. Com a chegada de reforço policial, a situação voltou a ficar sob controle. Na principal via de acesso ao Morro do Dendê, os manifestantes deixaram os vestígios do protesto: dois ônibus queimados, várias lojas com vidros quebrados — entre elas agências da CEF e do Banco Bilbao Vizcaya — e muitos estilhaços e cápsulas de fuzil AR-15 espalhados pelo asfalto.

## Morte de PM foi estopim do conflito

A guerra no Dendê começou antontem quando o cabo José Alexandre de Mendonça, do 17º BPM (Ilha do Governador), foi morto numa troca de tiros durante uma operação no Morro do Dendê. O cabo fazia parte de uma equipe de 20 policiais que foram ao alto do morro, na localidade conhecida como Messias, para recuperar três carros roubados. O comandante do batalhão, coronel Alcides Menezes de Oliveira, disse que a operação era de rotina.

Outem de manhã, dois traficantes não identificados morreram e outros dois foram presos numa operação envolvendo cerca de 60 policiais militares no Dendê. Durante a intensa troca de tiros, que durou quase quatro horas, moradores tiveram que se esconder para não serem atingidos por balas perdidas. Com os traficantes mortos foram apreendidos uma pistola e um revólver. A polícia apreendeu ainda com os bandidos presos nascocha e uma farda do Exército.

No início da tarde, em uma outra troca de tiros com traficantes no Complexo dos Bancários, na localidade conhecida como Pixuna, que fica do outro lado do Morro do Dendê, o cinegrafista da TV Bandeirantes Júnior Alves chegou a ficar encurralado em um beco da favela. Ele subiu o morro com oito PMs e se desparou com um grupo de 15 traficantes. Policiais trocaram tiros com bandidos durante 20 minutos. Com a chegada de reforço policial os traficantes fugiram e o cinegrafista conseguiu descer a favela.

Os policiais começaram a cercar todas as saídas do Morro do Dendê por volta das 5h. A troca de tiros, segundo moradores, somente se intensificou por volta das 5h no acesso ao Morro do Dendê pela Avenida Paranaíba. Segundo policiais militares, mais de 50 traficantes armados entraram em confronto com a polícia. Operários de obras de projeto Favela-Bairro, na subida do morro, ficaram em meio ao fogo cruzado. Um pedreiro, que não quis se identificar, chegou a se sentir mal após perceber que uma bala havia passado perto de sua cabeça.

No início da tarde o comandante do 17º BPM (Ilha do Governador) pediu ajuda e mais vinte policiais do Bopo, do 16º BPM (Olaria) e do 12º BPM (Niterói) reforçaram o patrulhamento local. O dirigível Pax Rio, que faz o patrulhamento aéreo na cidade, foi deslocado para a área. Todo o complexo de favelas do Dendê foi cercado por policiais.



COM UM ÔNIBUS em chamas ao fundo, policiais militares se protegem durante confronto com traficantes do Morro do Dendê: bandidos chegaram a explodir uma granada



CRIANÇAS BRINCAM com cápsulas de fuzil perto do local onde os dois homens morreram no tiroteio com a PM

Fernando Quevedo

OPINIÃO

ALIANÇA

O TRÁFICO e o crime organizado se converteram em algezes das comunidades em que se encaustaram. Multiplicam-se os casos de violência de bandidos contra essas populações.

QUANDO QUADRILHAS forçam o fechamento de projetos como o do Ecopneu, em Acari, e o de escolas como a Professor Ismael Coutinho, em Niterói, o crime mostra a face real.

É CADA vez mais urgente que o poder público reconquiste a confiança da população. Só assim as comunidades se sentirão seguras para ajudar o Estado a combater um inimigo comum.

## Saiba onde foi o conflito



## PASSAGEM PARA A VIOLÊNCIA

A polícia não tem conseguido evitar os protestos em que moradores de favelas destroem ônibus. De janeiro a junho deste ano, segundo dados da Fetranspor, foram depredados 66 ônibus em manifestações. Na tentativa de evitar mais prejuízos, representantes de empresas de ônibus se reuniram em junho passado com o secretário de Segurança Pública, Roberto Aguiar, para pedir mais segurança. Ficou decidido que com policiais à paisana passariam a andar de ônibus para identificar badisteiros. Essa mesma equipe de policiais ficaria encarregada, ainda, de filmar, identificar e prender, se possível no local da manifestação, todos os que incitam a população a incendiar ônibus.

No último sábado, moradores do Morro do Cavalo, em Niterói, queimaram dois ônibus em protesto contra a morte do ajudante de pedreiro Francisco Aldir de Souza, de 18 anos. Eles acusaram policiais militares de terem torturado e matado Francisco. Oito PMs do Grupamento Especial de Operações Táticas (Geat) foram presos em flagrante, acusados pela morte do rapaz. Nenhum manifestante foi detido. Em 21 de junho, moradores do bairro Jardim Catarina, em São Gonçalo, incendiaram um microônibus em protesto contra a morte de Simone Paulina, de 21 anos, vítima de uma bala perdida, durante um confronto entre bandidos e policiais.

## Comandante diz que prefeitura não pediu ajuda à PM

Segundo Cesar, Comlurb mandará escritório sobre posto fechado pelo tráfico

O comandante do 9º BPM (Rocha Miranda), coronel Antônio Carlos Soares Davi, disse ontem que a prefeitura não pediu ajuda à polícia para investigar e prender os traficantes do Morro da Pedreira que ordenaram, há uma semana, o fechamento de um posto do Ecopneu (projeto municipal de recolhimento de pneus) em Acari.

— Se estavam com problemas, deveriam ter procurado ajuda. Fazemos operações diárias no Morro da Pedreira. Semana passada, por exemplo, ocupamos a favela por três dias — disse o comandante. O prefeito Cesar Maia rebateu a afirmação do comandante do 9º BPM, dizendo que o pedido de ajuda deve ter sido feito informalmente.

— Já que a conversa não foi suficiente, vamos formalizar. Pedirei ao presidente da Comlurb que mande um ofício para o comandante solicitando apoio para que o projeto continue funcionando. Por enquanto, o projeto está parado porque ocupa uma área cujo entorno, infelizmente, é controlado por traficantes. Foi-se o tempo em que o traficante controlava apenas a boca-de-lua. Agora ele controla a comunidade e o seu entorno — disse o prefeito.





## Matéria 7:22/09/2002

12 • ILHA

O GLOBO

Domingo, 22 de setembro de 2002

**INSEGURANÇA:** Favelas do Dendê, do Querosene e do Parque Royal são os pontos mais críticos**O tráfico nos morros da região**

• A violência que aterroriza os moradores tem endereço certo. Ela é irradiada por três das mais de 30 favelas que cresceram na Ilha. Segundo o 17º BPM (Ilha do Governador), é nas favelas do Dendê, do Querosene e do Parque Royal que estão os principais centros de tráfico da região e os lugares onde o potencial de confron-

tos é maior. Segundo o comandante do batalhão, tenente-coronel Alcides Menezes, essas áreas, todas ocupadas por bandidos do Terceiro Comando, concentram a atenção da polícia.

— O comandante reconhece que os confrontos de 11 de setembro aumentaram a sensação de insegurança, mas garante que a situação está sob controle.

— Se estamos nas ruas para dar mais segurança, o confronto com traficantes torna-

se uma possibilidade. O problema é que as operações no Dendê que desencadearam os problemas na Ilha no dia 11 acabaram ganhando vulto por causa dos problemas no complexo penitenciário de Bangue e da tensão que se seguiu em toda a cidade. No entanto, recebemos reforços e temos mantido uma média de 140 policiais nas ruas, principalmente na área em que ocorreram os conflitos — diz.

Alcides Menezes afirma que entende os lojistas e empre-

sários que, diante do ambiente tenso, fecham as portas na primeira ameaça. Mas faz questão de dizer que isso não significa um aumento dos índices de violência na Ilha.

— Qualquer pessoa pode abrir a internet e ver que os índices de criminalidade na Ilha são menores do que em qualquer outra região da cidade — diz.

A afirmação tem fundamento. De acordo com os índices divulgados mensalmente pela Secretaria de Segurança, a

ocorrência de crimes na região tem diminuído. Só que isso não tem sido suficiente para devolver aos moradores a sensação de segurança e a confiança na polícia. O antropólogo Roberto Kant, professor e pesquisador de políticas de segurança pública da UFF, explica: — É uma questão cultural. Há um século a polícia tem um caráter repressivo e truculento. Como você pode querer que a população passe a confiar numa instituição de uma hora para outra. ■

Domingos Felxot/11-09-2002

O melhor Secretário de Meio Ambiente que o Rio já teve.  
Tirou 10 línguas negras das praias da Ilha.

**43123**  
O Deputado Estadual do PV é

**André CORRÊA**  
www.andrecorrea.com.br

**Angela Rosa**  
**4363**  
DEPUTADA FEDERAL  
Força e Sensibilidade.





POLICIAIS NO DENDÊ: segundo o 17º BPM, a Ilha tem uma média de 140 PMs patrulhando as ruas

**UNIVER**  
**CIDADE**  
**TAD – TESTE DE ACESSO DIRETO**  
Todos os sábados, às 9h.  
**É grátis.**  
PEÇA INFORMAÇÕES  
**2536-5000** info@UniverCidade.edu  
www.UniverCidade.edu

Dê seu móvel, usado como parte do pagamento

**FORÃO**

O oferecemos os mais diversos tipos e modelos: do Antigo ao Moderno.

QUARDA-HOUR DUPLEX (3, 4, 5 ou 6 PORTAS); ARCA-VITRINES; MESAS COM 4, 6 ou 8 CADRINHAS; COZINHAS DE VARIADOS MODELOS; ESTANTES; CAMAS DE CASAL E SOLTEIRO. ENTRE: TUDO PARA QUALQUER AMBIENTE.

Dr. em Móveis Usados, Reciclados: **É Você. Sempre!**

Também trabalhamos com Cartões de Crédito: VISA - DINERS - CREDITCARD

FACILIDADE DE PAGAMENTO SEM IGUAL: COM PRA - TROCA - FINANCIAMENTO - À VISTA COM DESCONTO

Rua Sargento João Lopes, 178 - Telefax: 3396-8579 - Ilha do Governador Estrada do Cacua, 354 - Tel.: 3396-7188 - Ilha do Governador

**Projetos Exclusivos para o seu espaço**

• QUARTOS • COZINHAS  
• BANHEIROS • ESTANTES

25 Anos Na Ilha • Fabricação Própria  
PAGAMENTO FACILITADO

**CAMBAUBA MÓVEIS**

Loja: Rua Cambauba, 832 Lj. A Tels.: 3393-6923 / 2462-8008 • Fábrica: Rua Souza Freitas, 381 - Pilares Tel.: 2595-9441




Matérias de Dezembro de 2010:

Matéria 1: 04/12/2010

O GLOBO - RIO - PÁGINA 18 - Edição: 5/12/2010 - Impresso: 4/12/2010 — 02: 11 h

AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

18

O GLOBO

Domingo, 5 de dezembro de 2010

RIO



A GUERRA DO RIO

Tudo pronto, só falta a ordem

Polícia já tem equipes treinadas para invadir e ocupar favelas da Rocinha e do Vidigal

Antônio Werneck

Lá dentro, são milhares de moradores, construções umas próximas das outras, vias íngremes e muitos becos. Do lado de fora, centenas de pessoas em prédios, casas luxuosas, hotéis lotados de turistas e veículos circulando sem parar em movimentadas avenidas. Ocupar as favelas da Rocinha e do Vidigal, em São Conrado, parece uma tarefa extremamente difícil. No entanto, policiais civis do Rio já têm equipes táticas prontas, treinadas e com conhecimento suficiente da região para uma esperada invasão das comunidades, ressaltou o delegado Allan Turnowski, chefe de Polícia Civil. A operação, porém, ainda não tem data marcada.

Recensado da batalha de retomada do Complexo do Alemão, Turnowski garantiu que a polícia é capaz hoje de entrar em qualquer favela do Rio. As polícias Militar e Federal, além das Forças Armadas, também têm equipes preparadas para subir o Vidigal e a Rocinha quando o estado quiser.

— Já temos conhecimento suficiente sobre como entrar nas favelas da Rocinha e do Vidigal, e como ocupá-las. Nossas equipes táticas de recursos especiais já estão acostumadas a progredir naquela região. Se a decisão de entrar for tomada amanhã, já temos tudo planejado, sabendo até quem vai entrar e por onde — garantiu Turnowski.



A FAVELA DA ROCINHA, em São Conrado: moradores contam que traficantes da comunidade estão tensos, diante da expectativa de uma operação policial na região

Duzentos fuzis com o tráfico na Rocinha

• A situação das favelas da Rocinha e do Vidigal é semelhante à que existia na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão. Traficantes transformaram as duas comunidades da Zona Sul no entreposto de drogas, armas e munição de uma facção criminosa. Há pelo menos um ano, policiais do Rio têm conhecimento de que bandidos foragidos de outras favelas da Região Metropolitana teriam buscado refúgio na Rocinha. Só na comunidade, são mais de 200 traficantes e 200 fuzis em poder da quadrilha. O chefe do tráfico é Antônio Francisco Bonfim Lopes, o Nem.

Estratégica para o tráfico, rica (vende-se para um tipo de viciado que pode pagar mais caro pela droga) e cercada de rochas e matas (o que amplia o número de rotas de fuga numa eventual ação policial), a região teria se tornado esconderijo de bandidos foragidos até do Complexo do Alemão — uma informação que os policiais não confirmam. O tenente-coronel Carlos Roberto Garcia de Oliveira, comandante do 23º BPM (Leblon), responsável pelo policiamento ostensivo da região, diz que a PM tem informações sobre as favelas, os traficantes e a fiscalização das bocas de fumo.

— São informações que não posso passar, porque bandido também lê jornal. O que posso dizer é que nosso serviço reservado (P-2) sabe onde os bandidos costumam ficar e até para onde costumam fugir — afirmou Garcia.

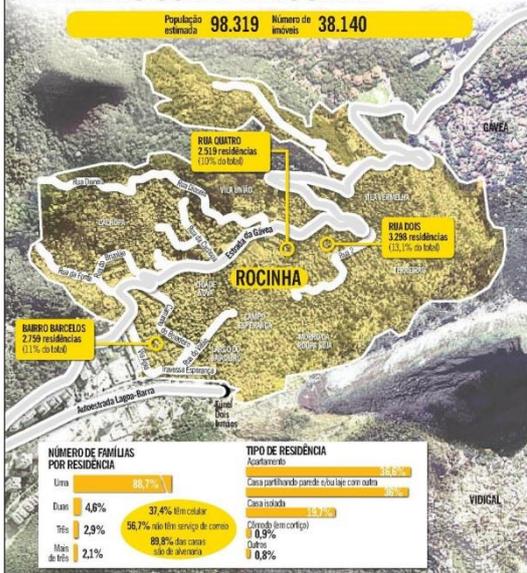
Denúncias em 23º BPM crescem 20%

• Nos últimos dias, em especial depois da ocupação do Complexo do Alemão, a quantidade de informações que os PMs do Leblon receberam do Disque-Defesa sobre a atuação dos criminosos da Rocinha e do Vidigal aumentou mais de 20%. Uma das denúncias anônimas chegou na última sexta-feira: diz que os traficantes estão aterrorizando moradores (suportes de daren informações às autoridades), andam muito nervosos, circulam armados por todo lado, e têm muito medo de uma invasão da polícia, que acreditam ser iminente.

— Os criminosos estão tensos. É o que posso informar — confidenciou um agente do serviço reservado da PM.

Recebendo elogios de todas as forças de segurança que participaram da mobilização dos últimos dias, o secretário de Segurança, Jo-

SAIBA MAIS SOBRE A ROCINHA



Explosão de violência em São Conrado

• No último dia 21 de agosto, após um confronto entre PMs e traficantes, em São Conrado, 20 bandidos invadiram o Hotel Intercontinental, fazendo 15 turistas e funcionários de reféns. No momento da invasão, cerca de 600 pessoas estavam no hotel, entre elas dentistas que participavam de um congresso. Policiais do Bope negociaram a rendição dos criminosos. Dez deles se entregaram.

A explosão de violência no bairro começou às 8h15m, quando policiais cruzaram com um carro, uma van e uma moto onde estavam homens armados com fuzis, na Avenida Aquarela do Brasil, nas imediações da Rocinha. Houve intensa troca de tiros. Para impedir que os criminosos escapassem, a polícia interditou o trânsito nas principais vias da região, como o Túnel Zuzu Angel e a Avenida Niemeyer.

Segundo testemunhas, em menor número, os PMs buscaram abrigo numa agência de automóveis. Foi preciso deslocar um veículo blindado para o local para resgatar os policiais.

O traficante Nem, que comanda a venda de drogas na Rocinha e no Vidigal, estaria entre os criminosos, mas conseguiu fugir. Durante o confronto, uma mulher morreu. Além disso, quatro pessoas ficaram feridas, entre elas dois policiais militares.

sé Mariano Beltrame, tem repetido que a ocupação definitiva da Rocinha está sendo planejada com responsabilidade. Quando a operação ocorrerá ele não diz. Mas, para aqueles que defendem uma entrada imediata, para aproveitar o sucesso das ações na Vila Cruzeiro no Complexo do Alemão, o secretário se mostra cauteloso.

— A população sabe o que nós já fizemos ao longo dos últimos anos. Implantar uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) precisa de planejamento. O que posso dizer no momento é que a ocupação da Rocinha é importante e está sendo planejada. Como as outras,

será uma invasão definitiva — garantiu o secretário.

Embora a cúpula da segurança pública faça questão de negar em abril deste ano as duas principais facções criminosas da cidade — a que domina o Complexo do Alemão, e a que comanda as favelas da Rocinha e Vidigal — teriam selado um pacto de não agressão para enfrentar o bem-sucedido projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas do Rio. Um encontro entre os principais chefes teria ocorrido na Favela da Grota. Teriam participado do encontro, traficantes Anderson Rosa Mendonça, o Coelho, chefe do Complexo do São Carlos; um representante da Rocinha;

Luciano Martiniano da Silva, o Pezão; além de Fabiano Atanásio e Antônio da Silva, o P2 — os dois últimos do Complexo do Alemão e que estão foragidos depois que a polícia tomou as favelas da Penha e Inhaúma.

O delegado Angelo Giola, superintendente da Polícia Federal do Rio, revelou que, a partir da próxima semana, agentes das delegacias de repressão ao tráfico de drogas e de armas iniciam o rastreamento da origem de armas e explosivos apreendidos durante a ocupação do Complexo do Alemão. Giola também garantiu que a PF vai manter a troca de informações com outras forças.

— Está sendo altamente positivo o estreitamento da ligação das forças federais no combate aos criminosos no Rio — afirmou Giola.

Allan Turnowski informou que esta semana a Polícia Civil vai iniciar uma série de ações de combate ao crime em comunidades de diferentes pontos do Rio.

— Vamos buscar alvos nas favelas da Maré, da Mangueira, do Jacarecinha, da Rocinha e do Vidigal. O tráfico não terá descanso — afirmou Turnowski.

O GLOBO NA INTERNET  
OPINÃO Você acha que a Rocinha deve ser ocupada imediatamente? Vote [globo.com/rio](http://globo.com/rio)

## Matéria 2: 04/12/2010

O GLOBO • RIO • PÁGINA 19 • Edição: 5/12/2010 • Impresso: 4/12/2010 — 02: 11 h

PRETO/BRANCO

Domingo, 5 de dezembro de 2010

O GLOBO

RIO • 19



## A GUERRA DO RIO

# Incerteza dá lugar à esperança

Livres dos traficantes, moradores do Alemão retomam suas vidas

Vera Araújo

• A brincadeira de X, de 8 anos, agora não tem mais hora para acabar. Antes da ocupação do Complexo do Alemão, há uma semana, a mãe do menino, aluno da primeira série, obrigava-o a se recolher antes das 21h. O garoto costuma jogar bola a cerca de quatro metros do local onde o traficante Elien Falcão de Souza, o Zeu, um dos assassinos do jornalista Tim Lopes, foi flagrado vendendo drogas livremente num bar. Depois da retomada do morro, as ruas passaram a ficar apinhadas de gente, principalmente crianças, que não correm mais o perigo de serem atropeladas pelas motos dos bandidos.

No grupo de seis meninos que brincavam com X, a metade já havia sido atropelada por motocicletas. O estudante de 8 anos chega a mostrar o galo na cabeça.

“Fiquei desmaitado quando a moto passou por cima de mim — conta ele com um sorriso no rosto, afinal de contas, agora não há mais motivos para sair correndo das ruas por causa dos tiros.”

Apesar do ambiente tranquilo, ainda há alguns dormentes colocados no fim da rua pelos traficantes, como barreira para evitar a entrada da polícia na favela. Também falta luz e água em alguns pontos do complexo, resultado da guerra travada entre poder público e traficantes.

Para os mais velhos, a sensação é de que “o ar está mais leve”, avalia Vanilda Pereira, moradora há 30 anos da região.

— O ar mudou, sem dúvida. Eram muitos bandidos armados. Eles nunca fizeram nada conosco, mas era triste ver as crianças assistirem a cenas como essas — diz ela, já imaginando o futuro.

Apesar da queda do movimento de seu restaurante Forte das Pizzas na última semana, Luiz Santos espera que as vendas cresçam.

— Calu muito o movimento, mas acredito que o quadro mude. As pessoas tinham medo de sair e pediam para entregarmos as pizzas em casa.

Agora, é possível que as famílias saiam de casa e venham aqui comer — aposta o comerciante, cujo estabelecimento funciona de 17h à meia-noite.

Mas é na hora de dormir no Complexo do Alemão, enquanto as buscas aos bandidos não terminam, que os nervos ficam à flor da pele. A sensação é de que, a qualquer momento, alguém vai invadir a sua casa, seja um policial para fazer revistas ou um bandido querendo usá-la como esconderijo, tomando-o como refém. Fi-

ca difícil pregar o olho nos primeiros minutos. Desde que o morro foi tomado, há uma semana, o sentimento do morador é um só: o de dormir de olho no inimigo ou, como se diz na linguagem do morro, de olho no “alvaca”.

Além do medo de ter seu direito à inviolabilidade do lar quebrado, o morador convive com outro receio: o de que o estado o abandone mais uma vez. Neste caso, os fantasmas são o retorno dos bandidos e a tomada da favela por milicianos. Já há notícias circulando no morro, por parte dos mototáxis, de que policiais envolvidos com as milícias estão espalhando que vão cobrar R\$ 400 por semana, depois que a euforia da retomada do Alemão acabar.

— Policiais militares chegaram perto da gente e disseram: “depois que a situação se acalmar, vocês (mototáxis) vão ter que pagar para gente” — conta um mototaxista.

Mas a esperança em um futuro melhor, acaba sendo mais forte. Do alto do morro, é possível ver várias casas já iluminadas com luzes de Natal. Aos moradores, vítimas da violência do confronto entre bandidos e polícia, parecem não se importar com os prejuízos causados pela guerra do último domingo.

— Fica o preconceito, mas não estou nem preocupado com isso. O importante é tocar a vida — comenta um comerciante que teve a porta de sua loja crivada de balas.

A sensação é de que a maioria só pensa em olhar para frente, vislumbrar um futuro melhor. Não é só os idosos que resolveram colaborar com a polícia, passando informações sobre os bandidos presos ao serviço de Disque-Definícia, que bateu sucessivos de ligações durante a última semana.

— Ajudamos muito a polícia, por isso, os bandidos não podem voltar. Senão, eles matam a metade dos moradores do morro — comenta uma moradora, com alívio e preocupação, ao mesmo tempo.

O passado só incomoda a quem perdeu antes queridas na guerra do tráfico, como a calandrina de Ivo Maria das Dores Vieira, de 64 anos. Mineira de Ubá, ela escolheu morar no Alemão com o falecido marido, há 20 anos.

— Podem melhorar a favela, mas ainda guardo muita tristeza daqui. Perdi o meu neto de 16 anos para o tráfico. Arrancaram um pedaço de mim.

De nada adiantaram as três imagens de Nossa Aparecida num barraco de dois cômodos. O neto acabou sendo assassinado. Até hoje ela não sa-



FAVELA À NOITE: cabos do teleférico do Complexo do Alemão são um exemplo de serviços públicos que começam a chegar à comunidade

## Conhecimento em meio à pobreza

Historiador da favela aprendeu a ler com livros achados no lixo de prédios próximos

• Foi no lixo que Reginaldo Lima, de 40 anos, morador do Complexo do Alemão, se tornou um pensador e conseguiu fugir do assédio do tráfico. Encostado à sombra de uma árvore, quando tinha cerca de 11 anos, ele descobriu o prazer de ler nos livros e monografias que recolhia no lixo de prédios no entorno do morro. A leitura e a pesquisa que fez na época, por conta própria, revelam a origem do nome da favela. Reginaldo conta que o morro ganhou o nome de Alemão por causa da colonização de poloneses.

— Os estrangeiros chegaram para criar gado. Na década de 60, foram os nordestinos, como minha família, que veio de Campina Grande, na Paraíba. Ai, para eles, todo mundo com olho claro e pele clara era alemão. Assim o morro foi batizado de Alemão. O fato de ser gordinho e considerado intelectual desde criança fez com que o tráfico o excluísse do rol de possíveis convocados.

— Eles achavam que eu era preguiçoso. Isso foi bom, pois me manteve longe. Assim, pude me dedicar às minhas leituras como Sócrates, Platão, Aristóteles. Meu pai reclamava muito e dizia que meus livros eram lixo — conta Reginaldo.

Mesmo sem ter cursado uma faculdade, ele fez cursos no IBMEC e dá palestras em universidades sobre a cultura e o serviço da educação.

— A educação na favela é ruim, mas, infelizmente, há indivíduos vocacionados para o crime. No entanto, o governo tem que investir em políticas públicas na comunidade para

reverter esse quadro. O problema é que cada gestor que entra tenta dar sua cara aos programas sociais. Se os governantes derem prosseguimento aos projetos que realmente dão certo, a tendência é de que haja uma verdadeira transformação social — acredita Reginaldo.

Por ser autodidata, ele foi escolhido pelo coordenador do Grupo AfroReggae, José Júnior, como o responsável pela área de relações governamentais da ONG. Durante as visitas do presidente Lula às obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), em abril deste ano, foi ele quem redigiu o discurso. Na opinião de Reginaldo, a explicação para a violência no Complexo do Alemão é a mesma que em outras comunidades carentes do Rio de Janeiro.

— A ausência do estado durante anos fez com que a criminalidade crescesse. Neste vácuo, cria-se uma falsa segurança nas comunidades. Lembro que, aqui no Alemão, havia várias quadrilhas que se rivalizavam com pequenos roubos. Lá para década de 80, eles roubavam religião Orient. Nos anos 90, o narcotráfico já estava organizado aqui dentro. Nasceu também, o assistencialismo do tráfico por aqui. Eles compravam remédios e gás para os mais necessitados. Agora, é a vez de o estado se fazer presente.

**O GLOBO NA INTERNET**  
**VIDEO** Ex-traficante conta tática sofista por policiais. Assista [globo.com.br/rio](http://globo.com.br/rio)



**PASSADO SOMBRIO:** casa em ruínas no local onde o jornalista Tim Lopes foi torturado em 2002

“Podem melhorar a favela, mas ainda guardo muita tristeza. Perdi o meu neto de 16 anos para o tráfico. Arrancaram um pedaço de mim”

Maria das Dores Vieira, moradora

be se foi pela polícia, por traficantes rivais ou os próprios cúmplices. Dona Maria lembra que deu conselhos para o neto, mas ele não quis ouvir.

— Eu o criei. A mãe jogou ele fora. Dava conselho, conselhos, mas ele, nada. Há sete anos, ele tinha me prometido que iria parar no dia 10 de janeiro. Ele parou sim. Levou vários tiros. Nem quis ver o corpo. Não tive coragem. Só vi no cemitério. Foi muito difícil — lembra Dona Maria.

Na opinião dele, analfabeta, o fato de ganhar R\$ 10 por dia cantando lico nas ruas da favela e o neto não ter tido oportunidades na vida, foram fatores preponderantes para que ele tomasse

“O ar mudou, sem dúvidas. Eram muitos bandidos armados. Eles nunca fizeram nada conosco, mas era triste ver as crianças assistirem a cenas como essas”

Vanilda Pereira, moradora

o rumo que tomou. O rapaz acabou se tornando viciado, sendo, em seguida, arregimentado como soldado do tráfico. Mas, apesar das lembranças ruins, ela continua a acreditar no paço na janela, atrás da TV de 14 po-

legadas, há uma bandeira do Brasil que catou no lixo.

— Agora, só penso em melhorar o meu barraco. Tem que ter esperança, né? — diz.

Depois de sentir como os moradores do Alemão vivem,

**O GLOBO NA INTERNET**  
**VIDEO** Confira a via crucis que percorreu Tim Lopes, no dia de sua morte [globo.com.br/rio](http://globo.com.br/rio)

• MARINHA PRONTA PARA AGIR NAS FAVELAS *Página 30*

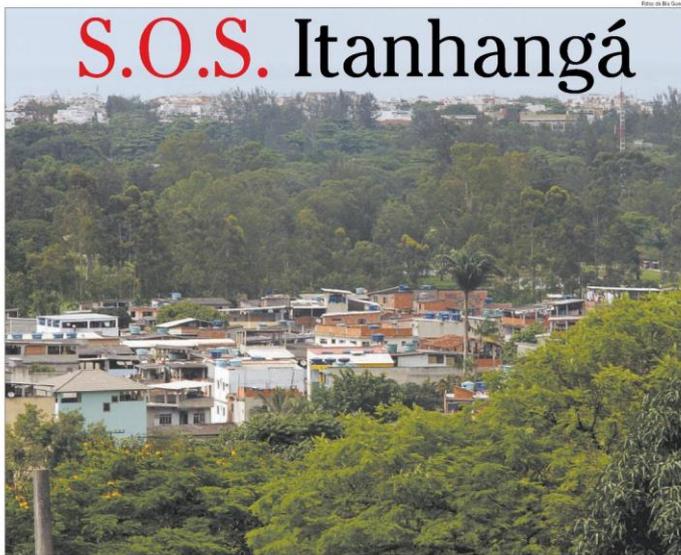


# Matéria 4: 12/12/2010

“  
A favelização é como se fosse a droga de entrada: você começa por ela, e depois, vêm todos os outros problemas: lixo, drogas, animas nas ruas, trânsito...”  
André Magalhães, morador

“  
Não temos nada contra o Morro do Banco, mas, se não respeitarem o que está estabelecido, a favela vai virar uma nova Rocinha”  
Carlos Augusto Machado, morador

“  
Os moradores estão no papel deles de cobrar, e eu estou à disposição, mas dizer que o bairro está abandonado é um pouco exagerado”  
Tiago Mohamad, síndico



ENCERRADA NA floresta, a Tijupunga é vítima de seu crescimento vertical, segundo o conselho que reúne cinco famílias da região enquanto a população aumenta, os equipamentos de rede de esgoto se tornam mais frequentes, assim como os engarrafamentos e o acidente de via nas ruas

# S.O.S. Itanhangá

Foto de Mo. Santos

Moradores reclamam do abandono do bairro, que sofre com o crescimento desordenado

**E**llyse Felix, proprietária de uma casa no bairro de Itanhangá, afirma que o município não conseguiu acompanhar o crescimento desordenado da favela. Ela diz que o saneamento básico é precário e que a falta de infraestrutura é um problema sério. Segundo ela, a prefeitura não tem conseguido lidar com a situação, e isso tem afetado a qualidade de vida dos moradores. Ela também menciona a falta de segurança e a presença de drogas no bairro.

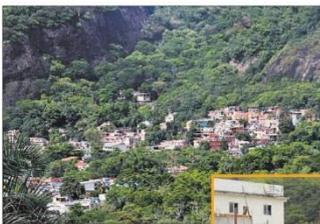


BAIRRO TEM 13 COMUNIDADES CADASTRADAS

14 | BARRA

## Bairro tem 13 comunidades cadastradas

Da varanda de casa, no alto do condomínio Greenwood Park, a dona de casa Lenise Seccin observa o bairro de Itanhangá. Ela diz que o crescimento desordenado da favela é um problema sério. Segundo ela, a prefeitura não tem conseguido lidar com a situação, e isso tem afetado a qualidade de vida dos moradores. Ela também menciona a falta de segurança e a presença de drogas no bairro.



AD LADO, o Morro do São João, que está se expandindo além dos limites estabelecidos, apresenta problemas de infraestrutura na Mata Atlântica

AD LADO, o Morro do São João, que está se expandindo além dos limites estabelecidos, apresenta problemas de infraestrutura na Mata Atlântica



CONDOMÍNIO COM o Morro do Banco ao fundo e a dona de casa Lenise Seccin, que assiste, da varanda, à expansão da comunidade: trata-se de impasse

por exemplo, sofre com problemas estruturais. O líder comunitário diz, porém, que a expansão das favelas tem sido freada desde meados de 2000, e cita a demolição de uma casa no favelado da Barra, em agosto deste ano, para exemplificar a situação.

Por outro lado, Oliveira reconhece a expansão da Floresta da Barra e a verticalização da Tijupunga, crítica surgida nas últimas reuniões comunitárias.



CONDOMÍNIO COM o Morro do Banco ao fundo e a dona de casa Lenise Seccin, que assiste, da varanda, à expansão da comunidade: trata-se de impasse

Entretanto, Tiago Mohamad, responsável da região, afirma que o município não conseguiu acompanhar o crescimento desordenado da favela. Ela diz que o saneamento básico é precário e que a falta de infraestrutura é um problema sério.



CONDOMÍNIO COM o Morro do Banco ao fundo e a dona de casa Lenise Seccin, que assiste, da varanda, à expansão da comunidade: trata-se de impasse

Entretanto, Tiago Mohamad, responsável da região, afirma que o município não conseguiu acompanhar o crescimento desordenado da favela. Ela diz que o saneamento básico é precário e que a falta de infraestrutura é um problema sério.



CONDOMÍNIO COM o Morro do Banco ao fundo e a dona de casa Lenise Seccin, que assiste, da varanda, à expansão da comunidade: trata-se de impasse

Entretanto, Tiago Mohamad, responsável da região, afirma que o município não conseguiu acompanhar o crescimento desordenado da favela. Ela diz que o saneamento básico é precário e que a falta de infraestrutura é um problema sério.



CONDOMÍNIO COM o Morro do Banco ao fundo e a dona de casa Lenise Seccin, que assiste, da varanda, à expansão da comunidade: trata-se de impasse

**A família Dry Wash deseja um Feliz Natal e um Rio de Paz em 2011!!!**

www.drywash.com.br

Bairro 1 - 36 Desidério  
Av. Rio de Janeiro, 400-811  
Tel: 2493-8842/2493-5314

Bairro 2  
Av. Rio de Janeiro, 2011  
Tel: 2493-1000/2493-1166

Morro da Barra Recreio  
Av. Rio de Janeiro, 101-1011  
Tel: 2491-1098/2491-1338

**Excursões Rodoviárias**

Busão em Diamantina e Rioverde em Curitiba  
Bairro - Curitiba - Tel: 3334-1428  
Bairro - Curitiba - Tel: 3334-1428

**ROUPAS PARA INVERNO**

Cerulata e camisas térmicas  
(adulto e infantil) - Palmilha térmica  
Sobretudo - Calças - Meias  
Luzes - Gótes e Meias de li

SAARA: Rua da Aliança, 101  
Tel: 2224-2995

**Grandeza é o nosso sonho.**

Nosso objetivo maior é formar indivíduos com caráter forte, direcionados para a competição ética, sadia e responsável, a fim de conquistar e atingir a satisfação de suas aspirações.

Para isso, nossos alunos são preparados, desde o início do Ensino Fundamental, de acordo com as competências e habilidades necessárias para seu sucesso no ENEM, nas principais universidades e na vida.

No Ensino Médio, simulados, projetos específicos e avaliações seminais os ajudam a atingir os excelentes índices de aprovação em universidades públicas que apresentamos ao longo dos anos.

**MATRICULE-SE TAMBÉM.**

www.casajardimpinochio.com.br - www.luzdecamcoes.com.br

Estrada dos Três Rios, 589 e 763, Freguesia - Jacarepaguá  
Tel.: 2436-0868 / 2436-0787

15 | BARRA

BARRA | 17

Matéria 5: 11/12/2010

O GLOBO • RIO • PÁGINA 18 • Edição: 11/12/2010 • Impresso: 10/12/2010 — 22: 03 h

AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

Sábado, 11 de dezembro de 2010

O GLOBO

18

RIO



A GUERRA DO RIO

O bom efeito colateral

Ocupação nos complexos da Penha e do Alemão derruba índices de crimes na Zona Norte

Gabriel Mascarenhas
A retomada das favelas dos complexos do Alemão e da Penha já começou a surtir efeitos nos índices de criminalidade da Zona Norte. Os chamados crimes de rua (assaltos a pedestres e roubos de celulares e em ônibus) diminuíram 41,3% entre os dias 26 de novembro e 9 de dezembro, em comparação com o mesmo período do ano passado.



AGENTES PATRULHAM via da Favela Mandela: segundo delegado, o traficante FB se escondeu na comunidade após fugir da Vila Cruzeiro, tomada por forças de segurança

A redução da criminalidade vem a reboque da queda no poderio bélico e financeiro da facção criminosa que controlava o tráfico nos dois complexos. Também entre os dias 26 do mês passado e a última quinta-feira, a polícia prendeu 133 pessoas, além de apreender 36 toneladas de maconha, 418 quilos de cocaína, 161 quilos de crack e 5,2 quilos de haxite.

Facção perdeu 60% de sua mão de obra

Para o diretor-geral de Polícia Especializada, Ronaldo Oliveira, o total de 133 presos é significativo e representa a desarticulação de, aproximadamente, 60% da facção criminosa dominante nos complexos.
— As imagens mostradas pela televisão daquele grupo de bandidos fugindo da Vila Cruzeiro para o Alemão contém uma série de pessoas que eu chamo de traficantes de ocasião. Muitos deles, após a ocupação, abandonaram o crime, perceberam que não vale a pena. E agora os que se consideram os chefes, como Pezão e FB, perderam os homens a quem eles delegavam operações, os que saíam às ruas para cometer crimes.

Polícia caça FB em favela de Manguinhos

Agentes detêm 10 homens, depois liberados, mas não acha o ex-chefe da Vila Cruzeiro

Ana Claudia Costa

Policiais da Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis (DRFA) e da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) fizeram ontem uma operação na Favela Mandela, em Manguinhos à procura de Fabiano Atanázio da Silva, o FB, ex-chefe do tráfico de entorpecentes na Vila Cruzeiro, que estaria refugiado na comunidade. Durante a ação, que mobilizou 50 policiais, dez homens foram detidos, mas liberados por falta de provas ou mandado de prisão. Entre eles estava um ex-morador da Vila Cruzeiro que cumpriu pena por tráfico. FB não foi encontrado. O delegado adjunto da DRFA, Fábio Ferreira, afirmou que o traficante esteve no Complexo de Manguinhos na última quinta-feira, uma semana após a entrada das forças policiais na Vila Cruzeiro. Segundo o delegado, ele usou a Mandela para se esconder temporariamente e depois escapar para outras comunidades da mesma facção criminosa. O traficante é um dos mais procurados no momento e teria fugido da



POLICIAL ESCALAA marquise em Manguinhos, para a surpresa do menino na janela

Vila Cruzeiro pelo alto do morro, junto com comparsas.
— Hoje, ao fazer uma operação em qualquer favela dessa facção criminosa, o policial tem que prestar muita atenção, porque poderemos nos deparar com os fugitivos do Alemão e da Vila Cruzeiro — disse o delegado.

com mulheres. Na região que fica nos fundos da comunidade, oito homens foram detidos para averiguação e liberados em seguida. Assim que entraram na comunidade, os policiais se depararam com uma boca de fumo — na fuga traficantes debararam para três vários cigarros de maconha acesos. Os policiais acharam, escondida em um sofá que ficava nesse local, uma mochila com munição calibre 762. Na busca por escondidos, os agentes revistaram becos e barracos que estavam fechados. Durante a operação foram apreendidas oito motocicletas roubadas, quatro galões de cheirinho da loiá, seis quilos de maconha, dois quilos de cocaína, grande quantidade de pedras de crack, uma espingarda calibre 12, três coletes à prova de balas, dois rádios transmissores e cadernos com contabilidade do tráfico. Todo o material foi levado para a DRFA.
O GLOBO NA INTERNET
GLOBO Gênia imagens da operação policial na Favela Mandela, no Complexo de Manguinhos
globo.com.br/rj

Advertisement for Supermercados Guanabara featuring various food products like Maximo, Uberabinha, Molico Ninho, and others with prices.

Matéria 6: 12/12/2010

O GLOBO • RIO • PÁGINA 30 • Edição: 12/12/2010 • Impresso: 11/12/2010 — 10: 51 h

PRETO/BRANCO

30 • RIO

O GLOBO

Domingo, 12 de dezembro de 2010

FAVELA LIVRE

# Após ocupação, Penha quer resgatar autoestima

Moradores sonham com a revitalização do bairro, prejudicado pela violência do tráfico na Vila Cruzeiro

Elenice Bottari

• Ao atravessarem as barreiras impostas pelo tráfico da Vila Cruzeiro para dar passagem às forças policiais, os blindados anfíbios da Marinha revelaram mais do que as imagens de centenas de traficantes armados correndo desesperados para as matas do morro do Alemão. Descortinaram cerca de dois quilômetros do bairro da Penha que haviam sido encobertos pela violência. Mais do que um morro ocupado por casas irregulares, a Vila Cruzeiro é a síntese do abandono do poder público e do bairro que virou favela.

Depois que a poeira debada pelo avanço das tropas foi batendo, dezenas de vias antigas, como a Estrada José Rufas e as ruas do Jacó e Dionísio, e centenas de casas ressurgiram, trazendo à tona o subúrbio que mais encantou e inspirou o compositor Noel Rosa e até hoje resiste no coração de muitos de seus moradores:

— A situação era muito triste. Se houvesse um roubo aqui na rua, a gente não podia chamar a polícia, porque a lei aqui era do tráfico. No dia que os tanques entraram, rezei para que não morressei mais inocentes, mas fiquei feliz. A vida vai melhorar — afirmou Regina de Assis Pereira, para, em seguida, esquecer os 20 anos de violência para declarar o amor suburbanino. — Não troco ela por lugar nenhum do mundo. Eu sempre tive esperanças que um dia alguém olharia pela Penha. É muito bom ser um bairro de novo.

**Criminalidade desvaloriza os imóveis próximos**

Já o militar reformado Idelmar Gonçalves da Silva não aguentou conviver com a violência e acabou vendendo o imóvel onde vivia pela metade do preço de mercado.

— Eu vendi meu apartamento há dez anos porque a bala traçante saía do Alemão em direção a Cruzeiro e, de vez em quando, acertava o meu prédio. Com tanta violência, pelo meu imóvel que valia R\$ 65 mil, só consegui R\$ 32 mil. Gostei da decisão do governo de ocupar de vez aqueles complexos, pena que foi tão tardia — afirmou o militar.

Idelmaro lembra da época em que o bairro era tranquilo e que ser policial por aquelas bandas era motivo de orgulho.

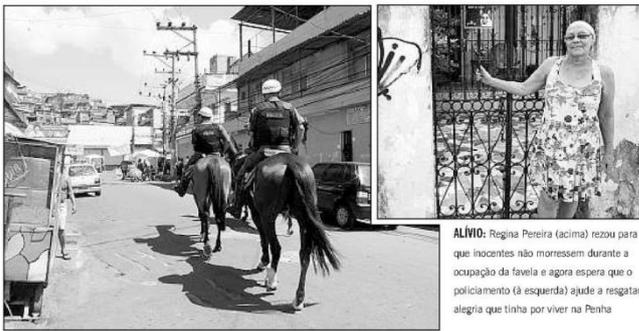
— Tinha lugares que quando eu passava lá era cumprimento pelos moradores. Até a malandragem respeitava, mas isso também foi se desgastando.

O Parque Shangai, que indúmeras vezes ficou no meio do fogo cruzado, foi, no passado, o ponto de encontro de muitos namorados. Foi ali que Sebastião Fernando Lima, de 70 anos, conheceu sua mulher.

— Naquela época, quando um rapaz gostava de uma moça, anunciava no autôfalante do parque, dizendo que queria



DESORDEM: A favelização da Vila Cruzeiro provocou o esvaziamento econômico e social de uma área de mais de dois quilômetros no entorno



ALÍVIO: Regina Pereira (acima) rezou para que inocentes não morressei durante a ocupação da favela e agora espera que o policiamento (à esquerda) ajude a resgatar alegria que tinha por viver na Penha

“ Neste momento, não basta integrar a favela ao bairro. Seria como juntar nada a coisa alguma. O grande desafio é encontrar novas vocações para a região. ”

“ Eu sempre tive esperanças que um dia alguém olharia pela Penha. É muito bom ser um bairro de novo. ”

André Urani, economista

conhecer a moça de roupa tal. Também tinha a festa da Penha que era muito divertida. Eu deixei de morar na Penha, mas continuei frequentando o local. Mas a região ficou muito perigosa. E na última festa da Penha que fui, neste ano, havia poucas barracas e o clima era de tristeza. Uma pena. Agora estamos todos torcendo

para que o bairro volte a ser como era — comentou. Endereço recente de hordas de bandidos que se refugiaram em suas favelas, após a implantação de UPPs em outras comunidades da cidade, a região viveu seu apogeu econômico entre os anos 50 e 70, auge do período industrial da cidade, quando chegou a ser a terceira

**Esvaziamento afetou todo o subúrbio**

• Para o economista André Urani, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), a Penha, como todo o subúrbio, sofreu o mesmo fenômeno de esvaziamento que ocorreu em cidades industriais do mundo inteiro, agravado pelo abandono do Estado.

— O nosso subúrbio é imenso, e as indústrias foram crescendo ao longo da Leopoldina, na Avenida Brasil e antiga Suburbana. Entre 1940 e 1970, o parque industrial do Rio cresceu 16 vezes mais. À medida em que as indústrias eram implantadas, surgiam vilas operárias ao redor, e isto atraía imigrantes, que vinham em busca de uma vida melhor. Quem não conseguia trabalho se amontoava nos parques proletários, como Vigário Geral, que foram sofrendo um adensamento cada vez maior. Mas, a partir da década de 70, com a desindustrialização, nosso subúrbio virou um imenso cemitério de empresas.

Segundo Urani, a recuperação do subúrbio carioca só ocorrerá se os governos e a sociedade pensarem políticas públicas de longo prazo. — Neste momento, não basta integrar a favela ao bairro. Seria como juntar nada a coisa alguma. O grande desafio é encontrar novas vocações para a região. E esse plano pode até ser urgente, mas não será de curto prazo.

Antigo morador do bairro, Alberto Barbosa da Fonseca lembra que só a Rua Montevideu tinha cerca de 200 lojas de produtos de couro, que eram produzidos nos fundos dos estabelecimentos, empregando, em média, 60 funcionários.

— As crises econômicas das décadas de 80 e 90, com aqueles planos malucos, provocaram o fechamento de muitas casas comerciais e um desemprego grandioso, as favelas ficaram cada vez mais incluídas e a violência aumentou, afetando indústrias. Ao mesmo tempo o poder público foi abandonando a região. Só para ser uma ideia, o IETSP (Olaria) tinha até pouco tempo apenas 200 policiais para cuidar da Penha, Olaria, Pavuna, Vigário Geral, Parada de Lucas. Todas essas regiões com áreas bastante conflituosas. ■



## ARTUR KELSON

Alice Kelson, Tania e Carlos Salem, Marion Kelson, Ilan e Renata Kelson e netos comunicam a realização da cerimônia de Shloshim (reza de 30 dias) do seu querido **ARTUR**, a realizar-se na 2ª feira, dia 13 de Dezembro, às 19:00 horas, na Sinagoga da Ari.

2534-4333

**O GLOBO** Missas, Avisos Religiosos e Fúnebres

Rua Três Março, 35 - Cidade Nova - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20241-001

**ANA MARIA AROEIRA SOARES**

A família comunica o seu falecimento e convida para a cerimônia de cremação, HOJE, domingo, às 13:00 horas, no Crematório da Santa Casa no Caju.

---

**O GLOBO**

**PREÇOS PARA AVISOS RELIGIOSOS E FÚNEBRES**

LARGURA	ALTURA	DIA ÚTIL		
		RS	SÁBADO	DOMINGO
1 col (4,5 cm)	3 cm	693,00	728,00	1.101,00
1 col (4,5 cm)	4 cm	924,00	972,00	1.488,00
1 col (4,5 cm)	5 cm	1.155,00	1.215,00	1.836,00
2 col (8,5 cm)	3 cm	1.386,00	1.458,00	2.202,00
2 col (8,5 cm)	4 cm	1.848,00	1.944,00	2.938,00
2 col (8,5 cm)	5 cm	2.310,00	2.430,00	3.674,00
2 col (8,5 cm)	7 cm	3.234,00	3.402,00	5.138,00
2 col (8,5 cm)	8 cm	3.696,00	3.888,00	5.874,00
3 col (14,5 cm)	8 cm	2.772,00	2.916,00	4.404,00
3 col (14,5 cm)	7 cm	4.158,00	4.374,00	6.608,00
3 col (14,5 cm)	10 cm	4.851,00	5.103,00	7.707,00
3 col (14,5 cm)	10 cm	6.930,00	7.290,00	11.010,00

• Para outros formatos consulte: **2534-4333** de 2ª a 6ª feira, das 8h às 20h.

• Lige: Rua Três Março, 35 - Cidade Nova, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h.

• Horário de entrega: Terças: 05:00-09:00, Quintas às 10h às 11h para publicação no domingo (2ª edição), Sábado das 10h às 18h para demais dias. Domingo das 16h às 18h.

• Pagamento à vista somente em dinheiro no dia da publicação.

**O GLOBO**

**Missas, Avisos Religiosos e Fúnebres**

**2534-4333**

Rua Três Março, 35  
Cidade Nova

**Plantão Fins de Semana**  
Feriados: 2534-5501



## 7- BIBLIOGRAFIA

- ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. São Paulo – SP. Forense Universitária, 2010).
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo-SP. Hucitec, 2006.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. **A escrita e o escrito: produzindo identidades, domesticando diferenças**. In. MARIANI, Bethânia. **A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e em psicanálise**. São Carlos – SP. Editora Claraluz, 2006
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro-RJ. Jorge Zahar, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte – MG. Editora UFMG, 2010
- BIRMAN, Joel. **Cadernos sobre o Mal**. Rio de Janeiro – RJ, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Mal-estar na Atualidade**. Rio de Janeiro – RJ. Civilização Brasileira, 2012.
- BURGOS, Marcelo Baumann. **Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro**. In. ZALUAR, Alba et ALVITO, Marcos. **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro – RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo – SP. Editora 34. 2011
- CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela: A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil. 2004
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo – SP. Editora Contexto. 2010.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano, vol. 1: artes de fazer**. Petrópolis-RJ. Vozes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano, vol. 2: Morar, Cozinhar**. Petrópolis-RJ. Vozes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural**. São Paulo – SP. Papyrus Editores, 2010.
- DA SILVA, Luiz Antônio Machado. **A partir do relatório SAGMACS: as favelas, ontem e hoje**. In. MELLO, Marco Antônio da Silva; DA SILVA, Luiz Antônio Machado; FREIRE, Letícia de Luna e SIMÕES, Soraya Silveira. **Favelas Cariocas: Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro – RJ. Geramond, 2013.
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo – SP. Editora Boitempo. 2006.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro-RJ. Zahar Editores, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de

Janeiro-RJ. Zahar Editores, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo-SP, Editora Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis – RJ. Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo – SP. Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, Poulção**. São Paulo – SP. Martins Fontes, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Cópia digitalizada, 2004. Disponível em: <http://www.se-rj.com.br/IBMR/TEXTOS%20IBMR/institucional2011sem01noite/ESTIGMA.pdf>

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil, 2012.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento. Um Estudo Enunciativo da Designação**. Campinas-SP, Editora Pontes. 2002

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro-RJ. DP&A Editora, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo – SP. Companhia das Letras, 2008.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A Noção de “Fórmula” em Análise de Discurso. Quadro Teórico e Metodológico**. São Paulo-SP, Editora Parábola. 2010

LEEDS, Elizabeth. **Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local**. ZALUAR, Alba et ALVITO, Marcos. **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro – RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo – SP. Editora Centauro, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil, 2005.

MELLO, Marco Antônio da Silva; DA SILVA, Luiz Antônio Machado; FREIRE, Letícia de Luna e SIMÕES, Soraya Silveira. **Favelas Cariocas: Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro – RJ. Geramond, 2013.

MENDONÇA, Kléber. **O Imperador da Chatuba: o jogador Adriano entre a delinquência e o discurso de “pacificação” da cidade**. Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul – RS. 2010

MOUILLAUD, Maurice *et* PORTO, Sérgio Dayrell. **O Jornal: Da forma ao Sentido.** Brasília- DF, Editora UNB, 2012.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano.** São Paulo – SP. Nankin Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos.** Campinas –SP, Editora Pontes. 2005.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Campinas – SP. Editora Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_(org.). **Gestos de Leitura.** Campinas – SP. Editora Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_(org.). **Cidade Atravessada: Os Sentidos Públicos no Espaço Urbano.** Campinas – SP. Editora Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cidade dos Sentidos.** Campinas – SP. Editora Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **As Formas do Silêncio.** Campinas – SP. Editora Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso. Estrutura ou Acontecimento.** Campinas- SP, Editora Pontes. 1997.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Campinas – SP. Editora Pontes, 1997.

PERLMAN, Janice Elaine. **Favelas ontem e hoje (1969-2009).** *In.* MELLO, Marco Antônio da Silva; DA SILVA, Luiz Antônio Machado; FREIRE, Letícia de Luna e SIMÕES, Soraya Silveira. **Favelas Cariocas: Ontem e Hoje.** Rio de Janeiro – RJ. Geramond, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro.** São Paulo – SP. Companhia de Bolso, 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade.** São Paulo – SP. Editora Brasiliense, 2012.

RIOS, José Arthur. **Aspectos Humanos das Favelas Cariocas – 50 anos – uma avaliação.** *In.* MELLO, Marco Antônio da Silva; DA SILVA, Luiz Antônio Machado; FREIRE, Letícia de Luna e SIMÕES, Soraya Silveira. **Favelas Cariocas: Ontem e Hoje.** Rio de Janeiro – RJ. Geramond, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo-SP. Editora Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço.** São Paulo – SP . Editora Edusp, 2002.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro – RJ. Editora Record. 2006.

SOARES, Eduardo BILL, MV *et* ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco.** Rio de Janeiro – RJ. Editora Objetiva, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato**. Petrópolis – RJ. Editora Vozes, 2009.

SILVA, Jailson de Souza e. **As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas**. In. MELLO, Marco Antônio da Silva; DA SILVA, Luiz Antônio Machado; FREIRE, Letícia de Luna e SIMÕES, Soraya Silveira. **Favelas Cariocas: Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro – RJ. Geramond, 2013.

VALLADARES, Licia do Prado. **A Invenção da Favela**. Rio de Janeiro – RJ. Editora Getúlio Vargas, 2008.

WACQUANT, Loic. **Os Condenados da cidade – estudos sobre marginalidade avançada**. Rio de Janeiro – RJ. Editora Revan, 2001.

\_\_\_\_\_. **As Duas Faces do Gueto**. São Paulo – SP. Editora Boitempo, 2008.

ZALUAR, Alba et ALVITO, Marcos. **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro – RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.